

A woman with dark hair and a serene expression is the central focus. She wears a costume with a large, intricate collar made of yellow feathers and a wide, gold-colored necklace with a dark, patterned band. The background behind her is a dense, Art Nouveau-style pattern of yellow and black lines, featuring stylized trees and floral motifs. The overall color palette is dominated by gold, black, and brown tones.

VICTORIEN  
SARDOU

*Amargo  
Despertar*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



*[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)*

**Victorien Sardou**

**Amargo Despertar**

**Comédia dramática em três atos**

Título Original da obra em Francês: Spiritisme  
Comédie Dramatique em trois actes

Esta comedia dramática foi, pela primeira vez, representada no Théâtre de la Renaissance em Paris, no dia 8 de fevereiro de 1897

Tradução: Maria Amparo Leal de Andrade  
Apresentação: Wallace Leal V. Rodrigues  
Editora: O Clarim

Nota: Especial gratidão ao senhor Henrique Olivier e Mlle. Keuza de Pennafort pelo empenho e localização da obra original.

## **Conteúdo resumido**

Com o título de Amargo Despertar, esta Peça Teatral de Victorien Sardou, - Spiritisme no original guarda o mérito de ser a primeira obra a defender, no palco, as idéias da Codificação Kardequiana. Foi encenada em 1896 no Teatro Renaissance, em Paris.

Embora outros textos tenham usado em seu entrecho a fenomenologia catalogada pelo Espiritismo, Amargo Despertar habilmente expõe a ética proposta por Allan Kardec, levando o leitor, de lance em lance, de surpresa em surpresa, a um final digno de uma obra fielmente espírita.

Victorien Sardou, o seu autor, foi companheiro do Codificador na sociedade espírita de Paris. Embora sendo um dos mais famosos teatrólogos de sua época, jamais negou ser médium, desafiando os cegos preconceitos.

Amargo despertar tem outro galardão: o de ter sido representado, no teatro da renascença, em Paris, pela própria Sarah Bernhardt, o mais famoso mito da arte cênica em todos os tempos.

### **Sumário**

Prólogo / 03

Victorien Sardou - o homem - a obra / 07

Allan Kardec e Victorien Sardou / 23

Victorien Sardou a Allan Kardec / 24

Victorien Sardou visto por Gabriel Delanne / 26

Victorien Sardou visto por Camille Flammarion / 28

Victorien Sardou e J. Malgras / 30

Victorien Sardou e Sarah Bernhardt / 45

Primeiro ato / 57

Segundo ato / 100

Terceiro ato / 129

Spiritisme de Victorien Sardou (Em Français) / 160



## Prólogo

Com este lançamento, a "Casa editora O Clarim", tem o subido prazer de apresentar ao público leitor do nosso país, um texto teatral que guarda o mérito de ser o primeiro, em toda a história do Espiritismo, a transmitir, através da arte cênica, uma intriga que, em termos doutrinários kardecistas, é rigorosamente pura e exata em seu conteúdo fenomenológico e moral.

Em razão de existir, no mercado livreiro, grande número de obras em que figura o termo "Espiritismo", tivemos por bem alterar o título original francês, "Spiritisme", para Amargo Despertar, que, muito bem, se ajusta à síntese globalizadora do enredo.

A tradução do texto, todo vazado no coloquial do século passado, embora um verdadeiro "tour de force", foi brilhantemente levada a cabo, — depois de exaustivos esforços, — pela Sra. Maria Amparo Leal de Andrade, responsável, igualmente, pela versão francesa do "Ideal

Espírita", psicografado pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

O autor, Victorien Sardou, foi amigo pessoal de Allan Kardec e freqüentou a "Sociedade de Estudos Espíritas de Paris", em cujas reuniões viu desenvolver-se a sua própria mediunidade, que hoje denominamos "psicopictografia", isto é, a faculdade de desenhar e pintar em transe ou semi-transe.

Através do Espírito de Bernard de Palissy (1), desenhou e chegou mesmo a gravar em metal, — uma das técnicas de Palissy, — admiráveis trabalhos representando casas residenciais de conhecidos nomes da música e da literatura, em faixas espirituais de outros Planetas. Clichês e a descrição do modo como esses desenhos foram obtidos, ganharam espaço na própria "Revue Spirite". Todavia, a peça, estreitada a 8 de fevereiro de 1897, não chegou à observação e ajuizamento de Allan Kardec, já no mundo Espiritual desde 31 de março de 1869.

*(1) Bernard de Palissy — ceramista e cientista francês, nascido em Lacapelle-Biron, 1510, desencarnado em Paris, 1589 ou 1590. Depois de uma série de viagens pelo sul da França, quando estabeleceu contactos com grandes humanistas, instalou-se em Saintes, por volta de 1540. Maravilhado com as cerâmicas antigas, decidiu investigar, por conta própria, os segredos dessa arte. Em 1556 ofereceu uma de suas primeiras obras, — um vaso de barro esmaltado, — ao rei Henrique II. Mas, por ser um fervoroso huguenote, foi aprisionado, sendo libertado pelo condestável de Montmorency, que o empregou na decoração do palácio Ecoquen. Em 1570, auxiliado por seus filhos, executou, para Catarina de Mediei, uma gruta de cerâmica, nas Tulherias. Novamente perseguido por motivos religiosos, conseguiu escapar ao massacre da Noite de São Bartolomeu, 1572, refugiando-se em Sedan. Regressou a Paris em 1575, realizou duas conferências sobre suas concepções científicas, mas nem sua reputação iria livrá-lo das perseguições religiosas. Preso em 1588, foi conduzido à Bastilha, onde morreu. Distinguem-se em suas obras, quatro fases: peças com motivos retirados da natureza: a predominância de plantas e animais; relevos alegóricos; e a reprodução em metal de trabalhos de François Briot e outros. As técnicas empregadas por Palissy foram por ele descobertas através de ininterruptas observações. Foi, também um precursor da paleogeografia.*

*Na "Revue Spirite" de abril de 1858 há um curioso diálogo de Palissy com Allan Kardec, acerca das habitações nas esferas espirituais de Júpiter.*

Embora a leitura de textos teatrais não seja hábito de todos, não duvidamos que *Amargo Despertar* irá capitalizar as atenções. O tema é fascinante, o clima dramático colocado com habilidade e sutileza, e o "suspense" é mantido com destreza. E, — o que é muito importante, — acentua extraordinariamente em favor da ética existencial espírita, provando, fortemente, que o autor não foi impermeável à moral proposta pelo Mundo Invisível, através do Espiritismo.

Para quem não está afeito ao Autor, podemos afirmar que Victorien Sardou se encontra de corpo inteiro em *Amargo Despertar*. Ele compartilha, com Scribe (2), o segredo do artifício cênico e a superficialidade dos sentimentos. Sobressai nos diálogos agudos e na arte de por a descoberto, — principalmente aos olhos de seus contemporâneos, — os pequenos e grandes defeitos humanos, por vezes caracterizando-os com propósitos cômicos e forte desenho de caráter. Esta característica, ele a conservou em grande número de obras teatrais que alcançaram enorme êxito.

(2) *Augustin-Eugene Scribe* — autor dramático francês, nascido em Paris, 1791, desencarnado na mesma cidade, 1861. Deixou 374 textos dramáticos. Dominou os palcos parisienses e o Teatro "Gymnasium" foi construído especialmente para a encenação de suas peças, das quais, a mais conhecida é "*Adriane Lecouvreur*", 1849. Foi quem estabeleceu a cobrança de direitos autorais, segundo uma percentagem da renda da bilheteria, sendo um dos mais ativos organizadores da "Sociedade de Autores Franceses". É o iniciador da tradução da "peça bem feita", seguida até por Ibsen, em seus primeiros trabalhos.

"Spiritisme" teve a honra de ser incluída no Index da Igreja Católica Romana. Ao ter notícia do fato, oriundo do Vaticano, Victorien Sardou declarou:

"A Igreja tem contra si, e eu a meu favor, os maiores filósofos, os maiores sábios, os maiores pensadores. Estou com eles contra a feroz concepção da eternidade das penas e, jamais pude conceber, mesmo em tenra juventude, que a Soberana Justiça castigue o crime temporário com uma penalidade sem fim.

"Lembro-me, a propósito, de que uma velha amiga de minha família, consternada pelas idéias revolucionárias que eu exarava sobre o inferno,

nos meus vinte anos, resolveu apresentar-me ao padre Lacordaire (3), que, então, se encontrava nas Carmelitas, contando, intimamente, que o célebre dominicano me converteria. Este, porém, depois de me ouvir com a mais viva atenção e interesse, contentou-se em fazer algumas observações a respeito, regressando eu com a impressão de que ele era, absolutamente, da mesma opinião".

(3) *Jean Baptiste Henri Lacordaire* — religioso francês nascido em Recey-sur-Ource, 1802, desencarnado em Sorèzes, 1861. Famoso pregador da igreja de Notre-Dame, o espírito de seu trabalho ficou marcado na coletânea de sermões "Conferências Escritas de Notre-Dame de Paris", 1835-1851. Defensor de um liberalismo acentuadamente espiritual dedicou-se à reestruturação da Igreja francesa, abalada pela Revolução de 1789. Assim, ingressou na Ordem dos Dominicanos, 1838, que fora expulsa da França. Ocupou o resto de sua vida com trabalhos destinados a restaurar a Ordem e torná-la poderosa no campo religioso e cultural. Desencarnado colaborou junto a Allan Kardec, na obra da Codificação, encontrando-se mensagens suas em "O Livro dos Espíritos", no "Evangelho Segundo o Espiritismo" e em vários números da "Revue Spirite".

Quando da estréia de "Spiritisme", em sua coluna no "Figaro", o crítico H. Fouquier escreveu:

"Esta peça, assaz dramática, será discutida, como o foi, desde o primeiro dia, apesar de seu incontestável êxito. Não direi que Sardou me convenceu a respeito desses assuntos misteriosos: não o acompanho, confesso. Mas, no meu aparente cepticismo entra, sobretudo, o receio de perder um belo sonho, como tantos outros, que foram demolidos. Todavia, se os espíritos alcançarem essa moral, única salvação possível para as nossas almas incertas e perturbadas, pouco importa o caminho que a isso conduz".

No papel de Simone, a grande atriz, Sarah Bernhardt, — judia de origem, — obteve grande consagração, visto o personagem ter-lhe dado ampla oportunidade para o emprego de... "sua voz extremamente suave, pureza de dicção e excepcional criação pessoal".

Passados oitenta anos, o texto, como as idéias que defende, não envelheceu e, provavelmente, se encenado hoje, principalmente no Brasil, poderá, e muito bem, alcançar pleno êxito. Prova disto é a telenovela "A Viagem".



## Victorien Sardou - o homem - a obra

Victorien Sardou foi um dos autores mais fecundos da chamada "Belle Époque" e um dos homens mais insignes de seu tempo. De 1.º de abril de 1854, data da estréia de sua primeira peça, "La Taverne des Étudiants", até 7 de novembro de 1907, quando subiu à cena "L' Affaire des Poisons", escreveu e viu serem representadas 81 peças teatrais e obras líricas. Desse esforço imenso, apenas três ou quatro títulos passaram à posteridade, entre eles "La Tosca", que Puccini imortalizou em forma de ópera e "Madame Sans Gêne", que o cinema ainda recentemente aproveitou, cabendo a Sofia Loren o desempenho do papel central.

Se a sua obra de dramaturgo é extraordinária, sua vida não o é menos, pois foi um dos autores mais elogiados e mais criticados, a ponto de algumas de suas peças terem originado verdadeiras batalhas na opinião pública.

"Les Ganaches" (1861), é uma sátira à adulação rasteira existente nos chamados "partidos velhos" e descontentou a Corte, visto que a Imperatriz Eugênia de Montijo julgou-se retratada em uma velha beata; com "Odette" (1882), é acusado de plagiar Uchard, — Sardou contestou com muita imaginação em "Mes Plagiats" (1883); — "Marquise" (1899), foi criticada como inconveniente; "Thermidor" (1891), foi proibida de ser representada na "Comédie Française" (4) por ter suscitado uma violenta oposição por parte dos radicais, alegando-se a estigmatização de Robespierre; "Madame Sans Gêne" (1893), mostra Napoleão Bonaparte em um personagem cômico; "Robespierre" (1899) e "Dante" (1903), não puderam ser representadas em Londres; "La Sorcière" (1903), criticava acerbamente a Inquisição, ferindo brios religiosos; "Spiritisme" (1897), entrou para o Index do Vaticano; "Divorçons" (1881), criticava as leis do divórcio.

*(4) Comédie Française — um dos mais famosos teatros do mundo. Situado na Rue de Richilieu, em Paris, no Palais Royal, foi fundado em 1680, por iniciativa de Luis XIV. Sobreviveu até nossos dias.*

## Um início difícil

Victorien Sardou nasceu em Paris no dia 5 de setembro de 1831. Seu pai era natural de Cannet, uma aldeia nos Alpes Marítimos, perto de Cannes, onde possuía uma granja de oliveiras. Em uma noite de inverno rigoroso, o gelo destruiu todas as árvores e a família viu-se arruinada. Antoine Léandre, o pai de Victorien, reuniu seus familiares e partiu para Paris, onde se empregou e iniciou uma série de atividades, exercendo, inclusive, um cargo no magistério da Escola Comercial de Charrone. O que ganhava, entretanto, não isentava a família de uma vida quase miserável.

Os primeiros anos do futuro escritor foram difíceis, porém o seu destino estava marcado pelo signo dos excepcionais. Um dia, no ano de 1842, — tinha ele onze anos, — seu pai, recompensando-o por uma distinção escolar obtida, decidiu levá-lo a Versailles por estrada-de-ferro. Mas, no momento da partida, em radiosa manhã de maio, o menino sentiu uma das dores de cabeça que o atormentariam durante toda a sua vida. De início tentou dissimular a perturbação, todavia, em breve, as dores aumentaram a um tal ponto que, não podendo manter-se em pé, deixou-se cair. E o aborrecimento do pai, ante o passeio estragado, não fez mais do que aumentar-lhe o tormento.



### Victorien Sardou na juventude

Entretanto, cuidado e animado por sua mãe, sentiu-se reffeito do ataque que durou duas horas. Então os Sardou decidiram-se a empreender viagem. Mas uma multidão ansiosa comprimia-se na estação: o comboio que deveriam tomar tinha-se descarrilhado em Bellevue, e 32 passageiros encontraram a morte na catástrofe, entre eles o almirante Dumont D'Urville (5). Assim, a enxaqueca salvou a família, deixando, no espírito do menino um dos motivos centrais, que iriam inspirá-lo para a trama teatral que, ora, apresentamos aos leitores de língua portuguesa.

(5) *Dumont D'Urville, Jules Sébastian César — almirante, navegador e naturalista francês (1790-1842). Participou de estudos hidrográficos do Mar Negro e Mediterrâneo. Reconheceu a Venus de Milo numa estátua grega recém-descoberta, e recomendou ao governo francês que a adquirisse para o Louvre. Descobriu a ilha Joinville, a Terra de Luis*

*Felipe e a Terra de Adélia. Morreu em um desastre de trem, com a mulher e o filho. A antiga ilha Cairu e um cabo no litoral da Nova Guiné têm o seu nome. Escreveu várias obras.*

O jovem Sardou é um bom aluno e se interessa intensamente por História, mais particularmente a "Revolução Francesa".

Encorajado por um dos seus professores, o padre Brunet, membro da comissão da leitura do Teatro Odéon, já nestas alturas escreve peças em versos que ele próprio, mais tarde, confessava serem muito ruins. Na verdade destinava-se à Escola Politécnica, mas, com o diploma às mãos, terminado o curso de Matemáticas Elementares, renunciou à carreira de engenheiro em favor da matrícula em Medicina. Não irá mais longe. As receitas da família, — seu pai fora infeliz em negócios, — são demasiado modestas para enfrentar as despesas do curso.

A família mudou-se para Nice e Victorien Sardou, sozinho em Paris, vive de casuais aulas particulares e de artigos de crítica magramente pagos por jornais particulares. Enquanto isso estudou e escreveu sua primeira peça responsável.

### Segundo sinal do destino

Nesta primeira peça, "La Reine Ultra", tragédia cuja ação decorre na Suécia, os personagens falam em versos de comprimento adequado à sua importância social: a rainha em alexandrinos, os ministros em decassílabos e as pessoas do povo em versos sincopados. Victorien Sardou destina a à grande comediante, Raquel. (6)

*(6) Raquel, Elise Félix — atriz francesa (1820-1858). Filha de um vendedor ambulante de sangue judeu, cantava pelas ruas de Paris. Em Lyon despertou a atenção de um diretor de escola musical, que lhe ofereceu estudos em Paris. Perdendo a voz, ela se dedicou à arte dramática e se tornou célebre, interpretando, principalmente, "Camila", "Roxane" e "Adriene Lecouvreur".*

Esta, à força de intrigas, não aprecia a Suécia e, ao lhe apresentarem o texto, sentencia:

— Escreva uma peça grega e, então, veremos!

Sardou não escreveu a peça helênica e sim "La Taverne des Étudiants", pintura dos costumes universitários alemães que vai, ousadamente, entregar no escritório do Teatro Odéon. Nesse momento Vaez, um dos diretores, saía acompanhado por Mme. Bérangere. Agarrou o manuscrito que estava mais à mão no amontoado de originais a serem lidos e foi, justamente, o de Sardou, o último, como na parábola evangélica. Assim a peça é lida e aceita no dia seguinte. A primeira representação foi marcada para o dia 1.º de abril de 1854. Mas um grupo de estudantes, que julgavam ver no título uma crítica aos seus hábitos, fizeram dela um escândalo. E foi retirada de cartaz ao fim de três dias!

No entanto, a miséria não impede Sardou de trabalhar da manhã à noite, endividando-se cada vez mais. Um oficial de diligências, por nome Marécat, vem, por fim, penhorá-lo. Sardou suplica-lhe que deixe, pelo menos, os seus livros de História; o homem se recusa e Sardou, revoltado, promete-lhe que, no dia em que pusesse um burro em cena, ele se chamaria Marécat.

Dez anos passados, o autor, triunfando, convida o funcionário para a noite de gala de "Nos Intimes", no Teatro Vaudeville, onde este é ridicularizado pelo burro Marécat, coisa que o homem, aliás, não levou muito a sério.

### O signo do mistério

Embora se encontre na miséria, não desfalece. Estava com vinte e três anos e teria de esperar mais cinco para enfrentar de novo o público parisiense. Uma noite, regressando a casa e cogitando na possibilidade de mudar-se de Paris, cruza a Rue de la Calandre. Uma carreta sobrecarregada de sacos de carvão obstrui completamente a passagem, Sardou encosta-se a uma parede, mas o veículo não avança. Instintivamente ele atravessa a rua, indo se refugiar no lado oposto.

Alguns segundo depois, um carregador de água passa pelo sítio, e, no lugar onde o escritor estivera antes, é esmagado pela carreta.

Todo este período da vida de Sardou é, aliás, colocado sob o signo do mistério. É nessa época que escreve o seu primeiro romance filosófico, "Carlin", concebido de um jato, na linguagem do século XVI no estilo da Rabelais (7), sem que ele próprio possa explicar a origem de sua inspiração à não ser atribuindo-a a um trabalho preliminar de sua mediunidade em afloramento. Pode-se supor que, por isso, justamente nessa ocasião Victorien Sardou tenha entrado em contacto com os meios espíritas parisienses.

*(7) Rabelais, François, escritor francês, nascido em 1494 (?) e desencarnado em 1553 (?). Inspirado em um romance popular da época, publicou, sob o pseudônimo de Alcofribas Nasier, — um anagrama de seu nome, — "Gargantua" e "Pantagruel", condenadas por sua obscenidade pela Sorbonne, mas obtendo grande sucesso. Apavorado com o destino de Étienne Dolet, humanista, divulgador de Platão, enforcado e queimado, fugiu para Metz. É tido como um dos escritores mais ricos da literatura francesa.*

O Espiritismo estava na moda e, nos salões da sociedade, uma das diversões eram as "mesas girantes". Céptico no início, o espírito do jovem interroga-se a respeito dos fenômenos a que assiste, sobretudo a escrita automática, com o auxílio de cestas, processo que o próprio Allan Kardec empregou no início de suas investigações.

"Confesso, — declara ele, — que não posso aceitar, sem rir, a possibilidade da burla. Um lápis que salta com absoluta precisão e escreve corretamente, não tem outra explicação possível: o fluido magnético".



### Victorien Sardou no início de sua carreira de teatrólogo

Sardou, que já freqüentava a "Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas", presidida por Allan Kardec, não tarda em revelar-se um excelente médium. Participa de inúmeras experiências, todas coroadas de êxito e, em breve, através da mediunidade que hoje denominamos "psicopictografia", recebe uma série de desenhos magníficos, assinados pelo Espírito de Bernard Palissy.

A 2 de março de 1905, o jornal francês, "Liberté", publicou uma significativa carta de Sardou. Uma publicação inglesa promovera um inquérito sobre o Espiritismo e consultara, em primeiro lugar, o dramaturgo. Seu depoimento foi truncado na tradução e, em "Liberté" ele o ratifica. Reservamos ao capítulo que trata de sua correspondência, a narrativa pessoal dos fenômenos com eles ocorridos, despertando a atenção dos leitores para as descrições das experiências com a mesa, o episódio do piano e o incidente com o Espírito de Bernard Palissy.

## Sucesso, censura e plagiato

As experiências espíritas não fizeram Victorien Sardou perder o seu amor pelo teatro. Lutando por conseguir colocar seus textos nos palcos parisienses, as privações o enfraquecem e ele sofre um ataque de febre tifóide. Estava morrendo em sua água-furtada, cercado de manuscritos rejeitados quando uma dama, Mlle. Laurentine Léon de Brécourt condeu-se e, como enfermeira, passou a cuidar dele. Restabelecendo-se, foi por ela apresentado a Mlle. Déjazet (8). Então a sorte começou a sorrir-lhe. Casou-se com Mlle. Brécourt e, quando esta faleceu, vítima do câncer, depois de oito anos de vida feliz, logo depois da revolução de 1870, consorciou-se outra vez, desta feita com Mlle. Anne Soulié. Estava, então, com 41 anos.

(8) *Déjazet, Virginia — célebre atriz francesa nascida em Paris em 1797; morreu nesta mesma cidade em 1875.*

Mlle Déjazet foi a primeira a acreditar em seu talento. Para ela escreveu "Candide", espetáculo interrompido pela censura. Instigado pela atriz, escreve "Les Premières Armes de Figaro", — inspirado em uma idéia de Vanderbrich, — "Monsieur Garat" e "Les Prés de Saint Gervais" (1860). As peças permaneceram em cartaz por longas temporadas, com grande aplauso do público. Logo em seguida alcançava êxito com "Les Pattes de Mouches", vista pelo exigente público do "Gymnasium". Um produtor inglês se interessou pelo texto e o encenou em Londres com o título de "A Scrap of Papes". Conhece e torna-se amigo de Dumas e Augier (9). Victorien Sardou já é um autor consagrado.

(9) *Augier, Émile Guillaume — Depois do romance romântico, se esboçou uma reação a um só tempo clássica e burguesa. Augier, nascido em Valence em 1820 e desencarnado em Paris em 1889, tateou sua vocação "A cicuta" em (1844) peça em neogrega e "O aventureiro (1848), cuja ação se passa na Itália, na Renascença. "Gabrile", data de 1849 é uma comédia de costumes contemporâneos. Vieram a seguir "O genro do Sr. Poirier" e "O Casamento de Olímpia", "Les fils du Giboyer", "Les Liounes Pauvres", muitas delas peças moralizadoras sobre problemas sociais e familiares, suscitados no seio da burguesia*



*afortunada por questões de dinheiro, que prevalecem, muitas vezes, sobre a moral e a honra.*

*É autor dramático da escola do bom-senso: defende a moral burguesa e tudo o que é são e moderado. Possuía em alto grau a arte de compor uma comédia de costumes, seu diálogo é de fundo jovial, mas prosaico. Suas idéias, seus tipos e seus ditos de espírito envelheceram bastante.*

"Nos Intimes" (1861) ridiculariza a classe-média, vulgar e egoísta; foi apresentada na Inglaterra com o título de "Perfil"; os alegres solteirões são retratados em "Les vieux garçons" (1865); os tartufos modernos surgem em "Séraphine" (1868); a vida no campo é vista em "Nos Bons Villageois" (1866); os velhos costumes e os mitos da política antiquada são o enfoque de "Les Ganaches" (1861); o espírito revolucionário e as pessoas por ele empolgadas, estão em "Rabagas" (1872) e em "Roi Carotte" (1872); o divórcio e suas leis são discutidos em "Divorçons" (1880).

Ele não despreza a História, — sua paixão de adolescente, — e, dela retirando forte contribuição dramática, escreve: "Théodora" (1884), em ambiente bizantino; "La Haine" (1874) mostra as lutas da nobreza italiana na Idade Média; "La Duchesse d'Athènes" retrata a vida na Grécia; "Patrie" (1869) e um panorama das lutas da libertação da Holanda nos fins do século XVI; a Espanha do século XVI surge em "La Sorcière" (1904).

A Revolução Francesa é o pretexto para "Les Merveilleuses", "Thermidor" (1891) e "Robespierre" (1902). A época imperial é revivida em "La Tosca" (1887) e "Madame Sans Gêne" (1893).

Outros êxitos que Victorien Sardou obteve, marcando época, vieram com: "Piccolino" (1861); "La Papillone" (1862); "Les diables Noirs" (1863); "Don Quixote" e "Les Pommes du Voisin" (1864); "La famille Béviton" (1865); "Maison Neuve" (1866); "Fernanda" (1870); "L'Oncle Sam" (1873); "Ferreoil" (1875); "Dora" (1877); "Les Bourgeois de Pont-Arcis" (1878); "Daniel Rochat" (1880); "Odette" (1882); "Le Crocodile" (1886); "Bella Mama" (1889); "Cleopatra" (1890); "Gismonde" (1894); "Marcelle" (1895); "Pamela" (1899); seus

derradeiros trabalhos foram: "La Piste" (1905) e "L'Affaire des Poisons" (1907).

A censura sempre vigiou-o muito de perto e ele teve, com ela, questões homéricas. Acusam-no também de plágio e, na verdade, nem sempre as acusações eram destituídas de fundamento. Sardou, que tinha em cartaz uma ou, às vezes, duas peças por ano, apanhava as idéias no ar, e o ar é de toda gente. Em contrapartida, não restam dúvidas de que foi ele quem, na época mais negra de sua vida, refez completamente "Le Bossu", de Paul Féval (10), que nem sequer lhe agradeceu.

(10) Paul Féval, 1817-1887. Fecundo romancista francês. Devem-se-lhe romances de aventuras e de capa e espada, entre eles "O Corcunda", "Os Mistérios de Londres", etc. que alcançaram grande êxito.

Os contemporâneos descrevem-no como um espírito independente. Os ataques de que era alvo, não o desencorajavam: continuava escrevendo o que lhe vinha à cabeça. Os maiores atores, Coquelin (11), Sarah Bernhardt, Réjane (12), disputavam a honra de serem interpretes de suas peças. Foi Réjane quem estrelou e se consagrou em "Madame Sans Gêne".

(11) Coquelin, Constante — célebre ator francês nascido em 1841. Desencarnou em 1909.

(12) Réjane — Atriz e empresária francesa, nascida em 1857 e desencarnada em 1920. Obteve fama internacional por suas interpretações em "Safo", "Zazá", "Lisistrata", etc. Fundou o Teatro Réjane, em Paris. Seu verdadeiro nome era Gabrielle Charlotte Réju.



Victorien Sardou na época em que escreveu "Amargo Despertar"

### Victorien Sardou na época em que escreveu "Amargo Despertar"

A partir de seus primeiros êxitos, marcado pelas angústias dos inícios de sua carreira, já não procurava os escritórios dos teatros, pelo contrário, era procurado em sua própria casa. É muito conhecido o episódio ocorrido com Harment, o diretor do "Vaudeville".

Este vai vê-lo a fim de discutirem a distribuição de atores em "La Famille Béviton". Não chegam a um acordo e Harment ameaça abandonar o projeto.

— Meu caro amigo, — disse Sardou tranqüilamente, — não tendes razão para aborrecer-vos. Ireis embora, eu o adivinho; em todo caso devo prevenir-vos de que resido no quinto andar e que, para terdes a peça, tereis de pagar mil francos por cada piso, quando voltardes.

Não obstante avisado, Harment se retirou. Mas, tão logo chegou a portaria do edifício, mudou de parecer e voltou para concordar com o autor. Sardou recebeu-o sorridente, felicitou-o pelo seu bom-senso e não se esqueceu de reclamar os cinco mil francos, — francos de 1888!, — em troca do manuscrito.

## Uma época desaparece

Victorien conheceu a glória com "La Patrie" (1869), cuja síntese ele próprio descreveu: "Um homem conspira e é preso. Prova o seu álibi: foi visto em casa durante toda a noite, fez isso e aquilo, os vizinhos testemunham em seu favor. Libertam-no. Entretanto, em sua casa estivera o amante de sua mulher. E agora? Se ele confirma o álibi aceita a desonra; se o desmente, revela-se como sedicioso. E o amante também pertence ao grupo conspirador! O tormento..."

A peça, representada no dia 6 de março, é um triunfo e valeu-lhe as felicitações de Sarcey (13), de Victor Hugo, de Arago (14), de Jules Janin (15), e... a rosácea da Legião de Honra.

*(13) Sarcey, François — crítico francês nascido em Dourdan a 8 de outubro de 1827; desencarnou em Paris em 1899. Começou a se destacar na crítica teatral e o primeiro periódico que o teve em suas colunas foi "L'Opinion Nationale". Sua fama e prestígio aumentavam e a partir de 1867 começou a publicar aos domingos em "Le Temps" onde continuou até a sua morte. Pronunciou conferências na Inglaterra, Bélgica e Holanda, teve intensa influência sobre o público e os juízos que emitia sobre obras teatrais adquiriram foros de lei para os leitores. Era chamado "l'oncle Tom Sarcey" por sua extrema benevolência para com os jovens a pelo ar paternal que por eles tinha. Em seus "Souvenirs" Sarcey pinta-se a si próprio com a sinceridade que tinha em relação a tudo. Publicou várias obras: "Le Mot et le Chose", 1862, "Le nouveau Seigneur de Vilage", 1862, até "Quarente ans de Théâtre", póstumo, Henry Castets escreveu a sua biografia em 1899.*

*(14) Arago, Dominique François Jean — físico, astrônomo e político francês, nascido em Estagel em 1786, morto em Paris em 1853. Membro da Academia de Ciências aos 23 anos. Em 1848 participou do governo provisório como Ministro da Guerra e da Marinha, assinando o ato de abolição da escravatura nas colônias francesas. Prestou grandes serviços à física e à astronomia.*

*(15) Janin, Jules — célebre crítico literário e dramático francês, — 1804 — 1874, — brilhante e perspicaz, teve a seu cargo, durante 40 anos, a crítica do "Journal des Débats".*

Mas, apesar disto, as preocupações de Sardou não terminam. As suas opiniões políticas, a sua atitude ao tempo da Comuna (16), são abertamente contrárias aos revolucionários, o que lhe acarreta ataques incessantes.

*(16) Comuna de Paris — nome que tomou a municipalidade parisiense em março de 1871, quando se constituiu em poder autônomo, logo após a revolta do povo de Paris*

*contra o governo provisório de Thiers. A Terceira República, proclamada em 4 de setembro de 1870, após o desastre militar da derrota contra os prussianos, era apenas um regime provisório que devia, antes mesmo de organizar seu próprio futuro, liquidar conflitos legados pelo Segundo Império. Ora, os franceses, a esse respeito, mostraram-se divididos, como demonstraram as eleições para a Assembléia Nacional: Paris votou a favor dos republicanos, radicais ou socialistas; os eleitores da província votaram nos conservadores, favoráveis à restauração monárquica. Da obra política da Comuna, convém lembrar a substituição do exército permanente por uma guarda nacional e a separação da Igreja e o Estado e instituiu o dia de trabalho para 10 horas. A luta assumiu caráter implacável a 21 de maio, quando se deu a "semana sangrenta". Os insurretos levantaram barricadas, incendiaram edifícios públicos e executaram alguns reféns. Os últimos defensores da Comuna caíram no cemitério do Père-Lachaise, — onde se encontra sepultado Allan Kardec, — nos altos de Belleville e Ménilmontant. A repressão deixou um saldo de mais de 20 mil mortos. Entre os 10 mil prisioneiros, 23 foram condenados à morte; os outros à prisão ou à deportação.*

"Ragabas", peça na qual cria um tipo acabado de político prolixo e demagogo, valeu-lhe, igualmente, diatribes cerradas, já que os amigos de Gambetta (17), viam nela um ataque ao tribuno.

*(17) Gambetta, Léon — político francês nascido em Cahors em 1838, desencarnado em Ville-d'Avray em 1882. Membro do Governo da Defesa Nacional em 1870 fez patrióticos esforços para organizar a resistência aos exércitos prussianos vitoriosos. Depois da guerra tornou-se, por sua eloqüência e pela largueza de suas vistas políticas, um dos chefes mais prestigiosos do Partido Republicano. Feriu-se acidentalmente com um revolver. O ferimento, na mão, mal cuidado, causou-lhe a morte. Suas idéias radicais e extremistas, com o correr dos anos, diluíram-se em uma visão política mais conciliadora.*

No dia 7 de junho de 1877, depois de uma campanha eleitoral fértil em incidentes, é eleito para a Academia Francesa, à terceira, volta, por 19 votos contra 17 a favor de Audiffret-Pasquier (18), e 1 a favor de Lecomte de Lisle (19). É a consagração de sua carreira.

*(18) Audiffret Pasquier, Armand Gaston, conde e, depois, duque. Nasceu e desencarnou em Paris, 1823 e 1905. Foi Conselheiro de Estado no reinado de Luis Felipe. Durante o Império manteve-se afastado da política, mantendo-se apenas Conselheiro Geral do Departamento de Orne, pois por duas vezes apresentou-se como candidato na Corte e foi derrotado. Depois de 1871 começou de novo a figurar na política e foi Deputado e Senador. Em 1873 foi eleito chefe do partido liberal monárquico e contribuiu, neste ponto, para a queda de Thiers. Distinguiu-se nas negociações destinadas à fusão dos descendentes da casa dos Bourbons, porém suas vacilações na última hora fizeram fracassar o projeto. Nomeado vice-presidente da Assembléia Nacional, em 1874 foi eleito Presidente, ano depois e dirigiu os debates de onde nasceu a Assembléia Republicana. Em 1876 foi eleito Presidente do*

*Senado, cargo que desempenhou durante três anos. Em seguida sua influência foi declinando, retraindo-se cada vez mais dos debates do Senado, menos na sessão em que defendeu as congregações religiosas, (1880). Foi objeto de toda a classe de distinções e, embora não tivesse escrito qualquer obra literária, a Academia da França elegeu-o por 22 votos para substituir a Dupanloup. Mais tarde publicou "Menoir du Chancelier Pasquier", Paris, 1893.*

*(19) Leconte de Lisle, Charles-Marie. Nasceu em Ilha de Reunião em 1818 e desencarnou em Louveciennes em 1894. Depois de ter viajado, ainda muito jovem, pela Índia, estabeleceu-se na França, fixando-se definitivamente em Paris em 1846. Em 1852 deu a lume os "Poemas Antigos"; em 1862 os Poemas Bárbaros; e, em 1884, os "Poemas Trágicos". Cabe acrescentar uma coletânea póstuma, "últimos Poemas, 1895: No teatro foi apresentada uma peça de sua autoria, "As Erinias", Odeon, 1873, adaptação da "Oréstia" de Esquilo. Fez-se tradutor de Homero, dos trágicos gregos e de Horácio.*

*Data do aparecimento dos "Poemas Antigos" a nova doutrina literária dos que, dez anos mais tarde, se denominariam "parnasianos. Tratava-se de uma reação contra o romantismo, que se produzira por uma expressão apaixonada da personalidade íntima. Ora, Leconte de Lisle entendia que a arte, retomando sua tradição original, devia fundir esse "eu" na própria alma da Humanidade. Empreendeu o relato de epopéia de todas as raças, de maneira absolutamente impessoal, sem jamais intervir diretamente em suas paixões, suas preocupações de ordem moral e social: deixava transparecer, todavia, irremediável pessimismo. Leconte de Lisle criou uma poesia erudita e essencialmente plástica. Pintou as religiões e as civilizações desaparecidas passando do Egito à Grécia e dos hindus aos escandinavos. Foi o primeiro a traduzir a alma obscura dos animais: elefantes, leões e panteras e de todos os grandes solitários da natureza.*

Victorien Sardou continua a escrever. No decorrer dos anos não renega suas convicções espíritas. Acumulou espantosa documentação sobre o Espiritismo e participou de numerosas sessões experimentais, sobretudo com a famosa médium italiana, Eusápia Paladino.

Sua última peça "L'Affaire des Poisons", foi representada no teatro da Porte Saint-Martin, a 7 de dezembro de 1907. É inspirada no caso Dreyfus, (20), que empolgava a opinião pública mundial e marca o apogeu de sua carreira. É a última mensagem de um homem que, não sendo isento de defeitos, manteve, ao longo de uma carreira, acidentada e brilhante, por vezes prodigiosa, uma rara independência de espírito e uma força excepcional de caráter.

*(20) O caso Dreyfus ou "l'Affaire Dreyfus". Alfred Dreyfus, oficial francês nascido em Mulhouse, em 1859, desencarnado em Paris em 1935. De família judia alsaciana, era capitão de artilharia quando foi descoberta kgm carta (1894), endereçada ao Major*

*Schwarzkoppen, adido militar alemão em Paris. Provinha de um oficial francês que prometia fornecer diversos segredos militares. Comprometido por uma surpreendente semelhança entre sua letra e a da nota, Dreyfus foi preso e condenado por um conselho de guerra à deportação, por toda a vida, em um recinto fortificado. Enviado à Ilha do Diabo, nas Guianas, Dreyfus não cessou de protestar sua inocência. Para obter a revisão do processo, sua família obteve o apoio do jornalista Bernard Lazare. Foi então descoberta uma correspondência entre o adido alemão e o oficial comandante francês, Esterhazy, cuja escrita também parecia com a da nota. Esterhazy foi julgado e absolvido por um conselho de guerra. Mas o "caso Dreyfus" entrou em sua fase política. A França se dividiu em dois grupos que iriam se opor com extrema violência durante dez anos. De um lado os partidários da revisão: idealistas convencidos da inocência de Dreyfus, republicanos, socialistas e universitários, que viam no caso pretexto para derrubar os militares; de outro os anti-semitas, nacionalistas e a maioria dos católicos que viam nos judeus os inspiradores do anticlericalismo da Terceira República. A famosa carta aberta de Émile Zola, "J'Accuse", publicada no "Aurore", de Clemenceau data desta época. A descoberta da falsificação fabricada contra Dreyfus, pelo Coronel Henry, bastou para que o governo não pudesse evitar a revisão. A questão perdurou até que, em 1906, Dreyfus foi perdoado e reintegrado em seu posto. O caso Dreyfus teve conseqüências consideráveis: o triunfo do bloco "das esquerdas", nas eleições de 1902, a separação entre a Igreja e o Estado, etc. Não se sabe, com certeza quem foi o autor do crime injustamente atribuído a Dreyfus.*

Victorien Sardou morreu na manhã de 8 de novembro de 1908, coberto de honras e de glória. Paris inteiro compareceu às suas exéquias, no quadro imponente do aparato militar a que lhe dava direito a grã-cruz da Legião de Honra. Gaston Doumerge (21), em nome do Governo, Valdal, representando a Academia, e Paul Hervieu (22), pela Sociedade de Autores, pronunciaram discursos enaltecendo a obra do dramaturgo de escol e convicto espírita.

*(21) Doumerge, Gaston — político francês. Nasceu em 1863 e desencarnou em 1937. Estudou direito e praticou a profissão em Nimes. Depois ingressou na Administração Colonial e atuou como Juiz na Argélia. Foi deputado e ocupou várias posições políticas. Em 1910 foi nomeado senador e mais tarde, Primeiro Ministro. Em 1917 foi representante da França na conferência de Petrogrado. Investido coma suprema magistratura da República da França quando Presidente do Senado cumpriu seu mandato e abandonou a vida política.*

*(22) Hervieu, Paul — discípulo de Dumas filho, construiu com método suas peças de tese: "As Tenazes" "A Lei do Homem", "A Corrida dos Fachos", "O Enigma", (191) etc. Foi um dramaturgo conciso e seguro, observador penetrante, cujo profundo pessimismo é temperado pela piedade. Nasceu em 1857 e desencarnou em 1915.*

Em 1924 foi inaugurado o seu monumento, em Paris, obra do escultor Bartolomé. Suas obras estavam traduzidas para inúmeros idiomas, mas ninguém pensava que, com ele, uma época inteira desaparecia...



## Allan kardec e Victorien Sardou

No número de agosto de 1858, comentando o artigo, "A propósito dos desenhos de Júpiter", pela "Revue Spirite", Allan Kardec assim se manifesta a respeito de Victorien Sardou:

"O autor desta interessante descrição, é um desses adeptos fervorosos e esclarecidos que não temem confessar alto e bom som as suas crenças e colocam-se acima da crítica daqueles que não crêem em nada que escape do seu círculo de idéias. Ligar seu nome a uma doutrina nova, desafiando sarcasmos, é uma coragem que não é dada a todos. E nós felicitamos ao Sr. Sardou porque a possui.

Seu trabalho revela o distinto escritor que, jovem ainda, já conquistou um lugar de honra na literatura e alia, ao talento de escritor, profundos conhecimentos de sábio. É uma nova prova de que o Espiritismo não recruta entre tolos e ignorantes.

Fazemos votos para que o Sr. Sardou complete, o mais breve possível, o seu trabalho tão auspiciosamente começado. Se os astrônomos nos desvendam, por sábias pesquisas, o mecanismo do Universo, por suas revelações os Espíritos nos dão a conhecer o seu estado moral e, como eles mesmos dizem, é com o fito de nos excitar ao bem, a fim de merecermos uma vida melhor!

Allan kardec

## Victorien Sardou a Allan Kardec

Da correspondência de Allan Kardec, postumamente publicada na "Revue Spirite", extraímos a primeira das cartas que o célebre e fecundo dramaturgo, Victorien Sardou, escreveu ao eminente Codificador do Espiritismo:

"Je vous remercie, Monsieur, de l'empressement que vous avez mis à me faire parvenir "Le Livre des Esprits". J'avais hâte de le lire, et j'ai laissé de côté toute affaire, toute occupation pour me livrer entièrement à cette lecture. Je suis presque arrivé à la fin et je puis dès à présent formuler mon opinion sur cet ouvrage: C'est le livre le plus intéressant et le plus instructif que j'aie jamais lu. Il est impossible qu'il n'ait pas un grand retentissement: toutes les grandes questions de métaphysique et de morale y sont élucidées de la manière la plus satisfaisante: tous les grandes problèmes y sont résolus, même ceux que les plus illustres philosophes n'ont pu résoudre: c'est le livre de vie, c'est le guide de l'humanité.

Recevez, Monsieur, mes compliments sur la manière dont vous avez classé et coordonné les matériaux fournis par les Esprits eux-même: tout est parfaitement méthodique, tout s'enchaîne bien et votre introduction est un chef-d'oeuvre de logique, de discussion et d'exposition.

Agréez, Monsieur, l'expression bien sincère de mes sentiments d'estime et d'affection.

Victorien Sardou

Tradução:

"Eu vos agradeço, Senhor, a presteza com que me fizestes chegar "O Livro dos Espíritos". Eu tinha ânsia de lê-lo, e deixei de lado todos os afazeres, toda ocupação para me entregar, inteiramente, a essa leitura. Estou quase chegando ao fim e posso, desde já, formular minha opinião sobre essa obra: É o livro mais interessante e o mais instrutivo que jamais li. É impossível que ele não tenha uma grande repercussão: todas

as grandes questões de metafísica e de moral aí são elucidadas da maneira mais satisfatória: todos os grandes problemas aí são resolvidos, mesmo aqueles que os mais ilustres filósofos não puderam resolver: é o livro da vida, é o guia da Humanidade.

Recebei, Senhor, meus cumprimentos pela maneira como classificastes e coordenastes os materiais fornecidos pelos próprios Espíritos: tudo é perfeitamente metódico, tudo se encadeia bem e vossa introdução é uma obra prima de lógica, de discussão e de exposição.

Aceitai, Senhor, a expressão bem sincera de meus sentimentos de estima e afeição.

Victorien Sardou

## Victorien Sardou visto por Gabriel Delanne

O autor de livros fundamentais como: "Le Phénomène Spirite" (1894); "Le Spirítisme Devant Ia Science" (1895); "Recherches sur la Meidumnité" (1896); "L'Âme est Immortelle" (1903); "L'Évolution Animique" (1897); "Les Apparitions Materialisées des Vivants et des Morts" (1909); "La Réincarnation" (1924); e "Écoutons les Morts", quando da desencarnação de Victorien Sardou, publicou na "Revue Scientifique et Morale du Spiritisme", de dezembro de 1908, o artigo que transcrevemos.

\* \* \*

Sardou foi espírita da primeira hora e, em meio a um ambiente vacilante, salientou-se vigorosamente pelo ardor de suas convicções.

Sem levar em conta o que, a seu respeito, pudessem dizer, afirmou, categoricamente, acreditar na realidade dos fenômenos, por ele mesmo obtidos, quando ainda mais jovem. A "Revue Spirite", de agosto de 1858, publicou um artigo seu, no qual oferece os mais interessantes pormenores, acerca da maneira como foram executados os curiosos desenhos automáticos, representando habitações em Marte e Júpiter (23). Produtos do subconsciente, dirão os psicólogos; seja, mas o que não conseguirão explicar é como Sardou, que não sabia desenhar nem gravar, pode executar, em nove horas, a estampa representando a casa de Mozart.

*(23) Conforme se depreende do artigo "Habitações em Júpiter, publicado no número de agosto de 1858, da "Revue Spirite", trata-se de "casas de Espíritos", de acordo com o esclarecimento prestado pelo próprio Victorien Sardou. Não retratam, pois, edificações no espaço físico dos Planetas mencionados.*

Deixar de parte as dificuldades, é o ponto mais alto da habilidade dos nossos Dons Quixotes.

Mas, convenhamos que, em verdade, outra coisa não se poderia esperar daqueles que pretendem tudo saber.

Em 1909, em companhia de Laurent Faget (24), tive a honra de ser recebido pelo autor de "La Patrie", em seu magnífico castelo de Marly.

Após ter, gentilmente, aceito a Presidência-de-Honra do "Congresso Espírita e Espiritualista", que se realizaria naquele ano, em Paris, contou-nos, passeando pelo parque, como era tomada a sua mão para desenhar ou gravar, sobre placas de cobre, as estampas que serviram para a impressão dos originais.

(24) *A. Laurent de Faget foi um denodado propagandista espírita e mereceu figurar no livro de J. Malgras, "Les Pionniers du Spiritisme en France". Ignoram-se as datas de seu nascimento e desencarnação. Na parca documentação existente a seu respeito, sabe-se que foi o diretor de um órgão, o "Progrès Spirite"; escritor e poeta publicou: "La Muse Irritée", — resposta às blasfêmias de Jean Richepin; — "De l'Atome au firmament", "L'Art d'être heureux"; "Aspirations Poétiques", etc.*

Afirmou-nos ter visto um piano, em torno do qual ninguém se encontrava, executar alguns acordes. Declarou-nos que, em plena luz, vinte e uma rosas caíram do teto sobre sua escrivaninha, enquanto o médium permanecia distante deste móvel. Dando livre curso ao seu espírito, extremamente vivo, disse-nos mesmo que, ultimamente, contara tais fatos a um de seus doutos confrades da Academia Francesa, o qual, durante todo o tempo em que falava a respeito, sacudia a cabeça com ares de dúvida. Impacientado, Sardou colocou-se-lhe em frente e disse:

— Eu vos contei o que, bem desperto, vi ocorrer diante de mim; citei-vos os nomes de sábios célebres, que observaram as mesmas coisas e, entretanto, conservais sempre esse sorriso de desdém. Nestas condições, um de nós dois é um imbecil, e acredito não ser eu!

E, sem mais, deixou seu interlocutor entregue á meditação de seu repente.

Se todos os que presenciaram fenômenos irrecusáveis tivessem a mesma energia, o Espiritismo, dentro em breve, tomaria o legítimo lugar a que tem direito, entre as ciências oficiais. Sejamos gratos ao eminente dramaturgo, que não temeu levar a questão para o grande público. No futuro isso será, para ele, mais um título de reconhecimento da posteridade.

## Victorien Sardou visto por Camille Flammarion

Em sua obra, "Forces Naturelles Inconnues", Camille Flammarion nos oferece um curioso comentário a respeito de Victorien Sardou. No capítulo intitulado "Segunda carta", tendo por subtítulo, "Minhas primeiras experiências com o grupo de Allan Kardec e com os médiuns dessa época", escreve:

"Um dia, no mês de novembro de 1861, ao passar pelas galerias do "Odéon", chamou-me a atenção um livro que tinha por título "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec. Comprei-o e, com avidez, li alguns capítulos, parecendo-me estar de acordo com as bases científicas da obra em que, na ocasião, eu trabalhava: "La Pluralité des Mondes Habités".

"Procurei o autor a quem propus entrar como "membro associado livre" da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que ele fundara e da qual era presidente. Fui aceito. Ocasionalmente tenho em mãos o cartão verde, assinado por Allan Kardec, com data de 15 de novembro de 1861. Esse dia marca a minha iniciação nos estudos psíquicos. Eu tinha, então, 19 anos e era, há três anos, aluno do Observatório de Paris. Terminava a obra mencionada, cuja primeira edição foi publicada, alguns meses depois, pelo editor do Observatório.

"As reuniões estavam marcadas para as sextas-feiras, no salão da Sociedade, situado na Passage Sant'Anne. O presidente abria a sessão invocando os bons Espíritos... Depois disso, certo numero de pessoas, sentadas em torno da mesa, escreviam. "Eram os médiuns escreventes". As dissertações eram lidas ao atento auditório. Não se fazia nenhuma experiência física, com as mesas girantes. O presidente, Allan Kardec, declarava não dar a isso nenhum valor já que "os ensinamentos dos Espíritos", deviam constituir, segundo ele, a base de uma nova doutrina...

Nessa mesma época e durante muitos anos que se seguiram, meu ilustre amigo, Victorien Sardou, — que freqüentara o Observatório, —

redigia, como médium, páginas curiosas sobre os habitantes de Júpiter e traçava desenhos surpreendentes, representando coisas e seres daquele mundo gigantesco...

"Nas reuniões da "Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas", escrevi, — como médium, — páginas sobre Astronomia, firmadas por Galileu. Essas comunicações ficaram no local das reuniões e Allan Kardec publicou-as em 1867 com o título de "Uranografia Geral" em seu livro "A Gênese".

Em "Mémoires d'un Astronome", Camille Flammarion tem um parágrafo que interessa muito de perto ao livro que publicamos. Diz o seguinte:

"Victorien Sardou foi sempre mais positivo do que eu. Ele viu, algum tempo depois da morte de sua irmã, as teclas do piano funcionando sozinhas; depois caiu, sobre sua escrivaninha, um ramo de flores. Estava certo de que era sua irmã que se manifestava de tal maneira".

Tanto os acordes de mãos invisíveis ao piano, como a manifestação da irmã, serão circunstâncias que Victorien Sardou irá abordar no texto que editamos.

## Victorien Sardou e J. Malgras

J. Malgras publicou, em 1906, uma obra hoje rara: "Les Pionniers du Spiritisme en France" — "Documente pour la Formation d'un Livre d'Or des Ciencias Psychiques", dedicando um dos capítulos a Victorien Sardou. Sua documentação, de real valor, acrescenta muito ao perfil do dramaturgo espírita, conforme intentamos fazer nesta primeira parte introdutória e explicativa. J. Malgras vale-se, sobretudo, da correspondência trocada entre Sardou e várias personalidades de seu tempo, o que significa documentos de próprio punho.

\*\*\*

9 de dezembro de 1904

Quando não temos a sorte, — sendo médium como eu o fui no passado, de nos convenceremos por nossas próprias experiências, ou de observar, em condições exigíveis, os fenômenos produzidos por médiuns dotados de faculdades bem desenvolvidas, o melhor a fazer é nos defendermos das experiências de salão, que constituem pura infantilidade, ou daquelas em que tentamos, vãmente e sozinhos; ambas servem apenas para desanimar quem procura a verdade. É mister que, antes de mais nada, nos atenhamos ao testemunho dos sábios do mundo inteiro, cujos nomes dispense-me de lembrar e que, depois de terem estudado os fatos, — tentando demonstrar-lhes a falsidade, — tiveram o arrojo de honradamente, voltar atrás e proclamar a sua convicção.

Se o Espiritismo não passasse de velhacaria, há muito tempo estaria fora de cogitação. Pelo contrário, hoje ele conta seus adeptos por milhões e mais numerosos são, ainda, os timoratos, que não ousam afirmar sua crença por respeito humano, interesse profissional, covardia e, sobretudo, insensatez".

2 de março de 1905

"Prezado senhor.

"Uma revista inglesa, o "The Great Magazine", publicou uma carta minha, que tinha por finalidade ratificar uma declaração ridícula, a mim



atribuída e publicada na mesma. Mas, ao invés de publicar minha carta, exatamente, o articulista teve por bem truncá-la e desnaturá-la, dando o texto como correto. Ora, não é assim! E, pensando que a tradução desse artigo, publicada em "Liberté", poderia cair sob vossos olhos e encontrar espaço no livro que estais preparando, endereço-vos esta tradução, ratificando dois pontos principais:

"Os fenômenos não se produziam constantemente, várias vezes por dia e minha mão não tomava, jamais, o lápis ou a caneta, maquinalmente, de modo independente à minha vontade. O que não dependia de minha vontade era o que eu escrevia ou desenhava.

"A queda das flores, do teto, e os arpejos no piano, não se produziram muitas vezes, porém em uma única ocasião.

"Cordialmente

Victorien Sardou."

\*\*\*

Eis o artigo, estampado em "Liberté" e devidamente ratificado:

Londres, 25 de fevereiro de 1905.

"Uma revista inglesa, "The Great Magazine", realizou uma pesquisa sobre as manifestações espíritas e sobrenaturais, de modo geral. Ela publicou cartas muito interessantes a esse respeito. A série é iniciada com um depoimento do sr. Victorien Sardou.

"O autor expõe que foi um dos primeiros a se declarar espírita, em uma época em que não havia nenhum mérito em fazer-se semelhante confissão. Conta que, durante mais de seis meses, foi dotado de um poder de evocação extraordinário.

"Eu tinha em meu poder, — narra o autor de "La Patrie", — uma pequena mesa redonda que, ao meu comando, caminhava através do meu apartamento e girava sobre si mesma como o teria feito um cão bem treinado. Uma vez, rosas brancas caíram do forro sobre minha escrivaninha e eu vi as teclas do piano se abaixarem e se erguerem, sob dedos invisíveis, executando uma melodia desconhecida.

"Tornei-me familiar a esses fenômenos e eles não me impressionavam mais. Posso afirmar que, acompanhando-os, não sofria nenhuma auto-sugestão. Era apenas um observador atento e meu cepticismo inicial cedeu lugar a uma convicção baseada em fatos precisos".

"Victorien Sardou insiste sobre a freqüência de certos fenômenos que se tornaram, para ele, habituais. Assim, em determinadas horas, ele tomava um lápis ou uma caneta e sua mão traçava, sobre o papel, com surpreendente rapidez, desenhos de aspecto fantástico.

"Minha mão não me pertencia mais, — continua Sardou, ela obedecia a uma influência estranha que dizia ser o Espírito de Bernard de Palissy.



Desenho mediúnico de Victorien Sardou, representando a casa imaginária de Mozart em Júpiter.

Uma tarde, por volta de duas horas, como de hábito, eu estava assentado em minha escrivaninha e havia colocado, à minha frente, uma folha de papel de desenho, de dimensões comuns. Ao invés de começar a desenhar, a pena, obedecendo a um súbito impulso de minha mão, traçou bruscamente uma linha oblíqua, em toda a largura da folha, que

ficou inutilizada. Intrigado interroguei Bernard de Palissy por processos comuns e recebi esta resposta lacônica:

— Papel muito pequeno!

"Escolhi uma folha maior; foi também inutilizada por um novo traço e o Espírito, consultado, repetiu:

— Papel muito pequeno!

"À observação de que não possuía papel maior, o Espírito ordenou:

— Vai comprar!

"Protesteí dizendo que estava chovendo e que a papelaria, minha fornecedora, ficava longe do Cais Saint Michel, onde, então, eu residia.

— Vai à Praça Saint-André-des Arts! Replicou Bernard de Palissy.

"Apelei para minha memória, localizando lugares; não tinha conhecimento de nenhuma papelaria naquela praça. Mas o Espírito, obstinado, repetiu:

— Sim, há uma! Há uma!

"Muito intrigado, coloquei o chapéu e saí. Contornei a praça e ia regressar ao Cais Saint-Michel, aborrecido por ter sido enganado pelo Espírito quando, por acaso, meus olhos se detiveram em um anúncio que dizia: "Venda por atacado de Cartões".

"Entrei na casa e verifiquei, não sem alguma surpresa, que o fabricante possuía todas as dimensões de papel imagináveis. Escolhi o que queria e voltei para casa. Mal coloquei a ponta do lápis sobre a folha recém-adquirida e minha mão escreveu rapidamente: "Vês que eu tinha razão?"

Essa curiosa manifestação poria fim à carreira de Victorien Sardou enquanto médium. De fato, alguns dias mais tarde fez novo apelo a Bernard de Palissy, porém este não o atendeu mais.

\*\*\*

Vê-se, pelo que precede, que o autor de tantas obras elevadas e aplaudidas, que conquistou, na literatura dramática, um lugar glorioso, membro da Academia Francesa desde 1877, é um dos adeptos mais

fervorosos do Espiritismo e foi médium favorecido pelos Espíritos Superiores.

Ele obteve, notadamente, uma descrição detalhada das habitações dos Espíritos, em Júpiter, que foi publicada na "Revue Spirite", em 1858 e que é altamente interessante. O artigo é acompanhado por numerosos desenhos, executados à pena ou sobre placas de cobre, através da água-forte, pelo médium.

A execução desses desenhos era das mais singulares. A ponta da pena do médium atacava a lâmina ou o papel com estranha rapidez, interrompendo-se nos pontos extremos, esboçando de maneira inconsciente figuras que terminava em seguida, sem ordem e contrariamente às regras mais elementares do desenho.

Victorien Sardou foi o Presidente de Honra do Congresso Espírita e Espiritualista, realizado em Paris no ano de 1900.



Desenho mediúnico de Victorien Sardou, representando a casa imaginária de Zoroastro em Júpiter

4 de dezembro de 1888

"Meu caro Rambaud (25)

(25) *Yveling Rambaud — espírita francês que parece ter tido muita atividade doutrinária ao seu tempo. Muito pouco foi possível apurar a seu respeito. Sabe-se que foi redator do jornal "Gauloi". A "Revue Spirite" de abril de 1889 comentou o lançamento de uma obra sua, "Force Psychique", com prefácio de Victorien Sardou e contendo fotos de materializações de artistas renomados.*

"Há 40 anos eu observo, como curioso, os fenômenos que, sob o nome de magnetismo, sonambulismo, êxtase, dupla-vista, etc., davam, em minha mocidade, origem ao riso dos sábios.

"Quando me arriscava a dar-lhes parte de alguma experiência em que o meu cepticismo tinha que se render à realidade: uma explosão de chacotas!

"Ainda me parece ouvir as risadas de um velho doutor, meu amigo, a quem falei de uma jovem que caía em catalepsia, por meio de passes magnéticos. Ela ouvia tiros de espingarda e sentia um ferro em brasa a queimar-lhe a nuca.

— Qual história! — respondia o homem. — As mulheres são embusteiras...

"Ora, todos esses fatos, sistematicamente negados naquele tempo, são hoje aceitos e confirmados pelas mesmas pessoas que os qualificavam como bruxaria. Não há dia em que um jovem estudioso não me traga novidades que eu já conhecia antes de ele nascer. Só mudanças nos nomes. A palavra magnetismo soava pessimamente aos ouvidos dos que o ridicularizavam. A designação de hipnotismo e sugestão, tem agora bastante força.

"Adotando-se uma nova nomenclatura, dá-se a entender que o magnetismo era, realmente, uma mistificação e foi esmagado, merecendo a ciência oficial o nosso reconhecimento por nos ter livrado de tal peste e, em troca, por nos trazer uma verdade científica, ou seja, o hipnotismo, que, entretanto, é quase a mesma coisa.

"Um dia, citava eu a um hábil cirurgião o fato hoje bem conhecido da insensibilidade produzida em certas pessoas, que olham fixamente para o espelho, ou para um corpo brilhante, de modo que provoque o

estrabismo; e essa revelação foi recebida com o ridículo e a zombaria. Tratava-se de um espelho mágico.

"Passaram-se os anos e o mesmo cirurgião vem almoçar comigo e desculpa-se da demora por ter tido de arrancar um dente a uma jovem nervosa e tímida. Contou-me:

— Tentei com ela uma experiência nova e muito curiosa: Por meio de um espelho metálico, fi-la adormecer tão completamente, que lhe extraí um dente sem ela nada sentir.

— Perdão, — disse eu, — mas eu te falei a respeito deste fato e tu me ridicularizaste. Desmantelado a princípio, o nosso homem depressa se acalmou e redargüiu: É certo! Mas tu me falaste de um ato de magia e este é de hipnotismo.

"A ciência oficial trata as verdades desconhecidas sempre deste modo: depois de repeli-las com escárnio, apropria-se delas, porém tem o cuidado de lhes mudar o rótulo. Enfim, qualquer que seja o nome que lhes dêem, já adquiriram direito de cidadania; e, depois que nossos sábios conseguiram descobrir, na Salpêtrière (26), o que Paris inteira teve ocasião de ver, ao tempo de Luis XV, no Cemitério de Saint-Médard (27), é de esperar se dignem ocupar-se desse Espiritismo que julgavam morto pelos seus desdém, embora nunca estivesse gozando de melhor saúde.

(26) *Salpêtrière* — hospital em parte dedicado a tratamentos psiquiátricos, onde o médico francês Jean Martin Charcot, — Paris, 1825, Nièvre, 1893, — foi encarregado das mulheres histéricas, também chamadas "convulsionárias". Suas observações levaram às célebres "*Leçons sur les Maladies du Système Nerveux Faites à la Salpêtrière*". Charcot iniciou e difundiu as práticas terapêuticas baseadas na hipnose, de onde deveriam nascer a psicanálise moderna. Entre seus assistentes se encontrava o jovem Freud, que tirou das aulas do professor a inspiração para suas próprias teorias. É considerado o "pai da neurologia" e um dos grandes nomes da medicina século XIX.

(27) *As ocorrências no cemitério de Saint Médard relacionam-se a François Paris. Este, mais conhecido por Abade Paris, nasceu em Paris, em 1690 e desencarnou na mesma cidade em 1727. Filho de um conselheiro do Parlamento, queria também se dedicar à magistratura, mas a atração pela vida religiosa foi mais forte. Entrou para o Seminário de Saint Magloire, onde estudou grego, latim e teologia. Ordenado diácono, foi designado para a paróquia de Saint Come. Abraçou com fervor o jansenismo, doutrina criada por*

*Cornélio Jansen, teólogo holandês, cujos pontos de vista quanto às doutrinas de S. Agostinho, a graça, o livre arbítrio e a predestinação, — defendidos na França pelos teólogos de Port Royal, — foram combatidos pelos jesuítas, motivando as célebres "Cartas Provinciais", de Pascal. A bula papal "Unigenitus" (1713), condenou o jansenismo. Paris recusou-se a receber as ordens maiores e decidiu dedicar-se à vida solitária, partilhando seu tempo entre o estudo, a prática da caridade e trabalhos manuais. Extremamente sóbrio, tudo repartia com os pobres, e como só se alimentava com o necessário a não morrer de fome, chegou a um grau extremo de fraqueza, o que abreviou a sua vida. Enterrado no cemitério de Saint Médard, os pobres, que haviam sido testemunhas de sua caridade e austeridade, começaram a visitar o seu túmulo, antes em pequenos grupos depois em multidões. As crônicas da época asseveram que se davam milagres em seu túmulo. Foi quando nasceu a seita dos convulsionários, visto que os milagres eram acompanhados de convulsões. Deu força à seita um testemunho firmado por 23 sacerdotes, incluindo Colbert, bispo de Montpellier. A bibliografia a respeito é muito vasta e o investigador espírita Sir Alfred Russel Wallace ocupou-se dela em suas obra a "On Miracles and Modern Spiritualism".*

"Para isso, não terão mais do que mudar-lhe o nome, a fim de a si próprios atribuírem o mérito de havê-lo descoberto, em primeiro lugar. Isto não se dará tão cedo, pois que o Espiritismo tem de combater outros inimigos, além dessa má-vontade. Ele tem, contra si, as experiências de salão, meio detestável de fazer investigações e que apenas serve para fortalecer a incredulidade dos cépticos, sugerindo engenhosas mistificações e inspirando, aos estudiosos, chistosas tolices. Tem, ainda, que lutar contra os charlatães que fazem Espiritismo à maneira de Robert Houdini (28), e contra os semi-charlatães que, dotados de faculdades mediúnicas, não se contentam com elas e, por vaidade ou especulação, suprem a insuficiência dos seus meios naturais.

(28) Robert Houdini — nasceu em Appleton, em 1874 e desencarnou em Detroit em 1926. Seu verdadeiro nome era Ehrich Weiss e era filho de um rabi judeu proveniente da Hungria. Ganhava reputação internacional pelo modo como conseguia escapar a cadeados, correntes de ferro e caixotes pregados. Livrou-se de um deles depois de ter sido precipitado nas quedas de Niagara. Moveu acirrada campanha contra o Espiritismo e, mais precisamente, contra os médiuns que, segundo ele, atuavam mediante fraudes e truques. A esse respeito escreveu dois livros: "Miracle Mongers and their Methods", 1920, e "A Magician Among the Spirits", 1924. Na obra "Houdini and Conan Doyle", de Bernard M. L. Ernst e Hereward Carrington estão publicadas curiosas cartas a respeito de aventuras psíquicas do famoso mágico. Depois de sua morte houve uma longa controvérsia na imprensa norte-americana quanto a um código de palavras que empregaria, caso pudesse

*se comunicar, e que só era do conhecimento de sua esposa. Will Goldston, em "Sensational Tales, of Mystery Men", transcreve uma carta da Sra Haoudini na qual ela admite: "Recebi a mensagem do meu querido, pela qual estava esperando; como, se no for pelo auxílio espiritual, eu não posso explicar". O médium foi o falecido Arthur Ford.*

"Tem, principalmente, que vencer dois grandes obstáculos: uma geração voltada aos prazeres e interesse materiais e a fraqueza de caráter, cada vez mais acentuada, em um país onde já ninguém tem a coragem de exarar suas opiniões, preocupando-se com as do vizinho e só permitindo a si próprio adotar uma, quando sabe que é compartilhada por todo mundo. Em quaisquer assuntos: artes, letras, política, ciências, etc., o que mais se receia, é passar por ingênuo, por crente em qualquer coisa, ou por entusiasta inconsciente, a quem tudo cause admiração. O homem mais sinceramente tocado por uma bela palavra, ou por uma bela obra, se desconfiar que um céptico sorri, não vacila em zombar do que desejava aplaudir, a fim de provar que não é menos perspicaz do que os outros e que é muito esclarecido, visto que não se satisfaz com qualquer coisa.

"Como poderiam homens tão arraigados às opiniões alheias, embora convencidos da realidade das manifestações espíritas, através das mais inarredáveis provas, ousar confessar isso em público, neste século sem fé, depois de Voltaire (29), depois de Proudhon (30)? Como poderiam afrontar a indignação e a terrível apóstrofe que soa aos ouvidos: "E então? Também acreditais no sobrenatural?"

*(29) Francois-Marie Arouet de Voltaire. 1694-1778. Ilustre escritor e filósofo francês do século XVIII. Com sua áspera crítica à Igreja e ao regime feudal, contribuiu para a preparação ideológica da Revolução burguesa. Em oposição à doutrina da revelação divina, esforçou-se em provar a existência de Deus em base racionalista. Segundo ele, a harmonia universal era prova da existência de Deus e insiste na "utilidade prática da religião: Deus é necessário para por freio ao populacho, para assegurar a ordem". Entretanto Voltaire insurgiu-se contra o Catolicismo e tudo quanto tinha à conta de superstição, preconceito e fanatismo.*

*(30) Pierre Joseph Proudhon, 1809-1865. Literato, economista e sociólogo francês, um dos precursores do anarquismo contemporâneo e um dos principais teóricos socialistas do século XIX. Proclamou que "toda propriedade é um roubo". Proudhon preconizava a revolução social que salvaguardasse a igualdade dos indivíduos e sua liberdade total.*



— Não, eu não admito o sobrenatural! — E logo a resposta.

"Qualquer fato só ocorre por efeito de uma lei natural e, portanto, é natural. Negar a priori, sem exame, sob o pretexto de que a lei produtora não existe, porque não é conhecida; contestar a realidade do fato, porque ele não entra na ordem dos fatos estabelecidos e das leis conhecidas, é erro de espírito mal equilibrado que julga conhecer todas as leis da Natureza.

O sábio que tiver essa pretensão, não passa de um pobre diabo. Onde eu o espero, é no exame dos fatos, quando for obrigado a chegar lá. Prometo-lhe, então, algumas surpresas".

Victorien Sardou



Carta a Jules Bois, que a publicou em seu livro "L'au-Delà" et les Forces Inconnues".

"Meu caro confrade.

"Fui dos primeiros a estudar o Espiritismo, — já lá vão uns cinquenta anos, — passando da incredulidade para a surpresa e da surpresa para a

convicção. Necessitaria de um volume para vos responder. Por isso, me limito a resumir meio século de observações.

"Os fenômenos físicos foram investigados em rigorosas condições, testados por sábios que me abstenho de enumerar são inexplicáveis no estado atual de nossos conhecimentos.

"Em grande número de casos, há que reconhecer a intervenção de inteligências estranhas à dos investigadores, mas não constituem nem a projeção, nem o resultado de seus próprios pensamentos. Há que reconhecer, também, a produção de certos fenômenos, bem como a ação de seres invisíveis, cuja verdadeira natureza é difícil de precisar.

"Mas, como poderemos admitir, sem cair no ridículo, que tais seres não são quiméricos e que a nossa bela Humanidade não é a última palavra da criação?! Para escapar às censuras da ciência oficial e da incredulidade dos ignorantes e dos "fortes de espírito", que são, muitas vezes, imbecis, há quem se esforce por explicar os casos em que a inteligência oculta é manifesta e o faça por hipóteses que dizem científicas, muito engraçadas para aqueles que sabem o que sei, que viram o que vi e fazem o que tenho feito.

"Perguntais-me se creio nas materializações... Naturalmente, porque eu mesmo as obtive quando era médium e espero ainda que me expliquem, por qualquer força psíquica desconhecida, ou por fraude de que eu seria o autor, a testemunha e a vítima, como é que uma mão invisível pode deixar em minha mesa de trabalho, um ramo de rosas brancas que, durante anos, conservei, até que se desfizeram em pó. Quanto aos desenhos espíritas a que aludi, obtive-os em 1857, em condições semelhantes à do Sr. Desmoulin (31); há algum tempo, guardo reserva acerca dos pretensos documentos planetários.

*(31) Fernand Desmoulin, gravador de grande talento e pintor. Desconhece-se a data de seu nascimento e de sua desencarnação. Era amigo íntimo de Emile Zola quem acompanhou em seu exílio na Inglaterra. Lê na "Vie Illustrée", de 21 de dezembro de 1900, mencionar, do Desmoulin: Até o mês de junho passado, o artista não se tinha, absolutamente, preocupado com o Espiritismo". Era um homem que vivia de sua arte e da literatura. Mas, um certo estado de coisas se esboçou para ele. Arsène Alexandre, no*

"Figaro" de 15 de abril de 1900, narra que: "Uma noite, Desmoulin entrou em seu ateliê depois de ter mantido, com alguns amigos, uma conversação em torno do Espiritismo e, particularmente sobre 08 desenhos mediúnicos de Victorien Sardou. Sentou-se em uma mesa, segurou a pena e esperou. Para sua surpresa, sua mão começou a traçar maquinalmente, ou melhor "involuntariamente", linhas e esboços".

*Assim foi que nasceu uma mediunidade psicopictográfica tão importante quanto à de Victorien Sardou. Desmoulin foi, também, um ardente divulgador do Espiritismo.*

"Eis, meu caro confrade, as conclusões das minhas próprias experiências. É pouco. Entretanto, não desperdicei tempo. Saudações amigáveis"

Victorien Sardou

Em 1875, Victorien Sardou escreveu uma carta ao pai do escritor Jules Claretie (32), incluída em um livro deste e que merece transcrição, visto que, na mesma, faz afirmações que são, ainda, de rigorosa atualidade.

*(32) Jules Claretie — literato francês nascido em 1840. Foi membro da Academia Francesa de Letras e administrador da "Comédie Française" desde 1885. Desencarnou em 1913.*

"Prezado amigo.

"Quanto ao Espiritismo, eu vos diria, à viva voz e de muito melhor maneira, o que poderia fazer em três páginas. Em parte tendes razão e, em parte, não a tendes. Desculpai-me esta franqueza de ajuizamento. Há duas faces no Espiritismo: fatos curiosos, inexplicáveis no estado atual de nossos conhecimentos e fatos que não se explicam. Os fenômenos são reais. Aqueles que os explicam, pertencem a três categorias. Há, em primeiro lugar, os espíritas ignorantes ou cêndidos, que evocam Epaminondas (33) ou crêem na intervenção do diabo... Há, em segundo lugar, os charlatães, os impostores de toda classe, os profetas, os que anunciam consultas. Há por fim, os sábios que supõem explicá-los por meio de recursos de prestidigitação, pela alucinação, os movimentos inconscientes, como os Srs. Chevreul (34) ou Faraday (35) e que, embora tenham razão no que se refere aos fenômenos que mencionam e que, com efeito, são alucinações ou superstições, equivocam-se no

entretanto, com respeito a toda a série dos fatos, que não se dão o trabalho de observar e que são, via de regra, os mais sérios.

(33) *Epaminondas* — general e político tebano, nascido nesta cidade no ano 420 a. C., desencarnado em Mantina em 362 a. C. Foi quem expulsou os lacedemônios que, durante quatro anos governaram em Tebas. É o autor da frase: "Eu venci, já que nunca fui vencido".

(34) Existe aqui uma questão que necessita ser devidamente explicada. Para muitos dos estudiosos, Victorien Sardou estaria se referindo a Léon Chevreuil, o grande propagandista e escritor espírita, autor de "Le Spiritisme dares l'Eglise" e de "On ne meurt pas", ativo colaborador da "Revue Spirite". O engano se vem perpetuando, sendo fruto de um erro tipográfico inicial. Sardou não se refere a Chevreuil, mas sim a Michel Eugene Chevreul, químico francês, 1786-1889, que mereceu ter sua estátua em Paris, em 1901. Deve-se-lhe a análise dos corpos gordos e a descoberta das velas esteáricas. O seu ponto de vista, de que a "mesa giratória" era produto consciente ou inconsciente dos participantes da experiência, — refutado por Victorien Sardou, — está exposto na obra "De la baquette divinatoire, du pendule explorateur et des tables tournantes", publicado em 1854.

(35) *Michael Faraday*, físico inglês, nascido em 1791, desencarnado em 1867. Fabricou o primeiro aço inoxidável, sem desconfiar de sua importância. Em 1821 descobriu que os ímãs exercem ação mecânica sobre os condutores percorridos por uma corrente: estava inventado o primeiro "motor elétrico". Trabalhou em vidros ópticos. Em agosto de 1831 conseguiu demonstrar experimentalmente que uma corrente elétrica pode induzir outra correr num circuito diferente. Baseado nesta experiência n apenas descreveu o dínamo rudimentar, como, também elaborou uma teoria descritiva e explicativa dos fenômenos no que está nas origens das teorias de Einstein. Examinado os fenômenos psíquicos, porém recusou-se a aceitar a sua veracidade. Era membro de uma obscura seita religiosa, os Sendamanians, com pontos de vista bíblicos extremamente rígidos. Quando William Crookes perguntou-lhe como conciliava a ciência com a religião, respondeu eram coisas estritamente à parte. Em quatro obras, "Reding of the Veil"; "Beyond the Veil"; "The Guiding Star" e "The Dawn of Another Life", encontram-se mensagem do Espírito de Faraday, obtidas em uma série de sessões realizadas entre 1888 e 1910, em Spring Hall, Kansas, Estados Unidos, nas quais revisiona os seus pontos de vistas quanto à pesquisa dos fenômenos que, em vida, tivera como "chose jugée" pelos métodos científicos.

"São eles muito culpáveis, visto que, ao negarem-se a ouvir os pesquisadores conscientes, — ou por ventilarem suas explicações insuficientes, — entregam o Espiritismo à exploração de charlatães de toda índole e induzem os interessados mais sérios a não mais se ocuparem do assunto. Há, em últimos termos, — embora escassos, — os observadores como eu que, incrédulos, tiveram que reconhecer a

larga faixa existente nesses fatos, que escapa a todas as explicações científicas "atuais", sem que, por isso, renunciem a vê-los explicados algum dia. A partir disto, aplicam-se a discernir os fatos, a classificá-los, de modo a, mais tarde, conhecer as leis que os regem. Esses se mantêm afastados, — como o faço eu, — e se limitam a ver no Espiritismo, a aurora de uma verdade muito pouco conhecida ainda, que algum dia terá os seus Ampères (36) como correntes magnéticas, e deploram que essas verdades estejam sufocadas entre dois excessos: o da credulidade ignorante e o da incredulidade científica que em nada crê.

(36) *André Marie Ampère — físico e matemático francês, nascido em Lyon, 1775, desencarnado em Marselha, 1836. Baseado em experiências de Oersted (1820), estabeleceu a teoria do eletromagnetismo. Descobriu que correntes elétricas agem reciprocamente, independente ação dos magnetos. Em 1822 utilizou a pilha para a transmissão de despachos, descobrindo o princípio da telegrafia elétrica. Deixou inúmeras obras, destacando-se "Sobre a Expressão Matemática da Atração e da Repulsão: Elétricas" (1823) e "Teoria Matemática dos Fenômenos" Eletrodinâmicos, Deduzida Unicamente da Experiência (1827).*

"Em sua convicção e em sua consciência encontram forças para enfrentar o martírio do ridículo ligado à crença que eles apregoam, envolta em todas as sandices que lhe atribuem e julgam que a legenda que a reveste não merece a honra da refutação.

"É assim que eu nunca tive a pretensão de demonstrar que Molière (37) ou Beaumarchai (38) influíram em minhas peças. Parece-me que isto é coisa secundária.

(37) *Molière, Jean-Baptiste Poquelin, comediógrafo francês, nascido em Paris em 1622 e desencarnado na mesma cidade em 1673. Filho de um tapeceiro, camareiro do rei, foi aluno dos jesuítas no colégio de Clairmont, depois fez estudos de direito antes de se dedicar ao teatro. Criou, com os Bèjart, "O Ilustre Teatro", 1643, que fracassou. Dirigiu então, durante quinze anos, de 1643 a 1648, um grupo de atores ambulantes. A partir de 1659, instalado em Paris e protegido por Luis XIV, representou para o divertimento da Corte, ou para o público parisiense, numerosas comédias. Ator, diretor de companhia, criou, verdadeiramente a "mise-en scèoe" e dirigiu com precisão a atuação dos atores. Autor utilizou toda a gama de efeitos cômicos, da farsa mais bufa até a comédia mais requintada. Suas obras primas são as peças em que, combatendo um vício da alma ou uma extravagância do espírito, construiu personagens que se tornaram tipos eternos. A lição de*

*moral que se tira de seu teatro é uma recomendação ao homem para que nunca ultrapasse a medida e permaneça nos limites que o bom senso fixa à natureza humana. Suas principais comédias são: "As Preciosas Ridículas", 1659, "Escola de Maridos", 1661, "Escola de Mulheres", 1662, "Don Juan", 1665, "O Amor Médico", 1665, "O Misanthropo", 1666, "Médico a Força", 1666, "O Avarento" 1668, "Tartufo, O Burguês Gentil-homem", 1870, "As Sabichonas", 1672, "O Doente Imaginário", 1673, Malfere morreu por ocasião da quarta representação desta última peça.*

*(38) Beaumarchais, Pierre Augustin Caron de — escritor francês nascido em Paris em 1732, onde desencarnou em 1799. Aventureiro célebre por suas especulações e processos, fez em "O Barbeiro de Sevilha", 1775, e em "O Casamento de Fígaro", 1784, uma crítica ousada e espirituosa à sociedade francesa. Mas a Revolução, que ele contribuía para preparar, só lhe inspirou um drama lamuriento, "A Mãe Culpada", medíocre prosseguimento ao "Casamento de Fígaro". Suas contendas judiciais com o conselheiro Gozman forneceram-lhe assunto para o livro "Memórias".*

"Quanto às casas dos Espíritos, em Júpiter, pergunto às pessoas de bem, que me supõem convencido de sua realidade, se estão, igualmente, persuadidos de que Gúlliver (39) acreditava em Lilliput, Campanela na Cidade do Sol e Tomás Morus na Utopia.

*(39) Gulliver — Sardou se refere, aqui, a três famosas utopias: a de Tommaso Campanella, "A Cidade do Sol", a de Tomás Morus, "A Utopia" e a "Viagens de Gulliver" de Jonathan Swift. Em vista disto a pergunta mais apropriada seria a de que se Swift acreditava em Lilliput. Swift, escritor irlandês, nasceu em Dublin em 1667 e desencarnou na mesma cidade em 1745. Secretário de um diplomata, posteriormente preceptor de uma jovem a quem dirigiu o "Diário para Stella", ingressou no clero anglicano e tomou parte em lutas religiosas, "A História do Tonel", políticas, "Cartas do Fabricante de fazendas" e literárias, "A Batalha dos livros". Suas ambições frustradas inspiram-lhe uma violenta sátira à sociedade inglesa e à civilização de sua época, As Viagens de Gulliver.*

"Do que não resta dúvida é que o desenho a que vos referis foi feito em menos de duas horas. Pela origem, não dou um vintém, mas, pelo fato, o caso é outro".

Victorien Sardou

## Victorien Sardou e Sarah Bernhardt

O verdadeiro nome de Mme. Sarah Bernhardt era Henriette Rosine. Nascida em Paris, em 1844, desencarnou nessa mesma cidade em 1923. Em 1858 entrou para o conservatório onde chegou a obter um segundo prêmio de tragédia e comédia. Estreou na "Comédie Française" em "Efigênia em Aulis", de Racine, em 1862, despertando a atenção da crítica por seu desempenho. Revelada no Odéon, por sua criação em "O Caminhante", de Coppée, 1869, voltou à "Comédie Française" em 1872. Nessa ocasião, suas interpretações, que se tornaram célebres, deram-se em "Andrômaco" e "Fedra", de Racine e "Hernani" e "Ruy Blas", de Victor Hugo. Em 1880 deixou a França para fazer uma "tourné" por vários países. Nos Estados Unidos, acrescentou "A Dama das Camélias", de Alexandre Dumas Filho, ao seu repertório. Em 1886 excursionou pela América do Sul, — incluindo o Brasil, — apresentando-se depois na Austrália, África e novamente nos Estados Unidos. Em 1893 tornou-se diretora do Teatro da Renascença e, seis anos depois, alugou o Teatro das Nações, a que chamou "Teatro Sarah Bernhardt". Nele, estreou a peça "L'Aiglon", de Rostand, 1901, a ela dedicada. Em 1905 fraturou um joelho, incidente que exigiria, dez anos mais tarde, a amputação da perna. Mesmo assim não renunciou ao teatro. Voltou a excursionar, muitas vezes representando em uma cadeira de rodas, dirigindo-se aos Estados Unidos em 1917. Em 1922, viveu seu último papel em "Régine Armand", de Verneuil. Em 1912 atuou em dois filmes mudos, feitos para o movimento "film d'art".

Expressamente para Mme. Sarah Bernhardt, Victorien Sardou escreveu: "Fedora", — com ação na Rússia, — "Theodora", — um episódio do governo do imperador Justiniano e de sua degenerada mulher, — "La Tosca", "Gismonde", "Espiritisme" e "La Sorcière".

Quando se divulgou a notícia de que Sarah Bernhardt, o próprio monstro sagrado do teatro, universalmente aclamada e que suplantou todos os demais mitos da arte cênica, aceitara representar a peça espírita, um arrepio percorreu e movimentou "tout Paris".

Naturalmente a grande trágica era uma boa amiga do teatrólogo, — já por estas alturas também famoso, — mas suspeitou-se que haveria "algo mais".

A curiosidade cresceu e, finalmente, Mme. Bernhardt concedeu declarações à grande imprensa. Disse que, na realidade, tinha interesse em representar o texto comportando, além da sensação inovadora das idéias e fenômenos espíritas, as qualidades de outros trabalhos do autor. Via a obra Allan Kardec com grande respeito e interesse. Ela mesma sentira a força do "sobrenatural" inúmeras vezes em sua vida. A sua sensibilidade artística ligava-se, naturalmente, a uma sensibilidade mediúnica. Para exemplificar narrou o seguinte:

"Achava-me na América durante uma "tourné". Uma noite sonhei que meu filho, que ficara em Paris, acabava de ser mordido por um cão hidrófobo... Os meus sonhos são, sempre, de uma precisão que chega a me aterrorizar. Anunciam fatos que, freqüentemente, se tornam em realidade. Além disso, neles, as figuras e os acontecimentos tem tanta realidade como se fossem quadros vivos, da vida real.





Mme. Sarah Bernhardt ao tempo em que interpretou a peça espírita de Victorien Sardou.

"Ao despertar, encontrava-me extremamente inquieta. Não consegui controlar-me e expedi um telegrama urgente, pedindo que me dissessem o que se passara. Muitas pessoas julgaram que eu tinha perdido o juízo, e só as mães compreendiam essa loucura, essa angústia aparentemente insensata. Eu precisava saber o que acontecera ao meu filho.

"A resposta não se fez esperar. O telegrama, vindo de Paris, narrava exatamente o que eu vira no sonho. Fiz alguns cálculos e verifiquei que o acidente ocorrera no momento mesmo em que eu sonhara. Felizmente as notícias eram boas: as roupas grossas tinham preservado o meu filho dos dentes do animal hidrófobo. E ele escapara às conseqüências que poderiam ser fatais. Diziam que eu não precisava me preocupar. E repeti cem vezes: "Nada de grave! Nada de grave!!!"

"Quanto a esse episódio eu me tranqüilizei, mas verificara, uma vez mais, o caráter insólito dos meus sonhos. Isso me preocupa seriamente. Relativamente a grande número de pessoas que estimo particularmente,

tive sonhos que antecipavam, nitidamente, acontecimentos ora favoráveis e felizes, ora dolorosos e amargos. Não é difícil compreender o meu terror ante esse fenômeno psicológico ainda não explicado. Os orientais têm, para isso, uma resposta que lhes é muito familiar: "Maktub!", isto é, estava escrito. Mas os maometanos não sabem o que está escrito; o fatalismo deles beneficia a ignorância do que se esconde em seus próprios destinos. A minha angústia, o meu terror, são como os de Victor Hugo. É o impacto terrível que experimentamos quando certas circunstâncias nos permitem folhear, com antecedência, o livro misterioso do futuro.

"Às vezes eu sonho enquanto a ação, no mundo real, está transcorrendo. E o terrível é que me vejo completamente impotente para modificar o acontecimento. Por mais energia que despenda, é inútil. Insurjo-me, resisto, quero lutar. Mas... como?"

"Tal qual acontece no "Fausto", tudo ocorre no momento e no local previstos. Eu não estou fazendo literatura: os fatos ocorrem realmente, até mesmo no momento em que, com toda a minha atenção desperta e tensa, procuro reagir contra eles e vencer a fatalidade".

Em 1923, quando a grande atriz desencarnou, a imprensa do mundo inteiro abriu garrafais para anunciar o sucedido e milhares de artigos comentaram a sua vida e sua obra.

Enquanto se gastavam rios de tinta, coube à publicação norte-americana "The Progressive Thinker" (40), levar ao conhecimento público a notícia mais surpreendente e curiosa.

(40) *"The Progressive Thinker"*, semanário espírita norte americano, fundado por J. R. Francis em 1899. Era editado e publicado por M. E. Cadwallader, em Chicago, Illinois, U.S.A.

Willian H. Watson (41), que então residia nos Estados Unidos, depois de ter vivido em Paris largo espaço de tempo, narrava, através daquela publicação, em seu número de 12 de maio de 1923, suas recordações de Sarah Bernhardt, da qual fora amigo, freqüentando-lhe a residência com ampla liberdade. O seu artigo mostra a atriz como um convicta crente

na sobrevivência do Espírito, dedicando-se, inclusive, à experimentação dos fenômenos do Espiritismo, que ela aceitara "apaixonadamente".

(41) *Watson, William — Poeta inglês nascido em Burley-in-Wharfedale, a 2 de agosto de 1858. Filho de um comerciante não seguiu estudos universitários. Em 1880 publicou um livro de versos, "The Prince's Quest" porém tanto este quanto os que o seguiram não tiveram aceitação até que, em 1890 lançou "Wordsworth's Grave", que deu considerável fama ao seu autor. Suas obras sucessivas confirmaram a reputação de Watson que se distingue pela grande correção de seu estilo e originalidade dentro da escola clássica.*

Watson atribui a grande trágica esta declaração: "Eu estudo a vida das grandes heroínas da História que devo representar e fazer reviver no palco. Quase sempre sinto-as ao meu lado e percebo que a peça teatral lhes faz bem, traz-lhes alívio e concluo que o trabalho resulta, também, em benefícios de mim mesma".

Watson prossegue narrando que o grande compositor Charles Gounod (42) freqüentava sessões em casa de Sarah, as mais das vezes pela tiptologia. A atriz era dotada de várias faculdades mediúnicas. Por vezes os Guias Espirituais solicitavam que se diminuíssem as luzes e, então, Sarah se tornava apta para o fenômeno da transfiguração. Tudo começava de um nimbus de ectoplasma em torno de sua cabeça. De seu corpo promanava uma espécie de exsudação luminosa que, sob o aspecto de raios, logo se alongavam a uma distância de quatro pés. Seus traços se tornavam etéreos, sua voz articulava palavras de um vocabulário de linguagem hierática, compreendida apenas por um egiptólogo, que assistia às sessões. Essa entidade também se expressava em francês, porém com forte acento estrangeiro.

(42) *Gounoud, Charles — Compositor francês nascido em Paris no dia 17 de junho de 1818, desencarnado em Saint Cloud, no dia 18 de outubro de 1893. Discípulo de Halevy e Le Sueur, no Conservatório, e de Paer, obteve em 1839 o prêmio de Viagem a Roma, onde permaneceu durante três anos, dedicando-se à composição de música religiosa, "Messe solennale" em 1841; "Requiem", Viena, 1842. Em seu regresso obteve o posto de diretor de música religiosa das Missões Estrangeiras e esteve inclinado a ordenar-se sacerdote. Em 1851 fez um ensaio pouco afortunado como compositor de ópera, "Sapho", refundida em 1884. Pouco a pouco inclinou-se para a música profana, para o que contribuiu seu cargo de diretor geral do Orfeão de Paris, como, também, o seu conhecimento da música de Schumann. Compôs então três sinfonias, peças para piano, sua meditação sobre o primeiro prelúdio de Bach, a célebre "Ave Maria".*

Watson foi testemunha desses fenômenos e cita outras personalidades que igualmente assistiram aos fatos: o Almirante Veron, o conde Sancey, o conde de Buffon, Jules de Launay, o Dr. Chimmery. Também Victor Hugo constatou as faculdades mediúnicas de Sarah que "desde pequena, tinha por hábito passear sozinha nos bosques de Versailles e de Satory, onde dialogava muito naturalmente com seus Espíritos Familiares".

Watson escreve: Com ela era possível obter-se fenômenos de materialização, mas, ao contrário da maioria dos outros médiuns, durante todo o tempo que durava o fenômeno, ela não perdia nenhum peso. Finalmente Watson, que conheceu bem o mundo parisiense, onde viveu trinta anos, termina afirmando que na época em que com ela conviveu, Sarah Bernhart era espírita.

Não satisfeito com a notícia. Jean Meyer (43) que, na época era o diretor da "Revue Spirite" em seu número de julho de 1923 solicitava aos leitores melhores informações a respeito.

*(43) Meyer, Jean — industrialista francês, fervente admirador da doutrina espírita segundo Allan Kardec. Foi o fundador da "Maison des Spirites, situada no número 8 da Rue Copernic, em Paris, vendida recentemente, e que esteve sob sua supervisão até sua morte ocorrida em 13 de abril de 1931. A "Maison" era especialmente destinada à difusão do Espiritismo. Jean Meyer fundou o "Institut Métapsychique International" dedicado à pesquisa psíquica, que foi considerado de utilidade pública pelo governo francês em 1919. Criou essas instituições com parte de sua fortuna pessoal e, pouco antes de sua morte instalou uma aparelhagem de infra-vermelho ao custo de 200,000 de francos.*

Outra vez, pelo "The Progressive Thinker" Willian H. Watson reafirmava a sua narrativa, esclarecendo:

"As sessões com Sarah Bernhart eram realizadas em Versailles 14, Avenida Saint-Cloud, e eram dirigidas pelo químico E. Fremy".

Uma outra testemunha escreve:

"Os Espíritos apareciam perto de Sarah Bernhart. Eram de uma substância extremamente volátil e transparente. Podia-se vê-los facilmente se formando, cercados por uma luminosidade etérica, à frente da mesa. Entidades do tempo de Luis XIV (44) se apresentavam: viu-se antigos ministros e mulheres célebres da História. Por meio de

duas ardósias, amarradas, uma contra a outra e seladas, certos Espíritos fizeram saber, escrevendo e assinando, que prosseguiram interessados pelo destino da França. Comparavam-se sempre sua letra com textos redigidos por eles, outrora: a caligrafia era idêntica.

*(44) Luis XIV — O Grande (Saint-Germain-en-Laye, 1638 — Versalhes, 1715), rei de França (1643-1715), filho de Luis XIII e Ana da Áustria. Na ocasião da morte do pai, Luís XIV tinha apenas cinco anos. Sua mãe tornou-se regente e escolheu Mazarin para governar. Quando jovem, o rei sofreu todos os inconvenientes causados pelos distúrbios da Fronde. Foi sagrado em Reims (1654). Em 1660 desposou a infanta da Espanha, Maria Teresa. Seu reinado pessoal começou com a morte de Mazarin (1661). Um de seus primeiros atos foi afastar Fouquet. Colbert, convocado para o controle geral das Finanças (1661), dedicou sua atividade ao restabelecimento da ordem no domínio financeiro e econômico. A preocupação com a unidade religiosa fê-lo entrar em conflito com o papado (questão do direito de regalia), levou-o a revogar o edito de Nantes (1685), a perseguir os jansenistas. Esse longo reinado, tão glorioso, acabou arruinando o país.*

"Um dia, Fremy tentou e teve êxito em uma curiosa experiência. A "Ave Maria", cantada por um coro, soava na penumbra. Viu-se então se formar, luminosas em um espelho, as iniciais de Sarah Bernhart e da República Francesa, RF.

"Jean Colbert (45) escreveu na ardósia: "Os reinos caem e se modificam em formas superiores. Meu dever é vos dizer que esses reinados são apenas extintos em termos terrestres, pois prolongam sua existência em aspecto espiritual".

*(45) Colbert (Jean-Baptiste), estadista francês (Reims, 1619 — Paris. 1583). Recomendado a Luís XIV por Mazarino, de quem era pessoa de confiança, contribuiu para a queda de Fouquet. Foi superintendente dos Edifícios (1664), inspetor das Finanças e, mais tarde, secretário de Estado da Casa do Rei (1668). Trabalhador infatigável passou progressivamente a exercer sua atividade em todos os domínios da administração pública. Favoreceu a indústria e o comércio através de medidas protecionistas; importou artesãos estrangeiros, multiplicou as manufaturas do Estado, reorganizou as finanças, a justiça e a marinha, criou o regime de inscrição marítima e o de caixa de pensão dos inválidos, deu o maior impulso à Companhia das Índias Orientais favoreceu o "povoado" do Canadá. Além disso, incentivou as artes e as letras. Membro da Academia Francesa constituiu em 1663 um "conselho", do qual resultou a Academia das Inscrições. Fundou em 1666 a Academia das Ciências; em 1667 criou o Observatório; incentivou Le Brun. A partir de 1671, tentou em vão lutar contra as despesas reais, e sua influência declinou em favor de Louvois.*

"Hoche (46) escreveu: Eu predigo uma nova religião que satisfará às necessidades das gerações que surgem. Boa gente, acolhei a vinda do ensinamento espiritual com simpatia e honestidade de intenções."

*(46) Hoche, Lazare — general francês nascido em Montreil, perto de Versalhes em 1768. Desencarnou em Wetzlar, Prússia Renana em 1797. Ingressou aos 16 anos no regimento da guarda francesa e foi feito sargento. Sua ânsia de saber fez com que lesse Rousseau, cujas obras nele despertaram grande amor pela causa da liberdade. Na defesa de Dunkerque contra os ingleses lutou com tal arrojo, que obteve uma promoção a general de brigada e, logo em seguida, a general de divisão.*

"Algumas sessões foram assistidas por Lord Lyons, embaixador britânico e pelo filósofo Swamy Bhakta Vishita. Vimos espíritos hindus com vestidos à moda de seu país, executados em tecidos mais sutis, mais finos que os europeus. Alguns falavam em francês, com acento estrangeiro. Eles nos sugeriram que mudássemos a forma de nossa atividade, retornando a beatitude búdica, à vida simples; que nos tornássemos vegetarianos e que amássemos, de igual maneira, todas as criaturas de Deus".

"Houve outras sessões com Sarah e o pintor Wistler (47) na residência de Willian e Laeticia Scott no n.º 92, Cheyene Welchelsea perto de Londres. Scott era professor na Kesington Art School e eminente crítico. As pessoas de sua vizinhança chamavam a sua residência "a casa do mistério". A imprensa noticiou essas reuniões e ridicularizou-as.

*(47) Whistler, James — pintor norte-americano nascido em Lowel, em 1834, desencarnando em Londres em 1903. Foi um dos grandes nomes no terreno das artes plásticas, em seu tempo, celebrizando-se como autor de retratos e quadros de estilo próximo ao dos impressionistas.*

"Tivemos inúmeros fenômenos, deslocação de objetos sem o contacto de mãos, batidas nos quadros e no soalho. Havia, também, uma voz que respondia às nossas perguntas. Por vezes, em torno de Sarah e de Whistler vimos luzes bastante intensas e capazes de iluminar a sala.

"Uma noite, Du Maurier (48), o famoso autor de "Trilbe" foi completamente coberto por um véu leve, diáfano, luminoso, — hoje em dia dir-se-ia ectoplasmático. Este véu cobria os pés dos assistentes. Uma

voz permitiu a Sarah aproximar a mão e tocou o braço de Du Maurier, através do tecido misterioso. Nestas sessões em Chelsea, nunca tivemos médiuns profissionais. Além disso Whistler era médium. Um dia em Venesa ele contou-me ter tido uma visão da rainha Úlrica, da Suécia.

*(48) Du Maurier, George Louis Palmella Busson, pintor e escritor nascido em Paris em 1834. Seu pai naturalizou-se inglês, pertencia a uma família francesa que havia emigrado durante o Terror. Du Maurier, avô da grande romancista inglesa Daphné Du Maurier, foi educado na Inglaterra e na França. Ele descreve a sua infância e mocidade na obra "Peter Ibbetson, a primeira das novelas que publicou e com a qual obteve grande reputação, igual, aliás, à de que gozava como desenhista e humorista. Depois de ter-se dedicado por algum tempo, a estudar Química, decidiu-se a dar todo o seu tempo ao desenho, publicando-os no jornal "Punch", de Londres, o primeiro deles em 1860. Quando Leech desencarnou, em 1865, como colaborador assíduo da célebre revista londrina, foi sucedido por Du Maurier, que teve a sua colaboração nos 36 anos que se seguiram. Colaborou também nas revistas "Once a Week" e "Corne Hill Magazine". Ilustrou a obra de Jerraud "Story of a Feather" e o "Esmond", de Thackeray. Em 1885 expôs uma série de obras na "Sociedade Real de Aquarelistas", da qual pertencia desde 1881. Du Maurier desencarnou em Londres no dia 8 de outubro de 1896.*

Em Paris as sessões com Eusápia Paladino e Cesare Lombroso, foram muito interessantes. Várias vezes Sarah Bernhardt assistiu-as. Realizavam-se no Boulevard Haussmann. Sarah viu longos filamentos sair das mãos da médium, envolverem-se em seus braços e irem tocar a parte posterior de sua cabeça. Victorien sardou foi tocado no rosto: “Um contacto de veludo” disse ele. Acrescentou ainda que Madame Sarah Bernhardt se interessava vivamente pelos métodos e processos da cura espiritual, que admitia, nela crendo sem vacilação”.

Embora falte maior documentação, para levar mais longe a pesquisa, vê-se que não foi ao sabor do acaso que atriz aceitou representar o personagem central da peça espírita de Victorien Sardou.



## Teatro da Renascença

Esta comédia dramática, editada pela primeira vez, é, sem dúvida a obra mais ignorada de Victorien Sardou; ela conquistará a atenção do leitor pela ousadia de sua concepção. Através dela o autor não teme afirmar, publicamente, sua crença na sobrevivência do Espírito e a possibilidade que, em certos casos, têm os supostos mortos de prová-la.

Jean Sardou



## Distribuição de papéis na primeira representação

Simone... Mme. Sarah Bernhardt  
Thecla Valilescu... Marguerite Carom  
Raymonde... Labady  
Gilberte... Desvergers  
Delphine... Gournay  
Mére Garin... Boulanger  
D'Aubenas... M. Brémond  
Valentin Clavières... Deval  
Dr. Parisot... Laroche  
Stoudza... Paul Plan  
Dr. Davidson... Ripert  
Marescot... Angélo  
Goerges d'Aubenas... Mysm  
Philippe... Colas  
Yvon... Mlle. Seylor

# L'ILLUSTRATION

55<sup>e</sup>  
Année.

PARIS :  
13, RUE SAINT-GEORGES

ABONNEMENTS :  
36 francs par an.

*Ce Numéro-Programme est distribué gratuitement.*

THÉÂTRE DE LA RENAISSANCE



M<sup>me</sup> SARAH BERNHARDT

## SPIRITISME

Comédie en trois actes, de M. VICTORIEN SARDOU

LE PROGRAMME DE « SPIRITISME »  
*par Muche.*

Programa da apresentação da peça no  
"Théâtre de la Renaissance", em Paris.



Mês de agosto em Saint-Jean-de-Luz. (49)

*(49) Saint-Jean-de-Luz — porto e estação balneária no Oceano Atlântico. Nele existe uma igreja basca, onde foi celebrado o casamento de Luis XIX.*

É noite. Um salão de casa de campo.

À direita, no primeiro plano, lareira.

No segundo plano, porta abrindo para o interior.

Ao fundo, à direita, larga porta-janela de duas folhas, abertas de par em par para um terraço que domina o jardim.

Ao longe, além do jardim, à esquerda, o mar. À direita outras casas de campo.

À esquerda desta abertura o salão prolonga-se em um pequeno recanto cercado por um sofá.

Ao centro, a mesa.

À esquerda porta de entrada para o primeiro plano cujos móveis, mesas, cadeiras, canapés, mesinhas etc., se harmonizam com o estilo da lareira.

## Primeira Cena

Marescot, Georges des Aubiers, Théccla e Gilbert em cena.

Vê-se, no terraço, Simone, Raymonde, Valentin, D'Aubenas, Douglas e Mikael.

Douglas e D'Aubenas olham ao telescópio. Georges e Marescot, assentados à direita, fumam. Théccla e Simone, recostadas no canapé mais ao fundo, conversam com des Aubiers. Os outros personagens estão assentados ou de pé no terraço:

Marescot a Georges: — Foste a Fontarabie?

Georges: — Anteontem, com minha mulher.

Marescot: — O que achaste daquilo?

Georges: — Oh! Ela ficou encantada! As ruelas escarpadas... as sacadas arredondadas... as grades espanholas... Raymonde sonhava com serenatas, alcaides, janelas escaladas, brigas com aqueles porretes longos... É uma romântica irreduzível.

Marescot: — tu não és?

Georges: — Oh! Eu? De modo algum.

Marescot: — Tu és antes um oriental.

Georges: — Sim, de preferência!... A sesta, o kieff... Detesto o movimento e tenho uma mulher que não pode ficar parada! Ela quis a todo preço vir a Saint-Jean-de-Luz passar uma quinzena na casa de meu irmão. Amanhã partiremos a fim de passarmos outra quinzena em Roscoff, na casa de minha mãe. E depois disso será ainda preciso ir a Aubenas.

Des Aubiers que desceu para pegar e acender um charuto: — Abrir a caça?

Georges: — Não! Eu acho a caça fatigante!

Des Aubiers: — Aubenas fica nos arredores de Poitiers?

Georges: — A três léguas, à margem do Clain. Estarás lá?

Des Aubiers: — Depois de voltarmos da Espanha. Prometi a Gilberte mostrar-lhe Granada...

Gilberte: — Certamente!

Des Aubiers: — Parece que é muito bonita essa propriedade de seu irmão.

Georges: — Aubenas? Sim, muito bonita.

Marescot: — Soberba!... Bosques admiráveis, águas correntes...

Des Aubiers: — Teu irmão aprecia muito a propriedade?

Georges: — Oh! Ele! Tudo o diverte: ceva, arqueologia, sementeiras, astronomia, vindimas, física, coudelaria, história e até psicicultura. Somente em vê-lo fico exausto...

Des Aubiers: — Lá está ele com o doutor Davidson a olhar na sua luneta as montanhas da Lua.

Marescot: — É de se admirar este escocês com as suas experiências!

Des Aubiers: — De princípio ficamos aturdidos e, no dia seguinte, perguntamo-nos se não estávamos sendo ludibriados por um charlatão!..

Georges: — Isto me deixa indiferente.

Des Aubiers: — Estou curioso de saber o que pensará disso seu amigo que chegou na hora do jantar e que, neste momento, conversa no terraço com tua cunhada.

Georges: — Clavières?

Des Aubiers: — É teu primo, não é?

Georges: — Por casamento! Clavières e Simone tiveram por mães duas irmãs. Elas foram educadas juntas na casa do pai de Simone, o qual recolhera seu sobrinho órfão desde a infância. De sorte que cresceram com uma amizade e uma intimidade fraternais.

Des Aubiers: — É solteiro este Clavières?

Georges: — Solteiro muito a seu gosto. É outro que também não pode ficar parado. Já esteve em toda parte. No momento regressa da Índia na companhia de uma belíssima dama, Lady Barlington, cujo marido está em Londres, doente, pois, como eu, não pode se manter tranqüilo.

Des Aubiers rindo: — E então?

Georges: — Tudo muito certo! Uma ligação tão séria que é quase oficial, esperando-se que a morte do bom lorde permita torná-la legítima!

Des Aubiers: — Eis aqui a tua cunhada.

## Segunda Cena

Os mesmos, Simone, Gilberte, Valentin, que desceu com Mikael; depois d'Aubenas e Douglas.

Simone entra pelos fundos com Gilberte, que torna a encontrar à esquerda, juntamente com Thécla e Raymonde com quem ela desce pouco depois. Simone ao entrar na cena conversa com Valentim e Manuel.

Marescot: — É o frio que te põe em fuga?

Simone: — O vento sopra com mais intensidade.

Marescot: — E pretendes partir ainda esta noite?

Simone: — Sim! Prefiro viajar à noite. Thécla e eu dormimos muito bem no trem. (A Thécla que desce.) Não é mesmo Thécla?

Thécla: — Oh! Eu durmo até andando. Como os soldados!

Marescot: — Que dispersão! A tua partida e a da condessa para Poitiers! Amanhã a partida de Georges para Roscoff, a minha e a de teu marido para Cherbourg. E o casal des Aubiers...

Des Aubiers: — Para Saint Sebastien...

Marescot: — E o senhor?

Manuel: — Para Bordeaux!

Marescot: — O senhor também partirá?

Valentin: — Para a Escócia!

Georges: — E dizer que estaríamos tão bem em Paris!

Raymonde: — Oh! Meu Deus! Tens Paris à tua disposição durante todo o inverno...

Simone: — E é mais do que o suficiente.

Gilberte: — Achas?

Simone: — Oh! Deus sabe: Eu nunca tenho pressa em voltar para lá e ficar girando como um pônei de picadeiro no mesmo círculo, nos mesmos jantares, com os mesmos convivas, os mesmos espetáculos onde se vê sempre a mesma peça! Passeios nos mesmos bosques a indefectíveis horas; e visitas às mesmas pessoas que também pouco se importam em receber-nos ou não, sentimento, aliás, que experimentamos. Que estopada! O inglês tinha muita razão ao lamentar-se: "Sem os prazeres do mundo a vida seria quase insuportável".

Gilberte: — Mas é tudo muito divertido...

Simone: — Para ti, queridinha, que saís do convento.

Gilberte: — E as reuniões, os concertos, os gardenparties, (50) os concursos hípicas, as corridas, as exposições, o Grande Prêmio...

(50) *Garden Parties* — no inglês no original. Festa dada ao ar livre, em um parque ou jardim.

Simone: — Sim, é encantador no começo: Mas quando tiveres freqüentado tudo isto durante dez anos!... (Designando Valentin.) Eis um que invejo. Como ele viaja!...

Valentin: — Isso depende exclusivamente de ti!

Simone: — A Suíça!... Ah! Se eu fosse homem... ou livre!...

Valentin: — Para onde irias?

Simone: — Até o fim do mundo! Como tu!

Valentin: — Com que finalidade?

Simone: — Para mudar de ares e viver à minha maneira! Para conhecer um pouco a fome e o apetite; a fadiga da caminhada e o sono reparador sobre o musgo, à luz das estrelas! Para, nas campinas, pisar as altas relvas, de selvagens perfumes. Para satisfaze-me, dessedentar-me, nadar nas belas águas virgens de um rio de verdade, no qual não role a lama entre trilhos de estrada-de-ferro e chaminés de fábricas...

Valentin: — Sim!... mas há feras a valer. Não poderias nadar no teu rio verdadeiro porque nele flutuam jacarés de verdade. Tu não pisarias as altas relvas olorosas das campinas porque ali passeiam as serpentes. E os mosquitos impedir-te-iam de dormir sobre os musgos onde



fervilham as formigas vermelhas, as aranhas e as centopéias deste tamanho...

Gilberte com asco: — Cruzes!...

Georges: — Foi bom que avisaste a tempo!

Simone: — Então porque vais a esses países.

Valentin: — Pelo prazer de ter ido. O que de melhor há na viagem é recordá-la, às vezes no inverno, no canto de uma lareira, depois do jantar, fumando um charuto. Então evoco o passado!... Revejo-me há seis anos, à mesma hora, sobre um afluente do Amazonas, entre duas margens orladas de árvores gigantescas, formando uma abobada sobre minha cabeça!... Um túnel de vegetação atravessado pelas flechas de ouro do Sol-poente. E digo a mim mesmo: "Como era belo!" Mas naquele momento eu estava em uma canoa furada, à mercê de dois índios suspeitos, sem outro alimento senão o produto duvidoso de minha caça, pão embolorado e conservas em óleo rançoso. Eu tiritava de febre, sofria de um entorse, estava atormentado por mosquitos e moscas negras! E pensava: "Oh! A estas horas os Champs Elisées, à luz elétrica! Que belo país é a França!... Oh! um Chateaubriant bearnaise (51)! Que rica natureza!..."

(51) *Chateaubriant bearnaise* — *filé de vaca mal passado na chapa à maneira bearnesa.*

Simone: — O prosaico!

Valentin: — Oh! A romântica!

Das Aubiers: — Já foste à Índia?

Valentin: — Estou chegando de lá.

Marescot: — Viu os faquires?

Valentin: — Faquires? Sim!

Marescot: — É certo que, aos nossos olhos, colocam uma semente na Terra e fazem surgir, em menos de uma hora, um arbusto com todas as suas folhas? Viste isso?

Valentin: — Não, mas presenciei algo tão curioso quanto isso.

Raimonde: — Por exemplo?

Valentin: — Por exemplo um certo Soydraky...

Marescot: — Um faquir?

Valentin: — Um faquir sim! Estendia uma camada de areia muito fina, que alisava com cuidado. Eu lhe atirava uma caneta de bambú. Ele a colocava sobre a areia, depois distanciava-se uns três metros, estendia-se no solo, caía em catalepsia. Permanecia imóvel e rijo como um cadáver. Eu tirava minha caderneta de apontamentos para anotar tudo quanto se passava. No exato momento em que meu lápis traçava a primeira letra, o bambú, atirado sobre a areia, erguia-se por si mesmo. (Exclamações.) Sim, por si mesmo, sem que o faquir fizesse o menor gesto. E sobre a areia, a caneta seguia exatamente os movimentos do meu lápis sobre o papel. Quando eu cessava de escrever encontrava, grafada na areia, as frases que deixara anotadas na caderneta! (Exclamações de todos.)

Gilberte: — Não é formidável?

Marescot: — Inacreditável!

Thécla: — Hábeis prestidigitadores! Eis tudo!

Valentin: — Evidentemente! Mas é impossível surpreender-se a mistificação, descobrir-se o truque. O espetáculo não decorre em teatros, em palcos dotados de subsolos e alçapões, fios elétricos, etc.. O fenômeno ocorre sobre a Terra nua, sob a ação de um homem nú, em plena luz do dia e são empregados os nossos próprios objetos. E notai que o faquir não aceita nenhum pagamento, nem mesmo um presente.

Simone: — Tudo por amor à arte?

Valentin: — É uma arte sagrada, da qual dizem ser discípulos!

Thécla: — Dão alguma explicação para o fenômeno?

Valentin: — Sempre a mesma! "Eu me preparo", — dizem eles, — "durante anos, através da abstinência, o jejum e a maceração. E evoco os espíritos de meus ancestrais, os quais fazem tudo o que vedes. Sou apenas um instrumento!"

Marescot: — Um médium!

Simone: — É bom que te seja dito, meu bom Valentin, que acabas de entrar em pleno domínio do Espiritismo!

Valentin: — Não me digas que também fazeis girar as mesas!...

Gilberte: — Há quatro dias.

Valentin: — E o médium?

Raymonde: — O doutor Davidson!

Valentin: — E são animadores os resultados?

Simone: — As duas primeiras sessões foram medíocres...

Thécla: — Oh! Sim? E depois?

Simone: — Parece que ontem à noite, enquanto estas damas e eu estávamos no Cassino com este cavalheiro (Ela designa Mikael.) assistindo a uma representação de uma companhia de teatro itinerante, estes senhores obtiveram melhores manifestações.

Raymonde: — Oh! Mas é excitante!

Gilberte: — Às duas horas da madrugada Arthur acordou gritando: "Mas é inaudito! Espantoso! Não é possível duvidar-se!"

Des Aubiers: — Sim, mas esta manhã ao despertar...

Gilberte: — Ele me disse! "E se foi um logro?"

Marescot: — Pois sim! No momento diz-se: "Oh!", mas no dia seguinte, com sangue frio, pensa-se: "Será que eu vi mesmo?" D'Aubenas, dizendo estas últimas palavras desceu até Douglas, acendendo um cigarro.

Des Aubiers: — E daqui a três dias meu amigo Marescot dirá: "Nada vi!" E isto para evitar as caçadas!

Marescot: — Ora esta!

D'Aubenas: — Confessa! Não és o único.

Thécla: — Admites certamente que eu seja uma incrédula?

D'Aubenas: — Certamente. Quando não se constatou nada...

Valentin: — Como eu.

D'Aubenas: — Foste testemunha, não foste?

Valentin: — De nada! prometiam-me maravilhas. Eu ia... Nada! Terminei por acreditar que zombavam de mim.

Thécla zombeteira: — Quem? O doutor ou os espíritos?

Valentin: — Ah! É oportuno perguntar-se. Há farçantes no outro mundo?

Douglas: — Certamente.

Thécla a meia voz: — Eu creio que os farçantes existem, mormente neste mundo!

Valentin a D'Aubenas: — Vejamos, caro amigo. Falando sério não acreditas nesses espíritos, não é?

D'Aubenas: — Deixo ao doutor a responsabilidade desta explicação e me atenho à realidade dos fatos que são incontestáveis. Quanto às causas...

Valentin a Simone que há algum tempo conversa com Mikael sem ouvir o que se diz: — E Simone? O que diz ela disso tudo?

Simone: — Oh! Eu? Tu sabes... estas coisas!... Ela volta a conversar com Mikael.

Valentin: — Ah! Bem... se alguém predissesse a Voltaire que cem anos após a sua morte os parisienses se divertiriam com histórias de almas do outro mundo, como o povo do seu tempo, nos serões noturnos, ele teria, sem dúvida, ficado indignado.

D'Aubenas: — Mas como teria ele recebido Welche, o homem que lhe predisse, que de Ferney (52) ele poderia ouvir representar Merope (53) na Comédia Francesa?

*(52) Ferney Voltaire — aldeia do Departamento francês de Ain, sobre uma colina, junto à fronteira da Suíça. Célebre por ter sido residência de Voltaire que, em 1758, adquiriu o domínio do Palácio que guarda recordações suas, até sua morte ocorrida em 1778. Instalou na povoação uma fábrica de relógios e fez construir a capela com as seguintes inscrições "Deo erexit. Voltaire, 1761". Em 1890 se lhe erigiu um monumento. Em 1878 deu-se o nome de Voltaire oficialmente ao povoado.*

*(53) Mérope — mulher de Cresponte, rei de Messenia. Há três tragédias com este título: a de Voltaire, considerada a melhor do autor (1743), uma de suas melhores produções.*

Des Aubiers: — E, depois, Voltaire está fora de moda, enquanto que as almas do outro mundo voltam à moda...

Marescot — O fato é que nunca se falou tanto em aparições, casas mal-assombradas, satanismo, missa negra!

Raymonde com interesse: — Oh! As missas negras.

Georges suavemente: — Raymonde, minha querida!

Raymonde no mesmo tom: — Sim, querido...

Des Aubiers: — E de ocultismo, de feitiço e de quiromancia...

Simone: — Oh! E o triunfo de Stoudza, a quiromancia. Mostrai-lhe as vossas mãos e ele vos predirá a todos os vossos destinos... (Exclamações.)

Raymonde e Gilberto a Mikael: — Oh! Contai — contai!

Mikael se defendendo: — A senhora D'Aubenas me atribui um talento que não, possuo.

Simone: — Vamos, não te faças de modesto. Disseste-me coisas surpreendentes...

Gilberto a Mikael: — Vamos, vamos, senhor Stoudza!

Raymonde: — Não te faças de rogado!

Mikael: — Para obedecê-la então... vá lá!

(Todos rodeiam Mikael a quem as mulheres mostram as palmas de suas mãos. Exclamações e risos de tempos em tempos durante a cena seguinte. D'Aubenas e o doutor se dirigem para a direita, em direção ao terraço.)

Valentin arrastando uma cadeira e se assentando perto de Simone: — Conversemos um pouco, pois vamos nos separar e eu não terei tempo de te dizer algo de mais sério.

Simone: — Não irás abrir a caça em Aubenas?

Valentin: — Não! Vou caçar a grouse (54) na Escócia.

(54) *Grouse* — pássaro galináceo que habita ali altas montanhas da Europa.

Simone: — A tua inglesa nunca te dá folga?

Valentin: — Bem pouca!

Simone: — E irás passar o Inverno nas índias com ela?

Valentin: — Não... No Egito desta vez!

Simone: — Desse modo em breve não te verei mais!

Valentin: — E só minha a culpa? Eu chego... tu partes...

Simone: — Esta noite...

Valentin: — Com Robert?

Simone: — Não! Ele estará em Paris por dez dias. Trata-se de um congresso científico e ele irá apresentar um relatório a respeito de não sei o que. Chegará, a Aubenas somente na semana seguinte, ao mesmo tempo que eu.

Valentin: — Não vais para lá diretamente?

Simone: — Não. Antes vou passar oito dias em Noiselle, uma propriedade que Théccla recentemente adquiriu, distante duas léguas de Aubenas.

Valentin: — Estás tão íntima assim dessa condessa?

Simone: — Théccla? E uma excelente amiga. Conheci-a aqui mesmo, no ano passado quando salvou a nado aquele jovem que se afogava. Nós nos visitamos constantemente neste inverno e eu me sinto satisfeita em todos os nossos encontros. Não a conheces ainda?

Valentin: — Oh! Já a conheço. De apresentação. E romena, não é?

Simone: — Sim!

Valentin: — Esposa de um padeiro.

Simone: — Théccla?

Valentin: — Que ela deixou bruscamente para se aventurar até o dia em que a generosidade de um grão-duque qualquer lhe deu sua fortuna atual e esse título de condessa qualquer-coisa...

Simone protestando: Oh! Esse romance!... Ela é viúva de um general húngaro. Quem te contou isso?

Valentin: — O barão Walferstein, secretário da Embaixada da Áustria em Londres que havia comprado dela choux à la crème. (55) Isso comprometeu-a.

(55) *Choux à la crème* — Massa fofa e oca, recheia da de creme.

Simone: — Ora esta agora. Contar-lhe-ei o episódio. Vai se divertir muito.

Valentin: — Acreditas? E aquele precioso, aquele bonitão, de onde saiu?

Simone: — Mikael?

Valentin: — Sim.

Simone: — E um sérvio... de Belgrado.

Valentin: — Solteiro? Casado?

Simone: — Celibatário.

Valentin: — Ah! E a profissão?

Simone: — Nenhuma. Ele tem pequenas propriedades em seu país. Dão rendas.

Valentin: — E um vizinho de d'Aubenas?

Simone: — Não, mas já veio passar o verão do ano passado em Saint-Jean-de-Luz. Este ano alugou uma casinha ali em frente, do outro lado da rua.

Valentin: — Parece-me que ele se sente excessivamente familiar aqui.

Simone: — E um rapaz muito complacente, afável, bom músico. Publicou uma coleção de melodias sérvias encantadoras: "Os écos do Danúbio".

Valentin: — Ah! Eu conheço isso.

Simone: — Certamente!

Valentin: — "Os Ecos do Danúbio", por Mikael Stoudza.

Simone: — Sim!

Valentin: — Aí está. O autor é aquele cavalheiro... Pois bem, há uma bela história a seu respeito!

Simone: — Que história?

Valentin: — Não a conheces? A pequena Sarah Vendenyver, a filha do banqueiro que ele tentou comprometer a fim de esposá-la...

Simone: — Quem ousou inventar isso?

Valentin: — A moça cometeu a tolice de escrever uma carta na qual dizia mais do que havia acontecido. A polícia foi envolvida e o galanteador teve que restituir a carta a força...

Simone: — É uma calúnia. Mikael contou-me a coisa tal como sucedeu. A ingênua anamorouse dele e foi ele quem preveniu o pai para não ser acusado de seduzir uma menor.

Valentin: — Tão angélico! Quanta boa fé!

Simone: — Mas foi o que aconteceu.

Valentin: — Admitamo-lo! Talvez seja melhor! Admitamo-lo. Mas que ardor de tua parte em defendê-lo, minha querida!

Simone: — Tenho horror à mentira! (Simone interrompendo-o:) — Se vieste só para falar mal de meus amigos... (Ela faz menção de levantar-se. Valentin fazendo-o assentar-se)

Valentin: — Vamos! Vamos! Eu sou o melhor dos teus amigos, tu o sabes, não é? E o mais velho. Aquele que, ainda garoto, carregava-te nos braços para não molhares os teus pezinhos no orvalho da manhã. E que apanhava borboletas para ti. Teu excelente pai, que tanto te mimava... Deus o sabe!... investira-me da autoridade de zelar por ti e de ralhar quando necessário, como um irmão mais velho. Não se corrigem hábitos antigos. Eu velo ainda e ralho um pouco como um bom cão de guarda que não pode se resignar a deixar de grunhir diante de pessoas suspeitas... Arrisca-se a que se o faça voltar para o canil.

Simone: — Sabes bem que, de ti, aceito tudo e que podes dizer o que quiseres, sem que isso me agaste.

Valentin: — Então? Continuo?

Simone: — Se queres!...

Valentin: — Sim, pois que o assunto te interessa.

Simone: — És singular! Vai, vai! Resmunga ao teu bel prazer...

Valentin: — Quando passei por Paris este inverno, notei em ti a lassidão e a saciedade que resultam, forçosamente, de uma vida tão desocupada quanto a tua. E pensei: "Eis minha querida Simone em uma situação perigosa". A ociosidade leva ao tédio e, do tédio, a todas as tolices... Na tua idade, segundo Balzac, toda mulher dá-se conta de que é uma vítima do status social!

Simone: — Isto é verdade!

Valentin: — Mas nós, os homens somos as vossas vítimas, isto restabelece o equilíbrio! Na tua idade, digo eu, aquela que não foi salvaguardada pela frieza de seu pensamento, com grande preocupação para com seus deveres, deixa-se levar pela curiosidade, por espírito de



imitação, pela necessidade de emoções novas, violentas, que fustiguem seus nervos, pelo desejo de ter, ela também, seu pequeno romance, do qual a melancólica conclusão é a de que o amor ilegal não difere sensivelmente do legítimo e que não vale a pena procurar tão longe uma felicidade que mora tão perto e que, ela a possui a domicílio.

Simone: — Que sermão! Foi a tua inglesa quem te moralizou a tal ponto?

Valentin: — Zombas de mim, mas se faço tolices, isso importa em menos proveito que a experiência vinda dos outros em teu proveito.

Simone: — E a propósito de que?

Valentin: — Simone, querida, és uma exaltada, uma impulsiva, uma apaixonada, vítima de tua imaginação. Quando eras pequena nunca pude convencer-te de que os cogumelos, com as mais belas cores eram os mais venenosos e não é preciso ser um feiticeiro para, constatar que, neste justo momento, essa imaginação se desprende para praias longínquas e te faz desprezar com desgosto o bom caminho atapetado de areia e a vereda fácil da felicidade conjugal.

Simone: — Pois bem! Falemos dessa felicidade.

Valentin: — Não tens um bom marido, o mais honesto possível?

Simone: — Sim: Quanto a ser honesto e bom, sim!

Valentin: — E que te ama!

Simone: — A sua maneira.

Valentin: — Não sejas tão má! Ele satisfaz todos os teus caprichos, não tem outras vontades senão as tuas, dá-te toda liberdade, não é nem déspota, nem egoísta, nem rabugento, nem ciumento...

Simone: — Oh! Isso não!

Valentin: — Tens queixas a fazer contra ele?

Simone: — Essa satisfação que tem relativamente a si próprio e que lhe dá tanta segurança é, às vezes, irritante. E nisso terás que concordar comigo...

Valentin: — E concordo.

Simone: — Ele parece dizer: "Oh! Estou muito tranqüilo, não sou daqueles que cometem enganos. Minha mulher não é daquelas que excitam paixões!... "Isto me dá ganas de gritar-lhe: "Tu não és tão perfeito quanto pensas e eu não sou tão desprezível quanto te parece!..."

Valentin: — É uma arte requintada essa que tornas um crime. Ele tem confiança.

Simone: — Isso tudo é indiferença! Eu sei! Ele não se preocupa comigo, não pensa senão em sua fisiologia, em sua biologia!

Valentin: — Depois de oito anos de casamento queixas-te por não teres a censurar-lhe outras rivais senão essas!

Simone: — E isto é um prêmio?

Valentin: — Ora, Simone minha querida...

Simone: — E como se não bastassem seus alambiques, provetas e esse laboratório do qual retorna para junto de mim com odores de farmácia, ei-lo ainda a querer saber o que se passa no outro mundo!

Valentin: — O Espiritismo?

Simone: — Sim! Como se não houvesse nada de melhor a fazer do que se ocupar deste em que vivemos.

Valentin: — Ah! Então isto é sério?

Simone: — Acredito que sim!

Valentin: — Pensei que se tratasse de simples brincadeiras de salão!

Simone: — Ora! Tu o conheces bem! É uma nova paixão. As outras o absorviam todo o dia. Esta o ocupa a noite toda.

Valentin: — E foi o escocês quem lhe pôs isto na cabeça?

Simone: — Sim! Inicialmente eles trocaram cartas, brochuras, livros, sem se terem jamais visto. Depois esse doutor, regressando dos Pirineus, foi convidado a passar aqui três ou quatro dias, a fim de mostrar-nos os seus pequenos talentos. Na primeira noite diverti-me bastante, vendo a mesinha mover-se e estalar sob seus dedos, levantar-se em um pé, dar batidas com os outros. Mas no dia seguinte achei a brincadeira um tanto monótona e deixei o salão.

Valentin: — É incrível que d'Aubenas tenha se tornado vítima desse exótico doutor.

Simone: — Um charlatão, não achas?

Valentin: — Evidentemente. Vou tentar por a descoberto os seus truques. Mas há um outro charlatão para o qual desejo chamar a tua atenção.

Simone: — Um outro?

Valentin: — Sim! O sérvio...

Simone: — Mikael?

Valentin: — Claramente enamorado de ti ou, pelo menos, dando essa impressão.

Simone constrangida: — Percebeste isto?

Valentin: — E suas intimidades não te são desagradáveis. Percebi isto também.

Simone vivamente: — Por que dizes isto?

Valentin: — Tu me fazes rir.

Simone: — Então será preciso mandá-lo embora para te satisfazer!

Valentin: — Tal fato ser-me-ia sumamente agradável! E se Théccla o acompanhasse de braços dados... Aliás, como vieram para cá? Com certeza foi ela quem apresentou, não foi?

Simone: — Sim!

Valentin: — Eu teria apostado!

Simone: — Por que? Mikael é amigo dela.

Valentin: — Deve ter sido mais do que isto!

Simone alçando os ombros com despeito: — Ele? Tu estás louco! Não se pode conversar seriamente contigo.

(Ela sobe. Ao fundo um mordomo e um criado servem chá, cerveja, laranjada, etc... sobre a mesa. Durante a cena seguinte os personagens estão assentados, agrupados no terraço ou ao fundo do salão. Valentin está a sós.)

Valentin meditando: — Decididamente irei a Aubenas abrir a estação de caça mesmo que seja para aborrecê-lo.

D'Aubenas a Simone que atravessa a cena a fim de sair pela direita: — Não te esqueças Simone de que o teu trem passa às onze horas e dois minutos.

Simone: — Tudo está pronto. Preciso apenas trocar de roupa.

D'Aubenas: — Bastien irá registrar as bagagens e reservar os lugares!

Simone: — Théccla? (Falando baixo a Mikael) Toma cuidado. Valentin tem suspeitas. (Alto a Théccla.) É tempo de nos aprontarmos minha querida.

(Ela sai.)

Théccla: — Oh! Quanto a mim! Em dez minutos estarei pronta!

D'Aubenas: — É bom que tomeis o expresso. De outro modo estareis condenadas a tomar, um quarto de hora depois, o trem seguinte, que para em todas as estações!

(Ele sobe.)

Théccla: — Sim! Ou o ônibus ou uma caleche.

(Ela se dirige para a porta da direita.)

Mikael: — Condessa? (Ela se detém.) Perdão.

Théccla: — Se rápido, pois estou apressada, não compreendes?...

(Eles descem ao proscênio).

Mikael: — Duas palavras apenas...

Théccla: — Tens a aparência de quem está aborrecido. (Em voz baixa.) Arrufos?

(Eles representam toda a cena de pé, à meia-voz, com a preocupação de não serem ouvidos).

Mikael: — Não! Simone não te disse nada?

Théccla: — Sim! Que te propôs uma loucura!

Mikael: — Nenhuma loucura: — Trata-se de deixar-vos partir sozinhas, tu e tua criada, enquanto ela viria para minha casa esta noite para sair só amanhã à tarde.

Théccla: — Naturalmente ela acha isso perigoso!

Mikael: — Injustificadamente. Isso é menos perigoso do que o que ela fez esta semana, quando vinha à minha casa em pleno dia.

Thécla: — Pela ruazinha deserta para a qual abre o portão do teu jardim? No caso de um encontro casual, ela passaria sem entrar! Mas agora é diferente... Passar toda uma noite! E depois o plano pode estar mal elaborado...

Mikael retendo-a: — O plano está perfeito. Mas é preciso que d'Aubenas não vos acompanhe à estação...

Thécla: — Isso é possível de ser conseguido.

Mikael: — Se ele não for à estação tudo será muito simples!... (Ele faz assentar-se.) Ireis à estação em viatura, Simone, tu e Delphine. Delphine lhe é devotada como um cão. A viatura deixar-vos-á na plataforma e voltará. Tu e Delphine tomareis vossos lugares. Entrareis na sala-de-espera enquanto Simone, encapuçada, velada, voltará para me encontrar em um local combinado. Pelas ruas vazias à essa hora, alcançaremos a minha casa, onde estaremos a sós. Dispensei o meu criado por quarenta e oito horas. Ele está em Biarritz. Amanhã, lá pelas quatro horas, eu atrelo a caleça e conduzo Simone à estação de Guethary. Ali ela tomará o trem das seis horas que a deixará, depois de amanhã bem cedo, em Poitiers, onde Delphine estará à sua espera. Ambas chegarão à tua casa tranqüilamente, com um atraso de vinte e quatro horas, sem que ninguém suspeite de nada...

Thécla: — É bastante atrevida essa pequena combinação!

Mikael: — Tenta, pois, querida amiga, fazê-la compreender.

Thécla: — Obrigada!... Não estou na idade de aceitar a caridosa função que tu te dignas em oferecer-me.

Mikael: — Ora Thécla, tu não irás te fazer de virtuosa comigo!

Thécla: — Não, mas o papel de confidente me basta.

Mikael: — Reprovas Simone por estar comigo?

Thécla: — Oh! Não! Pelo contrário, estou encantada. Para começar não suporto seu pedante marido, esse homem ridículo com suas provetas e alfarrábios. E, além disso, ele me irrita com sua virtude robusta, sem a mínima jaça!... E, por fim, o amor é minha especialidade, desde a idade da razão. Estas galantarias me divertem loucamente

quando não estou entregue às minhas e não tenho em mente senão as dos outros. Tu não podes imaginar quanto me divirto seguindo as vossas pequenas astúcias há três meses, torcendo em favor de ambos... mentalmente, pois ela não me dizia nada dessas escaramuças! ... E quando, com aquele desejo de desabafo, que sempre acompanha a derrota, ela me fez, há oito dias, a confissão de sua fraqueza da véspera, eu a abraçai com efusão... Ah! Quão sincera! Por fim... elas também! Uma a mais! Isto sempre dá prazer! (Levantando-se.) Irás a Aubenas para abrir a estação de caças?

Mikael levantando-se: — Claro!

Thécla: — Eis ainda com que me distrair muito agradavelmente... Sobretudo se isto se modificar um pouco e se transformar em drama... ou na comédia com a qual sonhas.

(Movimento.)

(Mikael, retendo-a, passa a sua frente.)

Mikael: — Uma comédia?

Thécla: — Ora, não te faças de inocente, meu caro... No decorrer dos quinze dias em que nos namoramos em Mônaco...

Mikael rindo: — Oh! Namoramos?

Thécla: — Sim, uma quinzena, em viagem... Mas isso não importa!

Mikael: — Obrigado!...

Thécla: — Eu tive o tempo suficiente para apreciar o que tu valias...

Mikael rindo: — Estou esperando!

Thécia: — Eu faço apreciações à moda americana: financeiramente.

Mikael: — Muito bem!

Thécia: — Uma floresta, algumas quintas exploradas em sociedade com um cunhado... Cereais, vinhas e pinheiros... Isto deve render uns trinta mil francos por ano. É mesquinho! Mas, em compensação, o destino dotou-te de uma mente fria, de um belo egoísmo que sabe representar a paixão admiravelmente, de uma voz magnética, de um olhar e gestos envolventes. Com isto consegues perturbar e desarmar! E como a natureza te criou como "um homem para várias mulheres,

errarias se não construisses o teu destino com teus recursos e não fizesses do amor uma carreira tão... lucrativa quanto possível.

Mikael: — Eis a verdade explicada por uma mulher de espírito e sem preconceitos!

Thécla: — Entraste então em ação e, depois de diversos insucessos desagradáveis e inúteis de serem lembrados, Simone surgiu em teu caminho com seis milhões de fortuna pessoal. E disseste para contigo mesmo: "Não irei mais longe. Far-me-ei seu amante, ela se divorcia e eu a desposo!" Estou certa?

Mikael: — Perfeitamente.

Thécla: — Pelo menos és franco. Em vista disto, consegue o divórcio com rapidez.

Mikael: — Pelo contrário, bem de vagar para não chocá-la!

Thécla: — E se ela se negar a chegar a esse extremo?

Mikael: — Eu insistirei.

Thécla: — Farás com que sejas surpreendido com ela? (Ele não responde.) Não é uma solução. Tu conheces a lei: O adultério constatado torna impossível o casamento dos cúmplices.

Mikael: — Na França, sim! Mas casa-se também na Inglaterra, na Suíça...

Thécla: — Previste todas as circunstâncias?

Mikael: — Naturalmente!

Thécla levantando-se: — Tens uma esperteza admirável.

Mikael: — No entanto preciso recorrer à tua.

Thécla: — Para que?

Mikael: — Para fazer com que Simone aceite o plano...

Thécla: — Tua hospitalidade esta noite?

Mikael: — Sim! E com espontânea satisfação.

Thécla: — Não, não, meu belo amigo! Mantenho a minha neutralidade. Não encorajá-la e não dissuadi-la. Se ela quiser arriscar-se à aventura e pedir a minha ajuda! Esta é uma outra questão. As mulheres se devem assistência mútua em todos os casos, sem exceção.

Prefiro ser sua cúmplice na qualidade de amiga a ajudá-lo a pretexto de complacência.

Mikael: — Entre uma e outra situação há apenas uma frágil linha divisória...

Thécla: — Não concordo. A diferença é considerável!

(Ela sai pela porta da direita no momento mesmo em que o criado faz entrar Parisot, pela esquerda.)

### Terceira Cena

Terceira cena.

Os mesmos e o doutor Parisot.

Gilberte: — Ah! Senhor Parisot!

D'Aubenas indo em direção Parisot - Bom dia, doutor! Sê bem-vindo!

Parisot: — Chego de Bordeaux onde fui ver um doente. Encontrei o teu recado e não levei senão o tempo para jantar. Espero que ninguém esteja doente.

D'Aubenas: — Ninguém! Trata-se de coisas mais agradáveis.

Parisot procurando Simone com os olhos: — A senhora d'Aubenas está ausente?

D'Aubenas: — Ela faz preparativos para nos deixar esta noite. Aceitas uma xícara de chá, doutor?

Parisot: — Não obrigado. Apenas um pouco de conhaque.

Raymonde: — Sou eu quem o servirá.

Parisot: — Mil agradecimentos. Então, o que ocorre?

D'Aubenas: — De experiências que, acredito, sejam de natureza a interessar-te. Mas, antes de mais nada, quero apresentar-te meu primo Valentin Clavières (Cumprimentos.) e o doutor Harry Davidson, de Edimburgo, um confrade.

Parisot amável apressa-se a estender-lhe a mão: Senhor!

D'Aubenas: — Um excelente médium!

Parisot enfiando as mãos nos bolsos: — Oh!



D'Aubenas: — Como és um incrédulo pensei proporcionar-te um prazer convidando-te para uma sessão espírita. É a última que realizaremos aqui, pois o doutor Davidson deve partir impreterivelmente amanhã cedo, para não perder o navio.

Parisot zombeteiro: — O doutor já exerceu suas faculdades sob teus olhos?

D'Aubenas: — Três vezes! As duas primeiras sessões, embora curiosas, nada de mais ofereceram. Mas a de ontem foi estupenda.

Parisot: — O grande momento?!

D'Aubenas: — Não crês? Esta mesinha, que até então se limitara a movimentar-se sob os nossos dedos e a responder nossas perguntas através de batidas bastante distintas, subitamente escapou do contacto de nossas mãos e se pôs a rodopiar em torno da sala. Depois se elevou a esta altura do assoalho e, após haver flutuado no ar alguns segundos, desceu suavemente sobre o tapete.

Parisot: — E isso, naturalmente, em completa obscuridade?

D'Aubenas: — Absolutamente! Em plena luz, como agora. Deixo a estes dois senhores o cuidado de dizer-te o que se seguiu.

Des Aubiers: — Eu senti aqui, sobre o ombro, um golpe. Levei instintivamente minha mão e senti uma...

Gilberte: — Uma o que?

Parisot: — Uma mão enluvada de pelica...

Des Aubiers: — Uma mão de carne, morna, flexível, viva! Retirei a minha.

Gilberte: — Acredito em ti.

Des Aubiers: — E uma outra foi colocar-se sobre a cabeça de Marescot, que soltou um grito!

Marescot: — Quer dizer...

Des Aubiers: — Um uivo! Depois do que ela se encolheu na mão do senhor d'Aubenas que a apertava esforçando-se por retê-la. E sob essa pressão ela quase que imediatamente se fundiu e se dissolveu como um vapor.

D'Aubenas: — Exatamente!

Parisot: — Isso é tudo?

D'Aubenas: — Oh! Não! Pouco depois o pêndulo deste relógio se pôs a soar, mas um som muito diferente do comum, muito estranho! Pequenos golpes leves, argentinos, com vibrações prolongadas.

Parisot: — Alguma mariposa da noite, presa na caixa. Quanto ao resto, rotações da mesa, batidas, respostas, nada mais simples! Impulsos musculares instintivos, choques de retorno de vossos próprios pensamentos. E a mão, os golpes argentinos podem ser atribuídos à tensão, excitações cerebrais, auto-sugestão...

Des Aubiers: — Perdão, mas nós ouvimos, vimos!

Parisot: — Caro senhor, não digas: "Eu vi, eu ouvi!" Dize: "Pareceu-me ver! Imaginei que ouvia!"

D'Aubenas: — Desculpa-me doutor Marphurius! Se não devo dar crédito ao testemunho dos meus sentidos, posso também duvidar de que o senhor está aqui oferecendo-me sugestões que não têm força de se manterem.

Parisot: — Não admitis a alucinação?

D'Aubenas: — Coletiva?

Parisot: — Sim!

D'Aubenas: — Então explica, eu te peço, a última manifestação, a que coroou a sessão. No momento em que nossa atenção, voltou-se para o pêndulo, o som cessou bruscamente. Uma jarra de latão, cheia de folhas secas de rosas, que eu colocara sobre esta lareira no momento de começar a sessão, elevou-se à altura de um metro, depois, voando, atravessou todo cômodo e foi pousar levemente como um pássaro, no ângulo daquele móvel, lá em cima, onde ainda está! Se tivesse havido alucinação, ela não teria deixado esse lugar (Ele bate sobre o mármore da lareira.).

Parisot: — Viste isso?

Des Aubiers: — Todos nós vimos.

D'Aubenas: — Em plena claridade!

Parisot: — Nesse caso explica-se o fato pela prestigitação!

D'Aubenas: — E o operador?

Douglas sorrindo: — Algum escocês, sem dúvida!

Parisot secamente: — Eu não acuso ninguém! (A Aubenas). Admiro-me somente que um homem sério como o senhor d'Aubenas dê tanta importância a tais tolices.

D'Aubenas: — Meu caro doutor, um fato é um fato. O desprezo não o suprime.

Parisot: — Quer dizer então que são os espíritos os autores dessas gentilezas?

D'Aubenas: — O senhor Davidson te dirá que ele está convencido disso. Eu, que não tenho a sua experiência, faço as minhas reservas, mas já vi o bastante para constatar que todas as pretendidas explicações que acabas de lembrar, movimento inconsciente dos dedos, alucinações, etc. etc... são boas tão somente para que se caçoe dos sábios que tiveram a fraqueza de se contentarem com elas.

Parisot: — Mas é a tua credulidade, caro senhor, que fará com que se caçoe às tuas custas.

D'Aubenas: — Responder-te-ei como o fez a este mesmo propósito um grande escritor que não era precisamente um ingênuo, o ilustre autor de "Feira das Vaidades", Tackeray: "Depois do que vi não tenho o direito de duvidar".

Parisot: — Pois bem, depois do que vi tenho o direito de não acreditar em nada. (Exclamações.)

Marescot: — Então viste alguma coisa?

Parisot: — Em Biarritz há mais ou menos dois meses, em casa de ingênuas pessoas de minha parentela, que não esperavam a minha visita. Uma velhota, que à primeira vista julguei suspeita, manobrava uma cesta, a qual adaptara-se um lápis que, diziam, iria escrever as respostas vindas do outro-mundo. Evocou-se a princípio Alfred de Musset e George Sand.

Valentin: — E então?

Parisot: — Cheguei no momento em que Napoleão se despedia. Evocou-se Victor Hugo que acorreu apressado. Evocou-se Ruy Blas que também veio facilmente. O grande homem dignou-se ditar alguns versos. Oh! Senhor! Que não se os publique!... Ele confessou, aliás não estar inspirado e retirou-se prudentemente, à inglesa... Manifestei então o desejo de trocar algumas palavras com Homero! Pi, pá! Ei-lo! Dirigi-lhe então, com o tom mais polido, duas palavras gregas: "Onos eis" (És um asno). Ele, crendo tratar-se de um cumprimento respondeu: "Toda a Grécia disse!" E a assistência em êxtase! Alguém sugeriu: "Pergunta-lhe então se o senhor já viveu na Terra". "Sim", respondeu Homero, "e foste um personagem histórico! Sim? Quando? no tempo de Luis XIV. Quem? O homem da máscara de ferro!

(Exclamações e risos.)

Valentin: — Ei-lo, pois, desvendado! Esse mistério cheio de horror.

Raymonde: — Era o senhor!

Parisot: — Era eu! Compreendereis que esta experiência me bastou!

D'Aubenas: — Pois bem, doutores, têm para mim que não estás certo. Não há um único investigador psíquico que, de princípio, não fique desapontado, pois as insanidades abundam. É a fumaça que precede à luz. É preciso persistir, como tantos outros o fizeram. Terias tido um melhor resultado. A verdade é sorrateira em relação aos apressados e só se entrega aos apaixonados. Se houvesse no Espiritismo apenas a experiência da dama mencionada, os passa-tempos de salão, as forças realizadas com a contração de um músculo da perna, o longo perônio, imitando as batidas dos espíritos nos assoalhos, teto, mesas, há muito tempo ninguém mais se interessaria pelo assunto.

Parisot: — Se houvesse nisso qualquer coisa de sério, há muito a ciência oficial se teria manifestado.

Davidson: — A ciência só agora admite o magnetismo, sob o nome de sugestão e hipnotismo, e isso depois de mantê-lo na antecâmara durante mais de cem anos.

Parisot: — É que os charlatães desacreditaram os fenômenos.

Davidson: — Há charlatães em tudo, meu caro confrade, mesmo na medicina. O senhor ainda não concluiu que ela não passa praticamente de uma, experimentação?

Parisot: — Com exceção dos charlatães e dos ingênuos que se deixam levar por eles, quem ainda se ocupa com esses fenômenos?

Davidson: — Ora, ora, estás mal informado neste campo, colega! Quem? As pessoas mais instruídas, as mais competentes, as mais autorizadas por suas funções, seu caráter e seu saber. Para citar apenas a Inglaterra, médicos, fisiologistas, como Gully, Hare, (56) Elliostson (57); físicos como Lodge (58); astrônomos como Challis; matemáticos como Morgan (59); naturalistas como sir Alfred Russel Wallace (60); engenheiros como meu amigo Varley (61); inventor do condensador elétrico e engenheiro-chefe do cabo transatlântico. São todos membros da Sociedade Real ou professores de ciências exatas nas Universidades de Londres, Oxford, Cambridge, Glasgow, Dublin!... E constataram os fenômenos "inexplicáveis" no estado atual dos nossos conhecimentos! Os mais convictos são precisamente aqueles que estudaram o Espiritismo com a deliberada intenção de demonstrar o absurdo do assunto. Entre outros sir William Crookes (62), cujo exemplo é típico... Um dia a Inglaterra soube que o eminente químico, descobridor do tálio, tinha pegado a pena para reduzir a zero as conclusões da "Sociedade Dialética de Londres" que, depois de um exame que durou dezoito meses, afirmara a realidade dos fatos. A incredulidade triunfou. Crookes estudou a questão como verdadeiro físico, com o auxílio de alavancas, roldanas, balanças, etc. E declarou que tudo era verdadeiro. Fez mais... atestou que ele e seus amigos tinham; obtido resultados muito mais estupefacientes que todos que tivera a intenção de contestar! Furor popular! Te-lo-iam coberto de flores se tivesse dado um parecer de acordo com o que se esperava! Contestaram suas experiências! Ele solicitou o depoimento de testemunhas, todos sábios como ele! Fez-se correr o boato de que se retratara e negara tudo quanto afirmara.

Crookes respondeu com um formal desmentindo! Eis um homem de verdade. Tem a coragem de confirmar suas convicções. Saudemô-lo!

(56) *Hare, Robert* — nascido em 1781 e desencarnado em 1858. Emérito professor de química na universidade de Pensilvânia, descobridor do tubo soldador por oxi-hidrogênio, autor de mais de 150 teses acerca de assuntos científicos, políticos e questões morais. Foi uma das primeiras autoridades científicas a denunciar o Espiritismo, ainda em suas origens, pela imprensa. Entretanto em 1853 com a idade de 72 anos começou investigações pessoalmente e concebeu um certo número de aparelhos que, contrariamente as suas expectativas, conclusivamente provavam que o poder e inteligência que se, manifestavam não eram de nenhum dos presentes nas experimentações. Seu livro "Experimental Investigation of the Spirit Manifestation", publicado em 1855 causou intensa polêmica. A reação foi superior à sua influência. O corpo docente da "Harvard University" tomou a resolução de denunciá-lo e sua "insana aderência a uma burla gigantesca". Ele foi demitido da "América Association for the Advancement of Science" quando, em Washington, em 1854, tentou pronunciar uma conferência acerca do Espiritismo. Finalmente pagou por suas convicções, resignando à sua cadeira.

(57) *Elliotson, Dr. John* — Nasceu em 1788, e desencarnou em 1868. Foi presidente da "Royal Medical and Chirurgical Society" de Londres, e o primeiro grande estudioso do magnetismo, animal na Inglaterra. Foi atraído para o assunto pelo Baron Du Potet, em 1837, com o qual realizou experiências no "University College Hospital" onde era contratado como professor. Sua curiosidade aumentou quando encontrou duas extraordinárias sonâmbulas, as irmãs Okey. O sucesso alcançado originou um grande alarido quando ele se dispôs a realizar demonstrações em um dos anfiteatros do colégio, a permissão lhe foi recusada e, por fim, foi proibido de prosseguir realizando práticas mesméricas no hospital. Em seguida a isso, no outono de 1838, resignou a sua cátedra e limitou seu relacionamento com o hospital. Seu entusiasmo foi alimentado quando Thomas Wakeley o editor do "Lancet" convidou as irmãs Okey para experiências em sua própria casa. Um pouco mais tarde "Lancet" encerrou sua coluna acerca do mesmerismo. Elliotson porém não se desencorajou. Em 1843 assumiu a direção do Jornal "The uoist" onde permaneceu até 1856. Coem o advento do Espiritismo, pelas colunas do seu jornal ofereceu ao publico artigos críticos a respeito. Ele assistiu a algumas sessões com Mrs. Hayden e descreveu suas experiências em um artigo denominado "Os Espíritos dos que Partiram". Era pessimista e atribuía tudo à habilidade do médium. Realizando experiências de tiptologia através de mesas encontrou algo de diferente, baseando-se em suas experiências magnéticas e nas conclusões de outras pessoas concluiu: "É provavelmente verdade que os movimentos da mesa independem de força muscular". Em 1863, em Dieppe assistiu sessões com D. D. Home cujo resultado publicou no "Morning Post" de 03 de agosto de 1868. Expressava sua convicção na realidade dos fenômenos espíritas e se tornou um sincero cristão, dizendo que até então sua vida havia decorrido nas trevas, enquanto admitia apenas o materialismo. Depois dessa conversão reconciliou-se com o Dr. Ashburner ao

qual aliou-se com o mesmo zelo com que previamente havia tentado expor a falsidade dos fenômenos. E até o final de sua vida foi um fiel defensor do Espiritismo.

(58) Lodge, Sir Oliver — mundialmente famoso físico e um destemeroso campeão da sobrevivência espiritual que não perdia a oportunidade de afirmar ao público explicando que a morte não é o fim, que existem seres mais aperfeiçoados na escala da existência e que a intercomunicação proclamou entre este mundo e o mundo invisível é possível. Foi o primeiro grande pensador que proclamou o íntimo relacionamento entre estes dois mundos.

Suas primeiras experiências na pesquisa psíquica datam de 1883/4 convidado por Malcolm Gutrie. Realizou extraordinárias experiências com Eusapia Palladino. Na casa do professor Richet, no ilha Roubaud, assistiu a quatro sessões que descreve no "Journal" do S.P.R. de novembro de 1894, e nas quais aceita a realidade de todos os fenômenos. Levou a efeito sessões com Mrs. Piper em 1889. Publicou um livro de grande repercussão "Raymond" a história da volta de seu filho, que morrera em ação durante a 1.ª Grande Guerra, um notável caso de identificação espiritual. Realizou sessões com o Dr. Hodgson, Myers e Mrs Leonard. Escreveu livros que são considerados clássicos espíritas: "Man and the Universe" 1908; "Survival of Man", 1909; "Reason and Belief", 1910; "Life and Matter", 1912; "Science and Religion", 1914; "The War and After", 1915; "Raymond, or Life and Death", 1917; "Christopher", 1918; "Raymond Revised", 1922; "The Making of Man", 1924; "Ether and Reality", 1925; "Relativity" 1926; "Evolution and Creation", 1926; "Science and Humam Progress", 1927; "Modern Scientific Ideas", 1927; "The Natural History of a Savant" 1927; "Why I Believe in Personal Immortality", 1928; "Phanton Wall", 1929; "Beyond Phisics", 1930; "The Reality of a Spiritual World" 1930; "Conviction of Survival", 1930; "Past Years", 1932; "My Philosophy", 1933.

(59) Morgan, Augustus de — Nascido em 1806, e desencarnado em 1871. Famoso matemático Inglês, que foi por muitos anos professor de matemática no "University College" de Londres e por dezoito anos secretário da "Royal Astronomical Societre". Autor de obras importantes como: "Formal Logic", "The Differencial Calculus", e de "Theory Of Probabilites". Um dos primeiros cientistas ingleses a investigar os fenômenos do Espiritismo e se tornara convicto de sua genuína ocorrência. Sua primeira experiência na data de 1849. Ellen Dawson, uma clarividente era paciente em Londres de um cirurgião por nome Hands. Ela foi posta em estado de transe para pesquisa de clarividência na própria casa de Morgan. Tudo quanto ela disse correspondia nos mínimos fatos e detalhes. Em 1854 a Sra. Morgan, descobriu que uma jovem criada, Jane, era médium ela produzia "raps", movimentava a mesa e tinha visões. O fenômeno ocorreu por dois anos. O resultado dessas investigações prévias com a Sr. Hayden, foram publicados em 1863 sob o título de "From Matter To Spirit the result of Ten Years Experience in Spirit Manifestation", assinado simplesmente por um "C. B."

Na obra "Mind" publicada no mesmo ano ele declara que os fatos espíritas são incontestáveis, e expõe a hipótese de que a ação deriva de inteligências exteriores a nós próprios. Não conservou mais o anonimato. A segunda edição de "Fron Matter to Spirit",

trazia o verdadeiro nome do autor. O professor Morgan escreveu ainda dois outros livros: "Theree Score Yars and Ten" e *Reminiscence Of the late Sophia Elizabete De Morgan*,

(60) Wallace, Alfred Russel — nascido em 1823 e desencarnado em 1903. Foi um famoso naturalista co-descobridor Darwin, de um dos princípios da evolução. Era um filósofo céptico, um materialista pertinaz quando travou contacto com os fenômenos do Espiritismo, confessava que não havia em sua mente lugar para a existência espiritual ou para outras forças do universo, além da matéria e da força. Mas os fatos o venceram. No seu prefacio; o livro "On Miracles and Modern Spiritualism" confessa "Os fatos me convenceram, levaram-me a aceitá-los, como fatos, muito antes que eu aceitasse a explicação espírita para eles". Em seu livro "Contributions to the Theory of Natural Selection", deixa transparecer convicção de que inteligências embora usualmente invisíveis e intangíveis a nós, podem agir sobre a matéria e influenciar nossas mentes. Em 1874, a "Fortnighthy Review" solicitou-lhe um artigo acerca do Espiritismo e foi publicado com o título de: "A Defence of Modern Spiritualism". Fez experiências com inúmeros médiuns, e até o fim da sua atribulada existência defendeu os fenômenos do Espiritismo.

(61) Varley, Gromwell Fleetwood — O renomado consultor de eletricidade da "Atlantic Telegraph Company" e da "Eletric and International Company", foi atraído para o Espiritismo em 1850. Investigou as hipóteses de que as batidas na mesa era resultado de uma força elétrica e demonstrou que eram totalmente infundável. Nos anos que se seguiram em experiências psíquicas descobriu que possuía faculdades mesméricas de cura e restabeleceu a saúde de sua própria esposa. A Sra. Varley tinha visões clarividentes e em transe previa o curso exato de sua enfermidade. Conheceu D. D. Home e narrou experiências na *Dialectical Society*". Investigou vários médiuns norte-americano, incluindo-se entre eles, na casa de C. F. Livermore, um banqueiro, Kate Foz. Seus esforços para descobrir as leis que governam os fenômenos físicos foram infrutíferos. Quando Willian Crookes iniciou suas famosas investigações nos fenômenos do Espiritismo, Varley foi seu assistente estabelecendo controles elétricos. Muito atacado pelo dr. Carpenter pelas colunas do "Quarterly Review", em razão disso, embora tivesse, sido eleito para a "Royal Society", ali permaneceu por apenas três meses.

(62) Crookes (sir William) Físico e químico inglês (Londres, 1832 — id., 1919). Atraído pelas ciências experimentais, estudou no Royal College de Química, onde se tornou assistente do Professor A. W. von Hofmann. Em 1854 foi destacado para o departamento meteorológico do observatório Radcliffe, em Oxford. No ano seguinte, passou a lecionar química em Chester. Casou-se em 1856, fixando-se definitivamente em Londres. Nessa época já havia publicado diversos artigos em revistas especializadas. Mas a fama só chegou em 1861, bruscamente, quando conseguiu isolar o tálio. Continuou o estudo do comportamento desse metal e construiu o radiômetro. Seu nome está ligado a trabalhos de naturezas diversas, destacando-se as pesquisas que o levaram a conceber a teoria da "radiação" ou da "matéria radiante", exposta na "Repulsão Resultante da Radiação" (1874/79). Recebeu títulos de nobre, de presidente de diversas sociedades eruditas e, finalmente, da Royal Society de Londres (1913/15). Foi Prêmio Nobel de Química em 1907.



"Métodos Seletos de Análise Química" (1870) é considerado o trabalho mais importante de sua numerosa obra.

Parisot: — Ele é louco!

D'Aubenas: — Desejo-lhe, doutor, a loucura do sábio ao qual se deve a descoberta dos raios catódicos e que tornou possível, com seus tubos, a dos raios Roentgen!

Douglas: — Em se tratando de loucuras, entrego à tua meditação esta circunspeta frase de um outro sábio que pesquisou exaustivamente as causas da loucura, Lombroso (63) o célebre investigador de fenômenos psíquicos, italiano: "Meus amigos e eu, que rimos do Espiritismo, estamos talvez sugestionados como muitos alienados, colocando-nos à margem da verdade e ridicularizando aqueles que não pensam como nós".

(63) Lombroso, Cesare — Médico e criminalista Italiano (Verona 1835 — Turim, 1909) Em 1856, com a tese "Pesquisas sobre o Cretinismo na Lombardia", conseguiu o doutorado em medicina, na Universidade de Pavia. Ocupou, após 1859, os cargos de médico do Exército piemontês e a cadeira de psiquiatra na Universidade de Pávia; depois de 1876 ocupou a mesma cadeira de psiquiatria, de medicina legal e a de antropologia criminal na Universidade de Turim, Defendia a teoria do criminoso nato julgando que certas pessoas não tinham possibilidade de regeneração já que características físicas e mentais impediam a recuperação. Fez estudos científicos sobre as relações entre a constituição física e psíquica dos criminosos; entre o ambiente em que foram criados e o tipo de delito cometido. Para os crimes mais violentos, era partidário da pena de morte. Suas teorias científicas não são mais aceitas; seu mérito consiste em ter instituído a antropologia criminal completando o código penal, e instituindo os asilos para criminosos dementes, após um rigoroso exame mental dos acusados. Entre suas obras incluem-se "O Homem Delinqüente" (1876) "Gênio e Loucura" 1864; "Estudo. Clínico sobre as Doenças Mentais" 1865; "O Homem Branco e o Homem de Cor" 1871; "O Amor no Suicídio e no Delito" 1881; "Lição de Medicina Legal" 1900.

Parisot: — Concluindo! Se há sábios para atestar os fatos, há também outros competentes e mais numerosos que os negam terminantemente.

Douglas: — Sobretudo aqueles que, julgando o seu saber infalível, evitam, como o senhor, fazer o mínimo exame.

Parisot: — Não sentem necessidade de estudar o que não existe. Isso não é possível!

Douglas: — E quem te afirma tal coisa?

Parisot: — O bom-senso!

Douglas: — Ah! O pobre bom-senso! Se ele fosse realmente responsável por todos os erros que lhe imputam... Em seu nome negou-se que a Terra é redonda, o que colocava os antípodas de cabeça para baixo, motivando o que se dizia a Cristóvão Colombo: "Tu não poderás mais subir!" Em seu nome zombava-se de William Harvey (64), pela circulação do sangue; de Jenner (65), pela vacina; de Franklin (66), pelo pára-raios! Em seu nome sir Humphrey David (67) foi achincalhado por admitir que Londres poderia ser iluminada a gás; e Thomas Gray (68) foi ameaçado de ser posto em um hospício por assegurar a possibilidade das estradas-de-ferro! Riu-se de Laplace (69) que afirmava a realidade da queda dos aerólitos, visto que Lavoisier (70) declarava que não podem cair pedras, já que não há pedras no céu! E não foi por outro motivo que o sábio senhor Bouillaud beliscou o nariz do operador que lhe fazia ouvir o fonógrafo, dizendo lhe: "Meu amigo, tomas-me por um imbecil? És ventríloquo!"

(64) Harvey, William. Médico, anatomista e fisiologista inglês nascido em Folkestone em 1578 e desencarnado em Hempsted, Essex, em 1657. Tornou-se célebre por haver descoberto a circulação do sangue.

(65) Jenner, Edward — Médico Inglês (Berkeley, Gloucestershire 1749-1823). Filho do Pastor de Berkeley. Aos treze anos começou a estudar medicina com Daniel Ludlow, um médico cirurgião de Sodbury, perto de Bristol. Em 1770 foi para Londres por três anos para estudar com o naturalista e cirurgião John Hunter. Durante esse período trabalhou para Sir Joseph Banks na preparação e organização dos espécimes zoológicos que Banks havia reunido na primeira viagem do Capitão Cook (1771). Num de seus escritos para a sociedade médica legal, Jenner parece ter antecipado as descobertas sobre doenças reumáticas do coração. Estudou também ornitologia e geologia. Retornando a sua cidade começou a praticar medicina. Familiarizado com a tradição local que dizia que aqueles que tivessem "cowpox" (varíola bovina), — doença não familiar à profissão médica, por ser localizada e irregular em seu aparecimento, — estavam imunes à varíola, Jenner testou isto experimentalmente. Inoculou que a um menino sadio com varíola bovina e descobriu seguir não era possível infectá-lo com varíola. Depois demonstrou que dez pessoas que sabidamente haviam tido "cowpox" naturalmente eram também imunes à varíola. Em terceiro lugar demonstrou que a varíola bovina podia ser transferida de pessoa a pessoa, carregando a imunização à varíola com ela. Em 1798, Jenner publicou Uma "Inquirição Sobre as Causas e Efeitos da Vacina de Varíola". Apesar de essa obra causar diversas

*controvérsias, tanto no mundo médico como no clero, o sucesso da vacinação com vírus das vesículas da "cowpox" levaram a sua adoção. As raras falhas decorriam de técnica defeituosa. Há estimativas de que cerca de 100.000 pessoas foram vacinadas em 1800. A prática espalhou-se através da Europa e das Américas. Em 1807, a Bavária tornou a vacina obrigatória e, em pouco tempo, diversos países adotaram essa medida. Em 1802, Jenner recebeu do Parlamento 10.000 libras para que continuasse vacinando os pobres (às vezes trezentas pessoas por dia) sem nada cobrar. Recebeu graus honorários de Oxford e Harvard. Em 1822 publicou "Sobre a Influência das erupções Artificiais em Algumas Doenças" e, no ano seguinte apresentou seu último trabalho. "Sobre a Migração dos Pássaros".*

(66) *Franklin, Benjamin — político, físico, filósofo e Jornalista norte americano, nascido em Boston em 1706 e desencarnado em Filadélfia em 1790. Foi um dos fundadores da independência das colônias inglesas da América tendo ido à França para negociar a aliança com Luis XVI e a nova república, 1778. Tornou-se igualmente célebre pela invenção do pára-raios.*

(67) *Humphry, David — Químico inglês nascido em Penzance em 1778. Desencarnou em 1829. É mais conhecido por haver inventado a lâmpada de segurança, para os mineiros.*

(68) *Gray, Thomas — Poeta Inglês (Londres, 1716 — Cambridge, 1771). Fez seus estudos em Eton e no colégio São Pedro de Cambridge onde se tornou amigo dos escritores Horace Walpole e Richard West. Deixou Cambridge em 1738 e acompanhou Walpole numa viagem pelo continente, em 1739. Juntos visitaram a França e a Itália onde se desentenderam e Gray foi para Veneza, retornando à Inglaterra por ocasião da morte de seu pai. Em 1744, reconciliou-se com Walpole. Em 1750 acabou suar elegia escrita num cemitério camponês, começada muitos anos antes. Em 1757, recusou a distinção de poeta-laureado. Após a abertura do museu Inglês (em 1759) ele se estabeleceu em Londres para poder estudar as obras expostas. Em 1768 foi nomeado professor de história moderna em Cambridge. A obra literária de Gray é pouco volumosa, mas de boa qualidade. A "Elegia" é a mais popular e talvez a melhor de suas obras. Liga-se à corrente da "poesia das tumbas" inaugurada por Edward Young influência que se encontra também nas odes pindáricas: "Os progressos da poesia", "O Bardo", "Ode Profética", etc.*

(69) *Laplace, Pierre Simon, marquês de — astro pomo, matemático e físico francês, nascido em Braumonten-Auge em 1749 e desencarnado em Paris em 1827. É sobretudo célebre por sua hipótese cosmogônica (1796), segundo a qual o sistema solar proviria de uma nebulosa primitiva constituída de um núcleo fortemente condensado, girando em torno de um eixo que passasse por sete centro.*

(70) *Lavoisier, Antoine Laurent de — químico francês nascido em paris e onde desencarnou em 1794. Um dos criadores da química moderna. Devem-se-lhe nomenclatura química, o conhecimento da composição do ar, a descoberta do papel do oxigênio nas combustões e na respiração dos animais, a formulação da lei de conservação da matéria. Na física, efetuou as primeiras medições calorimétricas. Tomou parte na comissão encarregada de estabelecer o sistema métrico. Foi decapitado durante o Terror.*

Parisot: — Mas tudo isto, embora contestado erradamente, é positivo, tangível, material, constante, científico. Não se trata pois do sobrenatural.

Douglas: — O que chamas "o sobrenatural"?

Parisot: — O que é contrário às leis da natureza!

Douglas: — Então o senhor conhece as leis da natureza?

Parisot: — Todas? Não!

Douglas: — Muito bem! Então o senhor é como aquele rei do Sião que chamou de impostor o holandês que lhe afirmou o seguinte: No seu país, no inverno, a água dos rios endurece a ponto de suportar o peso de elefantes!... Para aquele siamês o sobrenatural seria o gelo que ele jamais vira!

Parisot: — O senhor viu os espíritos?

Douglas: — Sim!

Parisot: — Fluídicos! Com corpos fluídicos!... Explica-me por favor como pode um homem sair deste mundo conservando toda a sua personalidade?

Douglas: — Muito facilmente! Quando o senhor explicar-me como aqui entra com todas as suas características pessoais.

Parisot: — Mas este fato é corriqueiro. O outro eu o nego!

Douglas: — Mas em si, dá tudo no mesmo!

Parisot: — Fantasmas em plena atualidade! Nós retornamos à Idade Média! (Pegando seu chapéu.) Muito bem! Prossigai sem mim!

D'Aubenas querendo retê-lo: — Espera um pouco, doutor. Fica um instante mais!

Parisot: — Oh! Não!

D'Aubenas: — Faze uma experiência! Talvez chegues a constatar a realidade dos fatos.

Parisot: — Muito obrigado! Precisaria desaprender tudo quanto sei!

D'Aubenas: — E se isto não for senão uma ilusão, poderás prová-lo.

Parisot: — Ora, o meu tempo é muito curto para distrair-me desmascarando truques!

Douglas: — Doutor, lembra-te dos teólogos de Pisa, que se negaram a olhar no telescópio de Galileu! Eis o que pareces ser: um teólogo como aqueles! Um teólogo da ciência!

Parisot: — E o senhor é, com teus espíritos, um Robert Houdini. Eu poderei vê-los, senhor, tocá-los, mas ainda assim não acreditarei neles.

D'Aubenas: — Eis um desses espíritos pirrôneos, que se negam a ser convencidos, temerosos de serem forçados a concordar!

Valentin jocoso: — Eu acho justo que um médico não tenha pressa de rever seus antigos clientes!

### Quarta Cena

Os mesmos, menos Parisot.

Simone, Thécla, Delphine, Bastien.

Simone entra pela direita envergando roupa de viagem, seguida de Delphine e de Bastien, os quais carregam capas, malas, etc. Bastien atravessa a cena saindo pela esquerda.

Georges: — Ah! As viajantes!

Simone: — Estamos prontas! (A Bastien enquanto atravessa a cena.)  
A carruagem já está lá fora?

Bastien: — Oh! Sim, senhora. Há muito tempo.

D'Aubenas: — Registraste as bagagens?

Bastien: — Sim, senhor. E recolhi as passagens. (Ele sai.)

Simone procurando com os olhos: — Muito bem! E Thécla? Onde está Thécla?

Thécla entrando pelo mesmo lado, envergando trajes de viagem: —  
Ei-Ia aqui, querida amiga! Ei-Ia aqui!

Simone a Delphine: — Delphine, tu não te esqueceste de nada?

Delphine: — Acredito que não, senhora!

Simone: — Vamos!... Chegou o momento dos adeuses...

(Rodeiam Simone e Thécla no meio da cena.) (Thécla, à direita, sussurra a Mikael que abotoa suas luvas.)

Thécla: — Combinado!

Mikael: — Ela consente?

Thécla: — Espontaneamente. Eu apenas a encorajei! Foi tudo...

Mikael: — Então eu espero!

Thécla: — No local combinado...

Mikael: — Mas, e se o criado acompanhar-vos até o vagão?

Thécla: — Isto foi previsto! Arranjar-se-á para que ele volte com a carruagem.

Mikael: — E se d'Aubenas conduzir-vos à estação?

Thécla: — O que mais vais inventar?...

Simone abraçando Gilberto: — Adeus, queridinha. Boa noite Marescot! (A Georges) Até nos revermos com Raymonde!

Georges: — Em Aubenas.

Simone a Valentin: — E tu?

Valentin: — Eu também.

Simone: — Sem dúvida, em Aubenas! Ah! Vai ser divertido esse reencontro.

Des Aubiers olhando seu relógio: — Apressa-te, o comboio não espera ninguém!

D'Aubenas: — Sim, tomemos cuidado para não teres de tomar o trem seguinte. (Indo pegar o seu chapéu.) Eu as acompanho.

Simone vivamente: — Mas não é preciso! Que idéia essa tua!

D'Aubenas: — Não custa! Será um prazer!

Simone: — Olha pensa bem! Não vais deixar nossos amigos sozinhos para me acompanhares cinco minutos... É ridículo!

Valentin: — Mas não custa!

Simone: — Agora vem o outro! Para proteger-nos, não é?

Mikael: — Se estas senhoras quiserem dar-me um lugar na carruagem...

Simone: — Onde vais?

Mikael: — Eu tenho três visitas de despedida a fazer esta noite, uma delas ao lado da estação.

D'Aubenas: — Não ficarás conosco?

Mikael: — Não, eu o lastimo, mas parto amanhã à noite, como vós! E se me permitirdes que viaje em vossa companhia e na do senhor Marescot...

D'Aubenas: — Mas, claro! Então até amanhã à noite, na estação. Tomaremos o mesmo trem!

Des Aubiers saindo e dizendo alto: — Onze horas menos cinco. As viajantes precisam tomar a carruagem!

Thécla: — Vamos, Simone. Adeus a todos!

Simone: — Delphine, minha maleta de jóias.

Delphine: — Ei-la, senhora.

(Ela dá a maleta a Simone e sai com Thécla.)

D'Aubenas a Simone: — E eu? Partes sem me beijar?

Simone: — Oh! Perdão, querido! Apressam-me tanto!

D'Aubenas: — Nunca me separo de ti sem experimentar um pouco de tristeza e de emoção...

Simone embarçada: — Oito dias passam depressa.

D'Aubenas: — Houve um tempo, Simone, em que os dias em que estávamos separados te pareciam tão longos quanto o eram para mim.

Simone: — Dize uma palavra, querido, e eu fico!

D'Aubenas vivamente: — Oh! Deus, não! Vai minha querida, vai...

Thécla fora de cena: — Não demores, Simone, do contrário chegaremos atrasadas.

Simone: — Sim! Sim! Já vou! Até breve! Adeus, adeus!

Todos: — Boa viagem!

(Ela desaparece. D'Aubenas, no terraço, segue-a com os olhos. A voz de Thécla se despedindo vem dos bastidores).

D'Aubenas: — Não te esqueças de telegrafar ao chegares em Poitiers!

Simone lá der fora: — Sim!

Thécla com voz que igualmente chega de longe: — Enviar-te-ei eu mesma;

D'Aubenas, Valentin, Douglas, Georges, des Aubiers, Gilberte, Raymonde.

D'Aubenas tornando a descer: — Agora vamos dar-te, meu caro Valentin, uma idéia de tua habilidade. E se a experiência for tão decisiva quanto a de ontem, será ótimo. Não terás a lastimar a perda da noite.

(Durante a cena que se segue, desimpede-se a mesinha. Ela é mudada de lugar e faz-se todos os preparativos para a sessão).

Gilberte: — Perdão. Antes de começar quero assegurar-me de que os espíritos não virão nos assustar com suas mãos.

Douglas: — Fica tranqüila, senhora! Nossos espíritos são bem educados!

Raymonde: — Ainda bem! Espero que eles não se incomodem comigo!

Georges tranqüilamente: — Raymonde!

Raymonde: — Oh! Vejamos! Os espíritos não podem estar muito longe!

Gilberto sussurrando a Raymonde: — Falas como se eles ouvissem. Acreditas que estejam aqui, em torno de nós, o tempo todo?

Raymonde: — É o que suponho!

Gilberte: — Mesmo quando se tira a roupa ou ao nos deitarmos?

Raymonde: — E que importância há nisso?

Gilberte: — Mas é indecoroso!

Raymonde: — Que tolice!

Gilberte: — E se foro diabo?

Douglas: — O diabo, cara senhora, se existisse o diabo, seria muito desastrado nos fornecendo provas tão excelentes da vida no além quando lhe seria mais proveitoso deixar-nos na ignorância, acreditando no inferno, no purgatório e nessas tolices todas.

Gilberte: — Queres dizer que não crês no diabo?

Douglas: — Não! Absolutamente.

Raymonde: — E eu que tinha tanta curiosidade em vê-lo!



Georges: — Raymonde, minha querida...

Valentin: — Perdão! É indispensável que seja uma mesinha?

D'Aubenas: — De maneira alguma!

Douglas: — Mas a mesinha é prática, leve e de deslocamento fácil...

D'Aubenas: — Eis nosso alfabeto. Um de nós fará correr rapidamente este pequeno bastão de uma letra a outra: A, B, C, etc. Ele se detém na letra que é designada por um golpe desferido na mesa. Registra-se esta letra e recomeça-se. Da reunião das letras resultam palavras, depois frases que respondem a nossas perguntas.

Valentin: — Entendido!

D'Aubenas: — Este processo é um pouco demorado mas tem o mérito de ser mais convincente que a escrita pela, mão do médium. Não obstante o método não é novo. Ammien Marcellin (71) já o empregava há mil e quinhentos anos... Quanto à escrita direta, sobre papel ou ardósia, ela é mais e difícil de se obter.

*(71) Ammiano Marcellino — historiador latino do século IV, que fez uma descrição da Lusitânia. Era bem informado, imparcial, mas de estilo confuso. Nasceu no ano 320 e desencarnou no ano 400. Descendente de gregos, escreveu a "História do Império Romano", continuação da "História de Tácito".*

Valentin: — Suponho que sim!

D'Aubenas: — Ris?

Valentin: — Peço-te perdão mas não sei se realmente devo levar isto a sério ou como motivo de comicidade.

D'Aubenas: — Como comédia se te apraz, caro amigo. Chegará o momento de levars o assunto a sério. Para observar mais de perto seria melhor tomares assento junto à mesinha.

Valentin: — Sim, eu apreciaria isso.

D'Aubenas: — Como médiuns tu e eu bastamos. Marescot poderá anotar as letras. Des Aubiers...

Gilberte agarrando-se ao marido: — Arthur, não me deixes!

Des Aubiers: — Des Aubiers cuidará de sua mulher.

Davidson: — Coloquem as mãos desta maneira! (Eles se instalam ao redor da mesinha. Valentin à direita, o doutor ao centro, de face para o público. D'Aubenas à esquerda, Marescot de pé.)

D'Aubenas: — O doutor, meu caro Valentin, atribui as comunicações que ele obtém à intervenção de um espírito desencarnado que dá o nome de...

Douglas: — Eric Hauser...

D'Aubenas: — Esse Eric Hauser teria morrido em Harlem (72) há cinco anos e forneceu, parece, sobre sua identidade, indicações já verificadas e que provaram ser exatas.

*(72) Haarlem ou Harlen, cidade da Holanda, junto ao lago ou mar Haalen, entre Amsterdam e Leyde.*

Valentin: — Mas o doutor jamais conheceu esse tal de Hauser?

Douglas: — Jamais! Ah! Eis um estremecimento!

Marescot: — Já?

Douglas: — Sentes?

Valentin: — Acredito sob que a sim!(ele se inclina para olhar por sob a mesa) Sim!

D'Aubenas: — Não demorou!

Valentin: — As emendas da mesa estalam! . . . É esquisito!

D'Aubenas: — Para que a comunicação se torne mais fácil está combinado que dois golpes na mesa significam "Sim", um só, "Não".

Douglas: — Ele está aqui... Estás aqui? (Dois golpes são desferidos claramente na mesinha.) É Eric que me responde? (Dois golpes.)

Gilberte: — É Eric.

Douglas: — Bem, obrigado por teres vindo! Devemos empregar um pouco menos de luz? (Um golpe.) Não! A presença do senhor Clavières na mesa não prejudica a experiência? (Um golpe.) Não.

Valentin: — Ele é muito gentil para comigo!

D'Aubenas: — Ficaríamos muito felizes se pudéssemos convencer-te. E ao espírito muito reconhecidos se quisesse nos ajudar. (Batidas muito leves na mesinha.).

Marescot: — As batidas estão fracas!

Valentin: — Sim! Ele está tendo dificuldades.

Raymonde: — Há mulheres aqui, senhor Eric! Se gentil, faze qualquer coisa para as senhoras verem!

Gilberte: — Mas não nos toques com as mãos!

D'Aubenas: — Eric, o doutor vai nos deixar amanhã cedo. Devo renunciar a estas experiências e aguardar e esperar até que se desenvolvam em mim as faculdades que ele tem?

(Dois golpes fortes.)

Des Aubiers: — Oh! Desta vez foi muito nítido.

D'Aubenas: — Mas quando terei essa faculdade?

Esta noite? (Um golpe.) Amanhã? (Um golpe.) Depois de amanhã? (Três golpes rápidos.) Dentro de três dias? (Dois golpes.)

D'Aubenas e todos: — É isso mesmo.

Marescot: — E se lançarmos mão do alfabeto?

Todos: — É uma boa idéia.

Douglas: — Queres que nós usemos o alfabeto?

(Dois golpes.)

Raymonde e Gilberte: — Sim, ele quer!

D'Aubenas pegando o alfabeto: — Não te esqueças, eu te rogo, trata-se de convencer Valentin através de uma manifestação indiscutível! (Dois golpes.)

Valentin: — Quanta gentileza!

D'Aubenas a Valentin: — Isto te parece extravagante, não é?

Valentin: — Absolutamente! Eu não compreendo, mas é curioso.

D'Aubenas: — Onde estás, Marescot?

Marescot: — Aqui.

(D'Aubenas movimentava rapidamente o bastão sobre o alfabeto e a mesa estala quando ele está na letra A.)

D'Aubenas: — A?

Todos: — Por que o A?

(O mesmo jogo para as letras seguintes B e R.)

Marescot: — Ele quer dizer: ABRI.

(D'Aubenas continua, mas nenhuma letra é assinalada.)

D'Aubenas: — Nada!

Marescot: — Recomece! (Um golpe.)

Todos: — O que está acontecendo?

Douglas: — É tudo que ele tem a dizer.

D'Aubenas: — Isto é tudo o que tens a dizer, Eric? (Dois golpes).

Todos: — Sim, é tudo!

Des Aubiers: — Abri! O que ele quer dizer por abri?!

Marescot: — Abrir... o que?

Gilberte: — Este, móvel?

D'Aubenas: — Este móvel? (Um golpe.)

Todos: — Mas, por que?

Raymonde: — Aquela porta? (Um golpe.)

Todos: — Mas... por que?

Douglas: — A janela? (Dois golpes muito fortes.)

Todos: — Sim! É a janela!

Des Aubiers: — Sem dúvida!

Raymonde: — Ora, por que razão?

D'Aubenas: — Pouco importa! Abre a janela, des Aubiers! Eu te peço! (Des Aubiers, seguido por sua mulher abre a janela e deixa escapar um grito de surpresa. O céu parece iluminado por uma claridade de incêndio, à direita.)

Des Aubiers: — Deus do céu! Vede!

D'Aubenas: — O que se passa?

Des Aubiers: — Aquele clarão lá em baixo!

Gilberte: — É um incêndio!

D'Aubenas levantando-se: — Um incêndio?

Raymonde: — Seguramente! Vede!

Marescot: — É lá para, os lados de Guethary.

D'Aubenas: — Talvez mais próximo. Onde será? (Chamando.)  
Bastien? Bastien?

Bastien do lado de fora: — Aqui estou, senhor! D'Aubenas: — Sabes o que é que se queima lá em baixo?

Bastien: — Não, senhor, mas é para os lados da estação!

D'Aubenas inquieto: — Achas?

Bastien: — Oh! Certamente!

D'Aubenas: — Oh! Simone! Simone! Ela está lá!

Marescot: — Não te inquietes. Ela já deve estar bem longe!

D'Aubenas: — Quem pode dizer? Se ela perdeu o trem está ainda na estação! Irei imediatamente para lá! Doutor? Doutor? Um, incêndio. Vem rapidamente. Minha mulher pode estar lá!

(Eles saem com Marescot.)

Cortina



A casa de Mikael.  
 No primeiro andar.  
 Sala requintada.

A direita, larga janela bem visível, de três folhas, com balcão para a rua. Ao fundo, à direita, poria de entrada no patamar do segundo andar e a escada.

À esquerda, porta do quarto de dormir e, no ângulo formado pelas duas paredes, janela abrindo para o jardim.

No primeiro plano, à esquerda, sofá sob um espelho.  
 Mesas, cadeiras, canapé, etc..

Ao se levantar a cortina as venezianas da grande janela estão fechadas. A porta do patamar está também fechada. A porta do quarto de vestir está entreaberta, permitindo que mais se advinha do que se veja no seu interior. Este cômodo permanece na penumbra durante todo o ato, enquanto que o patamar se mostra brilhantemente iluminado

quando se abre a porta de entrada. O quarto de vestir também está iluminado. O quarto de dormir é propositadamente alegre com, sua janela abrindo para o jardim e um terraço enfeitado de videiras selvagens.

Estando tudo fechado ao levantar-se a cortina, a peça oferece a impressão de suave penumbra e frescor.

## Primeira Cena

Simone, de peignoir e chinelos, estende-se no canapé. Mikael esta está assentado.

Simone erguendo a cabeça: — Escuta!

Mikael: — O que?

Simone: — Tocaram a campainha!

Mikael: — Não é possível!

Simone: — Sim! Escuta!

(Silêncio. Eles procuram ouvir.)

Mikael: — Foi uma impressão tua. Se houvesse alguém teria insistido!

Simone ainda de ouvidos alertas: — Como sucedeu à noite...

Mikael: — Ora, daquela vez foi diferente. Tocaram com insistência.

Simone inquieta: — Quem poderia ter sido? Seu empregado?

Mikael: — Seguramente não! A pretexto de que me ausentaria por vinte e quatro horas, dei-lhe folga até esta noite, para ir ver sua mãe em Biarritz. Se ele chegar aqui amanhã cedo, estará muito bom... E depois, ele tem a sua chave...

Simone: — E singular! Que achas daquele toque insistente por volta da meia-noite?

Mikael: — Bolas! Um transeunte qualquer!

Simone: — Ou uma mulher...

Mikael: — Mas, que idéia!

Simone: — Não sei porque, mas eu me sinto inquieta! Quem teria sido na tua opinião?

Mikael: — Um bêbedo, um farçante, um gaiato!

Simone: — Àquela hora?

Mikael: — Mas, minha querida, que nos importa isso?

Simone: — E se fosse por minha causa?

Mikael: — Por tua causa?

Simone: — E se me reconheceram ontem à noite na estação?



Mikael: — Que idéia! Sob aquele véu? Aliás, o trem já estava em movimento, o pátio, a sala-de-espera vazios. Não ficaste lá senão o tempo de veres Thécia e Delphine perderem o trem e te fazerem um sinal para que te distanciasses tão rapidamente quanto possível. E vieste por ruas desertas nas quais nenhum bico de gás estava aceso a pretexto de que o luar era intenso. Chegamos à minha ruazinha e ao meu jardim, sem encontrar viva alma. Quem te teria reconhecido ou mesmo entrevisto?

Simone: — De fato!

Mikael: — Enfim, se fosse o que pensas, depois de haverem tocado duas ou três vezes a campainha, não teriam partido tão complacentemente. Ou teriam voltado...

Simone: — É verdade!... . Tens razão!

Mikael: — Estás nervosa, minha Simone, febril, inquieta!

Simone: — É a falta de hábito! Eu me acostumarei. Que horas são?

Mikael: — Três e meia!

Simone: — Está na hora de aprontar-me, não é?

Mikael: — Sem te apressares!

Simone suspirando e estirando os braços sem se levantar: — Vamos! É preciso partir! Que aborrecimento! Sinto-me tão bem nesta meia luz e neste silêncio! Não se ouve senão o zumbido dos insetos! Eis como eu gostaria de viver! Longe de tudo e de todos, livre das obrigações do mundo, dos deveres aborrecidos... Viver de acordo com a minha fantasia... Uma vida de solidão, de preguiça e de amor. (Ela se levanta e circula entre o dormitório e a sala de banhos.) Mas é tão estúpida a vida! Jamais é como desejamos e tudo caminha ao capricho do acaso. O destino às vezes depende de um passo a mais ou a menos. Isso pode modificar a nossa vida. Tomas a calçada da direita e aí encontras alguém que terias evitado na da esquerda... Eu regressava de Londres com meu pai quando me apresentaram, no barco, a um homem que não me aborreceu tanto quanto os outros. Seis meses depois eu me tornava a

senhora D'Aubenas. Se tivesse tomado o barco seguinte teria um outro marido. Quem sabe. .. tu.

Mikael assentado no pufe: — Quisesse o céu que eu me encontrasse no teu caminho! Mas não me terias evitado?

Simone em uma exclamação: — Oh! Se isso tivesse acontecido...

Mikael: — Quem sou eu! Um miserável marido indigno de ti, Simone, um pobre diabo tendo apenas com o que viver.

Simone: — És muito severo em relação a ti mesmo! Eu possuo o bastante para nós ambos. E meu pai deu-me a liberdade de escolher!... Fiquei muito tempo solteira, tentando descobrir um marido a seu gosto! E quando o descubro é tarde demais!

Mikael levantando-se: — Não se enxerga nada aqui!

E se eu iluminasse o cômodo um pouco mais?

Simone: — Ótima idéia!

(Ele entreabre uma veneziana com precaução. Um raio de Sol fulgura no compartimento. Ouve-se vindo da rua um burburinho de vozes longínquas.)

Simone: — Esse ruído de vozes... Não ouves?

Mikael: — Sim, vem da praça e de um pouco mais à distância, na rua principal.

Simone: — Entretanto não é dia de feira, não é?

Mikael: — Não!

Simone: — É um rumor semelhante ao que se faz quando há feira!

Mikael: — Há realmente muita gente na praça... Pessoas agrupadas... ou que sobem a rua principal. Conversam no limiar das portas. Eis ali o teu jardineiro e teu criado diante do gradil, tagarelando com os vizinhos...

Simone: — Deixa-me ver... (Ela olha.) Sim! (inquieta.) Sucedeu alguma coisa. O que terá sido?

Mikael: — Ora! Um ladrão pego em flagrante. Um cavalo roubado ou uma briga. Para as pessoas da província tudo é acontecimento. Isto te inquieta?

Simone: — Sim, um pouco! Afinal não se sabe o que sucedeu.

Mikael: — Bom, mas isso não a impede de sair. Mas podes estar segura de que a ruazinha estará sempre deserta.

Simone correndo os olhos pela casa: — Dizer que estou tão perto dele sem que ele desconfie... A única coisa que me consola, ao partir, é que, saindo daqui não o verei. (Ela torna a se movimentar pelo cômodo.) Da primeira vez eu estava tão perturbada que pensei trair-me. Para dissimular meu embaraço pus-me a falar, a falar como uma maluca! É possível que um homem não suspeite da verdade nem mesmo quando a mulher se esquiva ao seu beijo? Nisso uma mulher não se enganaria! Enfim, oito dias sem vê-lo! Tenho tempo para preparar minhas mentiras. Eis-me condenada a mentir a todo instante... por palavras, olhares, sorrisos. E isto é ainda tolerável. Existe algo pior!

Mikael: — Tu me disseste...

Simone voltando-se com vivacidade: — Eu era salva pelas mesas que ele fazia girar à noite, até três ou quatro horas da manhã! Mas agora, para onde vamos, daqui a oito dias! Não sei!

Mikael tomando-a nos braços: — Esperemos o melhor!

Simone: — Ele me ama e por causa disso... (Livrando-se dos braços dele.) Cala-te!... Cala-te! Eu te peço... Outras se prestam a uma tal situação, se resignam ou mesmo se comprazem com tal situação! Eu, antes de ser condenada ao amor forçado, sou mulher para gritar: "Fora daqui! Deixa-me... Vai-te! Pertença a um outro homem!"

Mikael: — Teu sonho é o meu também! Levar-te para a minha casa, para o meu país, como um ladrão, para ali esconder o nosso amor. Para mim é bem fácil, não tenho nada que me prenda, nem família, nem amigos, nem emprego, nem obrigações nem outro dever senão o de te amar. Mas quanto a ti...

Simone: — Oh! Eu... Quando nos veremos outra vez?

Mikael: — Dentro de quinze dias!...

Simone: — É muito tempo...

Mikael: — Eu não posso chegar de repente! Ele desconfiaria...

Simone zombeteira, assentada e calçando suas botinas: — Ele?... Nem sonha com isto, a menos que os seus espíritos o advirtam... Mikael: — Aqui nada temos a temer, mas lá...

Simone passando-lhe o abotoador e estendendo o pé sobre o tamborete: — Então não vás...

Mikael: — Malvada!

(Ele começa a abotoar.)

Simone: — Faremos o possível com o auxílio de Thécla... Mas não teremos, tão em breve, horas como estas...

Mikael: — Em novembro, em Paris. (Terminando de abotoar uma das botinas.) Não há como Paris para se amar à vontade...

Simone: — Manejas o abotoar tão desembaraçadamente! (Ela apresenta o outro pé.) Deves ter prática!

Mikael: — Que idéia!

Simone: — Mostra-te, pois, inábil agora... Enfim... tudo isto é o passado, nada tenho a ver com o que fizeste! Mas no presente e no futuro! (Tomando com as duas mãos a cabeça de Mikael ajoelhado e apertando-a enquanto fita-o nos olhos.) Agora é comigo e se me traíres...

Mikael: — Matar-me-ás?

Simone: — Sim!

Mikael: — Esta bem... (Levantando-se) Vou atrelar o cavalo ao coche.

Simone: — Espera-me! Descerei contigo...

(Ela entra no dormitório para colocar seus chinelos e seu peignoir na pequena valise.)

Mikael olhando seu relógio: — Temos tempo! Com vinte minutos alcançaremos a estação de Guétary à noitinha... Nesse trenzinho só viajam pessoas da província. E tu, com esse véu espesso... e as sombras da noite!...

(Simone desce com sua valisa que ela coloca sobre a mesa.)

Simone: — Aqui tens tudo!

(Ela tira suas chinelas, fecha a valise, retira a chave que coloca no seu porta-níqueis.)

Mikael: — E sua bolsa de jóias?

Simone: — Deixei-a com Thécla. Delphine é tão distraída que um dia desses será roubada. (Ele lhe dá as luvas. Ela lhe estende sua mão para que a beije.) Queres abotoar isto? (Mikael abotoa-lhe a gola na nuca. Ela continua se aprontando e calça as luvas.) Eis o que me preocupou. Escuta!

Mikael: — O que?

Simone: — Ouve!... Desta vez não me engano. Fecham a porta lá embaixo...

Mikael: — Sim!... Mas não temas. Só pode ser o meu empregado que volta antes da hora. (Ele vai até à porta de entrada que entreabre enquanto Simone rapidamente esconde o rosto sob o véu e se mantém de pé diante da mesa, à esquerda, com as costas voltadas para o fundo fingindo olhar figurinos de moda. Ouve-se Mikael no patamar.)

Mikael: — És tu, Philippe?

Philippe do lado de fora: — Sim, sim, senhor...

## Segunda Cena

Simone, Mikael e Philippe.

Mikael a Simone: — Fica tranqüila, ele não entrará! (Ela se mantém de pé, à esquerda, sem afetação, olhando uma brochura e dando as costas a Philippe que aparece na porta lateral.)

Philippe com vivacidade: — Desculpa-me, senhor! (Ele vai entrar na cena.)

Mikael: — Toma cuidado, não estou a sós!

Philippe parando ao avistar Simone: — Oh! Perdão!

Mikael: — Por que voltaste tão depressa?

Philippe: — Ah! Como estou feliz por ver-vos são e salvo!

Mikael surpreso: — A mim?

Philippe: — Desde que li a notícia no jornal da manhã perdi a tranqüilidade. Tomei o primeiro trem. Estava temeroso de que o senhor estivesse naquele desastre... Mikael: — Que desastre?

Philippe surpreso: — O senhor ainda não soube?

Mikael: — Não! De nada!

Philippe: — Oh! Então não viajastes?

Mikael: — Nem sai de casa e não sei de nada. O que foi que aconteceu!? Vamos, dizer de uma vez.

Philippe: — Um acidente de estrada-de-ferro!

Mikael: — Onde?... Quando?

Philippe: — Ontem à noite, a trezentos metros da estação. O trem que partia chocou-se com um cargueiro! As duas locomotivas ficaram reduzidas a ferros retorcidos, emborcadas. Os vagões foram lançados uns contra os outros...

Simone: — Oh! Meu Deus!

Philippe: — Mas o pior é que o cargueiro conduzia garrafões de petróleo que se quebraram com o choque. O petróleo escorreu sobre a via onde se inflamou com os carvões caídos das locomotivas! Tudo pegou fogo e aquilo não era senão um lençol de chamas envolvendo os vagões e fazendo-os arder. Os passageiros ficaram presos naquela fomalha sem poderem sair.

(Movimento instintivo de Simone, contido por Mikael.)

Mikael agitado: — Mas o desastre ocorreu com o trem de que horário? O expresso ou o seguinte?

Philippe: — O seguinte, creio eu! (Simone se movimenta.) Eis um jornal daqui com todas as circunstâncias. E há um espetáculo lá em baixo terrível de se ver. Senti-me a ponto de morrer. Desentulham a linha e retiram os cadáveres.

Mikael tomando o jornal: — Vai auxiliar... vai! Não preciso de ti e podes ser útil. Eu te seguirei dentro de alguns minutos! Vai depressa.

Philippe: — Sim, senhor! Sim! Oh! Como estou aliviado com o fato de não terdes sofrido nada... (Ele sai.)

## Terceira Cena

Simone e Mikael.

(Simone arranca o jornal das mãos de Mikael que, enquanto ela o abre, fecha a porta do fundo. Ela procura sem encontrar, virando o jornal em todos os sentidos.)

Simone: — Oh! Meu Deus! É o trem que elas pegaram. Mas onde estão as notícias? Onde? A que horas ocorreu o desastre? Esse trem era o de que horário?

Mikael: — Vê o cabeçalho!

Simone: — Ah! Sim! (Ela lê.) "Somente hoje pode-se apreciar o terrível acidente que consternou nossa cidade. A estas horas da noite, em que escrevemos, os trilhos da estrada-de-ferro não estão ainda desimpedidos e não o estarão antes da próxima noite, apesar do devotamento do pessoal da estação e da ajuda de uma companhia da 75.a linha..." (Ela se detém.) Mas o horário do trem... o horário? (Ela recomeça a leitura aqui e acolá, percorrendo o texto.) Ao clarão das tochas e das lanternas... os gemidos dos feridos que são transportados... os gritos das pessoas que reconhecem algum dos seus... poças de água lamacentas e negras... uma fumaça que penetra a garganta... é um terrível cheiro de petróleo, de verniz, de carvão, de Terra molhada, tecido queimado e dizemo-lo... ai de nós... de carne queimada ... " Ah! A que horas? Que horror!

Mikael tomando-lhe o jornal e lendo: — "Conta-se, até o momento, uma trintena de vítimas, feridas mais ou menos gravemente e vinte e dois mortos, dos quais oito carbonizados a tal ponto de se tornarem irreconhecíveis. Mas é preciso esperar que se façam novas descobertas, ao desentulhar-se os três vagões de primeira-classe que se encontram ainda no braseiro ardente, apesar da água esguichada.

Simone: — Não dizem o horário do trem? Deve estar em algum trecho...

Mikael procurando: — Paciência!... Eu procuro... não vejo... Ah! Sim, talvez aqui. (Ele lê.) "Não se sabe ai quem atribuir a responsabilidade desta catástrofe. O trem cargueiro deveria parar em um entroncamento paralelo à via, dezessete minutos antes da partida da estação do trem 45 em seu horário regulamentar de onze horas e vinte minutos".

Simone: — É aquele, o segundo!

Mikael: — O que elas pegaram...

Simone: — E Thécia, Delphine... Oh! Deus, será possível? Thécia! Minha boa Delphine, tão devotada... Feridas? Mortas?... Ah! E eu nesse caso parti com elas! Não me tornarão a ver! Acreditam-me morta também!

Mikael: — Seguramente!

Simone: — Mas é espantoso! Estou perdida?

Mikael: — Não te desespere...

Simone: — Oh! Meu Deus!

Mikael: — Poderias ter escapado ao desastre!

Simone: — E não corri para minha casa? Não fui vista em parte nenhuma durante toda a noite?... E durante o dia! Não tenho explicação para estar salva a menos que justifique a minha ausência! E como justificá-la no momento? Dize, como? Se fosse à noite ainda vá lá! Mas hoje, às quatro horas da tarde!

Mikael: — Apavorada fugiste ao acaso.

Simone: — Pelos campos?

Mikael: — E por que não?... Refugiaste e...

Simone: — Onde? Em casa de quem?

Mikael: — Esgotada, desmaiada...

Simone: — Durante dezesseis horas?

Mikael: — O terror pânico! Já se viu, em casos semelhantes, pessoas vítimas de entorpecimentos das faculdades mentais a ponto de ficarem mudas, desvairadas, horas, dias inteiros...



Simone: — E eu não voltei para minha casa, não? Esquecera o meu endereço... Mas é uma estupidez. Vejamos! O que me sugeres é uma estupidez!

Mikael: — Então, o que faremos?

Simone: — Nada! Não há nada a fazer! Oh! Deus, que fatalidade! E quanto mais demoro em aparecer, mais me comprometo!

Mikael que pegou o jornal: — Se Théccla ou Delphine, ou somente uma delas estivesse salva...

Simone: — Nós o saberíamos!

Mikael: — A campainha esta noite?

Simone: — Seriam elas?

Mikael: — Talvez! Se foram elas eu ficarei sabendo!

Simone: — Elas teriam insistido para que abríssemos a porta.

Mikael: — Aliás!... Eis aqui os seus nomes!

Simone: — Seus nomes?

Mikael: — Sim!

Simone: — Entre os mortos?

Mikael: — Sim!

Simone extremamente emocionada: — Oh! Minha querida Delphine! Pobre moça!

Mikael: — E o teu. Aqui! Lê!

(Simone lê enxugando as lágrimas.)

Simone: — "Conta-se até o momento dezessete mortos e trinta e dois passageiros feridos mais ou menos gravemente, cujos nomes se seguem."

Mikael: — Não... Aqui, mais em baixo!

(Simone com uma emoção que se torna mais intensa quando menciona o seu nome.)

Simone: — A esta lista é preciso acrescentar os nomes dos passageiros cujos corpos não foram ainda encontrados. O capitão Talard, a viúva Olivert e sua filha de quatorze anos, a condessa Théccla... (Ela para sufocada e recomeça.) Théccla Vasilesco... a senhora

d'Aubenas e sua criada. Entre os nomes das pessoas chegadas primeiramente ao lugar do sinistro, e que não cessaram durante toda a noite, de auxiliar no salvamento dos feridos e no transporte dos mortos, é preciso assinalar o do senhor d'Aubenas, desvairado pela idéia de que a senhora d'Aubenas pudesse ter tomado o trem depois de ter perdido o expresso. Ninguém podia conter a emoção vendo-o correr ansiosamente entre os feridos e os mortos, esforçando por reconhecer nos cadáveres carbonizados, os restos da esposa adorada, ou de encontrá-la, arriscando sua vida nos escombros dos vagões em chamas. E apesar da fadiga, dos desfalecimentos e dos esforços dos amigos que o rodeiam, a esta hora ele ainda se obstina em sua fúnebre busca".

Mikael: — Pensei! Alguém sobe a escada correndo...

#### Quarta Cena

Mikael, Simone e Philippe.

Philippe do lado de fora, depois de ter batido: — Senhor?! Senhor?!

Mikael junto à porta, porém sem abri-la: — Es tu, Philippe? O que houve?

Philippe: — Venho prevenir-vos, senhor. Vi de longe uma viatura com quatro pessoas dirigindo-se para este lado. O senhor irá recebê-los?

Mikael: — Depende! Quem são?

Philippe: — Eu reconheci apenas uma delas. É o senhor d'Aubenas!  
(Movimento de Simone.)

Mikael: — Estás certo disso?

Philippe: — Certíssimo! Recebê-lo-eis?

Mikael: — Naturalmente. Faze com que as pessoas entrem.

Simone: — Ele?! Aqui?!

Mikael: — Sim! A viatura para à minha porta!

Simone: — Ele sabe de tudo!!!

Mikael: — Como poderia saber? Quando muito suspeitará! Uma razão a mais para eu recebê-lo!

(Ele descerra a porta do dormitório.)

Simone de ouvidos atentos à porta: — Ei-lo! Eu o ouço!

(Ouvem-se vozes Ia fora.)

Mikael: — Eles sobem... Entra no quarto... rápido... e não temas, estou aqui!

(Ele puxa o ferrolho da porta de entrada.)

Simone na soleira da porta do quarto: — Oh!...

Dele? Que tenho a temer? É excessivamente generoso! Não é a sua cólera que eu temo!... É a sua dor!

(Mikael fecha a porta no quarto no momento mesmo em que Philippe abre a da frente, fazendo entrar os recém-chegados)

### Quinta Cena

Mikael, D'Aubenas, Valentin, Georges, Marescot. D'Aubenas do lado de fora: — Teu patrão está em casa?

Philippe igualmente do lado de fora: — Sim, senhor!

D'Aubenas entra agitado, desalinhado, a roupa suja, rosto e mãos escurecidos pela fumaça: — Ah! Por fim! Por fim eu te vejo!

Georges: — Nós tocamos inutilmente ontem à noite.

Valentin: — E esta manhã!

Mikael: — Assim que eu soube corri para a estação. E lá passei a noite...

Valentin: — Eu não o vi lá...

Mikael: — Naquela multidão!...

D'Aubenas: — Enfim, aqui estás! Mas talvez para destruir a única esperança que me resta!

Mikael: — Eu, senhor?

D'Aubenas: — A última! (Georges aperta-lhe a mão.) Acompanhaste a senhora d'Aubenas, sua amiga e a criada até a estação?

Mikael: — Onde lhes fiz minhas despedidas...

D'Aubenas: — Sem deixá-las um só momento, até à plataforma? E o vagão que elas tomaram?

Mikael: — A nossa chegada o trem já se movia.

D'Aubenas: — O expresso?

Mikael: — O direto! As senhoras não tiveram tempo senão para pegar suas passagens. Gritei-lhes de longe: "Apressai-vos!" E voltei...

Valentin: — Sem constatar se elas haviam tomado aquele trem?

Mikael: — Confesso que sim!

D'Aubenas: — Assim... assim, senhor, não podes dizer-me se a senhora d'Aubenas partiu pelo expresso, se teve que esperar o trem seguinte?

Mikael: — Eu não posso garantir que ela tenha partido pelo expresso. Mas é provável que sim! Será melhor esperar!

D'Aubenas: — Ah! esperar... durante toda uma noite eu tenho estado a esperar. Eu preciso desesperadamente ter uma certeza e não a tenho! Pelo contrário, as respostas que obtenho deixam-me no auge da ansiedade. Se ela não partiu pelo primeiro trem, está morta... e que espécie de morte... Oh! Deus meu! Por um minuto de atraso! Um minuto apenas... Queimada! Queimada viva!

Georges: — Por que supor o pior? Pendes para as soluções dramáticas.

Marescot: — E é o mais provável!

D'Aubenas: — Mas se o trem já estava em movimento!

Georges: — Simone não é mulher capaz de hesitar.

Marescot: — E de não abrir uma portinhola com rapidez!

D'Aubenas: — Sozinha, sim!... Mas com aquelas duas mulheres!

Mikael: — Por que não um telegrama? De Noiselle...

Georges: — Pensa bem! Nós nos despedimos delas a noite passada! A esta hora elas apenas acabaram de chegar lá!

D'Aubenas: — E o dela... que ela deveria endereçar-me assim que chegasse... às onze horas ao mais tardar... São quatro e dez e nada recebi!

Georges: — Ora, isto não é motivo para te inquietares?

Marescot: — Não soube do acidente e, portanto, não tomou medidas urgentes... Ela não o terá expedido senão há uma hora...

Georges: — Com o acúmulo de telegramas que a fluem... e intranqüilidade reinante na repartição!...

Marescot: — O telegrama não deve demorar...

Georges: — Nossos criados sabem onde estamos...

Marescot: — Terás notícias em breve!...

D'Aubenas: — Se o telegrama chegar!

Georges: — Vamos! Coragem!...

D'Aubenas: — Eu a tive até agora... mas no momento!

Valentin: — Estas esgotado, não comeste nada desde ontem e não tiveste um minuto de sono!

D'Aubenas: — O mesmo sucedeu contigo! Eu abuso de tua amizade...

Valentin: — Não queres beber alguma coisa?

D'Aubenas: — Não, obrigado! Não quero nada!

Valentin: — Não és razoável... O que é isto? Uma queimadura?...

D'Aubenas: — Eu mal o sinto! Não é nada!

Georges: — Tu te queimaste removendo os destroços incandescentes!

D'Aubenas: — É provável!

Marescot: — E se nada descobriste, há ainda uma esperança...

D'Aubenas: — Ah! Quem sabe!... Quem sabe!... Quantos estão lá ainda sem serem reconhecidos! Os infelizes estão tão desfigurados! Talvez eu a tenha tido nos meus braços, sem reconhecê-la... (Enquanto as lágrimas fluem dos seus olhos.) Ela... Ela... minha amada Simone... É isso possível, meu Deus! Como pode acontecer?

Georges a Marescot, apertando-lhe a mão em silêncio: — Partamos! Vem! partamos!

(D'Aubenas se levanta pesadamente.)

Marescot: — É melhor irmos para tua casa.

D'Aubenas: — Não! Não! Para lá não!

Marescot: — Para onde queres ir?

D'Aubenas: — Quero procurar ainda!

Georges: — Mas é terrível esta busca!

D'Aubenas: — O que é terrível é não saber!... Vamos!

Georges: — Alguém chega.

### Sexta Cena

Os mesmos e Philippe.

D'Aubenas com um grito de alegria: — O telegrama! Philippe entrando: — Senhor, há alguém lá em baixo que deseja falar-vos...

D'Aubenas: — Quem?

Philippe: — O doutor Parisot.

D'Aubenas: — Ah! Encontraram-na?

Philippe balbuciando: — Eu o ignoro...

Marescot e Georges juntos: — Meu irmão! Meu amigo!

D'Aubenas libertando-se de ambos: — Soltem-me. Encontraram-na! Deixem-me! (Ele se arremessa para fora seguido de seu irmão. Ouve-se o seu grito na escada.) Doutor!

... Doutor! Onde estás?

### Sétima Cena

Os mesmos, menos D'Aubenas e George.

Marescot a Philippe: — Era ela?

Philippe: — Provavelmente, mas tão desfigurada que o senhor Parisot só a reconheceu pela corrente de aço de sua bolsa de jóias. As jóias estavam esparsas, fundidas, a bolsa e os escrínios queimados, mas sua inicial em ouro ainda está bem visível.

Marescot: — Que desgraça! (A Mikael e a Valentin.) Vindes? (Ele sai com Philippe.)

Mikael pegando o seu chapéu: — Nós o seguimos!

## Oitava Cena

Mikael, Valentin e depois Simone.

Mikael fazendo a Valentin sinal para sair antes dele: — Senhor!

(Valentin não se move e faz um gesto negando-se.)

Valentin: — Desculpa-me senhor, mas me parece inútil procurar tão longe uma pessoa que está aqui!

Mikael surpreendido: — Eu não compreendo!

Valentin tranqüilamente: — Oh! Sim! Tu o compreendes muito bem. Tua ausência esta noite lá em baixo, na estação, tua obstinação em não abrires a tua porta, a diligência de teu criado em voltar para te avisar de nossa visita! Tudo isto me parece bem estranho! Eu disse ao teu criado no saguão: "Nós vamos importunar o teu patrão que não está a sós!" Ele me respondeu: "Ah! Senhor! Fui eu que lhe trouxe a notícia dessa desgraça!" Minhas suspeitas se confirmavam. O embaraço, a frieza de tuas respostas ao meu pobre amigo não as atenuaram, longe disto, e o movimento de surpresa que não soubeste disfarçar à notícia de que o corpo de Simone fora encontrado tirou-me as últimas dúvidas. Ela se encontra neste quarto ou naquele outro?

(Ele se dirige em direção ao toucador. Mikael barra-lhe a passagem quando se dirige ao quarto de dormir.)

Mikael: — Cavalheiro!

Valentin calmamente designando o quarto: — Muito bem! Está neste...

Mikael: — Repito-te, senhor que...

Valentin sem dar-lhe atenção, em voz alta: — Vamos Simone, abre de uma vez. Sabes que sou um amigo verdadeiro! E prefiro que estejas viva aqui neste quarto do que morta lá em baixo, na estação!

## Nona Cena

Simone, Mikael e Valentin.

(Abre-se a porta do quarto e Simone aparece na soleira, pálida, segurando em uma das mãos o lenço que aperta contra os olhos. Com a outra apoia-se no batente. Mikael corre e fecha a porta de entrada. Valentin dirige-se prontamente para Simone e ela se apóia em seu braço. Com esse auxílio chega ao assento à esquerda onde se deixa cair chorando.)

Simone: — Oh! O infeliz! Que mal! Quanto mal lhe fiz eu!

Valentin: — Com efeito é mesmo de se lastimar.

Simone: — E sou eu a culpada!

Valentin: — Certamente!... Minha pobre criança... Mas se fosses virtuosa, a esta hora serias apenas cinzas. Os desígnios da Providência são insondáveis. (Ele assenta-se perto dela.) Como vamos nos sair disto, ein?! (Simone faz um gesto de desalento.) Pensaste em uma explicação? (Simone nega com um gesto. Ele continua) Fabricar um telegrama, uma carta, supor que não pudeste apanhar o primeiro trem sozinha, o que te salvou... (Movimento de Simone.) Crês que alguém acreditaria nisso?!

Simone contendo a emoção: — Eu não teria recursos para uma tal mentira!

Valentin: — E eu tão pouco me prestaria a essa traição! Fazer o que então? A confissão?

Simone: — Ah! Isto nunca, nunca!

Valentin: — Entretanto não há outro recurso!

Simone: — Nunca! Ah! Deus do céu! Encarar o olhar desse ser infeliz, tão bom, tão desolado!

... Já sofri o bastante ouvindo-o.

Valentin: — Mas tu podes vê-lo!

Simone: — Comunicar-lhe que esta noite eu estava aqui?... Poderei confessar-lhe isto sem morrer de vergonha? E depois... de que me valeria essa confissão? Seu perdão? Não o quero. E então? O



rompimento? O divórcio? Acreditam-me morta! Seja, eu estou morta! É isto! É o melhor caminho.

Valentin: — Tu não queres deixar que se acredite...

Simone: — Em minha morte? Ah! Deus! Sim, eu o desejo...

Valentin estupefacto: — Sê razoável!

Simone: — Eu lastimava não pertencer livremente àquele que amo, sem hipocrisias, sem partilha... Mas a sorte está lançada. Minha, morte é uma mentira que me liberta de todas as outras, que me restitui a liberdade, o direito de decidir os meus atos e o que fazer do meu corpo, de minha alma. De outra forma eu hesitaria... e tu queres que eu hesite?

Valentin: — Mas esta é uma situação absurda!

Simone: — Não menos que a realidade. A verdade apenas pode levá-lo à desolação. É bom que penses nisto! Há foi bastante ter traído a confiança dele sem inflingir-lhe a dor de saber que eu lhe mentia... Eu desapareço. Ele ignorará tudo. Chorar-me-á morta em vez de chorar-me em vida. E eu lhe deixo enternecidas saudades e não a lembrança amarga da traição!...

Valentin: — Toda a mulher é muito hábil em dar ar de razão e verdadeiras loucuras!

Simone: — Mas o que julgas uma loucura?

Valentin: — Essa morte simulada. Mas, minha pobre querida, isso é para os romances, os dramas, as óperas... Tudo isso que desejas! Não dará certo! E não penses que irei ajudá-la em tal despropósito!

Simone: — Eu te peço somente que nada reveles.

Valentin: — E o que será de ti? Para onde irás?

Simone: — Para a casa de Mikael!

Valentin: — Na Sérvia?

Simone: — Lá, quem suspeitará de mim, sob um falso nome?

Valentin: — Um falso nome! Mas na Sérvia, a quarenta e oito horas de Paris? Ser-te-ia necessário uma máscara e toda uma vida nova. Supões que serás capaz de romper assim com teus hábitos, prazeres, amizades? Paris, os teus, o teu mundo?

Simone: — Ah! Eu me importo bem pouco com Paris e o mundo. Atualmente o meu mundo é... Mikael e eu!... Meus prazeres? já me fatiguei deles. Minhas amizades... eu não tenho senão a ti! Tua serás a única pessoa da qual sentirei falta.

Valentin apontando a casa de D'Aubenas: — E ele?

Simone: — Oh! Ele... ele é o meu remorso e a verdadeira causa do que chamas minha loucura. Deverias compreender: é dele que eu fujo! Sua dor me faz sofrer intoleravelmente! Não quero reencontrar-me um dia em sua presença e mesmo que não me dissesse uma única palavra, suportar a tristeza de seu olhar. À distância poderei convencer-me de que ele está morto para mim como eu estou morta para ele. E se eu não esquecer jamais o desgosto de que fui a causa... pelo menos não estarei condenada a vê-lo.

Valentin: — Se persistires nessa decisão ditado pelo teu ânimo exaltado, partirás?

Simone: — Ainda esta noite. Eu desejaria estar no outro lado do mundo!

Valentin: — Com o cavalheiro que, sem dúvida, aprova esta partida!

Simone: — Oh! Ele? Naturalmente!

Mikael: — Perdoa-me, Simone, mas eu penso como este cavalheiro. Uma decisão tão drástica merece reflexão. É uma medida extrema à qual não somos obrigados...

Simone: — É o que pensas?

Mikael: — Permita-me...

Simone: — Tu te recusas? És tu quem recusa?

Mikael: — Calma, eu te peço... Tua exaltação é compreensível! Compete-nos a nós outros conservar o sangue frio que te falta. Esta suposta morte, esta fuga noturna, tudo isto teria a sua razão de ser se o casamento fosse indissolúvel. Mas, graças a Deus não estamos mais nessa situação e tu dás bem pouco valor a uma solução tão natural, tão simples...

Simone: — O divórcio?

Mikael: — Sim!

Simone: — E o processo, o escândalo? Formalidades que me colocarão na presença daquele que eu não quero mais ver, a nenhum preço! Meu nome comentado em toda parte, entregue à curiosidade, a zombaria do público. Serei a heroína desta indigna aventura! Dirão de mim: "Aquela do trem-de-ferro, tu sabes, cujo pobre marido queimava as mãos à procura do cadáver enquanto ela estava na casa do seu amante!" É revoltante o que me propões: Como ousas oferecer-me tal situação? É tão vergonhosa para ti quanto para mim!

Mikael: — Que exagero, Simone! Comentar-se-á durante três dias e não se pensará mais nisso. E, depois, serás minha esposa.

Simone: — Agrada-te que eu o seja nessas condições?

Mikael: — São as únicas possíveis, pois que, sem dúvida, não pensas em contrair alhures um outro casamento ilegal e nulo?

Simone: — Isso ocorreu-me!

Mikael: — Quando não depende senão de ti seres minha legítima esposa preferes...

Simone: — Eu não prefiro nada...

Mikael: — E que segurança haveria?

Simone: — Eu que tenho, pois, mais confiança em teu amor do que em ti mesmo!

Mikael: — Meu amor não está em discussão. Trata-se das garantias de felicidade e principalmente do bem estar que te pode ser oferecido em troca do que tens. Pois, em suma, não seria nem mesmo a abastança, porem grandes aborrecimentos, privações de toda espécie, a pobreza e até mesmo a penúria.

Simone: — Eu aceito tudo isso.

Mikael: — A famosa cabana, pão, água a uma esteira para dormir...

Valentin: — O casamento segundo Lot.

Mikael: — Quando não tiveres mais dez criados às tuas ordens e três vestidos a trocar por dia...

Simone: — Por quem me tomas?

Mikael: — Por uma frívola que não sabe o que é a privação!

Simone: — Ainda há pouco não pensavas nessas privações. Ouço ainda a tua expressão de bravura: "Ah! Se eu pudesse levá-la ao meu país, à minha casa..."

Mikael: — São coisas que se diz...

Simone: — Sem se acreditar nelas!

Mikael: — Sem medir o seu alcance. Mas no momento de agir...

Simone: — Esquiva-se...

Mikael: — Pois que há uma solução mais simples!

Simone: — Que me revolta!

Mikael: — Contudo...

Simone: — Finalmente, amas-me ou não?

Mikael: — Que pergunta!...

Simone: — Eu procuro animá-lo e tu resistes. És tu que deverias suplicar-me que consentisse em partir. Quem deveria estar mais apressado em distanciar-me de tudo quanto me separa do teu amor. Eu estou cheia de coragem, porém tu não a tens. De onde te vem esse medo súbito de tudo isto que eu desafio sendo mulher e que te apavora a ti que és um homem?

Mikael: — As tuas censuras são injustas, Simone. Eu não te apresentei senão argumentos razoáveis.

Simone: — Achas? Muito razoáveis! Nada poderia ser mais razoável!

Mikael: — Concordarás em que não se pode tomar tal resolução sem refletir e nós poderemos esperar até amanhã!

Simone: — Amanhã? Acreditas que eu vou passar a noite nesta casa a cem passos daquela em que se derramam lágrimas por mim? Amanhã... não deixaremos nada para ser resolvido amanhã!

Mikael: — Tenho providências a tomar, necessito de tempo para por em ordem os meus negócios.

Simone: — Que negócios? Dizias-me ainda a pouco: "Não tenho família, nem parentes, nem emprego, nem obrigações nem deveres que me retenham! Meu único dever é o de amá-la". Faze-o!

Mikael: — Dê-me os meios para isso.

Valentin: — O dinheiro... (Movimentos simultâneos de Mikael e Simone que, apanhada de surpresa o fixa com o olhar. Ele continua muito tranqüilamente.) Sim! Poderias discutir nesse tom durante horas sem pronunciarees a palavra principal: — O dinheiro...

Simone: — O dinheiro?

Valentin: — Não chegareis jamais a um acordo. Simone, és uma exaltada, uma romântica, uma apaixonada! O cavalheiro tem um espírito ponderado, sagaz, positivo e prático. Ele não habita, como tu, as nuvens. Pisa o solo e faz este raciocínio bem simples: "Não há recursos senão através do divórcio como uma solução contentável, pois ela deixa iodos os bens àquela que eu adoro. Eu desposo aquela que adoro e serei o mais feliz dos homens".

Mikael: — O senhor quer dizer...

Valentin continuando: — Sim!... A tua pretendida morte, Simone, não te deixa um cêntimo e, além do mais, criar-te-ia aborrecimentos de toda espécie; nem mesmo por aquela que ele adora, nem por si mesmo ele quereria ter tais empecilhos.

Mikael: — Eu não disse isto!

Valentin: — Pois dize-o de uma vez. É muito justo e Simone é inteligente demais para não compreender que o raciocínio é certo, quero dizer, essa de associá-la à tua penúria, tu, que preferirias mais o prazer de te associardes à sua fortuna!

Simone: — Oh!

Mikael vivamente: — Simone, acreditarias que eu seria capaz?...

Simone: — Seria indigno demais!

Mikael: — Espero que tomes as insinuações do cavalheiro pelo que elas valem!

Valentin: — Ela percebe a situação!

Mikael violentamente: — Como te atreves?

Valentin friamente: — É a mim que o cavalheiro fala?

Simone interpondo-se: — Valentin!... Não, não! Cala-te, eu te peço! (Silêncio de Mikael.) É preciso por um fim nisto, não é? Recusas-te decididamente a partir?

Mikael: — Sim, mas por outras razões e não essas que o cavalheiro tem a ousadia de me atribuir...

(Movimento de Valentin detido por Simone)

Simone à meia voz dirigindo-se a Valentin: — Cala-te! (A Mikael) Então eu não tenho senão uma decisão a tomar. Aquela que Valentin me aconselhou... a confissão!

Mikael com vivacidade: — E o divórcio?

Simone: — Oh! O Divórcio! Não é senão uma probabilidade, a única que tu até agora admitiste. Mas há uma outra!

Mikael: — Qual?

Simone: — O perdão...

Mikael: — De teu marido?

Simone: — Ele é muito bom, generoso e me ama o suficiente para ter este gesto.

Mikael: — Ele pode ser tudo isto, mas é pouco provável que faça o que imaginas.

Simone: — Possível ou não, é provável, não é? (Gesto de Mikael.) Até que enfim algo fica admitido. Admites essa probabilidade?

Mikael sem convicção: — Se é o que queres!

Simone: — Perdoada por ele tu me estimarias o bastante, penso, para estar segura de que entre nós tudo se acabou para sempre.

Mikael: — Sim!...

Simone: — Isto seria, pois, o rompimento definitivo, absoluto... Arriscamos?

Mikael: — Achas que sim?

Simone: — Bem, não discutamos mais. É preciso que decidas. Responde. Eu não tenho senão a escolha entre a fuga contigo ou minha confissão. E se ele me perdoar eu não te verei nunca mais... está compreendido?

Mikael embaraçado: — Exiges uma resposta?

Simone — Imediatamente.

Mikael: - Amo-a demais para hesitar.

Simone com esperança: — Finalmente.

Mikael: — Não posso aconselhar-te uma fuga que faria de ti uma aventureira, enquanto que a confissão...

Simone: — Irá nos separar para sempre!

Mikael: — Deus do céu! É por demais arriscado.

Simone: — Um risco a correr?

Mikael: — Sim!...

Simone com entusiasmo: — Ah! Tu o entendes, tu o entendes!

Valentin: — É tão claro...

Simone: — Tinhas razão. O dinheiro! Ah! O miserável dinheiro! É sempre ele...

Mikael: — Eu estou defendendo os teus interesses...

Simone a Valentin: — Ouve isto, ouve! É por amor a mim que ele me atira nos braços de um outro!

Mikael: — A minha consciência o dita!...

Simone: — A tua consciência! A consciência de um homem ao qual digo: "Eu sou tua, renuncio a tudo, desafio tudo!" e que me responde: "Perdão, tudo isto é muito belo, mas o dote? Onde está o dote? A isto chamas "a tua consciência."

Mikael: — Se tu não me deixasses...

Simone: — Em boa hora far-se-ia o meu divórcio... Ganhar-se-ia com isto a fortuna e a mulher. Mas minha morte, minha fuga, quem me deixam sem um níquel! A mulher sem os milhões! O amor sem rendas! Um ser que nada tem de seu nem mesmo as jóias, devem ter devolvido ao seu marido.

Mikael impassível e sorridente, enrolando um cigarro:

— Se não há nada de melhor a me ser dado!

Simone: — Não há argumentos a meu favor, não é? Ah! Deus! Sim, sim, sem argumentos... (A Valentin.) Olha-o! Ele tem tão pouco

consciência de sua infâmia que sorri e se admira de minha indignação. Pois bem! Ele não quer sobrecarregar-se com um amor sem proveitos. É muito justo, é preciso que ele seja indenizado, pois que a natureza, dando-lhe uma alma tão objeta, não fez dele uma moça que se pudesse vender!

Mikael: — Ora...

(Ele dá um passo em direção a ela. Valentin faz um movimento.)

Simone retendo-o: — Afasta-te! Não te aproximes de mim. Ah! Infeliz! Eu desejaria matar-te e matar-me em seguida! (A Valentin.) Leva-me, eu te suplico! Não posso permanecer aqui com este homem... Leva-me...

Valentin: — Nem penses nisto, pobre criança. Ainda é dia e a rua está cheia de gente!

Mikael: — O cavalheiro tem razão... Não podes sair! (Ele pega o seu chapéu.) Ficas aqui como se estivesses em tua casa. Voltarei dentro de uma hora, o tempo preciso para acalmar esta crise. Espero que a reflexão faça com, que possas admitir a única solução que poderia tornar-nos livres...

Simone: — Livre ou não, entre nós está tudo acabado...

Mikael: — Foste tu que o quiseste. (A Valentin.)

Quanto a vós, o negócio é diferente. Somos pessoas que passam tudo em revista, suponho!

Valentin: — É a minha intenção!

Mikael: — É o que espero!

(Ele sai.)



## Décima Cena

Simone e Valentin.

Simone assentada: — E é por isto que se gasta a vida e a dos outros, que nos tornamos falsos, egoístas, ingratos. É nisto que se crê... é a isto que nós nos entregamos. A isto... Que decepção, que desgosto! Eu me envergonho. Gostaria de desaparecer! Fui suficientemente punida...

Valentin assentando-se junto dela: — Coragem! Já nos livramos desse indivíduo desprezível e, para o que vier no futuro, para que sirvo eu?

Simone: — Valentin, não me abandones. Só tenho a ti e o que será de mim se me faltares?

(Rumores surdos na rua, vozes de mulheres rezando litánias pelos mortos.)

Simone: — Ouves?

Valentin pondo-se de pé: — É na rua...

(Ele vai até à janela e olha.)

Simone: — De que se trata?

Valentin: — Não olhes.

Simone: — Por que?

Valentin: — Uma padiola que levam à tua casa... recoberta por um lençol branco...

Simone: — Uma morta... Thécla!

(Valentin tenta retê-la.)

Simone dirigindo-se à janela onde se detém: Deixa-me!

Valentin: — Toma cuidado!. Teu marido!

Simone: — Deixa-me! Deixa-me! Quero vê-lo.

(Ela toma o lugar de Valentin à janela.)

Valentin: — Tu o vês?

Simone: — Sim! Ei-lo... ei-lo nos braços de seu irmão... e tão pálido! É a ele que eu deveria amar. Vede-o! Ele chora agora! Chora como uma criança!

Valentin docemente procurando afastá-la da janela: — Vamos! Não fiques aí!

Simone sem deixar a janela: — Ah! Eu deveria gritar: "Despreza-me, enxotame, eu não mereço tuas lágrimas".

Valentin: — Esta confissão, minha pobre querida, tu serás em breve obrigada a fazer...

Simone chorando, sempre no mesmo lugar: — Terei coragem?

Valentin ternamente: — Eu sei o que fazer, eu os devolverei um ao outro.

Simone no mesmo tom de voz: — Tu o poderás?... Tu não lhe devolverás aquela por quem ele tanto chora, a esposa amante e fiel que não existe mais. Ele tem razão de chorá-la! Chora a sua Simone porquanto está morta... Ela está morta e eu também a lastimo e choro por ela!

Cortina



Um elegante chalé em Quiberon, à beira-mar. À direita, no primeiro plano, alta lareira bretã aonde o fogo vai se apagando.

Segundo e terceiro planos, grandes janelas francesas com porta central abrindo para um patamar pelo qual se desce ao jardim.

A maior parte do fundo, à direita, está também ocupada por uma outra janela francesa que, como as demais, deixa ver o mar bordejado de rochedos.

Resta ao fundo, à esquerda, uma porta que se abre para uma pequena antecâmara para além da qual vê-se uma porta de dormitório.

A esquerda, no primeiro plano, um grande vão de dois metros ornado de reposteiro, que se abre para o quarto de dormir que mais se advinha do que se vê.

No segundo plano, porta do quarto. Ao fundo um relógio rústico.

Todo o cenário é atapetado. Grande mesa cheia de livros.

Poltronas, canapés, etc.

A ação começa ao por do Sol. Depois cai a noite muito estrelada, com um vivido luar.

## Primeira Cena

Valentin, Yvon, depois Simone.

Ao levantar-se a cortina Yvon arruma livros sobre a mesa; Valentin abre a porta da direita. Simone, no seu casaco de viagem, se mantém além da soleira da porta.

Valentin: — Perdão, meu rapaz! É aqui que se encontra o senhor d'Aubenas?

Yvon no canto da mesa: — Sim, senhor. (Indicando a direita.) Ei-lo: que desce lá em baixo, em direção ao mar. Está com seus amigos.

Valentin: — Sim, eu o vi de longe, dirigindo-se para aquele lado. (Voltando-se para Simone.)

— Ouviste, minha querida? É aqui mesmo. Podes entrar.

Simone inquieta, olhando para a direita, à meia-voz:

— E se ele voltar?

Valentin no mesmo tom de voz: — É pouco provável, ele acabou de sair. (A Yvon.) Eu pensei que o senhor D'Aubenas estivesse sozinho nesta casa!

Yvon: — Habitualmente é o que acontece. Ele chegou há cinco dias e não tem recebido ninguém a não ser o seu criado, que lhe traz livros. Sou eu quem o serve e minha mãe mantém em ordem a casa e cuida da cozinha.

Valentin: — Então aquelas pessoas que se afastam com ele lá em baixo estão aqui por acaso?

Yvon: — Elas chegaram por volta das quatro horas, vindas de Auray. O senhor não as esperava. Ele convidou-as para jantar.

Valentin: — E esperam demorar-se em Quiberon?

Yvon: — Oh! Não, senhor. Eles todos partirão esta noite para Carnac em um veículo que já reservaram.

Valentin olhando para fora: — E para onde vão eles agora?

(Ele pega um binóculo sobre a mesa.)

Yvon: — Até os rochedos, senhor, ao lado do farol. Eles não estarão de volta antes de vinte bons minutos. Se o senhor desejar poderei ir avisá-lo de sua chegada.

Valentin olhando de soslaio: — Não! Não!... Obrigado! Vinte minutos não é muito tempo... (Simone dirige-se à lareira. Valentin se aproxima dela.) Georges e sua mulher... O senhor e a senhora des Aubiers... Marescot e um outro que não reconheço... Pouco importa! No momento eles nos deixarão o campo livre. (A Yvon) Meu rapaz, a senhora e eu esperaremos aqui a volta de nosso amigo, mas acontece que ela está viajando de trem desde ontem e acha a brisa marinha um pouco úmida. Seria muito amável de tua parte se reavivasses o fogo que se extingue!

Yvon: — Vou buscar lenha, senhor. Só que não está muito perto e a senhora terá de ser um pouco paciente.

Valentin: — Nós esperaremos, meu rapaz. Vai! Vai!...

Yvon: — Já vou, senhor.

(Ele sai pela direita.)

## Segunda Cena

Simone e Valentin

Simone: — Que imprudência! Se ele me surpreendesse aqui!

Valentin: — Ele não pode entrar sem que eu o veja. E, antes de sua volta, teremos tempo de conversar à vontade, melhor do que na rua, onde esses bretões nos olham como animais exóticos. No hotel em que estou, terias sido notada e, sem dúvida, na estação, onde te esperei em todos os trens. Além disto, poderemos conseguir algumas informações desse rapaz. Fique tranqüila!... Eu não os perco de vista... (Ele a faz assentar-se e fica de pé, ao seu lado, conservando as mãos de Simone nas suas.) Que triste semana para ti, minha pobre Simonette! Oito longos dias sem nos vermos! Eu me desesperarei por não poder encontrá-

la. Mas... que motivo premente te levou a tomar essa súbita resolução, que nos criou tantos aborrecimentos?

Simone: — Eu me censurava incessantemente por ter partido sem te consultar, sem mesmo tornar a ver-te! No entanto, irás compreender-me. Quando me encontrei só, naquele quarto vazio onde me havias deixado, dizendo-me apenas que "Robert deve estar preocupado com minha ausência... Espera-me até a noite. Mikael não aparecerá mais, podes estar segura disso. E eu voltarei assim que tiver preparado Robert para rever-te". No início esperei, pacientemente, espreitando pela janela, aguardando o seu regresso! Mas, inutilmente... Enquanto as sombras da noite iam chegando, eu via aquela casa, do outro lado, aquela casa que, ainda na véspera, era minha... Eu a via, além do jardinzinho que a separa da rua, com os portões e as grades espaçadas — toda sombria e como que de luto... Somente duas janelas estavam iluminadas; no primeiro pavimento, a do meu quarto, no térreo, a do escritório de Robert...

E, encolhida de encontro ao gradil, eu esperava a tua saída lá de dentro... No entanto, não aparecias!... Nervosa de tanto esperar-te, veio-me o desejo de transpor o jardim deserto e ir olhar pela janela do andar térreo. O que se passava naquela casa envolvida na escuridão da noite e onde se orava por mim sobre o corpo de uma outra pessoa? Para ali me dirigi! Com a frente colada ao vidro, eu vi, pela abertura das cortinas, a meio puxadas. Robert estendido, aniquilado, em um sofá, ao que me pareceu, sozinho!... Só!!! A! Se eu me atrevesse! Ali estava o momento de ajoelhar-me aos seus pés e de conseguir dele o meu perdão! Apelei para toda a minha coragem e minha mão já procurava, tremendo, a maçaneta da porta!... Quando, de repente, Robert dirigiu o seu olhar para onde eu estava!... Pareceu-me que ele ia se levantar e vir até mim, ameaçador!

O medo fez com que me ocultasse na sombra e fugisse pelo jardim, sai correndo pelas ruas, com a desvairada impressão de que ele me

estava seguindo os passos e ia gritar: "Simone! Simone! Fugiste em vão! Eu te vi, Simone! Eu te vi!"

Valentin: — E então?

Simone: — Então me dirigi à estação, já desimpedida, Esperava-se um trem vindo da Espanha! Assentada em um banco, na penumbra, escrevi a lápis, em uma folha de minha caderneta de anotações, o bilhete que um menino te levaria... Nele comunicava-te a minha decisão de partir para Bordeaux. De lá informar-te-ia onde estava, sob um falso nome. Ali iria esperar-te... E parti!... Que viagem... Naquele vagão, sozinha, chorei todas as lágrimas que possuía. Um pensamento me obsediava... Minha morte poderia deixar de ser uma mentira! Seria tão fácil... ali... sobre aqueles trilhos! Mas eu seria reconhecida! E desejava tanto continuar sendo aquela morta, a honesta mulher por cuja perda tanto se chorava!...

Valentin: — Pensaste realmente nisso?

Simone: — Oh! Sem notícias... Quantas vezes o pensamento do suicídio ocorreu-me naquele hotel em que me hospedara, só, sem bagagem, como uma aventureira a aventureira em que, aliás, me tornara, com esta roupa ridícula que não podia, trocar, por prudência...

condenada a não sair senão à noite, enfrentando os sorrisos maldosos dos encarregados da portaria, a quem, sem cessar, perguntava se não chegara uma carta, um telegrama... Ah! Quando, enfim, a recebi!... "Robert só em Quiberon... Vem... Encontrar-me-ás na estação". Que alívio! Como me recriminei por te haver acusado de indiferença, de esquecimento! Tu! Tu! Tão devotado, tão terno que és, e que me amas tanto!

Valentin: — Fiquei perplexo quando recebi o teu bilhete!... Com toda aquela gente que tinha por um dever não deixar Robert só, durante toda a noite... Tua resolução me pareceu bastante sensata. Ela me deixava despreocupado, mas eu não esperava ter que importar uma espera tão longa. Primeiramente foram os serviços fúnebres daquela infeliz que levava o teu nome. Depois o transporte do corpo para o jazigo da

família, em Paris. Eu te escrevia sem cessar: "Paciência! Paciência!" Na noite daquela triste cerimônia, Robert me disse: "Tenho necessidade de um descanso, de isolamento. E isso não encontrarei em Aubenas. Irei para Quiberon, onde, outrora, vivi com Simone, nos primeiros tempos de casados. É uma casinha à beira mar..."

Simone: — É esta. Eu a reconheci de imediato. Nosso quarto era aquele... (Ela designa o quarto à esquerda, no segundo plano.)

Valentin: — Robert me disse: "Antes de partires para a Escócia, se pudesses permanecer comigo algumas horas, serias bem-vindo a Quiberon". Aqui, eu estava certo de, enfim, poder estar a sós com ele, falar-lhe francamente, defender tua causa e ganhá-la. Ia embarcar para Bordeaux, mas eis que dois indivíduos, com fisionomias patibulares, foram lembrar-me que tinha uma conta a acertar com um digno amigo deles, o senhor Mikael...

Simone: — Duelastes?

Valentin: — A espada.

Simone: — E por que não me contaste nada?

Valentin: — Para que? O patife tinha uma força admirável e muita habilidade! Mas estas qualidades não me faltam. Na segunda investida ele foi rápido e me furou o antebraço!

Simone: — Oh! Ferido!...

Valentin: — Um ferimento leve! E no contra-golpe espetei-o e atingi o seu pulmão direito. Simone: — Morreu?

Valentin: — Não, mas dizem-no inutilizados. E quanto a mim, eis-me condenado ao repouso, com febre, curativos, etc. Finalmente, ontem tive alta... Ah! Aqui está o rapaz...



## Terceira Cena

Os mesmos, Yvon com a lenha.

Yvon: — Eis a lenha! Vou reavivar o fogo.

Valentin retomando o binóculo: — Os nossos passeiadores parecem estar de regresso! (Simone quer levantar-se, ele a retém.) Ora, eles ainda estão longe! Reconheço o homem de chapéu. É Parisot!

Simone: — O doutor! (Vivamente a Yvon.) Seu patrão está doente?

Yvon ajeitando o fogo: — Oh! Não, senhora... quer dizer, de corpo, não, mas da cabeça...

Simone: — Da cabeça!...

Yvon: — Sim, não parece estar bom da cabeça! Passeia sozinho à beira-mar e passa o resto do tempo a ler. Está de luto! Nós pensávamos: "Ele está amargurado, o pobre senhor!" Mas, eis que, anteontem eu me deitei mais tarde que de costume, — pois durmo lá em cima, — ouvi o senhor conversar naquele aposento em que as cortinas estão cerradas. "Será", pensei eu "que há alguém? Por onde teria entrado sem que eu visse?" Examinei a porta de entrada que fechara com duas voltas. Os ferrolhos estavam puxados e a chave, como de hábito, pendurada no gancho da parede. Fiquei admirado. Depois imaginei que ele lia qualquer coisa, em voz alta e fiquei a escutar. Mas não era isso. Ele conversava com uma outra pessoa e o mais estranho é que eu ouvia bem a sua voz, mas quando se calava, não ouvia a da outra. "Por Deus", eu me disse "preciso saber quem é. Vou pegar a chave e subir com ela. Para alguém sair, terão que me chamar!"

Simone: — E então?

Yvon: — Então, senhora, então... não me chamaram! De manhã encontrei a porta fechada e ninguém na companhia do senhor. Por onde aquele diabo teria saído? Certamente não foi pela janela, que está a vinte metros do chão! E eis que, ontem à noite, aquilo recomeçou com mais intensidade.

Valentin: — Talvez, que, dormindo, ele sonhe e fale em voz alta!

Yvon: — De pé, então, pois não se deitou! Ele ia e vinha pelo quarto! Não, para mim essa explicação não serve.

Valentin: — Será que ele conversa com os espíritos?

Yvon: — Oh! Os espíritos! Quem crê ainda nessas bobagens! Acreditava-se nisso nos velhos tempos, quando as pessoas eram ainda pouco esclarecidas. Mas presentemente...

Valentin: — Então, na sua opinião, o que está ocorrendo?

Yvon: — Minha opinião é que se trata de um homem a quem se fez um esconjuro.

Valentin: — Ah! Então acreditas nos esconjuros?

Yvon: - Sim, claro que acredito! É bem sabido que há pastores malvados que fazem mal aos animais e às pessoas com olhares e palavras mágicas e malignas.

Valentin: — Pois bem, vamos então tentar curá-lo.

Mas é preciso que tu nos ajudes nisso.

Yvon: — Ah! Não me recusarei.

Valentin: — Então, presta bem atenção, meu jovem amigo. Teu patrão não espera a visita desta senhora, que é uma de suas melhores amigas...

Yvon: — O senhor é um homem bem intencionado.

Valentin: — Eu temo por ele a emoção de uma surpresa para a qual quero prepará-lo. Não terás aqui algum quarto desocupado?

Yvon: — Um quarto?

Valentin: — Sim. Desocupado, à parte, no qual ela pudesse esperar o momento de se mostrar.

Yvon: — Sim, senhor. Aquele ao fundo.

Simone: — O antigo quarto de dormir?

Yvon: — Sim. O senhor mandou arrumar a sua cama ali. E o outro está sempre fechado. Naquele quarto a senhora poderá ficar, tranqüila!

Valentin: — Está perfeito! Mas nossos passeiadores desapareceram. Vê se não vêm pelo atalho.

Yvon: — É fácil, pode-se vê-los de longe.

Ele sai pela direita.

Valentin: — Previna-nos assim que os vires.

Yvon do lado de fora: — Sim, senhor!

### Quarta Cena

Simone, Valentin, depois Yvon.

Valentin: — Eu temia isto! A solidão e o pesar!... E ei-lo em pleno Espiritismo.

Simone: — E ainda por minha culpa.

Valentin: — Mas, de qualquer forma, chegamos ao porto! Eles partem, eu fico a sós com ele. Digo-lhe tudo e...

Simone interrompendo-o: — Não, não! Prepara-o somente para saber que estou ainda neste mundo. Não podes fazer por mim esta triste confissão. Seria covardia demais! Devo eu mesma fazê-la... Ajoelhar-me aos seus pés... E se ele se recusar a ver-me...

Valentin: — Se ele se recusar esta noite, consentirá amanhã...

Simone: — Quem poderá dizê-lo...

Valentin: — Peço-te somente que não te impacientes e não desmaies de emoção.

Simone: — Estou pronta para o que der e vier, contanto que isto não seja o fim!

Valentin: — Certamente. É o que também desejo.

Simone: — Deus o queira! Há momentos, asseguro-te, em que tenho a impressão de que vou perder a razão... Tenho, em minha mente, um amontoado de idéias confusas, nas quais me perco... Palavras, frases que repito maquinalmente, por vezes de modo a me desesperar... Como uma louca! Até que não tenham mais sentido... Ou pelo contrário, um mesmo pensamento me obsedia, obstina-se, não sai de minha cabeça... Esse, principalmente, volta sempre. Apesar de sofrer, chorar e orar creio que nada no mundo poderá apagar o meu arrependimento...

Yvon à direita, na soleira da porta: — Senhor! Senhor! Estão entrando ao jardim!

Simone: — Ah! Deus, é ele...

Valentin suavemente conduzindo-a para o quarto: — Vem! Vamos, não tremas assim, minha pobre Simone. Tudo dará certo. Simone: — Se ele se recusar a me ver tu me chamas, não é? Tu me chamas?

Valentin: — Certamente! Entra aqui.

Simone no limiar da porta do quarto: — Este quarto! Que castigo revê-lo em tal situação... (Ela entra, Valentin fecha a porta.)

### Quinta Cena

Valentin, Georges, Raymonde, Germaine.

Raymonde: — Bom dia, caros amigos.

Georges: — Ah! Clavieres! Como, tu aqui?

Valentin: — Cheguei há pouco! (A Gilberte.) Senhora! E d'Aubenas?

Gilberte: — Ele chegará em breve!

Raymonde: — Está ao pé da escada conversando com o doutor. Quer provar-lhe que as estrelas são habitadas.

Georges indo assentar-se esfalfado: — Existirá lá por cima gente como aqui.

Gilberte: — E como nós!

Valentin: — E acaso se entendem, como nós aqui?

Raymonde: — A este argumento, Parisot responde que, quanto a isso, pouco se lhe dá.

Valentin: — Naturalmente! Isto não lhe dá um cliente a mais. Mas, por que motivo Parisot está aqui? E vós?

Georges: — Foi, te asseguro, para fazer um passeio absolutamente inútil até os rochedos! Valentin: — O passeio fatigou-te, vê-se!

Raymonde: — Acredito. Ele tem estado tão agitado nestes últimos oito dias!

Georges a Valentin: — O que sucedeu, caro amigo, foi que o criado de meu irmão inquietou-nos.

Valentin: — Inquietou-os?

Georges: — Quanto ao seu estado mental. Planejei então fazer um passeio por estes lados indo até Roscoff. O doutor Parisot, a meu pedido, concordou em fazer esta longa viagem e Marescot se juntou a nós, assim como des Aubiers e sua mulher, que renunciaram a uma viagem a Granada para percorrer a Bretanha.

Valentin a Georges: — E então viestes todos?

Georges: — A pretexto de visitar Auray e os dolmens de Carnac, aquelas horríveis pedras!... (Ouvem-se as vozes dos outros que entram.)

### Sexta Cena

Os precedentes, D'Aubenas, Parisot, Dês Aubiers, Marescot de bicicleta, Yvon.

D'Aubenas: — Ah! Meu caro Valentin, que surpresa maravilhosa!  
(Saudações, apertos de mão.)

Des Aubiers: — Boa tarde!

Valentin: — Doutor, que prazer!

Parisot: — Meu caro senhor!

Marescot: — Caro amigo!

D'Aubenas: — Poderias ter mandado Yvon avisar-me. Já jantaste?

Valentin: — Sim, no Hotel de France.

D'Aubenas: — No hotel? Ora essa! Yvon irá buscar a tua bagagem e tu me darás o prazer de instalar-te aqui!... Tenho um quarto perfeitamente em ordem...

(Ele indica o cômodo ao fundo.)

Valentin: — Não faço cerimônias contigo, meu caro d'Aubenas.

D'Aubenas: — Assim espero! (A Yvon.) Previna tua mãe e traze-nos cerveja e cidra. (Aos outros.) Nada tenho de melhor a vos oferecer.

Gilberte: — Cidra! É uma bebida que adoro!

Marescot: — E então, Clavières, teu adversário no duelo morreu?

Valentin: — Stoudza?

Marescot: — Sim. Eu soube do duelo por um telegrama de meu irmão.

D'Aubenas: Teu adversário? Então duelaste com ele?

Valentin: — Com Mikael. De fato assim foi. Sucedeu após à tua partida.

D'Aubenas: — Ah! Pobre infeliz! Morto? E por ti? Mas, por que esse duelo?

Valentin: — Uma tola discussão e um desafio. Deves ter notado que fiquei a sós com ela, depois que saíste...

Marescot a des Aubiers: — Sim!

Valentin: — Eu lamentei a vossa ausência no decorrer da noite. Estávamos todos, segundo nosso dever, até mesmo Davidson que, para auxiliar no socorro aos feridos do desastre de trem, retardara sua partida por algumas horas. Conversei com Stoudza e ele levou a mal o que eu disse. Surgiu daí a discussão e, finalmente, q desafio para o duelo.

D'Aubenas: Que lhe foi fatal.

Valentin: — Sim!...

D'Aubenas: — Que duro castigo!

Valentin: — De fato, meu caro d'Aubenas, mas, o que queres? Há casos em que o duelo se impõe.

Gilberte: — Pobre rapaz! Tão jovem!

(Yvon e sua mãe trazem a cerveja, a cidra, copos, etc. Desarrolham as garrafas e, no momento que se segue, enchem-se copos, bebe-se, fuma-se, etc.)

Raymonde: — Ele não era nada fraco!

Georges: — Mas, afora isso...

Parisot: — Tão nulo!

Marescot: — E inútil. Malbaratou a sua vida!

D'Aubenas: — Ele terá uma nova oportunidade. (Gesto de Parisot que bate na frente sugerindo a Valentin que D'Aubenas está com a mente conturbada.)

Valentin: — Acreditas nisso, D'Aubenas?

D'Aubenas: — Sem sombra de dúvida!

Parisot trocista: — Sim, sim! Jean Raynaud e Pierre Leroux! Muito conhecidos. As existências sucessivas... a reencarnação. Já tivemos outras vidas antes desta e, depois que morrermos, voltaremos a ter outras...

D'Aubenas passando-lhe um copo de cerveja e, depois, acendendo um cigarro enquanto fala: — E por que não, doutor? É uma hipótese que, em todos os tempos, seduziu as mais brilhantes inteligências. Se deliro, faço-o em muito boa companhia. É claro que isso parece pura insanidade aos olhos de um materialista como tu o és. Mas aquele que admite que o espírito tem vida própria e é apenas um prisioneiro do corpo que habita, nada mais aceitável que essas migrações do espírito humano, indo do pior para o melhor, da mais baixa categoria de seres à mais elevada, através de uma série de mortes e renascimentos sucessivos, nos quais a personalidade se reveste, em cada etapa, de um novo corpo, como uma roupa de viagem adaptada à sua nova existência. (Ele acende o seu cigarro.) Eis, então, explicada a desigualdade revoltante das condições impostas ao homem pelo seu nascimento. São a consequência rigorosa do emprego do seu livre arbítrio na existência precedente. Ele é, exatamente, o que faz de si próprio. Deve suportar, aqui na Terra, diferentes provações enquanto predominarem em si mesmo os instintos materiais, até o dia em que, depurado pelo sofrimento, pela luta, pela expiação, for encontrar outros destinos em um mundo menos miserável e menos atrasado que o nosso.

Parisot a meia-voz: — A Lua!

D'Aubenas: — Está bem, caçoe! Mas que homem, não se sente um pouco preocupado com o seu destino, com os mistérios do Além? Não me refiro a ti, bem entendido!

Parisot: — Oh! Não.

D'Aubenas: — Em uma noite como esta, olhando o palpitar das estrelas, pode-se pensar: "Lá estão, talvez, as futuras moradas, onde nos encontraremos em condições melhores, com o uso de faculdades cada vez mais desenvolvidas, uma meta que, escapa ao nosso fraco entendimento"... Tudo isto eu admito sem dificuldades, doutor, mas são, naturalmente, conjecturas... Como, aliás, o seu materialismo... Hipótese por hipótese, prefiro as minhas...

Georges: — Ter o conhecimento de todas essas vidas... Como seria fatigante!

Yvon abrindo a porta: — A condução está lá em baixo.

D'Aubenas: — Bem, ela que espere. (A Marescot.) Voltarás a Paris?

Marescot: — Amanhã. Diretamente.

D'Aubenas: — Dar-te-ei uma lista de livros. Por favor providencia para que me sejam mandados pelo meu empregado. Queres vir à minha biblioteca? (Às senhoras.) Com licença!

Raymonde: — Pois não!

(D'Aubenas entra com Marescot pela porta à esquerda.)

### Sétima Cena

Os precedentes, menos D'Aubenas e Marescot.

Georges aproximando-se do doutor, à meia voz: — E então?

Raymonde e Gilberte: — Sua impressão?

Parisot: — Minha impressão?

Georges: — Ora, o senhor pode falar. Ele está na biblioteca, longe o suficiente para não nos ouvir.

Parisot: — Minha impressão! Tudo está muito claro! Vós o ouvistes, não é? Não há dúvidas, está no declive que leva à loucura.

Georges: — A loucura?

Parisot: — Tornou-se um místico. Vede os títulos destes livros! Animismo, Psiquismo, Budismo, Espiritismo. E há muito mais lá



dentro, na biblioteca! Depois do que disse esse escocês charlatão, não tive mais dúvidas.

Valentin, Raymonde e Gilberte: — E então?

Parisot: — E então? E então ele disse a verdade. É surpreendente!... Sábios, sábios conhecidos e verdadeiros são os autores de tudo isto! (Ele bate nos livros.) Eles narram tudo aqui e afirmam: "Eu vi! Eu fiz a experiência!" E o que eles viram... O que fizeram! É para se perguntar se não é um sonho! Zollner, professor de Física e Astronomia na Universidade de Leipzig, que vê um lápis erguendo-se sozinho e escrever em uma lousa!

Valentin: — O meu faquir, na Índia...

Parisot: — E Barkas, o geólogo, Barkas, que dá pequenos concertos de acordeons, pianos e guitarras, tocados, soprados e arranhados por dedos invisíveis! E Alfred Russel Wallace, o émulo de Darwin, que recebe, em pleno inverno, flores e frutos que os espíritos fanem chover do teto. É o famoso William Crookes e seus amigos, visitados durante três anos pelo Espírito materializado de Katie King que, prestes a partir para um mundo superior, dá voltas pelo salão de braços dados com ele, dando, ainda, apertos de mão aos assistentes. É Cromwell Varley, o engenheiro-chefe do cabo transatlântico que dá garantias a respeito deste fantasma, do qual constatou a existência com o auxílio de correntes elétricas e do galvanômetro refletor! E é Lombroso, Lombroso, esse materialista de quarto costados que fugindo-lhe a cadeira, é ameaçado por um pesado móvel, e, em luta com uma cortina, ensurdecido por uma sineta que bate incessantemente em torno de sua cabeça, grita: "Estou confuso, confuso por ter ousado negar a realidade dos fatos!..." E centenas, senhores, centenas de testemunhas atestando milhares de fenômenos igualmente fantásticos!

Valentin: — Mas, tenha paciência, doutor! Isso tudo dá muito em que pensar! Todas essas pessoas citadas não podem ser tidas à conta de imbecis.

Parisot: — Não senhor!... Mas ficaram loucas...

Dos Aubiers: — Mas não é possível!

Parisot: — Uma epidemia de credulidade que ataca mesmo as maiores inteligências da França, de todos os países do mundo. Os menos passíveis de contaminação, foram, contudo, atingidos. Vede: Flammarion, De Rochas, Darieux, Charles Richet... E paremos por aqui! É um recuo de três séculos. Dentro em pouco veremo-nos a todos endemoninhados... (A dos Aubiers.) Tu, um vampiro... eu... lobisomem... E estas senhoras... a cavaleiro em uma vassoura, indo às assembléias noturnas do Sabá...

Raymonde: — Ah! Como seria divertido...

Georges: — Raymonde!

Raymonde: — Sim, meu caro!

Des Aubiers: — Enfim, apesar do teu tom jocoso, nós todos também vimos!

Georges: — A cestinha que escreve...

Des Aubiers: — E a mão!

Parisot: — Ah! A mão fluídica! (A Raymonde.) Que tal, gostarias de ter um marido fluídico?

Raymonde: — Isso, nunca... (Designando o marido com um movimento de cabeça.) Apesar de que...

Georges: — Ray...

Raymonde: — .... monde! Sim, querido!

Gilberto: — E aquela palavra da mesa... Como foi? "Abri!"

Des Aubiers: — Abrimos o céu todo vermelho!

Parisot: — Pura coincidência!

Valentin: — E quem escreveu aquela palavra? Quem?

Parisot: — Logicamente ele, o escocês! Com o auxílio de um instrumento escondido, provavelmente em sua manga, ou em seu colete, ou... não importa onde!

Valentin: — Mas, por que: "Abri!"?

Todos: — Sim, por que?

Parisot: — Por que? É muito simples. Ele é escocês, não é?... Logo, ama o ar puro... Tínheis fechado a janela... ele estava sufocado e... toc... toc... Abri! Está explicado! Assim se fez...

Gilberte impressionada: — Ora essa!...

Parisot: — Esforço-me por dar-vos mormente quanto o que está aqui! (Ele bate nos livros.) Explicações tão naturais como estas.

Georges: — Sim, mas... tua opinião quanto ao meu irmão?

Parisot mostrando os livros: — Queimar tudo isto!... Nada de solidão e... purgativos.

Georges: — Purgativos?!

Parisot: — Vençamos as alucinações, os fantasmas... Não resistem ao óleo de rícino!

Valentin: — Tenho algo melhor a oferecer-lhe! E encarrego-me de tirá-lo de seu isolamento a partir de amanhã.

Parisot: - Tu?

Georges: — Como?

Valentin: — Desculpai-me, é um segredo. Onde estareis amanhã à noite?

Georges: Valentin: — Em Auray, no "Liou d'Or"

Valentin: — Recebereis uma carta depois de amanhã, cedo.

Raymonde: — Mas...

Valentin: — Tomemos cuidado! É ele...

## Oitava Cena

Os mesmos, D'Aubenas, Marescot, Yvon.

Des Aubiers: — Vamos, senhoras, é tempo de partir.

D'Aubenas: — Eu não ousou reter-vos... Já é tarde e a viagem é longa.  
(Preparam-se para a partida.)

Gilberte: — E longa, porém agradável!

Valentin: — E tereis um belo luar.

D'Aubenas: — E as capas, os casacos?

Gilberte: — Estão no carro.

Georges: — Cuida te, meu caro Robert...

D'Aubenas: — Fica tranqüilo.

Des Aubiers: — Boa noite, Clavières.

(Apertos de mão, despedidas, etc.)

D'Aubenas a Marescot: — Marescot, não te esqueças dos meus livros.

Marescot: — De forma alguma. Tu os receberás...

Parisot a d'Aubenas: — Os teus livros tratam do país dos kabolds e dos korrigans! (73) Se encontrarmos algum, te enviaremos...

*(73) Kobolds e Korrigans — kobolds — espíritos familiares, freqüentemente considerados, na Alemanha, como guardas dos metais preciosos da Terra. Korrigns — na Bretanha, Espíritos malfeitores, anões ou fadas.*

D'Aubenas: — Obrigado.

Raymonde: — Eu também prometo enviar o que encontrar. (A Georges que nada ouviu.) É tu, querido? Não dizes nada?!

(Ela sai com o doutor.)

Gilberte: — Estou preocupada! E se houver algum problema na estrada-de-ferro?...

Des Aubiers: — Que Idéia!

(Eles saem.)

D'Aubenas no patamar da escada a Gilberte: — Toma cuidado! Os degraus estão escorregadios.

Gilberte: — Obrigada! Boa noite! Oh! Que belo luar.

Vozes lá fora: — Boa noite! Boa noite!

(Durante a partida, Valentin sobe até o quarto dos fundos, que Yvon lhe mostra com um castiçal. Ele volta no momento em que d'Aubenas entra.)

D'Aubenas: — O quarto está pronto?

Yvon: — Sim, senhor!

D'Aubenas: — Vejamos.

Valentin: — Não te preocupes, tudo está no lugar.

D'Aubenas a Yvon: — Então já podes ir dormir, meu rapaz!

Yvon: — Boa noite, senhores.

D'Aubenas: — Boa noite!

Valentin: — Boa noite!

(Yvon sai pela direita.)

## Nona Cena

Valentin, D'Aubenas.

D'Aubenas conversando diante da lareira, de pé e, depois, assentado, fumando: — Espero, Valentin, que te demores aqui...

Valentin: — Vinte e quatro horas, se me permites!

D'Aubenas: — É muito pouco tempo! Mas, com as escassas distrações que te posso oferecer, neste retiro...

Valentin: — Para dizer a verdade, Robert, Parisot receia que esta solidão não te faça bem.

D'Aubenas: — Parisot? Por que?

Valentin: — Por causa da espécie de leitura a que te apegaste.

D'Aubenas: — Esse caro doutor é muito radical... Terminou confessando que, para admitir um único fenômeno psíquico, teria que renunciar a tudo quanto sabe... ou crê saber... Pobre criatura! Por força de dizer aos ingênuos que a ciência explica tudo, acabou acreditando também, e isso embora não possa explicar nem ao menos como um

castanheiro sai de uma castanha. Aliás, é preferível que negue categoricamente a imitar aqueles que, como Hartmann, (74) não podendo contestar os fatos, dão explicações que nos fazem morrer de rir!

*(74) Hartmann, Dr. Edward von — nascido em 1842 e desencarnado em 1906. Autor da obra "The Philosophy of de Unconscious" fundamento da moderna psicanálise e de "Phenomenology". Integra o primeiro grupo de pesquisadores do Espiritismo na Alemanha. Desejou consagrar um lugar definitivo em sua filosofia, tanto para os fenômenos mentais quanto físico. Em sua obra "Spiritualism", levanta a seguinte hipótese: Uma força nervosa, exterior aos limites do corpo humano, produz efeitos mecânicos e plásticos. Uma consciência sonambúlica e latente possibilita, — estando em seu estado normal, — a leitura do que existe na mente de outra pessoa, seu presente e seu passado, sendo ainda capaz de adivinhar o futuro.*

*Foi replicando a essa obra que Aksakoff escreveu o seu livro "Animismo e Espiritismo"*

Valentin: — Pelo que vejo, caro amigo, manténs as restrições que fazias em Sainh-Jean-de-Luz, quanto às causas dos fenômenos?

D'Aubenas: — Não, não as faço mais!

Valentin: — E admites, como o escocês, a intervenção dos Espíritos?

D'Aubenas: — É a única explicação que se aplica a uma tão ampla faixa de fenômenos.

Valentin: — E admites que os Espíritos podem permanecer aqui, entre nós?

D'Aubenas: — Esta é uma questão a respeito da qual todos concordam, pois, quanto ao resto, como por exemplo, a questão da identidade dos Espíritos comunicantes, as hipóteses levantadas e a própria constatação, são extremamente debatidas.

Valentin: — Acreditas que os Espíritos possam nos enganar?

D'Aubenas: — Sim! E freqüentemente isso ocorre. Em resumo, o Mundo Espiritual é uma continuação desta mesma Humanidade, pouco diferindo. Os Espíritos mais evoluídos podem partir para planos mais elevados. Entre os que aqui permanecem, há bons e maus.

Valentin: — Talvez esteja sendo algo indiscreto ao fazer-te esta pergunta, mas, naturalmente, já evocaste o Espírito de tua pobre mulher.

D'Aubenas: — Simone? Simone que a todos amava tanto?! Parece-me que, quando estou contigo, meu prezado amigo, estou ainda um pouco com ela.

Valentin: — Sim, meu caro Robert, sim! E mais do que pensas.

D'Aubenas: — Sua lembrança só me traria tristezas se não tivesse confiança na promessa que me foi feita. Nosso quarto está ali e, nele, nunca mais entrei! Ah! Se não tivesse fé na promessa que me foi feita...

Valentin: — De aflorar a mediunidade em ti?

D'Aubenas: — Estava persuadido de que os mortos se manifestam, mais facilmente, onde viveram, na dor ou na alegria. Desde minha chegada tenho-a evocado, como vi Davidson fazer. Um papel sobre a mesa, diante de mim, o lápis na mão, tenho esperado. Inutilmente! A cada tentativa, novo insucesso até a noite em que, entorpecida e como que apertada ao quente contacto de uma mão invisível, a minha se pôs a traçar, sobre o papei, palavras nas quais meu pensamento não interferia.

Valentin: — Estás seguro disto?

D'Aubenas: — Perfeitamente! Eu esperava o nome de Simone, compreendes?

Valentin: — Sim.

D'Aubenas: — No entanto o primeiro nome escrito pelo lápis, foi o de uma jovem irmã que perdi há vinte anos, e que, para atestar a sua identidade, me cumprimentou chamando-me por apelidos íntimos, carinhosos, com os quais me chamava na infância... Redigi, em detalhes, tudo quanto se relaciona a essa conversação com uma sombra, que me é querida. À minha pergunta: "Simone virá como tu o fazes?", ela respondeu: "Não!"

Valentin: — Tudo por escrito?

D'Aubenas: — Sim, por escrito. Disse mais: "É impossível!" Eu indaguei: "Impossível? Mas, Por que?" "Por que?" "Tu o saberás mais tarde!", redargüiu. E, naquela noite, não obtive mais nada! Ontem, todavia, na hora que ela mesma havia fixado, obtive esta resposta que me arrebatou: "Ela virá amanhã à noite. Tu a verás e lhe falarás".

Valentin estupefato: — Fizeram-te escrever isso?

D'Aubenas abrindo uma gaveta e pegando ali uma folha de papel que lhe passa: — Palavra por palavra!

Vê!

Valentin depois de ter lido: — Realmente! Tu a verás, tu lhe falarás! Esperas por isto, não é verdade?

D'Aubenas: — Sim!

Valentin: — Esta noite?

D'Aubenas: — Sim, esta noite ainda. E, por que não? São numerosos os exemplos dessas manifestações de Espíritos materializados, visíveis e tangíveis, como Katie King, investigada por William Crookes. Compreendo se duvidares. Mesmo as pessoas convictas e que admitem outras manifestações, hesitam em face deste fenômeno... Mas é uma falta de lógica. Se está provado, por testemunhas irrecusáveis, que se pode ver, tocar, apalpar uma mão fluídica, por que não todo o braço, e, depois, o corpo inteiro? Tudo se encadeia e se impõe como fatos. Um único fato dito sobrenatural, se admitido, arrasta a todos os outros. É tudo ou nada! A negação ou a admissão absolutas! William Crookes ou Parisot!... Eu não estou, é verdade, nas condições exigidas de ordinário, visto que o Espírito só se materializa pelo empréstimo da substância vital do médium em transe. Mas há exceções a esta regra. Aliás, acredito já tê-la entrevisto...

Valentin: — Simone?

D'Aubenas: — Oh! Uma visão tão fugidia, na janela de meu escritório!

Valentin: — Em Saint-Jean-de-Luz?

D'Aubenas: — Sim. Mas quando cheguei à janela, a sombra já se havia dissipado...

Valentin: — Eu acredito, caro amigo, que poderás revê-la como já a viste. Mas, se ela atender ao teu chamado, isto quer dizer que não está nas condições requeridas para deixar para sempre este triste mundo, não é assim? Portanto, que não se encontra entre os mais evoluídos, segundo



dizes. Estes estão muito longe de nós... Teria Simone alguma falta a expiar?

D'Aubenas: — Ela? Deus do céu, não é bem isso! A partida para outros planos não é sempre imediata. Vê o caso de Katie King. Talvez Simone venha apenas dizer o seu adeus!

Valentin: — Sabes Robert, o que me seduz na doutrina das vidas sucessivas? É que nela vejo a Humanidade em ininterrupta marcha em direção a mais altos destinos, na direção de mundos melhores. Todavia me parece que não conseguiremos melhorar a Terra ou alcançar, no Além, planos superiores, sem a assistência fraterna de todos para com cada um e de cada um para com todos, orientando, compreendendo, em suma aproximando-nos mais e mais uns dos outros. O mais adiantado estende a mão ao retardatário, o melhor ao menos bom, o rico ao pobre, o forte ao fraco, o feliz ao sofredor, o virtuoso ao culpado.

D'Aubenas: — Estás certo, caro amigo.

Valentin: — O culpado em quaisquer circunstâncias não é senão um irmão carecente de auxílio!

D'Aubenas: — Certamente!

Valentin: — Por maiores que sejam as faltas alheias, nós também poderíamos tê-las cometido em outras existências. Quanta indulgência, portanto, temos que abrigar em nosso coração!

D'Aubenas: — Ah! Por certo!

Valentin: — Como recusar piedade ao faltoso quando sabemos que virá forçosamente o dia em que, por mais longa seja a duração das provações, ele estará também incluído entre os melhores, pois que tem, diante de si, toda a eternidade para trabalhar pela sua redenção.

D'Aubenas: — Sim, esta é a verdade. Todos alcançarão, de pouco em pouco, a perfectibilidade! Na pátria espiritual não existem eleitos nem condenados sem apelação, conforme a eternidade das penas, concepção feroz da velha teologia. Por mais monstruosos sejam os crimes estão limitados ao espaço e ao tempo. E Deus não seria a soberana justiça se punisse com um castigo sem fim!

Valentin: — Certamente!

D'Aubenas: — E os eleitos! Podes concebê-los em uma beatitude egoísta, surdos aos clamores desesperados do inferno? Eles bradariam a Deus: "Senhor, como poderemos nos sentir felizes ao Vosso lado enquanto os condenados, que são nossos irmãos, suplicam a Vossa misericórdia sem que nunca te dignes concedê-la?!"

Valentin: — Afirmemos, pois, com eles, que toda falta humana tem direito ao perdão.

D'Aubenas: — Principalmente o merecido pelo arrependimento.

Valentin: — E, com certeza, Robert, tu pensas como eu que ninguém merece mais indulgência do que a mulher.

D'Aubenas: — A mulher! Sem dúvida! As suas fraquezas têm tantas excusas! Seu nervosismo que a predispõe a impulsos doentios, sua educação imperfeita, que a prepara para ilusões mentirosas, a sujeitar-se aos maus exemplos, a dependência que lhe impõe o nosso status social, que a convida e, muitas vezes, obriga-a a libertar-se pelos piores meios. Nada haveria se sua necessidade de afeto não a traísse a todo instante! E a facilidade com que nós, homens, nos dispensamos das virtudes que dela exigimos significa, no fundo, um modo de desprezá-la...

Valentin: — É, pois, bem culpado aquele que, podendo remi-la pela clemência atira-a a tempestade do mundo pelo seu desespero em não ter uma oportunidade nova...

D'Aubenas: — É tão culpado quanto ela!...

Valentin: — Ah! Caro amigo, como estou feliz por ouvi-lo falar assim. Não sei até que ponto sua, crença se aproxima da verdade eterna que, de qualquer modo, não poderíamos mesmo conceber. Mas, com a caridade por guia, não nos arriscamos a nos perdermos! Sim, meu amigo, sim! A grande porta do céu não é a inteligência, nem mesmo a virtude! É o amor, a bondade! É o amor, a bondade, que farão com que encontres,, esta noite, a tua querida Simone.

D'Aubenas: — Acreditas, então, que isso seja possível?

Valentin: — No momento, estou certo disso... Ela virá! E terá a alegria da qual participo, a divina alegria de falar-lhe, de ouvi-la e de reatar, entre tua alma e a dela, a união que parecia rompida pela morte!

D'Aubenas: — Deus o queira!

Valentin: — Agora eu te deixo, pois a hora de esperá-la se aproxima. Eu te deixo para não retardar tua felicidade um só instante. D'Aubenas: — Compreendo. Até amanhã!

Valentin: — Eu gostaria de dizer-te o que penso da rara bondade de tua alma, mas não encontro senão uma expressão. É que eu te estimo de todo o meu coração!

D'Aubenas: — Muito obrigado! Até amanhã, então...

Valentin: — Até amanhã!

Valentin sobe em direção ao quarto e fica na soleira da porta enquanto d'Aubenas, descendo, apaga as luzes da peça, que fica iluminada somente pelo luar e pelo clarão vermelho da lareira. Depois disso entra em seu quarto. Cerra as cortinas, deixando entre elas apenas um pequeno vão. Neste intervalo, Valentin se dirige à porta do quarto de Simone. Quando D'Aubenas sai, ele entra, certificando-se de que a sala está vazia. Depois estende a mão a Simone, fazendo-a entrar.

### Décima Cena

Valentin e Simone.

Valentin em voz baixa: — Vem!

Simone inquieta: — Ele está a sós?

Valentin: — Sim!

Simone ansiosamente: — Recusou-se a ver-me?

Valentin: — Não, não! Vem para cá... (Ele a conduz à direita da cena, onde se encontra a lareira.) Ele está em seu quarto.

Simone: — Contaste-lhe?

Valentin: — Não, nada! E no entanto, no estado de espírito em que se encontra, eu teria podido contar-lhe tudo. Mas tu insististe, com razão, em contar-lhe, tu mesma!

Simone: — Ele ainda não sabe que minha morte é uma mentira?

Valentin: — Não, nem mesmo isso! Ele supõe-te morta. Os Espíritos disseram-lhe que tu virias esta noite, a seu chamado... Ele está ali, evocando-te...

Simone: — Mas é uma loucura!

Valentin: — Se está mentalmente desequilibrado, o seu coração não o está. E é ele quem vai ganhar a tua causa!

Simone: — E por que deixá-lo neste delírio? Se me espera, eu irei!

Valentin impedindo-a: — É o que pensas. É o teu espírito que ele espera. E se chegares viva, diante dele, sem que nada o tenha preparado para isso, — temo que enlouqueça...

Simone recuando: — Que enlouqueça?! Tens certeza, tens?!

Valentin: — Não é mais oportuno nos valermos de sua ilusão? A confissão te será menos penosa. A morte te protege. E o perdão ser-lhe-á mais fácil! Por esse motivo não lhe disse nada. Quando chegar o momento certo, farás a confissão!...

Simone: — E, no entanto, outra mentira...

Valentin: — Pela tua felicidade e pela dele!

D'Aubenas: — Ela não vem...

Valentin: — Aliás, não tens escolha. Escuta... Ele fala!

Simone: — A quem?

Valentin: — Ao Espírito de sua irmã... (Ele atravessa a cena precedendo-a e abre com precaução a cortina para mostrar-lhe d'Aubenas, que o público não vê.) Está assentado à sua mesa, com o lápis na mão... Escreve... Vem olha...

Simone: — Oh! Como está mudado! Como está pálido!...

Valentin: — Silêncio! Escutemos...

Eles ficam atentos. Ouve-se d'Aubenas falar sem se distinguir o que diz.

Simone estremecendo: — Meu nome!

Valentin: — Sim, ele te chama! Ouves?

Simone: — Sim! (Ela procura ouvir.) Ele se admira porque não venho. Ele escreve.

Valentin: — Sim! A resposta...

D'Aubenas: — Tu me prometeras...

Valentin: — Escuta! Ele fala!

D'Aubenas: — Dizes que Simone veio... Mas, não! Ela não veio!

Valentin: — Ele se impacienta.

D'Aubenas, sempre no quarto, porém em voz alta: — Simone?... Simone?... Minha bem amada Simone! Estás aqui? (Simone transtornada recua e vai se apoiar no espaldar da poltrona à esquerda da mesa.) Por que não me respondes? Tu não vens? Minha adorada Simone! Tu me ouves?

Simone caindo assentada: — Oh! Sim! Sim! Ela te ouve! E tu lhe despedaças o coração ao falar-lhe assim!

Valentin que retomou seu lugar junto à cortina: — Ele escreve Silêncio.

D'Aubenas: — Dizes que ela está aqui, perto de mim, na noite? Ouve-se o ruído de uma cadeira que se arrasta.

Valentin a Simone: — Toma cuidado! Ele se levanta!

Simone: — Ele se dirige para cá?

Valentin afastando-se da porta: — Acredito que sim.

Simone: — Preciso fazer alguma coisa. Agora ou nunca.

Valentin: — Estás mesmo decidida?

Simone: — Ah! Deus, sim! Que ele me perdoe ou me expulse!... Pelo menos não me evocará mais...

Valentin: — Recorra ao seu coração.

Simone: — Meu coração parece querer saltar de meu peito...

D'Aubenas entra sem vê-la, um lápis e um bloco de papel à mão. Vai assentar-se na cadeira baixa junto à lareira, curvando-se para escrever à luz do fogo.

## Décima Primeira Cena

D'Aubenas e Simone.

D'Aubenas: — Como? Perto de mim, na noite? (Ele se volta e vê Simone, iluminada pela claridade do luar. Ele se ergue com vivacidade.) Ah! Simone! Sim... és tu! Ah! Alma querida, enfim! Enfim és tu... (Ele dá um passo em direção a Simone que, instintivamente, recua. D'Aubenas faz o mesmo.) Não! Não temas! (Ele atravessa a cena da direita para a esquerda, parando diante da mesa, de costas para o público, sem perdê-la de vista. Lentamente, Simone faz o movimento inverso. Ele se encontra então toda branca, em pleno luar.) Não me aproximarei de ti. Sei que posso fazer dissipar a tua querida visão. Ficarei longe, vês? Bem longe de ti! (Encontram-se, assim, separados pela mesa, à esquerda, ele se assenta ao canto. Simone à direita, de pé, fica na parte mais alta.) Ah! Meu querido amor, chamo-te a horas! Não me respondes? Estás trêmula! Teu olhar é inquieto! Choras? Por que? De alegria ou de dor?

Simone com viva emoção: — Dor...

D'Aubenas: — Por ver-me?

Simone com esforço, a voz insegura, sempre muito emocionada, lutando contra as lágrimas: — Por ver a tua palidez!... É o que a dor fez de ti!...

D'Aubenas: — Tive horas amargas... porém, não importa mais. Por que demoraste tanto a vir consolar-me?

Simone: — Eu não tinha coragem de contar-te algo que poderá nos separar para sempre!...

D'Aubenas: — Tua despedida... Não te verei mais?

Simone: — Isto dependerá de ti!

D'Aubenas: — Oh! Só de mim?

Simone: — Espera, antes de prender-te por uma promessa que poderás não ter forças para manter! Não me des uma esperança por cuja decepção o meu sofrimento seria intolerável!

D'Aubenas, erguendo-se: — Um sofrimento? Tu sofres?

Simone: — Sim! Sofro...

D'Aubenas: — Tu te sentes infeliz? És um Espírito errante? Mas... por que? Tu, tão perfeita que és, tão...

Simone com vivacidade: — Cala-te! Cala-te! Não mereço o teu pesar! E meu castigo é ter algo a confessar-te...

D'Aubenas: — Um castigo? Expias algo?...

Simone: — Cruelmente.

D'Aubenas: — Mas, por que falta?

Simone chorando: — Apelo para toda a bondade do teu coração. Se não me ajudares, não terei a coragem suficiente para contar-te...

D'Aubenas: — Deus do céu! O que fizeste para que essa confissão te seja tão penosa?

Simone: — Menosprezei a tua ternura e tua rara bondade... Não compreendi até que ponto era amada por ti, até que foi tarde demais... Quando me dei conta do teu desespero, na casa daquele que... Meus Deus! Eu preciso dizer-te!... Perdoa-mel... Na casa daquele por quem traira o teu amor...

D'Aubenas: — Traído?!

Simone: — Mikael...

D'Aubenas: — Tu! Tu e aquele homem! Tu?... Oh! Deus meu! Isso aconteceu? (Ele cai assentado.) Ah! Infeliz... Tinhas razão por não vires ao meu chamado... Mais valeria deixar-me na ignorância e no culto à tua lembrança! (Dolorosamente e sem rancor.) Vai-te! Vai-te! Prefiro não te vê mais. Por que vieste? Por que?

Simone: — Para aliviar a minha consciência e suplicar a tua piedade.

D'Aubenas: — A piedade para com os culpados...

Eu a defendi aqui, ainda há pouco! Eu me acreditei melhor do que sou! A provação castiga o meu orgulho!

Simone dá alguns passos: — Se fosse possível refazer-se a Vida!... Se me fosse permitido recomeçar a minha contigo!... Terias pena da fraqueza de um instante que me transformou em uma outra alma,

relevando-me pela tua bondade? Receberias uma esposa ingrata e frívola mas que, voltando para ti, seria devotada, reconhecida e terna?!... Não respondes? Odeias-me? (Com um grito de dor.) Expulsas-me?

D'Aubenas erguendo-se com vivacidade: — Não, não te vás! Por mais dolorosa que seja, tua presença é o único consolo que me resta... E se for preciso o esquecimento do passado pare que voltes ao meu chamado...

Simone à meia voz: — Sim?!

D'Aubenas: — Eu quero esquecê-lo... Tudo está terminado entre nós aqui na Terra e tua expiação compete a Deus. Já que o perdão pode abreviar os tormentos de tua vida na erraticidade e apressar tua expiação, tranquiliza-te, pobre alma em sofrimento! Consola-te, eu te perdôo.

Simone: — Abençoada seja a morte, pois é ao meu Espírito que dás a alegria de ouvir-te. É a ele que perdoas. Serias menos clemente se eu me encontrasse ainda neste mundo?

D'Aubenas: — Julgas-me tão impiedoso?

Simone: — Oh! Não! Mas a indulgência é mais fácil para com os mortos. Se eu tivesse escapado àquele desastre, se à vista de tuas angústias, de tuas lágrimas... se o remorso me tivesse atirado a teus pés... Seu eu tivesse te suplicado, desolada... Preciso dizer-te... Eu me encontrava na casa daquele homem, na hora mesma em que procuravas o meu corpo nos escombros do desastre!

D'Aubenas: — Oh!

Simone: — Vês? Terias me expulsado...

D'Aubenas: — Coração tem suas fraquezas... Mas, para que sonhar como que já na não é e que não.

D'Aubenas está acabrunhado e não olha-a Simone, esperançosa aproxima-se mais

Simone: — Tu o lastimas?



D'Aubenas muito comovido: — Eu teria sofrido menos, apesar de te saber culpada, pois haveria a alegria de te saber salva...

Simone mais vivamente, aproximando-se de pouco em pouco: — Não me terias repellido? Suportarias por mim os sarcasmos dos malvados e dos maledicentes?... Os preconceitos são cruéis. A tua bondade seria o alvo daqueles que não discernem o ridículo da sublimidade. Consultaste apenas o teu coração. A caridade de teu coração, perdoando o arrependimento do meu, para reabilitar-me aos olhos de todos. E dizer-lhes: "Eu a aceito de volta, eu a perdôo, eu a salvo. Sim! Amo-a, amo-a ainda, apesar de sua traição, que nos fez, a todos os dois, melhores, ela pelo remorso, eu pelo perdão!"

D'Aubenas levanta a cabeça sobressaltado, começando a compreender: — Simone!

Simone: — E se tua Simone estivesse aqui, viva?! Viva!...

D'Aubenas: — Aprazasse os céus!

Simone: — Tu lhe abririas teus braços?

D'Aubenas: — Oh! Deus!

Simone caindo-lhe aos pés: — Faze-o, pois!

D'Aubenas tomando-a nos braços, olhava-a; depois, atraindo-a a si, abraça apaixonadamente: — Tu! Tu!

Ah! Meu amor, Simone...

As cortinas se fecham.

Fim da peça em Português

## Peça

## Spiritisme de Victorien Sardou

## Comédie Dramatique em Trois Actes

Em Français

Fonte: [Centre Spirite Lyonnais Allan kardec](#)

Nous avons choisi ce mois-ci de vous faire découvrir "Spiritisme", une comédie dramatique en 3 actes écrite par Victorien Sardou, et représentée pour la première fois sur la scène du théâtre de la Renaissance le 8 février 1897.

Le rôle de Simone était alors tenue par Sarah Bernhardt.

Jean Sardou écrira: «Cette comédie dramatique, éditée pour la première fois, est sans doute l'œuvre la plus ignorée de Victorien Sardou; elle retiendra l'attention du lecteur par la hardiesse de sa conception, l'auteur n'ayant pas craint d'affirmer hautement,

dans " Spiritisme ", sa croyance en la survie, la possibilité même pour les morts, dans certains cas, de la prouver.»

## ACTE I

Au mois d'août, à Saint-Jean-de-Luz. Il fait nuit. Un salon de campagne. A droite, premier plan, cheminée. Deuxième plan, porte d'appartement. Au fond, sur la droite, large porte-fenêtre à deux battants ouvrant sur une terrasse qui domine un jardin. Dans le lointain, au delà du jardin, à gauche, la mer. A droite, des villas. A gauche de cette baie, le salon se prolonge en un petit renforcement dont un divan fait le tour. Une table, au milieu. A gauche de la scène, porte d'entrée au deuxième plan. Meuble faisant pendant à la cheminée. Sur la scène, tables, chaises, canapés, guéridons, etc...

### SCENE I

Marescot, Georges des Aubiers, Thécla, Gilberte, en scène. On voit sur la terrasse, Simone, Raymonde, Valentin, d'Aubenas, Douglas, Mikaël. Douglas et d'Aubenas regardent au télescope. Georges et Marescot assis à droite, fument. Sur le canapé, au fond, Thécla et Simone assises, causent avec des Aubiers. Les autres personnages assis et debout sur la terrasse.

**MARESCOT.** (A Georges) Vous êtes allé à Fontarabie?

**GEORGES.** Avant hier, avec ma femme.

**MARESCOT.** Comment a-t-elle trouvé cela?

**GEORGES.** Oh! Elle! Enchantée! Ces ruelles escarpées!... Ces balcons ventrus... ces grilles espagnoles!... Elle rêvait sérénades, escalades, bastonnades, estocades, alcades!... Une romantique attardée, Raymonde!

**MARESCOT.** Pas vous?

**GEORGES.** Oh! Fichtre non, pas moi!

**MARESCOT.** Vous êtes plutôt un Oriental, vous!

**GEORGES.** Plutôt!... La sieste, le kieff. J'exècre le mouvement, et j'ai une femme qui ne peut pas rester en place! Elle a voulu à tout prix venir à Saint-Jean-de-Luz, passer une quinzaine chez mon frère. Demain, nous irons passer une autre quinzaine à Roscoff, chez ma mère! Et après ça, il faudra encore aller à Aubenas.

**DES AUBIERS.** (qui est descendu prendre et allumer un cigare) Ouvrir la chasse?

**GEORGES.** Pas moi!... Je trouve ça fatigant, la chasse!

**DES AUBIERS.** C'est aux environs de Poitiers, Aubenas?

**GEORGES.** A trois lieues, au bord du Clain. Y serez-vous?

**DES AUBIERS.** A notre retour d'Espagne. J'ai promis à Gilberte de lui faire voir Grenade...

**GILBERTE.** Mais oui!

**DES AUBIERS.** Il paraît que c'est très beau, cette propriété de votre frère?

**GEORGES.** Aubenas? Oui.

**MARESCOT.** Superbe!... Des bois admirables, des eaux courantes!...

**DES AUBIERS.** Votre frère s'y plaît beaucoup?

**GEORGES.** Oh! Lui! Tout l'amuse : engrais, archéologie, semailles, astronomie, vendanges et physique. Haras. Histoire et pisciculture. Il mène tout à la fois! Et avec une passion! Rien qu'à le voir, j'en suis éreinté!

**DES AUBIERS.** Il est là-bas, avec le docteur Davidson, à regarder dans sa lunette, les montagnes de la lune!

**MARESCOT.** Stupéfiant, cet écossais, avec ses expériences!

**DES AUBIERS.** Oui! Au moment même on est ahuri! Et le lendemain, on se demande si on n'a pas été dupe d'un charlatan!...

**GEORGES.** Moi, cela me laisse froid!

**DES AUBIERS.** Je serais curieux de savoir ce qu'en pensera votre ami qui nous est arrivé à l'heure du dîner et qui cause sur la terrasse avec votre belle-sœur.

**GEORGES.** Clavières.

**DES AUBIERS.** Votre cousin, n'est-ce pas?

**GEORGES.** Par alliance! Clavières et Simone ont eu pour mères les deux sœurs. Ils ont été élevés ensemble, chez le père de Simone, qui avait recueilli son neveu, orphelin dès l'enfance, en sorte qu'ils ont grandi, côte à côte, dans une affection et une intimité fraternelles.

**DES AUBIERS.** Garçon, ce Clavières?

**GEORGES.** Garçon, très à son aise! Encore un qui ne peut pas tenir en place! Il est allé partout. Pour l'instant, il revient des Indes, en compagnie d'une fort belle personne, Lady Barlington, dont le mari est à Londres, gâteaux, pour n'avoir pu se tenir tranquille comme moi!

**DES AUBIERS.** (En riant) Mais alors?

**GEORGES.** Parfaitement! Une liaison si sérieuse qu'elle est presque officielle en attendant que le trépas du bon Lord permette de le rendre légitime!

**DES AUBIERS.** Voici votre belle-sœur.

*SCENE II*

Les mêmes, Simone, Gilberte, Valentin qui descendent avec Mikaël, puis plus tard d'Aubenas et Douglas. Simone entre par le fond avec Gilberte, qui va retrouver à gauche Thécla et Raymonde, avec qui elle descend peu après. Simone, à son entrée, descend en scène en causant avec Valentin et Manoël.

**MARESCOT.** C'est la fraîcheur qui vous chasse?

**SIMONE.** Oui, le vent se lève!

**MARESCOT.** Et ce départ tient toujours pour ce soir?

**SIMONE.** Toujours! Je préfère voyager la nuit. Thécla et moi dormons très bien en chemin de fer. (A Thécla qui descend) N'est-ce pas?

**THECLA.** Oh! Moi, je dors en marchant! Comme les soldats!

**MARESCOT.** Quelle dispersion! Départ ce soir de la Comtesse et de vous, pour Poitiers! Départ demain de Georges pour Roscoff! De votre mari et moi pour Cherbourg, de monsieur et de madame des Aubiers...

**DES AUBIERS.** Pour Saint-Sébastien...

**MARESCOT.** De Monsieur?...

**MANOËL.** Pour Bordeaux!

**MARESCOT.** Et de Monsieur?

**VALENTIN.** Pour l'Ecosse!

**GEORGES.** Et dire qu'on serait si bien à Paris!

**RAYMONDE.** Oh! Mon Dieu! Vous l'avez tout l'hiver, votre Paris.

**SIMONE.** Et c'est bien assez!

**GILBERTE.** Assez?

**SIMONE.** Oh! Dieu oui! Je ne suis jamais pressée d'y rentrer! Pour y tourner comme un cheval de manège, dans le même cercle des mêmes dîners, avec les mêmes convives! Des spectacles où l'on voit toujours la même pièce! Des promenades dans les mêmes bois, aux mêmes heures, et des visites aux mêmes gens qui se soucient aussi peu de les recevoir que vous de les faire! Quelle corvée! Avait-il assez raison, l'Anglais de s'écrier : " Sans les plaisirs du monde, la vie serait à peu près supportable! "

**GILBERTE.** Mais c'est très amusant, tout cela!

**SIMONE.** Pour vous, mignonne, qui sortez du couvent!

**GILBERTE.** Et les soirées et les concerts, et les garden-parties, le concours hippique, les courses, les expositions, le grand prix!

**SIMONE.** Oui! Oui! Charmant, tout cela, au début! Mais quand vous l'aurez pratiqué pendant dix ans! (Désignant Valentin) Voilà celui que j'envie, tenez! Il voyage, lui!

**VALENTIN.** Il ne tient qu'à toi!

**SIMONE.** En Suisse, n'est-ce pas? Ah! Si j'étais homme... ou libre!

**VALENTIN.** Où irais-tu?

**SIMONE.** Au bout du monde! Comme toi!

**VALENTIN.** Pour?

**SIMONE.** Pour changer d'air et vivre à ma guise! Pour connaître un peu la faim et l'appétit; la fatigue de la marche et le bon sommeil sur la mousse, à la clarté des étoiles! Pour fouler les hautes herbes des prairies aux senteurs sauvages. Pour me désaltérer et nager dans la belle eau vierge d'un vrai fleuve, qui ne roule pas de la boue entre une ligne de tramways et des cheminées d'usines!

**VALENTIN.** Oui!... Mais il y a trop de bêtes! Tu ne pourrais pas nager dans ton vrai fleuve, parce qu'il y flotte de vrais caïmans! Tu ne foulerais pas les hautes herbes des prairies où flânent les serpents! Et les maringouins t'empêcheraient de dormir sur la mousse où grouillent les fourmis rouges, les araignées, et des mille-pattes longs comme ça!

**GILBERTE.** (Avec dégoût) Euh!

**GEORGES.** A la bonne heure!... Voilà parler.

**SIMONE.** Alors, pourquoi y vas-tu dans ces pays-là?

**VALENTIN.** Pour le plaisir d'y être allé! Car ce qu'il y a de mieux dans le voyages, c'est le souvenir! Souvent l'hiver, au coin du feu, après dîner, en fumant un cigare, j'évoque ce passé!... Je me revois, il y a six ans, à la même heure, sur un affluent de l'Amazone, entre deux rives bordées d'arbres gigantesques, formant voûte sur ma tête!... Un tunnel de verdure que perçaient les flèches d'or du soleil couchant! Et je me dis : " Ca devait être très beau " Mais à ce moment-là, j'étais dans un canot troué, à la merci de deux indiens suspects, sans autre nourriture que le



produit douteux de ma chasse, du pain moisi, et des conserves tournées en huile! Je grelottais la fièvre, je souffrais d'une entorse, j'étais la proie des moustiques et des mouches noires! Et je pensais : " Oh! A cette heure-ci, les Champs-Élysées, à la lumière électrique, quelle belle contrée!... Oh! Un châteaubriant béarnaise, arrosé de Chambertin!  
Quelle riche nature!...

**SIMONE.** Oh! Le prosaïque!

**VALENTIN.** Oh! La romanesque!

**DES AUBIERS.** Vous êtes allé dans l'Inde?

**VALENTIN.** J'en viens.

**MARESCOT.** Avez-vous vu des fakirs?

**VALENTIN.** Des fakirs? Oui!

**MARESCOT.** Vous ont-ils, d'une graine mise en terre sous vos yeux, fait sortir, en moins d'une heure, un arbuste, avec toutes ses feuilles?

**VALENTIN.** Non! Mais j'ai vu aussi curieux.

**RAYMONDE.** Par exemple?...

**VALENTIN.** Par exemple, un certain Soudraky...

**MARESCOT.** Un fakir?

**VALENTIN.** Un fakir, oui! Etalait une couche d'un sable très fin, qu'il aplanissait avec soin. Je lui jetais un porte-plume en bambou. Il le posait sur ce tapis de sable, puis allait à trois mètres de là, s'étendre à terre, tomber en catalepsie, immobile et raide, comme un cadavre! Je tirais mon calepin pour y écrire tout ce qui me passait par la tête. Au moment précis où mon crayon traçait la première lettre, le bambou, jeté sur le

sable, se dressait de lui-même... (Exclamations) De lui-même, sans que le fakir eût fait le moindre geste, et sur le sable, le bambou suivait exactement les mouvements décrits par mon crayon sur la papier. Lorsque j'avais cessé d'écrire, je retrouvais mot pour mot sur le sable les phrases que j'avais écrites sur le calepin... (Exclamations de tous)

**GILBERTE.** Oh! Très joli!

**MARESCOT.** Charmant!

**THECLA.** D'habiles jongleurs! Voilà tout!

**VALENTIN.** Evidemment! Mais il est impossible de surprendre la moindre supercherie, de découvrir le truc. Il n'y a pas ici un théâtre, des planches, un sous-sol, des fils électriques, etc... C'est la terre nue, un homme nu, en plein jour, avec vos propres ustensiles! Et notez qu'il n'accepte aucun salaire, pas même un cadeau!

**SIMONE.** C'est par amour de l'art?

**VALENTIN.** Et d'un art sacré! Dont ils se disent les disciples!

**THECLA.** Ils donnent bien pourtant une explication quelconque!

**VALENTIN.** Tous la même! Je me prépare, disent-ils, pendant des années d'abstinence, le jeûne et la macération! Et j'évoque les Esprits de mes ancêtres qui font tout ce que tu vois. Je ne suis que l'instrument!

**MARESCOT.** Le médium!

**SIMONE.** Il faut te dire, mon bon Valentin, que tu tombes ici en plein spiritisme!

**VALENTIN.** Oh! Oh! Vous faites tourner les tables?

**GILBERTE.** Depuis quatre jours.

**VALENTIN.** Et le médium?

**RAYMONDE.** Le docteur Davidson!

**VALENTIN.** Et les résultats?

**SIMONE.** Les deux premières soirées médiocres...

**THECLA.** Oh! Oui!

**SIMONE.** Mais il paraît qu'hier au soir, tandis que nous étions au Casino avec Monsieur (Elle désigne Mikaël), ces dames et moi, pour la représentation d'une troupe en tournée, ces messieurs ont obtenu des manifestations...

**RAYMONDE.** Stupéfiantes!

**GILBERTE.** A deux heures du matin, Arthur m'a réveillée, pour me crier : " Inouï! Renversant! Pas moyen de douter! "

**DES AUBIERS.** Oui, mais ce matin, au réveil...

**GILBERTE.** Il m'a dit : " Si c'était de la blague! "

**MARESCOT.** Eh! Oui! Au moment même, on dit : " Ah! " Mais le lendemain, de sang-froid, on pense : " Ai-je bien vu? "

**D'AUBENAS.** (Qui sur les derniers mots est descendu avec Douglas, allumant une cigarette) Et dans trois jours, mon ami Marescot dira : " Je n'ai rien vu ", pour qu'on ne se moque pas de lui!

**MARESCOT.** Dame!

**D'AUBENAS.** Avoue, va! Tu n'es pas le seul!

**THECLA.** Vous admettez bien, je pense, qu'on soit incrédule?

**D'AUBENAS.** Certes! Quand on n'a rien constaté.

**VALENTIN.** Comme moi.

**D'AUBENAS.** Vous n'avez pas été témoin?...

**VALENTIN.** De rien! On me promettait merveilles. J'arrivais... Néant!  
J'ai fini par croire que l'on se moquait de moi!

**THECLA.** (Railleuse) Qui, on? Docteur? Les Esprits?

**VALENTIN.** Il y a donc des farceurs, dans l'autre monde?

**DOUGLAS.** Mais oui!

**THECLA.** (A mi-voix) Je crois qu'il y en a surtout dans ce monde-ci!

**VALENTIN.** (A d'Aubenas) Voyons, cher ami, tout de bon, vous ne croyez pas à ces Esprits-là?

**D'AUBENAS.** Je laisse au docteur la responsabilité de cette explication et je m'en tiens à la réalité des faits qui sont incontestables. Quand aux causes...

**VALENTIN.** (A Simone qui depuis quelque temps cause avec Mikaël, sans écouter ce que l'on dit) Et Simone, qu'en dit-elle?

**SIMONE.** Oh! Moi, tu sais... ces choses-là!... (Elle reprend sa conversation avec Mikaël)

**VALENTIN.** Ah! Bien, si on avait prédit à Voltaire que cent ans après sa mort des Parisiens s'amuseraient à des histoires de revenants, comme les bonnes gens de son temps à la veillée du soir! Eut-il assez bondi!

**D'AUBENAS.** Mais eut-il assez traité de Welche l'homme qui lui eût prédit que de Ferney, il pourrait entendre jouer Mérope à la Comédie-Française!

**DES AUBIERS.** Et puis, Voltaire est démodé! Tandis que les revenants reviennent à la mode!...

**MARESCOT.** Le fait est qu'on n'en a jamais tant parlé, d'apparitions, de maisons hantées, de satanisme, de messe noire.

**RAYMONDE.** (Avec envie) Oh! La messe noire!

**GEORGES.** (DouceMENT) Raymonde! Ma chère!

**RAYMONDE.** (De même) Oui, mon ami...

**DES AUBIERS.** Et d'occultisme, et d'envoûtement, et de chiromancie...

**SIMONE.** Oh! C'est le triomphe de Stoudza, la chiromancie. Montrez-lui vos mains, et il va vous prédire, à tous, vos destinées.  
(Exclamations )

**RAYMONDE et GILBERTE.** (A Mikaël) Oh! Dites! Dites!

**MIKAËL.** (Se défendant) Madame d'Aubenas m'attribue un talent!

**SIMONE.** Allons, ne faites pas le modeste, vous m'avez dit des choses étonnantes!

**GILBERTE.** (A Mikaël) Allons, monsieur Stoudza!

**RAYMONDE.** Ne vous faites pas prier!

**MIKAËL.** Pour vous obéir donc! ( Tous remontent au fond, entourant Mikaël à qui les femmes montrent leurs mains. Exclamations et rires de

temps en temps, pendant la scène suivante. D'Aubenas et le Docteur remontent à droite vers la terrasse)

**VALENTIN.** (Prenant une chaise et s'asseyant près de Simone)  
Causons un peu tous deux, car nous allons nous séparer et je n'aurai pas eu le temps de te dire un mot.

**SIMONE.** Tu ne viens pas ouvrir la chasse à Aubenas?

**VALENTIN.** Non! Je vais chasser la grousse en Ecosse.

**SIMONE.** Ton Anglaise ne te donne donc jamais congé?

**VALENTIN.** Si peu!

**SIMONE.** Et tu iras encore passer l'hiver aux Indes, avec elle?

**VALENTIN.** Non!... En Egypte, cette fois!...

**SIMONE.** Bref! On ne te voit plus!

**VALENTIN.** Est-ce ma faute? J'arrive... Tu pars.

**SIMONE.** Ce soir!

**VALENTIN.** Avec Robert?

**SIMONE.** Non! Il va à Paris pour une dizaine de jours! Je ne sais quelle réunion scientifique où il doit lire un rapport sur je ne sais quoi. Il ne sera à Aubenas que dans la huitaine, en même temps que moi!

**VALENTIN.** Tu n'y vas pas directement?

**SIMONE.** Je vais d'abord passer huit jours à la Noiselle, une propriété que Thécla vient d'acheter à deux lieues d'Aubenas.

**VALENTIN.** Si intime que ça avec cette comtesse?

**SIMONE.** Thécla! C'est une excellente amie! J'ai fait sa connaissance l'an passé ici même. Tiens, à propos de cette jeune fille qui se noyait et qu'elle a sauvée à la nage! Nous nous sommes beaucoup fréquentées cet hiver et je m'en félicite tous les jours. Quand tu la connaîtras!...

**VALENTIN.** Oh! Je la connais déjà!... de réputation... C'est une roumaine?

**SIMONE.** Oui!

**VALENTIN.** Femme d'un boulanger!

**SIMONE.** Thécla!

**VALENTIN.** Qu'elle a planté là pour courir la prétentaine, jusqu'au jour où la générosité d'un grand duc lui a donné sa fortune actuelle, et ce titre de comtesse quelconque!...

**SIMONE.** (En récriant) Oh! Ce roman!... Elle est veuve d'un général hongrois! Qui est-ce qui t'a conté cela?

**VALENTIN.** Le baron Walferstein, secrétaire de l'ambassade d'Autriche à Londres, qui l'a débauchée en lui achetant des choux à la crème!

**SIMONE.** Oh! Par exemple! Je lui conterai cela. Ça l'amuser bien!

**VALENTIN.** Crois-tu? Et ce bellâtre, là-bas, d'où sort-il, celui-là?

**SIMONE.** Mikaël?

**VALENTIN.** Oui!

**SIMONE.** C'est un serbe! De Belgrade!

**VALENTIN.** Célibataire? Marié?

**SIMONE.** Célibataire!

**VALENTIN.** Ah!... Profession?

**SIMONE.** Aucune. Il a des petites propriétés là-bas, qu'on fait valoir pour lui.

**VALENTIN.** Encore un voisin d'Aubenas?

**SIMONE.** Non! Mais de Saint-Jean-de-Luz, où il est déjà venu passer la saison d'été, l'an dernier. Il a loué cette année, une maisonnette, là, de l'autre côté de la rue, en face.

**VALENTIN.** Il me paraît ici sur un pied un peu familier.

**SIMONE.** C'est un garçon très complaisant, très doux, bon musicien. Il a publié un petit recueil de mélodies serbes, charmantes : " Les Echos du Danube ".

**VALENTIN.** Oh! Je connais ça.

**SIMONE.** Sûrement!

**VALENTIN.** " Les Echos du Danube " par Mikaël Stoudza!

**SIMONE.** Oui!

**VALENTIN.** Parfaitement! J'y suis! Ah! C'est ce monsieur-là! Eh bien! Il y a une jolie histoire sur son compte.

**SIMONE.** Quelle histoire?

**VALENTIN.** Tu ne la connais pas? La petite Sarah Vandenyver, la fille du banquier, qu'il a voulu compromettre pour l'épouser...

**SIMONE.** Quelle infamie!... On a osé...



**VALENTIN.** La petite avait fait la sottise d'écrire une lettre qui semblait en dire plus long qu'il n'y en avait réellement. La police s'en est mêlée, et le galant a dû restituer la lettre... de bonne grâce.

**SIMONE.** C'est une calomnie! Mikaël m'a dit la chose comme elle était. L'ingénue s'était amourachée de lui, et c'est lui qui a prévenu le père, pour ne pas être accusé de suborner une mineure!...

**VALENTIN.** Angélique, tout bonnement!

**SIMONE.** Je te dis!...

**VALENTIN.** Admettons-le! J'aime mieux l'admettre! Mais quelle chaleur, ma chère, à le défendre!

**SIMONE.** J'ai horreur du mensonge!

**VALENTIN.** Moi aussi! Et ce monsieur-là...

**SIMONE.** (L'interrompant) Si tu n'es venu que pour dire du mal de mes amis...

**VALENTIN.** (La faisant rasseoir) Allons! Allons! Je suis le meilleur de tous, tu le sais bien. Et le plus ancien. Celui qui, toute gamine, te portait dans ses bras pour ne pas mouiller tes petits pieds dans la rosée du matin, et qui attrapait pour toi des papillons. Ton excellent père qui te gâtait!... Dieu sait! m'avait investi de l'autorité d'un grand frère, avec mission de veiller sur toi et de te gronder au besoin! On ne refait pas d'anciennes habitudes. Je veille encore et je gronde un peu, très peu, comme un bon vieux chien de garde, qui ne peut pas se résigner à ne plus grogner aux figures suspectes... On risque de se faire renvoyer à sa niche...

**SIMONE.** Tu sais bien que de toi, j'accepte tout, et que tu peux tout dire sans me fâcher.

**VALENTIN.** Alors, je continue?

**SIMONE.** Si tu veux!

**VALENTIN.** Oui, pour ce que ça t'émeut!

**SIMONE.** Tu es drôle! Va, va, grogne à ton aise. Grogne! Toutou!

**VALENTIN.** Eh bien! Eh bien, quand j'ai traversé Paris cet hiver, j'ai constaté chez toi la lassitude, la satiété qui résultent forcément d'une vie aussi désœuvrée qu'est la tienne, et j'ai pensé : voilà ma Simonette sur la mauvaise pente qui, du désœuvrement glisse à l'ennui et de l'ennui à toutes les sottises... A ton âge, a dit Balzac, toute femme s'aperçoit qu'elle est dupe de l'état social.

**SIMONE.** Oh! Que c'est vrai!

**VALENTIN.** Mais comme nous sommes vos dupes, ça rétablit l'équilibre! A ton âge, dis-je, celle qui n'est pas sauvegardée par la froideur de son tempérament, le grand souci de ses devoirs, ou ceux de la maternité, se laisse aller par curiosité, par esprit d'imitation, par besoin d'émotions nouvelles, violentes, qui fouettent ses nerfs, à la folle envie d'avoir, elle aussi, son petit roman, dont la conclusion mélancolique est que l'amour illégal ne diffère pas sensiblement du légitime et que ce n'était pas la peine d'aller chercher si loin un bonheur aussi tiède que celui qu'elle avait à domicile!...

**SIMONE.** Quel prêche! C'est ton Anglaise qui t'a moralisé à ce point-là?

**VALENTIN.** Tu me blagues, mais si j'ai fait des sottises, c'est bien le moins que leur expérience soit à ton profit.

**SIMONE.** Et moi? Et à quel propos?

**VALENTIN.** Simonette, tu es une exaltée, une impulsive! Une passionnée, dupe de son imagination! Quand tu étais petite, je n'ai jamais pu te faire admettre que les champignons, aux plus belles couleurs, étaient les plus vénéneux, et il ne faut pas être sorcier pour constater qu'en ce moment même cette imagination s'égare vers des rives lointaines et te fait prendre en dégoût la bonne allée sablée et le bon petit trottoir du bonheur conjugal.

**SIMONE.** Oui! Parlons-en de ce bonheur-là!

**VALENTIN.** Tu n'as pas un bon mari, le plus brave et le plus honnête qui soit?

**SIMONE.** Oh! Pour être honnête et bon, oui.

**VALENTIN.** Et qui t'aime?

**SIMONE.** A sa manière!

**VALENTIN.** Pas si mauvaise! Il satisfait à tous tes caprices, n'a d'autres volontés que les tiennes, te laisse toute liberté, n'est ni despote, ni égoïste, ni grondeur, ni jaloux!...

**SIMONE.** Oh! Cela non!

**VALENTIN.** Tu t'en plains?

**SIMONE.** Mais c'est quelquefois agaçant, tu l'avoueras, cette satisfaction de lui-même, qui lui donne tant de sécurité!...

**VALENTIN.** Ah! Bon!

**SIMONE.** Il semble dire : " Oh! Moi, je suis bien tranquille. Je ne suis pas de ceux qu'on trompe, moi! Oh! Ma femme n'est pas de celles qui

excitent des passions!... " Cela donne envie de lui crier : " Vous n'êtes pas si parfait que cela, et je ne suis pas si dédaignée qu'il vous semble! "

**VALENTIN.** Admirons l'art exquis avec lequel tu lui fais un crime de sa confiance en toi!

**SIMONE.** C'est de l'indifférence! Mais oui! Il se soucie bien de moi! Il n'a en tête que sa physiologie, sa biologie!

**VALENTIN.** Plains-toi! Après huit ans de mariage, de n'avoir pas à lui reprocher d'autres rivales que celles-là!

**SIMONE.** Pour ce que j'y gagne!

**VALENTIN.** Oh! Simonette!

**SIMONE.** Et ce n'était pas assez de ses alambics, de ses cornues, et de ce laboratoire, d'où il me revient avec des odeurs de pharmacie, ne voilà-t-il pas qu'il veut savoir ce qui se passe dans l'autre monde!

**VALENTIN.** Le spiritisme!

**SIMONE.** Oui! Comme s'il ne ferait pas mieux de s'occuper de celui-ci!

**VALENTIN.** Ah! Ca, c'est donc sérieux?

**SIMONE.** Je te crois!

**VALENTIN.** J'ai cru qu'il s'agissait d'amusettes de salon.

**SIMONE.** Ah! Tu le connais bien! C'est une nouvelle passion! Les autres l'absorbaient tout le jour! Celle-ci l'occupera toute la nuit!

**VALENTIN.** Et c'est cet Ecosais qui lui a mis cela en tête?

**SIMONE.** Eh! Oui! Ils ont d'abord échangé des lettres, des brochures, des livres, sans s'être jamais vu. Puis ce docteur, revenant des Pyrénées, l'a invité à s'arrêter ici, trois ou quatre jours, pour nous faire voir ses petits talents. Le premier soir, ça m'amusaient assez de voir le guéridon craquer sous ses doigts, lever un pied, frapper des coups! Mais le lendemain, j'ai trouvé le badinage un peu monotone et j'ai quitté la place.

**VALENTIN.** Comment d'Aubenas peut-il être la dupe de ce docteur exotique?...

**SIMONE.** Un charlatan, n'est-ce pas?

**VALENTIN.** Parbleu! Je vais tâcher de débiter ses trucs! Mais il y en a un autre, ma petite Simonette, que je te signale!

**SIMONE.** Un autre?

**VALENTIN.** Charlatan, oui! Le Serbe!

**SIMONE.** Mikaël!

**VALENTIN.** Manifestement épris de toi, ou du moins s'en donnant l'air.

**SIMONE.** (Gênée) Tu as vu cela?

**VALENTIN.** Et ses assiduités ne te sont pas désagréables, j'ai encore vu ça!

**SIMONE.** (Vivement) A quoi?

**VALENTIN.** Tu me fais rire!

**SIMONE.** Alors il faudra le congédier pour te plaire?

**VALENTIN.** Ah! Que j'en serais donc charmé! Et si la Thécla pouvait détalier avec lui, bras dessus, bras dessous! Comme ils sont venus, d'ailleurs! Car c'est elle qui te l'a présenté, n'est-ce-pas?

**SIMONE.** Oui.

**VALENTIN.** Je l'aurais parié!

**SIMONE.** Pourquoi? Mikaël est son ami!

**VALENTIN.** Il a dû mieux que ça!

**SIMONE.** (Haussant les épaules avec dépit) Lui? Tu es fou, on ne peut pas causer sérieusement avec toi!

(Elle remonte. Un maître d'hôtel, au fond, et un valet de pied servent du thé, de la bière, de l'orangeade, etc... sur la table. Les personnages assis, groupés sur la terrasse, ou dans le fond du salon, pendant la scène suivante).

**VALENTIN.** (Seul) Décidément, j'irai à Aubenas, ouvrir la chasse contre lui!

**D'AUBENAS.** (A Simone qui traverse la scène pour sortir par la droite) N'oubliez pas, Simone, que vous prenez le train de onze heures deux...

**SIMONE.** Tout est prêt! Je n'ai qu'à changer de toilette.

**D'AUBENAS.** Bastien ira enregistrer les bagages et prendre vos places!

**SIMONE.** Thécla! (Bas à Mikaël) Soyez sur vos gardes! Valentin a des soupçons! (Haut à Thécla) Il est temps de nous apprêter, ma chère! (Elle sort)

**THECLA.** Oh! Moi! En dix minutes, c'est fait!

**D'AUBENAS.** Ne manquez pas le direct! Vous seriez condamnée à prendre, un quart d'heure après, le train suivant qui s'arrête à toutes les stations! (Il remonte)

**THECLA.** L'omnibus, oui, une charrette. (Elle va pour sortir par la porte droite)

**MIKAËL.** Comtesse! (Elle s'arrête) Pardon!

**THECLA.** Parlez vite, car je suis pressée, vous voyez... (Ils descendent l'avant-scène)

**MIKAËL.** Deux mots seulement...

**THECLA.** Oh! Vous avez l'air contrarié. (Baissant la voix) De la brouille? (Ils jouent toute la scène debout, à mi-voix, avec la préoccupation de ne pas être entendus.)

**MIKAËL.** Non! Simone ne vous a rien dit?

**THECLA.** Si! Que vous lui proposiez une folie!

**MIKAËL.** Mais non! Il s'agit de vous laissez partir seules, vous et sa femme de chambre, tandis qu'elle viendrait chez moi ce soir, pour n'en sortir que demain l'après-midi.

**THECLA.** Et naturellement, elle trouve cela dangereux!

**MIKAËL.** A tort! Ca l'est moins que ce qu'elle a fait cette semaine, de venir chez moi en plein jour!

**THECLA.** Par la ruelle déserte, sur laquelle ouvre votre jardin! Mais non! En cas de rencontre, elle passait par là, voilà tout! Mais le soir!... Et puis votre plan est peut-être si mal conçu!

**MIKAËL.** (La retient) Il est parfait! A la seule condition que d'Aubenas ne vous accompagnera pas à la gare.

**THECLA.** C'est possible!

**MIKAËL.** Mais s'il n'en fait rien, tout est d'une simplicité!... (Il la fait asseoir) Vous allez à la gare en voiture. Simone, vous, et Delphine, qui lui est dévouée comme un caniche! La voiture vous dépose dans la cour et repart. Vous prenez vos places, vous et Delphine, et entrez dans la salle d'attente, tandis que Simone encapuchonnée, voilée, rebrousse chemin, me trouve à un endroit convenu, prend mon bras, et par les rues vides à cette heure-là, gagne ma maisonnette, où nous sommes seuls. J'ai donné congé à mon domestique pour quarante-huit heures. Il est à Biarritz. Demain, vers quatre heures, j'attelle et je conduis Simone en voiture à la station de Guethary. Elle y prend le train à 6 heures, qui la dépose après-demain à Poitiers, où Delphine l'attend, et toutes deux arrivent chez vous tranquillement avec un retard de vingt-quatre heures, que nul ne soupçonne.

**THECLA.** C'est assez effronté, cette petite combinaison!

**MIKAËL.** Tâchez donc, chère amie, de lui faire comprendre.

**THECLA.** Merci!... Je ne suis pas d'un âge à accepter le charitable emploi que vous daignez m'offrir.

**MIKAËL.** Ah! Voyons, Thécla, vous n'allez pas faire la bégueule avec moi!

**THECLA.** Non! Mais le rôle de confidente me suffit.

**MIKAËL.** Vous blâmez Simone d'être à moi!

**THECLA.** Oh! Dieu! J'en suis ravie au contraire. D'abord je ne supporte pas son pédant de mari. Il est ridicule cet homme avec ses



bocaux et ses bouquins. Et puis, elle m'agaçait cette vertu robuste, sans le moindre accroc!... Et enfin, l'amour, c'est ma spécialité, à moi, depuis l'âge de raison. Ces galanteries m'amuse follement; quand je ne suis pas toute aux miennes, je n'ai en tête que celles des autres! Vous ne sauriez vous figurer mon amusement à suivre votre petit manège à tous deux, depuis trois mois, en faisant des vœux pour vous... mentalement; car elle ne me disait rien de ces escarmouches!... Et, quand, avec ce besoin d'épanchement, qui suit toujours la déroute, elle me fit, il y a huit jours, l'aveu de sa défaillance de la veille, je l'embrassai avec une effusion... Ah! Bien sincère! Enfin... elle aussi! Une de plus! Ca fait toujours plaisir! (Se levant) Vous viendrez à Aubenas pour la chasse?

**MIKAËL.** (Se levant) Parbleu!

**THECLA.** Voilà encore de quoi me distraire agréablement... Surtout si ça se corse un peu, et tourne au drame... ou à la comédie que vous avez rêvée.

(Mouvement)

**MIKAËL.** (La retenant, passe au-dessus d'elle) La comédie?

**THECLA.** Oh! Ne jouez pas à l'innocent, cher ami, dans les quinze jours où nous avons flirté, à Monaco...

**MIKAËL.** (Riant) Oh! Flirté?

**THECLA.** Oui, une quinzaine, en voyage... ça ne compte pas.

**MIKAËL.** Merci!...

**THECLA** ...J'ai eu le temps d'apprécier ce que vous valiez...

**MIKAËL.** (Riant) Je l'espère!

**THECLA.** Non!... J'entends à l'américaine, financièrement.

**MIKAËL.** Ah! Bon!

**THECLA.** Une forêt, quelques métairies, exploitées à frais communs par un beau-frère. Céréales, vignes et sapins, soit une trentaine de mille francs par an. C'est chiche! Mais, en revanche, le sort vous a doté d'une volonté froide, d'un joli petit égoïsme qui sait jouer la passion à ravir, et de ce magnétisme de la voix, du regard et du geste qui nous enveloppe, nous trouble et nous désarme! Et quand la nature vous a créé l'homme à femmes, vous auriez bien tort de ne pas régler votre destinée sur vos moyens, et de ne pas vous faire de l'amour, une carrière aussi...  
lucrative que possible.

**MIKAËL.** Voilà parlé en femme d'esprit, et sans préjugés!

**THECLA.** Vous vous êtes donc mis en campagne, et après diverses mésaventures inutiles à rappeler, Simone s'est trouvée sur votre route, avec six millions de fortune personnelle, et vous vous êtes dit : " N'allons pas plus loin. Je suis son amant. Elle divorce et je l'épouse! " Y suis-je?

**MIKAËL.** Parfaitement!

**THECLA.** Au moins, vous êtes franc! Donc, vous poussez au divorce à fond de train.

**MIKAËL.** Au contraire! Tout doucement, pour ne pas l'effaroucher!

**THECLA.** Et si elle ne veut pas aller jusque-là?

**MIKAËL.** J'aviserais!

**THECLA.** Vous vous ferez surprendre avec elle? (Il ne répond pas)  
Oui! Seulement vous savez la loi : adultère constaté, le mariage des deux complices, impossible!

**MIKAËL.** En France, oui! Mais on se marie si bien en Angleterre, en Suisse...

**THECLA.** Vous avez prévu ce cas!

**MIKAËL.** Naturellement!

**THECLA.** (Se levant) Vous êtes d'une jolie force, vous!

**MIKAËL.** J'ai pourtant besoin de recourir à la vôtre.

**THECLA.** Pour?

**MIKAËL.** Lui faire accepter...

**THECLA.** Votre hospitalité cette nuit?...

**MIKAËL.** Oui, et en bonne camarade!...

**THECLA.** Non, non! Mon bel ami! Je garde ma neutralité! Rien pour la décourager, rien pour la dissuader! Si elle risque l'aventure et fait appel à mon aide! C'est une autre affaire. Les femmes se doivent assistance mutuelle dans tous les cas, sans exception! Je veux bien être sa complice à titre d'amie, je ne serai pas la vôtre à titre de complaisante.

**MIKAËL.** Ce n'est qu'une nuance...

**THECLA.** Considérable! Mais... considérable!  
(Elle sort par la porte de droite, au moment où le domestique introduit Parisot par la gauche)

*SCENE III*

Les mêmes, Le docteur Parisot.

**GILBERTE.** Ah! Monsieur Parisot!

**D'AUBENAS.** (Allant au-devant de Parisot) Bonjour, docteur! Soyez le bienvenu!

**PARISOT.** J'arrive de Bordeaux où j'étais en consultation! J'ai trouvé votre petit mot, je n'ai pris que le temps de dîner. Personne n'est malade, j'espère?

**D'AUBENAS.** Personne! Il s'agit de choses plus agréables.

**PARISOT.** (Cherchant des yeux Simone) Madame d'Aubenas est absente?

**D'AUBENAS.** Elle fait ses apprêts pour nous quitter ce soir! Une tasse de thé, docteur?

**PARISOT.** Non, merci. Un peu de cognac seulement.

**RAYMONDE.** C'est moi qui vous servirai.

**PARISOT.** Mille grâce! Donc il s'agit?

**D'AUBENAS.** D'expériences, que je crois de nature à vous intéresser. Mais d'abord, que je vous présente : mon cousin, Valentin Clavières (Saluts) et le docteur Harry Davidson, d'Edimbourg, un confrère!

**PARISOT.** (Aimable, prêt à prendre la main) Monsieur!

**D'AUBENAS.** Excellent médium!

**PARISOT.** (Mettant la main dans la poche) Oh!

**D'AUBENAS.** Comme vous êtes un incrédule, j'ai pensé vous faire plaisir, en vous invitant à une séance de spiritisme, la dernière, malheureusement. Le docteur est dans l'obligation absolue de partir demain matin, pour ne pas manquer le bateau.

**PARISOT.** (Goguenard) Monsieur a déjà opéré sous vos yeux?

**D'AUBENAS.** Trois fois! Les deux premières séances, curieuses, rien de plus! Mais celle d'hier, stupéfiante!

**PARISOT.** Le grand jeu?

**D'AUBENAS.** Jugez-en? Ce guéridon qui, jusque-là, s'était borné à s'agiter sous nos doigts, et à répondre à nos questions, par des coups très distincts, s'est dérobé subitement au contact de nos mains, pour tourner tout autour de la pièce. Puis s'est soulevé à cette hauteur du parquet, et après avoir flotté en l'air quelques secondes, est redescendu doucement sur le tapis.

**PARISOT.** (De même) Et cela naturellement, en pleine obscurité!

**D'AUBENAS.** Du tout! En pleine lumière, comme à présent. Je laisse à ces deux messieurs le soin de vous dire ce qui a suivi.

**DES AUBIERS.** Moi, j'ai senti, là, sur l'épaule, un coup. J'y ai porté la main d'instinct, et j'en ai senti une...

**GILBERTE.** Euh!

**PARISOT.** En baudruche!

**DES AUBIERS.** Une main de chair, tiède, vivante! J'ai retiré la mienne.

**GILBERTE.** Je te crois.

**DES AUBIERS.** Et l'autre est allée se poser sur la tête de Marescot, qui a poussé un cri!

**MARESCOT.** C'est-à-dire...

**DES AUBIERS.** Un hurlement! Après quoi, elle s'est blottie dans la main de M. d'Aubenas, qui l'a serrée, s'efforçant de la retenir! Et sous cette pression, elle s'est presque aussitôt fondue et dissoute en vapeur.

**D'AUBENAS.** Très exact!

**PARISOT.** C'est tout?

**D'AUBENAS.** Oh! Mais non! Peu après, le timbre de cette pendule s'est mis à sonner! Mais une sonnerie très distincte de l'ordinaire, très étrange! De petits coups légers, argentins, avec des vibrations prolongées.

**PARISOT.** Quelque papillon de nuit, prisonnier dans la boîte. Quant au reste, rotation, battements, réponses, on ne peut plus simple! Impulsions instinctives musculaires, choc en retour de vos propres pensées! Et la main, la musique, tension, excitations cérébrales, auto-suggestions...

**DES AUBIERS.** Pardon, pardon. Nous avons entendu, vu!...

**PARISOT.** Cher monsieur! Ne dites pas : " J'ai vu, entendu! Dites : j'ai cru voir! Je me suis figuré que j'entendais! "

**D'AUBENAS.** Et là! Docteur Marphurius! Si je ne dois pas ajouter foi au témoignage de mes sens, je me figure peut-être aussi que vous êtes là et que vous me donnez des raisons qui ne tiennent pas debout.

**PARISOT.** Vous n'admettez pas l'hallucination?

**D'AUBENAS.** Collective?

**PARISOT.** Si.

**D'AUBENAS.** Alors, expliquez-moi, je vous prie, la dernière manifestation : celle qui a couronné la séance! Au moment où notre attention était attirée vers la pendule, la sonnerie cesse subitement. Une corbeille de laiton, pleine de feuilles de roses desséchées, que j'avais mise sur cette cheminée au moment d'opérer, s'élève à la hauteur d'un mètre, puis, prenant son vol, traverse toute la pièce et va se poser légèrement, comme un oiseau, à l'angle de ce meuble, là-haut, où elle est encore! S'il y avait eu hallucination, elle n'aurait pas quitté cette place. (Il frappe sur le marbre de la cheminée)

**PARISOT.** Vous avez vu ça?

**DES AUBIERS.** Tous!

**D'AUBENAS.** En pleine clarté!

**PARISOT.** Alors, prestidigitation!

**D'AUBENAS.** Et l'opérateur?

**DOUGLAS.** (Souriant) Quelque Ecossais, sans doute?

**PARISOT.** (Sèchement) Je ne désigne personne! (A Aubenas) Je m'étonne seulement qu'un homme sérieux comme M. d'Aubenas attache de l'importance à de telles fariboles!

**D'AUBENAS.** Mon cher docteur, un fait est un fait! Le dédain ne le supprime pas.

**PARISOT.** Vous allez voir que les Esprits sont les auteurs de ces gentilleses!

**D'AUBENAS.** M. Davidson vous diras qu'il en est convaincu! Moi, qui n'ai pas son expérience, je fais mes réserves; mais j'en sais assez déjà pour constater que toutes les prétendues explications que vous venez de rappeler, mouvement inconscient des doigts, hallucinations, etc..., etc... ne sont bonnes qu'à faire rire aux dépens des savants qui ont eu la faiblesse de s'en contenter.

**PARISOT.** Mais c'est votre crédulité, cher monsieur, qui fera rire à vos dépens!

**D'AUBENAS.** Je vous répondrai, comme le fit à ce même propos, un grand écrivain, qui n'était pas précisément un naïf, l'illustre auteur de la foire aux vanités : " Tackery " : " Après ce que j'ai vu, je n'ai pas le droit de douter! "

**PARISOT.** Eh bien, moi, après ce que j'ai vu, j'ai le droit de ne rien croire. (Exclamations)

**MARESCOT.** Ah! Vous avez vu quelque chose?

**PARISOT.** A Biarritz. Il n'y a pas plus de deux mois, chez de bonnes gens de ma parenté qui n'attendaient pas ma visite. Une petite vieille, que du premier coup je jugeai suspecte, faisait manœuvrer une corbeille, à laquelle était adapté un crayon qui passait pour écrire les réponses de l'autre monde. On avait d'abord évoqué Alfred de Musset et George Sand.

**VALENTIN.** Naturellement.

**PARISOT.** J'arrivais au moment où sortait Napoléon! On appelle Victor Hugo, qui s'empresse d'accourir. On eût évoqué Ruy Blas qu'il serait venu tout aussi bien! Le grand homme daigne dicter quelques vers! O Seigneur, qu'on ne les publie pas!... Il avoue d'ailleurs n'être pas en verve et se retire prudemment, à l'anglaise... J'exprime alors le



désir d'échanger quelques mots avec Homère! Tac, tac! Le voilà! Je lui détache du ton le plus poli, ces deux mots grecs : " Onos eis " (Tu es un âne). Il croit à un compliment et répond : "Toute la Grèce me l'a dit! "

Et l'assistance dans l'extase! Quelqu'un me souffle : " Demandez-lui donc si vous avez déjà vécu sur terre. " - " Oui, répond Homère, et tu as été un personnage historique! - Ah! Quand? - Sous Louis XIV. - Et qui? - L'homme au masque de fer! " (Exclamations de rire)

**VALENTIN.** Le voilà donc connu, ce secret plein d'horreur!

**RAYMONDE.** C'était vous!

**PARISOT.** C'était moi! Vous comprenez que cette expérience m'a suffi!

**D'AUBENAS.** Eh bien, docteur, j'estime que vous avez eu tort! Il n'est pas un expérimentateur qui, à ses débuts, ne se soit heurté à de telles insanités. C'est la fumée qui précède la lumière. Il fallait persister, comme tant d'autres. Vous auriez vu plus clair. La vérité se refuse aux morfondus et ne se donne qu'aux passionnés! S'il n'y avait rien de plus dans le spiritisme que les expériences de cette bonne dame, et des jongleries de salon, comme celles des loustics qui, par la contraction d'un muscle de la jambe, le long péronier, imitent les battements de l'Esprit, dans le parquet, il y a beau jour qu'il n'en serait plus question!

**PARISOT.** S'il y avait quelque chose de sérieux, il y a beau jour que la science officielle l'aurait adopté.

**DAVIDSON.** Témoin le magnétisme, que vous n'avez admis sous le nom de suggestion et d'hypnotisme, qu'après lui avoir fait faire antichambre pendant cent ans!

**PARISOT.** C'est que les charlatans l'avaient discrédité!

**DAVIDSON.** Il y a des charlatans en toutes choses, mon cher confrère, même en médecine. Vous n'en concluez pas qu'elle n'est qu'une duperie!

**PARISOT.** En dehors des charlatans et de leurs dupes, qui s'occupe encore de ces choses-là?

**DAVIDSON.** Oh! Oh! Vous êtes en retard, confrère! Qui? Mais les gens les plus instruits; les plus compétents, les plus autorisés par leurs fonctions, leur caractère et leur savoir, et pour ne citer que l'Angleterre, des médecins, des physiologistes, comme Gully, Hare, Elliostson; des physiciens comme Lodge, des astronomes comme Challis, des mathématiciens comme Morgan, des naturalistes comme Sir Russel-Wallace, des ingénieurs comme mon ami Varley, inventeur du condensateur électrique et ingénieur en chef du câble transatlantique. Tous membres de la Société Royale, ou professeurs des sciences les plus exactes aux universités de Londres, d'Oxford, de Cambridge, de Glasgow, de Dublin!... Et constatant, attestant des phénomènes inexplicables, dans l'état actuel de nos connaissances! Les plus convaincus sont précisément ceux qui n'ont étudié le spiritisme que pour en démontrer l'absurdité!... Entre autres William Crookes, dont l'exemple est typique!... Un jour, l'Angleterre apprend que l'éminent chimiste qui a découvert le thallium, prend la plume pour réduire à néant les conclusions de la Société Dialectique de Londres, qui, après un examen de dix-huit mois, avait affirmé la réalité des faits! L'incrédulité triomphe! Crookes étudie la question en vrai physicien, à l'aide de leviers, de poulies, de balances, etc... et déclare que tout est vrai! Il fait plus, il atteste que ses amis et lui ont obtenu des résultats plus stupéfiants que tous ceux qu'il avait eu l'intention de contester! Fureur des gens! Qui l'eussent couvert de fleurs, s'il avait répondu à leur attente! On conteste ses expériences! Il apporte l'attestation des témoins, savants comme lui! On fait courir le bruit qu'il se ravise et rétracte tout

ce qu'il a dit! Il répond par un formel démenti! Voilà un homme! Il a la bravoure de ses convictions celui-là! Saluons-le!

**PARISOT.** Il est fou!

**D'AUBENAS.** Je vous souhaite, docteur, la folie du savant à qui l'on doit la découverte des rayons cathodiques, et qui a rendu possible, par ses tubes, celles des rayons Roentgen!

**DOUGLAS.** Et en fait de folies, je livre à votre méditation, cette grave parole d'un autre savant, qui l'a beaucoup étudiée, la folie! " Lombroso! " Mes amis et moi qui rions du spiritisme, sommes peut-être suggestionnés comme beaucoup d'aliénés, nous plaçant à côté de la vérité, et raillant ceux qui ne pensent pas comme nous.

**PARISOT.** Enfin! S'il y a des savants pour attester les faits, il y en a d'aussi compétents et plus nombreux pour les nier carrément!

**DOUGLAS.** Surtout ceux qui, jugeant leur savoir infailible, se sont gardés comme vous, du moindre examen!

**PARISOT.** On n'a pas besoin d'étudier ce qui n'est pas, n'étant pas possible.

**DOUGLAS.** Qui vous l'atteste?

**PARISOT.** Le bon sens!

**DOUGLAS.** Ah! Le pauvre bon sens! S'il était responsable de toutes les erreurs mises à son compte! C'est en son nom qu'on niait la rotondité de la terre, qui plaçait les antipodes la tête en bas, et qu'on disait à Christophe Colomb : " Tu ne pourras plus remonter!... " Qu'on raillait William Harvey, pour la circulation du sang, Jenner pour sa vaccine, Franklin, pour son paratonnerre! Que sir Humphry David était bafoué pour admettre qu'on pût éclairer Londres au gaz! Et Thomas Gray,

menacé de la prison des fous, pour affirmer la possibilité du chemin de fer! Que Laplace traitait de fable la chute des aérolithes; que Lavoisier déclarait qu'il ne peut pas tomber de pierres du ciel, parce qu'il n'y a pas de pierres dans le ciel! Et que le savant monsieur Bouillaud pinçait le nez de l'opérateur qui lui faisait entendre le phonographe... en lui disant : " Mon ami, vous me prenez pour un imbécile! Vous êtes ventriloque! "

**PARISOT.** Mais tout cela, contesté à torr, c'est positif, tangible, matériel, constant, scientifique! Ca n'est pas surnaturel!

**DOUGLAS.** Qu'appellez-vous surnaturel?

**PARISOT.** Ce qui est contraire aux lois de la nature!

**DOUGLAS.** Vous les connaissez donc les lois de la nature?

**PARISOT.** Toutes? Non!

**DOUGLAS.** Eh bien! Alors! Vous êtes comme ce roi de Siam traitant d'imposteur le Hollandais qui lui affirmait que dans son pays, en hiver, l'eau des rivières durcissait au point de porter des éléphants!... Pour ce Siamois, le surnaturel, c'était la glace! Il n'en avait jamais vu!

**PARISOT.** Et vous avez vu des Esprits, vous?

**DOUGLAS.** Mais oui!

**PARISOT.** Fluidiques! Avec corps fluidiques!... Expliquez-moi, de grâce, comment un homme peut sortir de ce monde avec toute sa personnalité?

**DOUBLAS.** Très volontiers, quand vous m'aurez expliqué comment il y entre avec toute sa race.

**PARISOT.** Mais je vois, ce fait-là! L'autre, je le nie.

**DOUGLAS.** Ca lui est bien égal!

**PARISOT.** Des fantômes à présent! Nous retournons au moyen-âge!  
(Prenant son chapeau) Eh bien, allez-y sans moi.

**D'AUBENAS.** (Voulant le retenir) Mais non, voyons, docteur. Restez!

**PARISOT.** Non! Non!

**D'AUBENAS.** Expérimentez! Il vous arrivera peut-être de constater la  
réalité des faits.

**PARISOT.** Merci bien! Il faudrait désapprendre tout ce que je sais!

**D'AUBENAS.** Et si ce n'est qu'illusion, vous le prouverez!

**PARISOT.** Ah! J'ai bien le temps de m'amuser à débiter des trucs!

**DOUGLAS.** Docteur, rappelez-vous les théologiens de Pise, qui ne  
voulaient pas regarder dans le télescope de Galilée! Vous voilà  
théologien comme eux, théologien de la science!

**PARISOT.** Et vous en êtes, vous, avec vos Esprits, le Robert Houdin!  
Je les verrais, monsieur, je les toucherais, que je n'y croirais pas! (Il  
sort)

**D'AUBENAS.** Voilà de nos esprits forts qui ne veulent pas être  
convaincus, de peur d'être forcés d'en convenir!

**VALENTIN.** Eh! Je comprends qu'un médecin ne soit pas pressé de  
revoir ses anciens clients!

*SCENE IV*

Les mêmes moins Parisot. Simone, Thécla, Delphine, Bastien. Simone entre par la droite, en toilette de voyage, suivie de Delphine et de Bastien, portant couvertures, sacs, etc... Bastien traverse la scène pour sortir par la gauche.

**GEORGES.** Ah! Les voyageuses!

**SIMONE.** Nous sommes prêtes! (A Bastien, tandis qu'il traverse la scène) La voiture est là?

**BASTIEN.** Oh! Oui, madame, depuis longtemps!

**D'AUBENAS.** Vous avez enregistré les bagages!

**BASTIEN.** Oui, Monsieur et pris les billets! (Il sort)

**SIMONE.** (Cherchant des yeux) Eh bien, et Thécla? Où est Thécla?

**THECLA.** (Entrant par le même côté, en toilette de voyage) La voici! Chère amie! La voici!

**SIMONE.** (A Delphine) Delphine, vous n'oubliez rien?

**DELPHINE.** Je ne crois pas, Madame!

**SIMONE.** Allons!... La scène des adieux! (On entoure Simone et Thécla au milieu de la scène)

**THECLA.** (A droite, à mi-voix à Mikaël, à part, en boutonnant ses gants, tandis qu'on fait les adieux à Simone) Convenu!

**MIKAËL.** Elle consent?

**THECLA.** D'elle-même, je ne l'ai pas découragée, voilà tout!

**MIKAËL.** Alors, j'attends!

**THECLA.** A l'endroit désigné.

**MIKAËL.** Mais si le valet de pied vous accompagne jusqu'au wagon?

**THECLA.** Prévu! On s'arrangera pour qu'il parte avec la voiture.

**MIKAËL.** Et si d'Aubenas vous conduit à la gare?

**THECLA.** Ah! Dame, ça...

**SIMONE.** (Embrassant Gilberte) Adieu, mignonne, bonsoir, Marescot!  
(A Georges) Au revoir, alors, avec Raymonde!

**GEORGES.** A Aubenas!

**SIMONE.** (A Valentin) Et toi?

**VALENTIN.** Moi aussi.

**SIMONE.** Décidément, à Aubenas? Ah! C'est gentil, ça!

**DES AUBIERS.** (Regardant sa montre) Vous n'êtes pas en avance,  
vous savez!

**D'AUBENAS.** Oui, ne vous mettez pas dans le cas de prendre le train  
suivant. (Allant prendre son chapeau) Je vous accompagne.

**SIMONE.** (Vivement) Mais non, quelle idée!

**D'AUBENAS.** Mais si!

**SIMONE.** Ah! Voyons! Vous n'allez pas fausser compagnie à nos amis  
pour cette conduite de cinq minutes!... C'est ridicule!

**VALENTIN.** Moi! Je puis...

**SIMONE.** A l'autre, à présent! Pour nous protéger, n'est-ce pas?

**MIKAËL.** Si ces dames veulent bien me donner place dans la voiture?

**SIMONE.** Vous?

**MIKAËL.** J'ai trois visites d'adieu à faire ce soir, dont une du côté de la gare.

**D'AUBENAS.** Vous ne serez pas des nôtres, tout à l'heure?

**MIKAËL.** Je le regrette, mais je pars demain soir, comme vous, et même, si vous voulez bien me permettre de faire route en votre compagnie, et celle de monsieur Marescot?...

**D'AUBENAS.** Mais je crois bien! Alors, à demain soir à la gare! Le même train!

**DES AUBIERS.** (Criant) Onze heures moins cinq! Les voyageurs en voiture!

**THECLA.** Allons, Simone! Adieu tous!

**SIMONE.** Delphine, mon sac à bijoux!

**DELPHINE.** Le voilà, madame! (Elle donne le sac à Simone et sort avec Thécla)

**D'AUBENAS.** (A Simone) Et moi? Vous partez sans m'embrasser?

**SIMONE.** Oh! Pardon! Mon ami! On me presse tant!

**D'AUBENAS.** Je ne me sépare jamais de vous, sans un peu de tristesse et d'émotion!



**SIMONE.** (Embarrassée) Oh! Huit jours sont bientôt passés!

**D'AUBENAS.** J'ai connu le temps, Simone, où ils vous semblaient aussi longs qu'à moi!

**SIMONE.** Dites un mot, mon ami et je reste!

**D'AUBENAS.** (Vivement) Oh! Dieu non! Va, ma chérie, va!

**THECLA.** (Dehors) Mais vite, donc, Simone, vite!

**SIMONE.** Oui, oui! Me voilà! A bientôt! Adieu! Adieu!

**TOUS.** Bonne route! (Elle disparaît. D'Aubenas, sur la terrasse, la suit des yeux. Adieux de Thécla dans la coulisse)

**D'AUBENAS.** N'oubliez pas une dépêche à votre arrivée à Poitiers!

**SIMONE.** (Dehors) Oui!

**THECLA.** (De même, plus loin) C'est moi qui vous l'enverrai!

### *SCENE V*

D'Aubenas, Valentin, Douglas, Georges, Marescot, Des Aubiers, Gilberte, Raymonde.

**D'AUBENAS.** (Redescendant) Allons, maintenant, mon cher Valentin, nous allons vous donner une idée de notre savoir-faire, et si l'expérience est aussi décisive que celle d'hier, vous n'aurez pas lieu de regretter votre soirée.

(Pendant ce qui suit, on dégage le guéridon, on le déplace et on fait tous les préparatifs de la séance)

**GILBERTE.** Pardon! Avant de commencer, je tiens beaucoup à ce qu'il soit défendu aux Esprits de venir de nous asticoter avec leurs mains.

**DOUGLAS.** Soyez tranquille, madame, nos Esprits sont bien élevés!

**RAYMONDE.** Oh! Bien! Avec moi, qu'ils ne se gênent pas!

**GEORGES.** (Tranquillement) Raymonde!

**RAYMONDE.** Oh! Voyons, des Esprits, ça ne peut pas aller bien loin!

**GILBERTE.** (A Raymonde, à mi-voix) Vous parlez comme s'ils entendaient. Est-ce que vous croyez qu'ils sont là, autour de nous, tout le temps?

**RAYMONDE.** Je suppose!

**GILBERTE.** Même, quand on s'habille, qu'on se déshabille, qu'on se met au lit?

**RAYMONDE.** Dame!

**GILBERTE.** C'est indécent!

**RAYMONDE.** Mais non!...

**GILBERTE.** Si c'était le diable?

**DOUGLAS.** Le diable, chère madame, si diable il y avait, serait bien maladroit de nous fournir les preuves de l'au-delà, quand il a tout profit à nous laisser dans l'opinion contraire.

**GILBERTE.** Vous ne croyez au diable?

**DOUGLAS.** Oh! Pas du tout!

**RAYMONDE.** Et moi qui espérais tant le voir!

**GEORGES.** Raymonde!... Ma chère...

**VALENTIN.** Pardon! Il est indispensable que ce soit un guéridon?

**D'AUBENAS.** Nullement!

**DOUGLAS.** Mais le guéridon est pratique, léger, de déplacement facile...

**D'AUBENAS.** Voici notre alphabet! L'un de nous promène rapidement ce petit bâton d'une lettre à l'autre : A B C, etc... et s'arrête sur la lettre qui lui est désignée par un coup frappé dans la table. On inscrit cette lettre et l'on recommence. De l'assemblage des lettres résultent les mots, puis la phrase qui nous est dictée pour réponse.

**VALENTIN.** Parfaitement.

**D'AUBENAS.** Ce procédé est un peu long, mais il a le mérite d'être plus convaincant que l'écriture par la main du médium, du reste, il n'est pas neuf. Ammien Marcellin le pratiquait déjà il y a quinze cents ans!... Quant à l'écriture directe sur papier ou ardoise, elle est trop rare et trop difficile à obtenir.

**VALENTIN.** Je le crois!

**D'AUBENAS.** Vous riez?

**VALENTIN.** Je vous demande pardon, mais je ne sais vraiment pas si je doit prendre ceci au sérieux ou au comique.

**D'AUBENAS.** Au comique, si vous voulez, cher ami, le sérieux aura son tour. Pour observer de plus près, voulez-vous prendre place au guéridon?

**VALENTIN.** Oui, j'aimerais assez cela.

**D'AUBENAS.** Pour médium, vous et moi, cela suffit. Marescot voudra bien écrire les lettres. Des Aubiers...

**GILBERTE.** (Se cramponnant à son mari) Arthur, ne me quitte pas!

**D'AUBENAS.** Des Aubiers veillera sur sa femme!

**DAVIDSON.** Les mains comme nous! (Ils s'installent autour du guéridon. Valentin à droite, le docteur au milieu, face au public, d'Aubenas à gauche, Marescot debout)

**D'AUBENAS.** Le docteur, mon cher Valentin, attribue les communications qu'il obtient à l'intervention d'un esprit désincarné qui se donne le nom?...

**DOUGLAS.** Eric Hauser.

**D'AUBENAS.** Eric Hauser qui serait mort à Harlem, il y a cinq ans, et a fourni, paraît-il, sur son identité, des indications reconnues très exactes.

**VALENTIN.** Le docteur n'a jamais connu ce Hauser?

**DOUGLAS.** Jamais! Ah! Voici un tressaillement!

**MARESCOT.** Déjà?

**DOUGLAS.** Sentez-vous?

**VALENTIN.** Oui, je crois! (Il se penche pour regarder sous le guéridon) Oui!

**D'AUBENAS.** Cela n'a pas tardé!

**VALENTIN.** Les jointures craquent!... C'est bizarre!

**D'AUBENAS.** Pour converser plus à l'aise, il est convenu que deux coups frappés dans la table signifient : " Oui "... Un seul coup : " Non "  
"!

**DOUGLAS.** Il est là!... Es-tu là? (Deux coups sont frappés distinctement dans le guéridon) C'est bien Eric qui me répond? (Deux coups)

**GILBERTE.** C'est Eric!

**DOUGLAS.** Bien! Merci d'être venu! Devons-nous opérer avec un peu moins de lumière? (Un coup) Non! La présence de Monsieur Clavières au guéridon ne gêne pas l'expérience? (Un coup) Non!

**VALENTIN.** Il est très gentil pour moi!

**D'AUBENAS.** Nous serions très heureux de le convaincre et très reconnaissant, si tu voulais bien nous y aider. (Grattement vague dans le guéridon)

**MARESCOT.** C'est faible!

**VALENTIN.** Oui! Il ne s'avance pas!

**RAYMONDE.** Il y a des dames, monsieur Eric! Soyez gentil, faites quelque chose pour les dames!

**GILBERTE.** Mais pas les mains!

**D'AUBENAS.** Eric, le docteur va nous quitter demain matin, dois-je renoncer à ces expériences, puis-je espérer d'être médium comme lui?  
(Deux grands coups)

**DES AUBIERS.** Oh! Cette fois! C'est net!

**D'AUBENAS.** Mais quand aurai-je ce pouvoir? Ce soir? (Un coup)  
Non! Demain? (Un coup) Après-demain (Trois grands coups rapides)  
Dans trois jours? Est-ce dans trois jours? (Deux coups)

**D'AUBENAS ET TOUS.** Oui!

**MARESCOT.** Si nous prenions l'alphabet?

**TOUS.** Oui!

**DOUGLAS.** Veux-tu que nous prenions l'alphabet? (Deux coups)

**RAYMONDE ET GILBERTE.** Oui!

**D'AUBENAS.** (Prenant l'alphabet) N'oublie pas, je te prie, qu'il s'agit de convaincre Valentin par une manifestation éclatante? (Deux coups)

**VALENTIN.** Oh! Oui!

**D'AUBENAS.** (A Valentin) Cela vous semble extravagant, n'est-ce pas?

**VALENTIN.** Du tout! Je ne comprends pas! Mais c'est curieux!

**D'AUBENAS.** Tu y es, Marescot?

**MARESCOT.** J'y suis!

(D'Aubenas promène rapidement le bâton sur l'alphabet, la table frappe quand il est à la lettre O)

**D'AUBENAS.** O!

**TOUS.** O! (Même jeu pour les lettres suivantes : U V R E Z)

**MARESCOT.** Ouvrez.

**D'AUBENAS.** (D'Aubenas continue, mais aucune lettre n'est frappée)  
Rien!

**MARESCOT.** Recommence! (Un coup)

**TOUS.** Non!

**DOUGLAS.** C'est fini?

**D'AUBENAS.** C'est tout? (Deux coups)

**TOUS.** Oui!

**DES AUBIERS.** Ouvrez! Qu'est-ce qu'il veut dire : " Ouvrez? "

**MARESCOT.** Ouvrir... quoi?

**GILBERTE.** Ce meuble?

**D'AUBENAS.** Ce meuble? (Un coup)

**TOUS.** Non!

**RAYMONDE.** La porte... là! (Un coup)

**TOUS.** Non!

**DOUGLAS.** La fenêtre? (Deux coups très forts)

**TOUS.** Oui!

**DES AUBIERS.** C'est la fenêtre!

**RAYMONDE.** Tiens! Pourquoi?

**D'AUBENAS.** Peu importe! Ouvrez la fenêtre, des Aubiers! Je vous prie!

(Des Aubiers, suivi par sa femme, va ouvrir la fenêtre et pousse un cri de surprise. Le ciel paraît éclairé par une clarté d'incendie sur la droite)

**DES AUBIERS.** Tiens!

**D'AUBENAS.** Quoi donc?

**DES AUBIERS.** Cette grande lueur, là-bas!

**GILBERTE.** C'est le feu!

**D'AUBENAS.** (Se levant) Un incendie!

**RAYMONDE.** Sûrement! Voyez!

**MARESCOT.** C'est du côté de Guethary.

**D'AUBENAS.** Oh! C'est bien plus près! Voilà Bastien. (Appelant)  
Bastien!

**BASTIEN.** (Dehors) Monsieur!

**D'AUBENAS.** Savez-vous ce qui brûle là-bas?

**BASTIEN.** Non, Monsieur, mais c'est du côté de la gare!

**D'AUBENAS.** (Inquiet) Vous croyez?

**BASTIEN.** Oh! Pour sûr!

**D'AUBENAS.** Oh! Simone! Simone! Qui est là!

**MARESCOT.** Ne vous inquiétez pas! Elle est déjà loin!

**D'AUBENAS.** Qui sait? Si elle a manqué son train, elle est encore à la gare! J'y cours! Docteur! Docteur! Un incendie! Venez vite! Ma femme! (Ils sortent avec Marescot)



## *Spiritisme de Victorien Sardou - 2/3*

### ACTE II

La villa habitée par Mikaël. Au premier étage, garçonnière élégante. A droite, large fenêtre très visible à trois baies, avec balcon sur la rue. Au fond, à droite, porte d'entrée sur le palier du premier et la cage de l'escalier. Au gauche, porte de la chambre à coucher. A gauche, en pan coupé, le cabinet de toilette avec fenêtre sur le jardin. Au premier plan, à gauche, divan sous une glace. Table, chaises, causeuses, canapés, etc...

Au lever du rideau, les volets de la grande fenêtre sont clos. La porte du palier est fermée, de même que celle du cabinet de toilette est entrebaillés, laissant plus deviner que voir cette chambre qui reste sombre pendant tout l'acte, tandis que le palier est éclatant de lumière, quand s'ouvre la porte d'entrée et de même le cabinet de toilette très lumineux, très gai, avec sa fenêtre sur la jardin et sa terrasse ornée de vignes vierges. Tout étant fermé au lever du rideau, portes et fenêtres, la pièce est dans la fraîcheur et l'ombre.

### SCENE I

Simone et Mikaël. Simone, en peignoir et en pantoufles, est étendue sur le canapé, Mikaël assis.

SIMONE. (Redressant la tête) Ecoutez!

MIKAËL. Quoi?

SIMONE. On a sonné!

MIKAËL. Mais non!

SIMONE. Si! Ecoutez! (Silence. Ils prêtent l'oreille)

MIKAËL. Non! Vous voyez bien, on aurait insisté!

SIMONE. (Ecoutant toujours) Comme cette nuit...

MIKAËL. Oh! Cette nuit! C'est différent! On a bien carillonné!

SIMONE. (Inquiète) Qui cela pouvait-il être? Votre domestique?

MIKAËL. Sûrement non! Sous prétexte que je m'absentais pour vingt-quatre heures, je lui ai donné congé jusqu'à ce soir, pour aller voir sa mère à Biarritz. S'il rentre ici demain matin, ce sera bien heureux... Et puis il a sa clef...

SIMONE. C'est singulier, vous ne trouvez pas, cette sonnerie enragée, vers minuit?

MIKAËL. Bah! Quelque passant!

SIMONE. Ou une femme...

MIKAËL. Oh! Quelle idée!

SIMONE. Non! Je ne le crois pas! Mais qui alors, à votre avis?

MIKAËL. Un ivrogne, un farceur, un gamin!

SIMONE. A cette heure-là?

MIKAËL. Mais, ma chère aimée, que nous importe!

SIMONE. Si c'était pour moi?

MIKAËL. Pour toi?

SIMONE. Si l'on m'avait reconnue hier au soir, à cette gare?

MIKAËL. Quelle idée, sous cette voilette? D'ailleurs, le train était déjà en marche, la cour, la salle d'attente, étaient vides. Vous n'y êtes restée que le temps de voir Thécla et Delphine manquer le train et vous faire signe de vous éloigner, une minute à peine; et par les rues désertes, où pas un bec de gaz n'était allumé, sous prétexte de lune, nous avons gagné la ruelle et mon jardin, sans rencontrer âme qui vive! Qui vous eût reconnue, et même entrevue?

SIMONE. En effet!

MIKAËL. Enfin, si c'était ce que vous pensez, après deux ou trois sonneries, on ne serait pas parti si complaisamment, ou l'on serait revenu.

SIMONE. C'est vrai!... Vous avez raison!

MIKAËL. Vous êtes nerveuse, ma Simone, fiévreuse, inquiète!

SIMONE. Le manque d'habitude! Je m'y ferai. Quelle heure est-il?

MIKAËL. Trois heures et demie!

SIMONE. C'est le moment de m'apprêter, n'est-ce pas?

MIKAËL. Sans vous hâter!

SIMONE. (Soupirant et étirant ses bras sans se lever) Allons! Il faut partir! Quel ennui! On est si bien dans ce demi-jour et ce grand silence, où l'on entend que le bourdonnement des insectes! Voilà comme je voudrais vivre, loin de tout et de tous, des obligations du monde, des devoirs ennuyeux, au gré de ma fantaisie. Une vie toute de solitude, de paresse et d'amour. (Elle se lève et va et vient à sa toilette) Mais c'est si bête la vie! Elle n'est jamais à notre gré, et tout y va au caprice du hasard. Un pas de plus ou de moins et votre sort en dépend. Vous prenez le trottoir à droite, vous y faites une rencontre que vous évitiez

sur la gauche, et vous voilà malheureuse pour toujours... Je reviens de Londres avec mon père, on me présente, sur le bateau, un homme qui me déplaît un moins que les autres, et six mois après, je suis madame d'Aubenas. Que j'eusse pris le bateau suivant, j'avais un autre mari, vous peut-être.

MIKAËL. (Assis sur le pouf) Plût au ciel que je me fusse trouvé sur votre route! Mais auriez-vous seulement pris garde à moi?

SIMONE. (Se récriant) Oh! si l'on peut?...

MIKAËL. Un piètre mari pour vous, Simone, qu'un pauvre diable tel que moi, ayant à peine de quoi vivre.

SIMONE. Mais êtes-vous mauvais! J'étais assez riche pour deux, et mon père me laissant bien la liberté du choix!... J'ai tant tardé quand j'étais vieille fille, avant de découvrir le mari à mon gré! Et quand je le trouve, il est trop tard!

MIKAËL. (Se levant) Tu n'y vois pas! Si je donnais un peu de lumière?

SIMONE. Oui. (Il ent'ouvre un volet avec précaution, un rayon de soleil jaillit dans la pièce. On entend dans la rue un bourdonnement de voix lointaines) Ces bruits de voix... Vous n'entendez pas?

MIKAËL. Si! C'est sur la place et plus loin, dans la grande rue.

SIMONE. Ce n'est pourtant pas jour de marché?

MIKAËL. Non.

SIMONE. C'est une rumeur comme ces jours-là?

MIKAËL. Il y a en effet beaucoup de monde sur la place... Des gens groupés... ou qui remontent la grande rue! On cause sur le pas des

portes! Voici votre jardinier et le valet de pied devant votre grille, bavardant avec des voisins...

SIMONE. Voyons... (Elle regarde) Oui! (Inquiète) Il y a quelque chose! Qu'est-ce que cela peut être?

MIKAËL. Bah! Un voleur pris sur le fait! Un cheval emporté, une dispute! Pour ces gens de province, tout est événement! Cela vous inquiète!

SIMONE. Un peu, oui. Est-ce qu'on sait?

MIKAËL. Bon, si cela devait vous empêcher de sortir; mais vous pouvez être sûre que la ruelle est toujours déserte.

SIMONE. (Regardant sa maison) Dire que je suis près de lui, sans qu'il s'en doute!... La seule chose qui me console de partir, c'est qu'en sortant d'ici je ne le verrai pas. (Elle redescend) Comme la première fois, où j'étais si troublée que j'ai pensé me trahir. Pour cacher mon embarras, je parlais, parlais comme une folle! Se peut-il qu'un homme ne soupçonne pas la vérité, rien qu'à la façon dont on esquive son baiser? Une femme ne s'y tromperait pas! Enfin, huit jours sans le voir! J'ai le temps de préparer mes mensonges, me voilà condamnée à mentir, à tout instant... avec mes paroles, mes regards, mes sourires, et cela, passe! Mais il y a pis!

MIKAËL. Ah! Tu m'as dit...

SIMONE. (Se retournant vivement) J'étais sauvée par ces tables qu'il fait tourner la nuit jusqu'à trois ou quatre heures du matin! Mais à présent... là-bas... dans huit jours!

MIKAËL. (La prenant dans ses bras) Oh! Non! N'est-ce pas?

SIMONE. Il m'aime, cet homme et alors... (Se dégageant) Tais-toi... Tais-toi, je t'en prie... Pourquoi parler de cela? Oui! D'autres se prêtent ou s'y résignent, ou s'y plaisent! Moi... plutôt que d'être condamné à l'amour forcé, je suis femme à lui crier : va-t'en! Laisse-moi... Vas-t'en!  
Je suis à un autre!

MIKAËL. Ton rêve, je l'ai fait, moi aussi! T'emporter chez moi, dans mon pays, comme un voleur, pour y cacher notre amour. Pour moi, c'est bien facile; je n'ai rien qui m'enchaîne, ni famille, ni amis, ni emploi, ni obligations, ni devoir autre que de t'aimer; mais toi...

SIMONE. Oh! Moi... Quand nous reverrons-nous?

MIKAËL. Dans quinze jours!...

SIMONE. Si tard!

MIKAËL. Je ne puis pas arriver là-bas tout de suite. Il s'étonnerait.

SIMONE. (Raillieuse, assise à mettre ses bottines) Lui?... Il songe bien à cela, et à moins que ses Esprits ne l'avertissent...

MIKAËL. Si nous n'avons rien de plus à craindre... Mais là-bas...

SIMONE. (Lui passant le crochet et tendant son pied sur le tabouret)  
Alors, ne venez pas!

MIKAËL. Méchante! (Il commence à boutonner)

SIMONE. Nous ferons pour le mieux avec l'aide de Thécla. Mais nous ne retrouverons pas de sitôt des heures comme celles-ci...

MIKAËL. En novembre, à Paris. (Achevant de boutonner une de ses bottines) Il n'y a encore que là pour s'aimer à l'aise...

SIMONE. Comme vous maniez cela, vous le faites bien lestement! (Elle présente l'autre pied) Quelle habitude!

MIKAËL. Mais...

SIMONE. Faites donc le maladroit, à présent... Enfin!... C'est le passé cela, je n'ai rien à y voir! Mais pour le présent et l'avenir! (Prenant à deux mains la tête de Mikaël toujours à genoux et la serrant en le regardant les yeux dans les yeux) C'est à moi, cela, c'est à moi, et si tu me trahis...

MIKAËL. Tu me tueras?

SIMONE. Mais oui!

MIKAËL. C'est convenu... (En se levant) Je vais atteler.

SIMONE. Attendez-moi, je descendrai avec vous! (Elle passe dans la chambre à coucher pour mettre ses pantoufles et son peignoir dans la petite valise)

MIKAËL. (Regardant sa montre) Oh! Oui, nous avons le temps! Vingt minutes, nous serons à la station de Guétary à la tombée du jour! Pour ce train omnibus, il n'y a que des gens du pays... D'ailleurs, avec cette voilette, le soir...

SIMONE. (Redescendant avec sa valise qu'elle pose sur la table) Tenez. (Elle jette ses pantoufles, ferme la valise, retire la clef et la met dans son porte-monnaie)

MIKAËL. Et votre sac à bijoux?

SIMONE. Je l'ai confié à Thécla. Delphine est si étourdie qu'elle a failli un jour se le laisser voler. (Il lui donne les gants. Elle lui tend sa main à baiser) Voulez-vous me dégrafer cela? (Mikaël passe derrière elle et

attache le col. Elle continue en se préparant à mettre ses gants) Voilà ce qui m'a perdue, tenez!

MIKAËL. Quoi donc?

SIMONE. Cela!... Cette fois, je ne me trompe pas! On ferme la porte en bas.

MIKAËL. Oui!... Ne crains rien! Ce ne peut être que mon domestique qui rentre avant l'heure. (Il va à la porte d'entrée qu'il ouvre à demi, tandis que Simone cache vivement sa figure avec le voile et se tient debout devant la table à gauche, le dos tourné vers le fond, feignant de regarder des gravures de mode. On entend Mikaël sur le palier) C'est vous, Philippe?

PHILIPPE. (Dehors) Oui, oui, monsieur...

## SCENE II

Simone, Mikaël, Philippe.

MIKAËL. ( A Simone) Restez-là, tranquillement, il n'entrera pas! ( Elle se tient debout à gauche, sans affection, regardant une brochure et tournant le dos à Philippe qui paraît sur le deuxième seuil.)

PHILIPPE. (Vivement) Oh! Monsieur! (Il va descendre en scène)

MIKAËL. Doucement! Je ne suis pas seul!

PHILIPPE. (S'arrêtant à la vue de Simone) Oh! Pardon!

MIKAËL. Pourquoi ce retour?

PHILIPPE. Ah! Que je suis heureux de voir monsieur sain et sauf!



MIKAËL. (Surpris) Moi?

PHILIPPE. Dès que j'ai lu ça dans un journal du matin, j'ai pris le premier train avec une peur que monsieur n'ai été pris dans ce malheur...

MIKAËL. Quel malheur?

PHILIPPE. (Stupéfait) Monsieur ne sait pas?

MIKAËL. Mais non!

PHILIPPE. Oh! Monsieur n'est donc pas sorti?

MIKAËL. Mais non! Encore une fois! Je ne sais rien! Quoi? Qu'est-ce? Dites!

PHILIPPE. Oh! Monsieur, un accident de chemin de fer!

MIKAËL. Où?... Quand?

PHILIPPE. Hier au soir, à trois cents mètres de la gare... Le train qui partait s'est heurté à un train de marchandises! Les deux locomotives ont été éventrées, culbutées, les wagons lancés les uns sur les autres!

SIMONE. Ah! Mon Dieu!

PHILIPPE. Mais le pire, monsieur, c'est que le train de marchandises charriait des bonbonnes de pétrole que le choc a défoncées! Le pétrole a coulé sur la voie, où il s'est enflammé aux charbons tombés des locomotives. Tout a pris feu, et ça n'a plus été qu'une nappe de flammes, enveloppant les wagons et les faisant flamber avec les voyageurs pris dans la fournaise sans pouvoir en sortir. (Mouvement instinctif de Simone, arrêté par Mikaël)

MIKAËL. (Vivement) Mais quel train, quelle heure? Le direct ou le suivant?

PHILIPPE. Le suivant, je crois. (Mouvement de Simone) Voilà un journal d'ici avec des détails! Et c'est un spectacle là-bas! J'en suis malade! On déblaie la voie, et on retire tous les morts.

MIKAËL. (Prenant le journal) Allez, allez... Je n'ai que faire de vous, et vous pouvez être utile, je vous suis... Allez! Allez!

PHILIPPE. Oui, monsieur, oui! Que je suis donc content que monsieur n'ai pas de mal! (Il sort)

### SCENE III

Simone, Mikaël.

SIMONE. Oh! Mon Dieu, c'est le train qu'elles ont pris! Mais où donc ces détails, où... Quelle heure? Ce train... Quelle heure?

MIKAËL. Là! En tête!

SIMONE. Ah! Oui! (Elle lit) " C'est aujourd'hui seulement qu'on peut apprécier le terrible accident qui a jeté la consternation dans notre ville. A l'heure de nuit où nous écrivons ces lignes, la voie n'est pas encore dégagée et ne le sera pas avant la nuit prochaine, malgré le dévouement du personnel de la gare et le concours d'une compagnie du 75e de ligne... " (Elle s'arrête) Mais l'heure du train?... L'heure?... (Elle reprend sa lecture çà et là, courant le texte) " A la lueur des torches, des lanternes... les gémissements des blessés que l'on transporte... les cris des assistants qui reconnaissent quelqu'un des leurs... des flaques d'eau boueuses, et noires.. une fumée qui vous saisit à la gorge! C'est une

odeur affreuse, de pétrole, de vernis, de charbon, de terre mouillée, de linge brûlé, et disons-le, hélas! de chairs grillées... " Ah! L'horreur!

MIKAËL. (Lui prenant le journal et lisant) " On compte jusqu'à présent une trentaine de victimes, blessées plus ou moins grièvement, et vingt-deux morts, dont huit calcinés au point d'être méconnaissables. Mais il faut s'attendre à de nouvelles découvertes, quand on pourra déblayer trois wagons de première classe qui sont encore à l'état de brasier ardent, malgré l'eau dont on ne cesse de les inonder. "

SIMONE. Il ne dira pas l'heure du train! Vous verrez! Il ne le dira pas.

MIKAËL. (Cherchant) Patience!... Je cherche... je ne vois pas... Ah! Si, peut-être. (Il lit) " On ne sait à qui attribuer la responsabilité de cette catastrophe. Le train de marchandises aurait dû stopper dans un embranchement parallèle à la voie, dix-sept minutes avant le départ de la gare du train 45, à son heure, réglementaire, de onze heures vingt. "

SIMONE. C'est bien celui-là, le second.

MIKAËL. Celui qu'elles ont pris...

SIMONE. Et Thécla, Delphine... Oh! Dieu, est-ce possible! Thécla! Ma bonne Delphine, si dévouée... Blessées? Mortes?... Ah! Et moi alors, partie avec elles! On ne m'a pas revue! On me croit morte aussi, moi!

MIKAËL. Sûrement!

SIMONE. Mais c'est effroyable! Je suis perdue!

MIKAËL. Mais non!

SIMONE. Mais si!

MIKAËL. Vous avez pu échapper au désastre!

SIMONE. ... Et je n'ai pas couru chez moi? On ne m'a vue nulle part!  
De toute la nuit... de tout le jour! Je n'ai le droit d'être sauvée que si  
j'explique mon absence! Et comment l'expliquer à présent, dites,  
comment? Cette nuit, passe encore, mais aujourd'hui, à quatre heures du  
soir!

MIKAËL. Epouvantée, vous avez fui au hasard.

SIMONE. A travers champs?

MIKAËL. Pourquoi pas... vous réfugier et...

SIMONE. Où? Chez qui?

MIKAËL. Épuisée, évanouie...

SIMONE. Pendant seize heures?

MIKAËL. Et l'affolement, on a vu en pareil cas des gens frappés de  
stupeur, au point de rester muets, hagards, des heures, des jours entiers .

SIMONE. Et je ne suis pas rentrée chez moi, n'est-ce pas? Parce que  
j'avais oublié mon adresse! Mais c'est stupide, voyons, ce que vous  
m'offrez là, c'est stupide!

MIKAËL. Alors! Quoi?

SIMONE. Rien! Il n'y a rien! Oh! Dieu! Quelle fatalité! Et plus je tarde  
à présent, plus je m'accuse!

MIKAËL. (Qui a pris le journal) Si Thécla ou Delphine, ou seulement  
l'une d'elles étaient sauvées...

SIMONE. Nous le saurions!

MIKAËL. Cette sonnerie, cette nuit! Ce matin?

SIMONE. Elles?

MIKAËL. Peut-être! Je cherche s'il est question d'elles.

SIMONE. Elles auraient bien su se faire ouvrir!

MIKAËL. D'ailleurs!... D'ailleurs voici leurs noms!

SIMONE. Leurs noms?

MIKAËL. Oui...

SIMONE. Parmi les morts?

MIKAËL. Oui.

SIMONE. (Très émue) Oh! Ma chère Delphine! Pauvre fille.

MIKAËL. Et le vôtre! Ici, lisez!

SIMONE. (Lisant en essuyant ses yeux) " On compte jusqu'à présent dix-sept morts, et trente-deux voyageurs blessés plus ou moins grièvement, dont les noms suivent. "

MIKAËL. Non... Ici, plus bas!

SIMONE. (Avec une émotion qui devient plus vive quand il est question de son nom) " A cette liste, il faut ajouter les noms des voyageurs dont les corps n'ont pas encore été retrouvés. Le capitaine Tallard et sa femme, Madame veuve Olivert et sa fille de quatorze ans. La comtesse Thécla... (Elle s'arrête suffoquée et reprend) Thécla-Vasilesco... Madame d'Aubenas et sa femme de chambre. Au nombre des personnes arrivées les premières sur le lieu du sinistre et qui n'ont pas cessé toute la nuit d'aider au sauvetage des blessés et au transport des morts il faut signaler M. d'Aubenas, affolé par l'idée que Mme d'Aubenas a pu prendre le train omnibus, après avoir manqué le direct.

Aucun de nous n'était maître de son émotion à le voir courir anxieusement, des blessés aux morts, s'efforcer de reconnaître dans les cadavres carbonisés, les restes d'une femme adorée, ou de la retrouver, au péril de sa vie, dans les décombres des wagons en feu, et malgré la fatigue, de nombreuses défaillances et les efforts des amis qui l'entourent à cette heure encore, il s'obstine à sa funèbre recherche. "

MIKAËL. Chut! On monte l'escalier vivement!

#### SCENE IV

Mikaël, Simone, Philippe.

PHILIPPE. (Dehors à la porte, après avoir frappé) Monsieur! Monsieur!

MIKAËL. (A la porte sans l'ouvrir) C'est vous, Philippe? Quoi encore?

PHILIPPE. Je viens prévenir monsieur que j'ai vu de loin une voiture avec quatre personnes, se dirigeant de ce côté, monsieur reçoit-il?

MIKAËL. Cela dépend! Quelles personnes?

PHILIPPE. Je n'ai reconnu qu'une seule, Monsieur d'Aubenas!  
(Mouvement de Simone)

MIKAËL. Vous êtes sûr?

PHILIPPE. Très sûr! Monsieur reçoit-il?

MIKAËL. Oui, oui, allez, faites monter ces messieurs.

SIMONE. Ici! Lui!

MIKAËL. Oui, la voiture s'arrête à ma porte!

SIMONE. Il sait tout!

MIKAËL. Comment le saurait-il? Tout au plus un soupçon! Raison de plus pour le recevoir. (Il pousse la porte de la chambre à coucher)

SIMONE. (Ecoutant à la porte d'entrée) Le voici! Je l'entends! (On entend des voix au dehors)

MIKAËL. Ils montent! Dans cette chambre, vite... et ne craignez rien, je suis là! (Il va tirer le verrou de la porte d'entrée.)

SIMONE. (Sur le seuil de la chambre) Oh!... de lui, qu'ai-je à craindre? Il est bien trop bon! Ce n'est pas sa colère que je redoute!... C'est sa douleur! (Mikaël ferme sur elle la porte de la chambre au moment où Philippe ouvre celle du fond devant les nouveaux venus.)

## SCENE V

Mikaël, d'Aubenas, Valentin, Georges, Marescot.

D'AUBENAS. (Dehors) Votre maître est là?

PHILIPPE. (Dehors) Oui, monsieur... (D'Aubenas entre vivement, débraillé, linge sali, visage et mains noircis par la fumée)

D'AUBENAS. Ah! Enfin! Enfin! Je vous vois!

GEORGES. Nous avons sonné vainement hier au soir.

VALENTIN. Et ce matin!

MIKAËL. Vous pensez bien, monsieur, qu'à la première nouvelle j'ai couru là-bas... où j'ai passé la nuit...

VALENTIN. Je ne vous ai pas vu...

MIKAËL. Dans cette foule!...

D'AUBENAS. Enfin, vous voilà! Mais pour détruire peut-être le seul espoir qui me reste!

MIKAËL. Moi, monsieur?

D'AUBENAS. Le dernier! (Georges lui serre la main) Vous avez accompagné madame d'Aubenas, son amie, et la femme de chambre jusqu'à la gare?

MIKAËL. Où je leur ai fait mes adieux...

D'AUBENAS. Sans les suivre sur le quai?... jusqu'au wagon qu'elles ont pris?

MIKAËL. A notre arrivée, le train s'ébranlait déjà.

D'AUBENAS. Le direct?

MIKAËL. Le direct! Ces dames n'ont eu que le temps d'y courir... sans prendre leurs billets. Je leur ai crié de loin : " Hâtez-vous ", et je suis parti...

D'AUBENAS. Sans constater si elles avaient pris place dans ce train?

MIKAËL. Je l'avoue!

D'AUBENAS. Ainsi... ainsi, monsieur, vous ne pouvez pas me dire si madame d'Aubenas est partie par le direct ou si elle a dû attendre le train suivant?

MIKAËL. Je n'affirmerais pas qu'elle soit partie par l'express, mais il y a tout lieu de l'espérer...



D'AUBENAS. Ah! L'espérer... Voilà toute une nuit que je l'espère!

C'est une certitude que je voulais et je ne l'ai pas! Loin de là! Vos réponses me laissent plus anxieux. Si elle n'est pas partie par le premier train, elle est morte... et de quelle mort! Grand Dieu! Pour une minute de retard! Une minute! Brûlée! Brûlée vive!

GEORGES. Pourquoi supposer le pire? Monsieur penche pour le direct!

MARESCOT. Et c'est si probable!

D'AUBENAS. Mais non, non. Ce n'est pas probable... Le train était en marche.

GEORGES. Simone n'est pas femme à s'en effrayer!

MARESCOT. Et à ne pas ouvrir une portière en courant.

D'AUBENAS. Seule, oui... Mais avec ces deux femmes!

MIKAËL. Mais une dépêche? A Noizelle.

GEORGES. Vous pensez bien que nous l'avons expédiée dès cette nuit, mais à cette heure elles y sont à peine.

D'AUBENAS. Et la sienne!... Qu'elle devait m'adresser dès son arrivée... à onze heures au plus tard. Il est quatre heures dix et je ne l'ai pas!

GEORGES. Oh! Ceci ne doit pas t'inquiéter.

MARESCOT. Ne pouvant pas soupçonner l'accident et l'urgence, elle ne l'aura expédiée que vers une heure...

GEORGES. Avec l'encombrement des télégrammes qui affluent... l'affolement des buraliste...

MARESCOT. D'ailleurs, à présent, la dépêche ne peut tarder...

GEORGES. Nos gens savent toujours où nous sommes.

MARESCOT. Tu l'auras dès son arrivée...

D'AUBENAS. Si elle arrive!

GEORGES. Allons! Du courage.

MARESCOT. Courage.

D'AUBENAS. J'en ai eu jusqu'ici, mais à présent!

VALENTIN. Vous êtes épuisé! Vous n'avez rien pris depuis hier, et pas un moment de sommeil!

D'AUBENAS. Vous non plus! J'abuse de votre amitié!

VALENTIN. Prenez.

D'AUBENAS. Non, merci, rien, rien!

VALENTIN. Vous n'êtes pas raisonnable... Qu'est-ce cela? Une brûlure?

GEORGES. Une brûlure?...

D'AUBENAS. Je la sens à peine. Ce n'est rien!

GEORGES. Tu t'es brûlé à remuer ces débris en feu!

D'AUBENAS. Oui, peut-être...

MARESCOT. Et sans rien découvrir, c'est encore de l'espoir.

D'AUBENAS. Ah! Qui sait?... Qui sait?... Combien sont-ils encore là-bas, qu'on n'a pas retrouvés? Et ces malheureux sont si défigurés! Je l'ai peut-être tenue dans mes bras!... sans la reconnaître! (Fondant en larmes) Elle... Elle... ma bien aimée Simone... Est-ce possible, mon Dieu! Est-ce possible!

GEORGES. (A Marescot, lui serrant la main en silence) Partons, viens! Partons! (Il se lève péniblement)

MARESCOT. Chez toi.

D'AUBENAS. Non! Non, là-bas!

MARESCOT. Tu veux?

D'AUBENAS. Je veux chercher encore!

GEORGES. Mais c'est affreux, cette recherche!

D'AUBENAS. Ce qui est affreux! C'est de ne pas savoir!... Allons! Viens! Viens!

GEORGES. On vient! Quelqu'un!

## SCENE VI

Les mêmes, Philippe.

D'AUBENAS. (Avec un cri de joie) la dépêche? (Philippe entre)

PHILIPPE. Monsieur? Il y a quelqu'un en bas qui désire parler à monsieur.

D'AUBENAS. Quelqu'un?

PHILIPPE. Le docteur Parisot!

D'AUBENAS. Ah! On l'a trouvée?

PHILIPPE. (Balbutiant) J'ignore...

MARESCOT ET GEORGES. (Ensemble) Mon frère! Ami!

D'AUBENAS. (Se dégageant) Laissez-moi, on l'a trouvée, laissez-moi... (Il s'élançe dehors, suivi de son frère et on l'entend crier dans l'escalier) Docteur!... Docteur, où êtes-vous, docteur?

## SCENE VII

Les mêmes, moins d'Aubenas et Georges.

MARESCOT. (A Philippe) C'est bien elle, n'est-ce pas?

PHILIPPE. Oh! Sûrement! Mais si défigurée que monsieur Parisot ne l'a reconnue qu'à la chaîne d'acier de son sac à bijoux... Les bijoux épars, tordus, le sac et les écrins brûlés, mais son chiffre en or encore bien visible...

MARESCOT. Quel malheur! (A Mikaël et à Valentin) Venez-vous? (Il sort avec Philippe)

MIKAËL. (Prenant son chapeau) Nous vous suivons!

## SCENE VIII

Mikaël, Valentin puis Simone.

MIKAËL. (Faisant signe à Valentin de sortir avant lui) Monsieur?

VALENTIN. (Sans bouger et avec un geste de dénégation) Oh! Pardon, monsieur, pardon! Mais il me paraît inutile de chercher si loin une personne qui est ici.

MIKAËL. (Saisi) Je ne comprends pas!

VALENTIN. (Tranquillement) Oh! Que si, vous comprenez très bien! Votre absence cette nuit là-bas, votre obstination à ne pas ouvrir votre porte; l'empressement de votre domestique à rebrousser chemin pour vous prévenir de notre visite! Tout cela m'avait paru bien étrange. Je lui dis à mi-voix dans l'antichambre : " Nous allons gêner votre maître qui n'est pas seul. Ah! Monsieur, croiriez-vous que c'est moi qui lui ai appris ce malheur? " Mes soupçons se confirmaient. L'embarras, la froideur de vos réponses à mon pauvre ami ne les ont pas atténués, il s'en faut! Et le mouvement de surprise dont vous n'avez pas été maître à la nouvelle que le corps de Simone était retrouvée, ne m'a plus laissé l'ombre d'un doute! Elle est là, dans cette chambre, ou dans cette autre!  
(Il se dirige vers le cabinet de toilette)

MIKAËL. (Lui barrant le passage de la chambre à coucher) Monsieur!

VALENTIN. (Tranquillement, désignant la chambre) Très bien! C'est dans celle-ci...

MIKAËL. Je vous répète, monsieur, que...

VALENTIN. (Sans l'écouter, à très hautes voix) Allons, Simone, ouvre donc! Tu sais quel ami je suis. Et je t'aime encore mieux vivante ici que morte là-bas!

## SCENE IX

Simone, Mikaël, Valentin. La porte de la chambre s'ouvre et Simone paraît sur le seuil, toute pâle, d'une main le mouchoir sur les yeux, de l'autre se tenant au montant de la porte. Mikaël court fermer la porte d'entrée. Valentin va vivement à Simone qui s'appuie sur son bras et avec son aide descend jusqu'au siège à gauche, où elle tombe en pleurant.

SIMONE. Oh! Le malheureux! Quel mal! Quel mal je lui fais!

VALENTIN. Il est bien à plaindre, en effet.

SIMONE. Et moi bien coupable, n'est-ce pas?

VALENTIN. Assurément!... Oui!... Ma pauvre enfant... Mais plus vertueuse, à cette heure, tu ne serais que cendres, les décrets de la providence sont insondables! (Assis près d'elle) Comment allons-nous sortir de là?... (Simone fait un geste de découragement) Tu y as bien songé? (Simone répond du geste. Il continue) Fabriquer une dépêche, une lettre, supposer que tu as pu monter dans le premier train toute seule, ce qui t'a sauvée... (Mouvement de Simone) Personne n'y ajouterait foi!

SIMONE. (Emotion contenue) Et je n'aurais pas recours à un tel mensonge!

VALENTIN. Pas plus que je ne me prêterais à cette trahison. Alors quoi? L'aveu?

SIMONE. Ah! Jamais cela, jamais!

VALENTIN. Il faudra pourtant bien en venir là!

SIMONE. Jamais! Ah! Dieu! Affronter la vue de ce pauvre être, si bon, si désolé... J'ai bien assez souffert à l'entendre!

VALENTIN. Mais... Tu peux, sans le voir.

SIMONE. Lui apprendre que cette nuit j'étais là?... Est-ce que je peux avouer cela sans mourir de honte! Et puis que me vaudrait-il, cet aveu? Son pardon? Je n'en veux pas. Alors? La rupture? Le divorce? On me croit morte! Soit, je suis morte! Le voilà, le divorce, et le meilleur de tous, celui-là!

VALENTIN. Non?... Tu ne veux pas laisser croire?...

SIMONE. A ma mort? Ah! Dieu si, je le veux!

VALENTIN. (Stupéfait) Allons donc!

SIMONE. Je déplorais de ne pas être librement à celui que j'aime, sans hypocrisie, ni partage... C'est fait! Ma mort est un mensonge qui m'affranchit de tous les autres... qui me rend la liberté et toutes mes pensées, de tous mes actes, de mon corps et de mon âme, et j'hésiterais... et tu veux que j'hésite?

VALENTIN. Mais c'est absurde, cette fable?

SIMONE. Moins que la vérité! Elle n'est bonne qu'à le désoler, la vérité, voilà tout! C'est bien assez d'avoir trahi sa confiance, sans lui infliger encore la douleur de le savoir. Je disparaissais. Il ignore tout, me pleure

comme morte au lieu de me pleurer vivante; et je lui laisse de moi des regrets attendris au lieu du souvenir amer de ma trahison!...

VALENTIN. Toute femme excelle à donner un air de raison à la folie.

SIMONE. Mais en quoi, folie, en quoi?

VALENTIN. Ta prétendue mort? Mais ma pauvre enfant, c'est du roman, du drame, de l'opéra, de la féerie! Tout ce que tu voudras! Mais ça ne tient pas debout! Et si tu crois que je vais prêter les mains à une telle extravagance!

SIMONE. Je ne te demande que de ne pas la révéler.

VALENTIN. Et que deviendras-tu? Où iras-tu?

SIMONE. Chez lui!

VALENTIN. En Serbie.

SIMONE. Et qui m'y soupçonnera sous un faux nom?

VALENTIN. Un faux nom! Mais en Serbie, à quarante-huit heures de Paris, il te faudrait un masque et toute une vie nouvelle, n'est-ce pas? Tu te figures que tu vas rompre ainsi avec tes habitudes, plaisirs, amitiés! Paris, les tiens, ton monde!

SIMONE. Ah! Je m'en soucie bien de Paris et du monde! A présent, le monde, c'est Mikaël et moi!... Mes plaisirs, j'en suis excédée! Mes amitiés? C'est toi, mes amitiés! Je n'ai que toi! Tu seras bien mon seul regret!

VALENTIN. (Désignant la maison d'Aubenas) Et lui? Rien?

SIMONE. Oh! Lui... Lui... C'est mon remords et la vraie cause de ce que tu appelles ma folie; tu devrais bien le comprendre, c'est lui que je



fuis! Sa douleur me fait trop de peine! Je ne veux pas me retrouver un jour en sa présence, et dût-il ne pas me dire un seul mot, subir la tristesse de son regard. Là-bas, je pourrai me persuader qu'il est mort, pour moi, comme je suis morte pour lui, et si je n'oublie jamais le chagrin dont je suis la cause... au moins je ne serai pas condamnée à le voir!

VALENTIN. Et si tu persistais dans cette décision dictée par la fièvre, tu partirais?...

SIMONE. Cette nuit! Je voudrais déjà être au bout du monde!

VALENTIN. Avec monsieur, qui sans doute approuve ce départ!

SIMONE. Oh! Lui, naturellement!

MIKAËL. Pardonnez-moi, Simone, mais je pense avec monsieur, qu'une décision si grave mérite réflexion. C'est une mesure extrême à laquelle rien ne nous oblige...

SIMONE. C'est vous?...

MIKAËL. Permettez...

SIMONE. ... Vous refusez, vous?... C'est vous qui refusez?

MIKAËL. Du calme, je vous en prie... Votre exaltation est bien excusable. C'est à nous de garder le sang-froid qui vous manque. Cette mort supposée, cette fuite nocturne, tout cela pourrait avoir sa raison d'être, si le mariage était indissoluble. Mais nous n'en sommes plus là, grâce à Dieu, et vous faites trop bon marché d'une solution toute naturelle, toute simple...

SIMONE. Le divorce?

MIKAËL. Eh! Oui!

SIMONE. Et le procès, et le scandale! Des formalités qui me mettront en présence de celui que je ne veux plus voir, à aucun prix! Mon nom traînant partout, livré à la curiosité, à la risée publiques! Je serai l'héroïne de cette affreuse aventure! On dira de moi : " Celle du chemin de fer, vous savez, dont le pauvre mari se brûlait les mains à chercher le cadavre tandis qu'elle était chez son amant! " Mais c'est révoltant... ce que vous proposez là! Comment osez-vous me l'offrir! C'est aussi honteux pour vous que pour moi!

MIKAËL. Quelle exagération, Simone! On en parlera pendant trois jours et l'on n'y songera plus dès que vous serez ma femme.

SIMONE. Il vous plaît que je le sois dans ces conditions-là?

MIKAËL. Les seules possibles! Car enfin, vous ne songez pas à contracter là-bas un autre mariage illégal et nul?

SIMONE. Ah! Je pense bien à cela!

MIKAËL. Quand il ne tient qu'à vous d'être ma femme légitime, vous préférez?...

SIMONE. Je ne le préfère pas...

MIKAËL. Et quelle sécurité pour vous?

SIMONE. J'ai donc plus confiance en votre amour qu'en vous-même!

MIKAËL. Mon amour n'est pas en cause. Il s'agit des garanties qu'il peut vous offrir de bonheur, et surtout de bien-être, en échange de celui auquel vous avez droit. Car enfin, ce ne sera pas même l'aisance, avec de gros ennuis, des privations de toute sorte et, sinon la pauvreté, du moins la gêne.

SIMONE. Je l'accepte...

MIKAËL. La fameuse chaumière, du pain, de l'eau, et une natte pour dormir.

SIMONE. Le mariage de Loti.

MIKAËL. Quand vous n'aurez plus dix valets à vos ordres, et trois toilettes à faire par jour...

SIMONE. Pour qui me prenez-vous?

MIKAËL. Pour une mondaine qui ne sait pas ce que c'est qu'une privation.

SIMONE. Vous n'y songiez pas tout à l'heure à ces privations. J'entends encore votre air de bravoure : " Ah! Si je pouvais vous emporter dans mon pays, chez moi! "

MIKAËL. Simone, on dit ces choses-là...

SIMONE. Sans y croire!

MIKAËL. Sans en mesurer la portée, mais au moment d'agir...

SIMONE. On se dérobe!...

MIKAËL. Puisqu'il y a une solution plus simple!

SIMONE. Qui me révolte!

MIKAËL. Pourtant!

SIMONE. Enfin, m'aimez-vous, oui ou non?

MIKAËL. Quelle demande!...

SIMONE. Et je vous enlève! Et vous résistez! Mais c'est vous qui devriez me supplier d'y consentir à ce départ! Qui devriez être plus pressé que moi de m'arracher à tout ce qui me dispute à votre amour. J'ai tous les courages, et vous pas un! D'où vous vient cette peur subite de tout ce que je brave, moi, femme, et qui vous épouvante?

MIKAËL. Je ne conçois rien à ces reproches, Simone! Je ne vous dis rien que de très raisonnable!

SIMONE. Oh! Comment donc! Très raisonnable! On ne peut plus raisonnable!

MIKAËL. Vous m'accorderez bien qu'on ne prend pas une résolution pareille sans réfléchir, et nous pouvons bien attendre à demain.

SIMONE. Demain? Vous croyez que je vais passer la nuit à cent pas de cette maison où l'on me pleure! Demain! Ah! Demain!

MIKAËL. J'ai des mesures à prendre. Il me faut le temps de mettre de l'ordre dans mes affaires!

SIMONE. Et quelles affaires! Vous me disiez là, là, à l'instant : " Je n'ai ni famille, ni parents, ni emploi, ni obligations, ni devoirs, qui me tiennent! Mon seul devoir, c'est de vous aimer! " Faites-le donc!

MIKAËL. Laissez-m'en les moyens!

VALENTIN. L'argent! (Mouvement marqué de Mikaël et de Simone, qui, saisie, le regarde. Il continue très tranquillement) Eh oui, vous pourriez bien discuter ainsi pendant des heures sans prononcer le mot de la situation : ... l'argent!

SIMONE. L'argent?

VALENTIN. Vous ne serez jamais d'accord. Tu es une exaltée! Une romanesque, une emballée! Monsieur est un esprit pondéré, sagace, positif et pratique. Il n'habite pas comme toi les nuages. Il rase le sol et fait ce raisonnement bien simple : " Il n'y a de vraie solution que le divorce car le divorce laisse tous ses biens à celle que j'adore. J'épouse celle que j'adore et je suis le plus heureux des hommes. "

MIKAËL. C'est-à-dire...

VALENTIN. (Continuant) Oui!... Tandis que ta prétendue mort ne te laisse pas un centime et de plus vous crée des ennuis de toutes sortes, dont il ne veut à aucun prix, ni pour celle qu'il adore, ni pour lui.

MIKAËL. Je ne dis pas cela!

VALENTIN. Mais dites-le donc! C'est bien naturel et Simone a trop d'esprit pour trouver mauvais qu'à l'ennui... de l'associer à votre pénurie, vous préféreriez de beaucoup l'agrément de vous associer à sa fortune!

SIMONE. Oh!

MIKAËL. (Vivement) Simone! Me croyez-vous capable?...

SIMONE. Ce serait trop indigne!

MIKAËL. J'espère que vous prenez les insinuations de monsieur pour ce qu'elles valent!

VALENTIN. Alors, elle est fixée!

MIKAËL. (Violemment) Vous osez?

VALENTIN. (Froidement) C'est à moi que vous parlez?

SIMONE. (S'interposant vivement) Valentin!... Non! Non, tais-toi! Tais-toi, je t'en prie! (Un silence, à Mikaël) Il faut en finir, n'est-ce pas? Vous vous refusez décidément au départ?

MIKAËL. Oui! Mais pour d'autres raisons que celles que monsieur a le front de supposer... (Mouvement de Valentin retenu par Simone)

SIMONE. (A mi-voix à Valentin) Tais-toi! (A Mikaël) Alors, je n'ai plus qu'un parti à prendre, celui que me conseillait Valentin... l'aveu!

MIKAËL. (Vivement) Et le divorce!

SIMONE. Oh! Le divorce! Ce n'est qu'une probabilité! La seule que nous ayons admise; mais il y en a une autre!

MIKAËL. Laquelle?

SIMONE. Le pardon!

MIKAËL. De votre mari?

SIMONE. Il est assez bon, assez généreux et m'aime assez pour cela.

MIKAËL. A ce point, c'est peu probable!

SIMONE. Probable ou non, c'est possible, n'est-ce pas? (Geste de Mikaël) Enfin, admettons-le! L'admettez-vous?

MIKAËL. (Sans conviction) Si vous voulez!

SIMONE. Pardonnée par lui, vous m'estimez assez, je pense, pour être sûr, qu'entre nous, tout, à jamais.

MIKAËL. (De même) Oui!...

SIMONE. Ce serait donc la rupture définitive, absolue... La risquons-nous?

MIKAËL. Vous supposez?

SIMONE. Oh! Ne discutons plus. Il faut répondre! Répondez! Je n'ai que le choix de la fuite avec vous, ou de mes aveux! Et s'il pardonne, je ne vous revois de ma vie... est-ce dit?

MIKAËL. (Embarrassé) Et vous exigez une réponse?

SIMONE. Immédiate!

MIKAËL. Je vous aime trop pour hésiter...

SIMONE. (Avec espoir) Enfin!

MIKAËL. Et je ne peux pas vous conseiller la fuite qui ferait de vous une aventurière, tandis que l'aveu...

SIMONE. Peut nous séparer!...

MIKAËL. Mon Dieu! C'est une chance!

SIMONE. A courir?...

MIKAËL. Peut-être!...

SIMONE. (Eclatant) Ah! Tu l'entends, tu l'entends?

VALENTIN. C'est assez clair...

SIMONE. Tu avais raison. L'argent! L'argent! Ah! Le misérable! C'est bien cela, l'argent!...

MIKAËL. Oh bien! Quand je défends votre intérêt!...

SIMONE. (A Valentin) Ecoute cela, écoute... C'est par amour pour moi qu'il me jette aux bras d'un autre!

MIKAËL. Ma conscience!...

SIMONE. Sa conscience! La conscience de cet homme à qui je dis : " Je suis à toi, pour toi, je renonce à tout, je brave tout! " et qui me répond : " Pardon, pardon! C'est très joli, tout ça, mais la dot!... Où est la dot? Sa conscience! "

MIKAËL. Si vous ne me laissez pas...

SIMONE. Mon divorce, à bonne heure! Il y gagnait la fortune et la femme par-dessus le marché!... Mais ma mort, ma fuite, qui me laissent sans un sou! La femme sans les millions! L'amour sans le butin! La créature qui n'a plus rien à elle! Pas même ses bijoux! On rend ça à son mari!

MIKAËL. (Impassible et souriant en roulant une cigarette) Si je ne vaux pas mieux que cela?

SIMONE. Je suis sans excuse, n'est-ce pas? Ah! Dieu! Oui, oui, sans excuse! (A Valentin) Regarde-le, tiens... Il a si peu conscience de son infamie qu'il sourit et s'étonne que je m'en indigne! Eh bien, quoi! Il ne veut pas s'encombrer d'un amour sans profit! C'est trop juste, il faut bien qu'il se dédommage de ce que la nature en lui donnant une âme si abjecte, n'a pas fait de lui une fille qui pût se vendre!

MIKAËL. Ah!... (Il fait un pas vers elle. Valentin fait un mouvement)

SIMONE. (Le retenant) Va-t'en! Ne m'approche pas! Ah! Malheureux! Je voudrais te tuer, et me tuer après! (A Valentin) Emmène-moi, je t'en prie, je ne veux pas rester ici avec cet homme! ... Emmène-moi!



VALENTIN. Tu n'y songes pas, ma pauvre enfant! Il fait encore jour et la rue est pleine de monde!

MIKAËL. Monsieur a raison... Vous ne pouvez pas sortir... (Il prend son chapeau) Vous êtes ici chez vous. Je reviendrai dans une heure, le temps de calmer cette crise, et je ne désespère pas que la réflexion ne vous fasse apprécier plus sainement le seul parti qui pouvait vous rendre votre liberté.

SIMONE. Libre ou non, c'est bien fini entre nous...

MIKAËL. C'est bien vous qui l'aurez voulu! (A Valentin) Entre nous, c'est une autre affaire et nous sommes gens de revue, je pense?

VALENTIN. Comptez-y!...

MIKAËL. J'y compte... (Il sort)

## SCENE X

Simone, Valentin.

SIMONE. (Assise) Et c'est pour cela que l'on gâte sa vie et celle des autres! Que l'on devient fausse, égoïste, ingrate! C'est à cela que l'on croit!... C'est à ça que l'on se donne, à ça!... A ça! Ah! Quel écœurement! Quel dégoût! Je me hais! Je me hais! Je voudrais me fuir! Suis-je assez punie!

VALENTIN. (Assis près d'elle) Allons! Allons! Simonette! Courage! C'est déjà beaucoup d'être délivrés de ce drôle, et pour le reste, ne suis-je pas là, moi?

SIMONE. Valentin!... Ne m'abandonne pas!... Je n'ai que toi, qu'est-ce que je deviendrais sans toi? (Sourdes rumeurs dans la rue, voix de femmes disant les prières des morts)

VALENTIN. (Debout) C'est dans la rue! (Il va à la fenêtre et regarde)

SIMONE. Qu'est-ce donc?

VALENTIN. Ne regarde pas!

SIMONE. Pourquoi?

VALENTIN. Une civière que l'on porte chez toi... et sous un drap blanc!

SIMONE. Une morte... Thécla! (Valentin veut la retenir. Simone, allant à la fenêtre, il l'arrête) Laisse-moi!

VALENTIN. Prends garde!... Ton mari!

SIMONE. Laisse! Laisse! Je veux le voir! (Elle prend la place de Valentin, à la fenêtre)

VALENTIN. A quoi bon?...

SIMONE. Oui! Le voilà! Le voilà au bras de son frère... et tout pâle! C'est lui qu'il fallait aimer! Vois-le, vois! Il pleure à présent! Il pleure comme un enfant!

VALENTIN. (Cherchant à l'éloigner de la fenêtre, doucement) Allons ne reste pas là.

SIMONE. (Sans quitter la fenêtre) Ah! Je devrais lui crier : " Méprise-moi, chasse-moi! Je ne mérite pas tes larmes! "

VALENTIN. Cet aveu-là, ma pauvre enfant, tu seras obligée de le faire plus tard!

SIMONE. (Pleurant toujours à la même place) En aurai-je jamais le courage?

VALENTIN. (Tendrement) Moi, je le ferai et je vous rendrai l'un à l'autre.

SIMONE. (De même) Le pourras-tu!... Tu ne lui rendras pas celle qu'il regrette! L'épouse aimante et fidèle qui n'est plus. Il a bien raison de la pleurer, celle-là! Pleure ta Simone... car elle est morte... Elle est morte et moi aussi, je la regrette et je la pleure!

## *Spiritisme de Victorien Sardou - 3/3*

### ACTE III

Un chalet élégant à Quiberon, au bord de la mer. A droite, premier plan, haute cheminée bretonne, feu mourant. 2<sup>e</sup> et 3<sup>e</sup> plan, grand vitrage avec porte au milieu ouvrant sur palier du fond, vers la droite, est occupée de même par un vitrage qui, comme le précédent, laisse voir la mer bordée de rochers. Dans ce qui reste du fond vers la gauche, une porte ouvrant sur une petite antichambre, au delà de laquelle est une porte de chambre. A gauche, premier plan, une large baie de deux mètres garnie d'une portière s'ouvre sur la chambre à coucher, qu'on devine plus qu'on ne la voit. Au deuxième plan, porte de la chambre. Au fond, horloge rustique. Tapis. Grande table chargée de livres. Fauteuils, canapés, etc. L'action commence au soleil couchant. Puis la nuit vient, très étoilée, avec une vive clarté de lune.

### SCENE I

Valentin, Yvon, puis Simone. Yvon, au lever du rideau, range les livres sur la table; Valentin ouvre la porte de droite. Simone, dans son manteau de voyage, reste au delà du seuil.

VALENTIN. Pardon, jeune homme! C'est bien ici, n'est-ce pas, que loge monsieur d'Aubenas?

YVON. (Au coin de la table) Oui, monsieur. (Indiquant la droite) Le voilà qui descend là-bas vers la mer, avec des amis.

VALENTIN. Oui, je l'ai vu de loin se diriger de ce côté. (Se tournant vers Simone) Tu l'entends, chère amie, c'est bien ici! Tu peux entrer.

SIMONE. (Inquiète, regardant vers la droite, à mi-voix) S'il revenait sur ses pas?

VALENTIN. (De même) C'est peu probable, il sort à peine. (A Yvon) Je croyais M. d'Aubenas seul dans cette maison?

YVON. D'habitude, oui, monsieur, depuis cinq jours qu'il est arrivé, il n'est jamais venu personne que son domestique pour lui rapporter des livres. C'est moi qui sert monsieur, et ma mère qui garde la maison pour le nouveau propriétaire, lui fait la cuisine.

VALENTIN. Alors, ces personnes qui s'éloignent là-bas avec lui sont ici par hasard?

YVON. Elles sont arrivées vers les quatre heures, venant d'Auray, monsieur ne les attendait pas! Il les a retenues à dîner.

VALENTIN. Et elles comptent séjourner à Quiberon?

YVON. Oh! Non, monsieur! Ils repartent tous ce soir pour Carnac, dans une voiture qu'ils ont commandée.

VALENTIN. (Regardant) Ah! Très bien! Et où vont-ils en ce moment? (Il prend une jumelle sur la table)

YVON. Jusqu'aux roches, monsieur, à côté du phare. Ils ne seront pas de retour avant vingt bonnes minutes au moins. Si monsieur veut que j'aille leur dire?...

VALENTIN. (Lorgnant) Non! Non!... Merci! Vingt minutes. C'est parfait! (Simone se rapproche de la cheminée. Sans s'asseoir, à Simone) C'est Georges et sa femme... Monsieur et Madame des Aubiers... Marescot... et un autre que je ne reconnais pas... Peu importe!... Du moment qu'ils nous laisseront le champ libre. (A Yvon) Mon enfant, madame et moi, nous attendrons ici le retour de notre ami. Mais

madame voyage depuis hier en chemin de fer et trouve l'air de la mer un peu humide; vous seriez bien aimable en ranimant ce feu qui meurt.

YVON. Je vais chercher du bois, monsieur. Seulement, ce n'est pas tout près. Faudra que madame patiente un peu.

VALENTIN. Nous patienterons, mon ami. Allez! Allez!...

YVON. J'y vais, monsieur. (Il sort par la droite)

## SCENE II

Simone, Valentin.

SIMONE. Quelle imprudence! S'il allait me surprendre ici!

VALENTIN. Il ne peut pas rentrer que je ne le voie. Et avant son retour, nous aurons le temps de causer à l'aise, mieux que dans la rue, où ces Bretons nous regardaient comme des bêtes curieuses; dans mon hôtel, où tu aurais été signalée, et surtout à cette gare où je t'ai attendue à tous les trains, de plus, nous pourrions tirer quelques renseignements de ce jeune garçon. Sois tranquille!... Je ne les perds pas de vue!... (Il la fait asseoir et reste debout près d'elle, tenant les mains de Simone dans les siennes) Quelle triste semaine pour toi, ma pauvre Simonette. Huit longs jours, sans nous voir! J'enrageais assez de ne pouvoir te rejoindre; mais quelle raison pressante t'a fait prendre cette résolution subite, qui nous a créés tant d'ennuis.

SIMONE. Je me le suis souvent reproché, ce départ sans te consulter, sans même te revoir! Et pourtant, tu vas le comprendre. Quand je me suis trouvée seule, là-bas, dans cette chambre vide, où tu m'avais laissée, en me disant : " Robert doit s'étonner de mon absence... Attends-moi jusqu'à la nuit. Mikaël ne reparaitra pas, tu peux en être

sûre, et je reviens dès que j'aurai préparé Robert à te revoir! " J'ai patienté d'abord et guetté ton retour, à la fenêtre!... Mais vainement!... Avec l'ombre envahissante, je voyais cette maison, de l'autre côté qui, la veille encore, était la mienne!... Je la vois, au delà du petit jardin, qui la sépare de la rue, et dont la grille est ouverte toute sombre et comme en deuil... Deux fenêtres seules sont éclairées; au premier celle de ma chambre; au rez-de-chaussée, celle du cabinet de Robert... et, blottie contre la grille, j'attends la sortie; tu ne parais pas!... l'énerverment de l'attente m'inspire l'envie de franchir le jardin désert, et d'aller voir, là-bas, à cette fenêtre du rez-de-chaussée ce qui se passe dans cette maison noire où l'on prie pour moi sur le corps d'une autre! J'y vais! Le front collé au vitrage, je vois, par l'écartement des rideaux à demi tirés, Robert, étendu, assoupi dans un fauteuil, et seul à ce qu'il me semble!... Seul! Ah! Si j'osais! Le voilà le moment de tomber à ses genoux et de lui arracher ma grâce! Je fais appel à tout mon courage, et déjà ma main cherche en tremblant le bouton de la porte! quand tout à coup, Robert, tourne ses regards de mon côté!... Il me semble qu'il se lève, qu'il va venir à moi, menaçant! La peur me rejette dans l'ombre, et je m'enfuis par le jardin, par les rues, avec la folle idée qu'il est sur mes pas, et qu'il va me crier : " Simone! Simone! Tu as beau fuir! Je t'ai vue, Simone! Je t'ai vue! "

VALENTIN. Et alors?

SIMONE. Alors, je vais à la gare, où la voie est dégagée, on attend le train d'Espagne! Assise sur un banc, dans l'ombre, j'écris au crayon, sur une feuille de calepin, le petit billet qu'un enfant te portera... et qui t'apprend mon départ pour Bordeaux, d'où je te ferai savoir où je serai descendue, sous un faux nom, pour t'y attendre... et je pars!... Quel beau voyage!... Dans ce wagon, où j'étais seule, ai-je assez pleuré? Une pensée m'obsède! Si ma mort n'était plus un mensonge? Elle m'est si

facile... Là... sur ces rails! Mais je serais reconnue! Et je tiens tant à rester la morte de là-bas, l'honnête femme que l'on pleure!...

VALENTIN. Tu as songé sérieusement?...

SIMONE. Oh! Sans tes lettres! Que de fois j'y ai pensé, dans cet hôtel où j'étais descendue, seule, sans bagages, comme une aventurière, que je suis, d'ailleurs, avec cette toilette ridicule, que je ne pouvais pas remplacer sans imprudence... Condamnée à ne sortir que le soir, à braver les mauvais sourires de ces gens à qui je demandais sans cesse s'il n'était pas venu une lettre, une dépêche pour moi... Ah! Quand j'ai reçu la tienne, enfin!... " Robert seul à Quiberon... Pars! Me trouveras à la gare. " Quelle délivrance! Que je me suis reprochée de t'avoir accusé d'indifférence! D'oubli! Toi! Toi! Si dévoué, si tendre et qui m'aime tant!

VALENTIN. J'étais assez perplexe quand j'ai reçu ton billet!... Avec tout ce monde qui se faisait un devoir de ne pas laisser Robert seul de toute la nuit et ta résolution m'agréait assez. Elle me laissait du répit. Mais je ne croyais pas t'imposer une si longue attente. D'abord, ça été le service funèbre de cette malheureuse, sous ton nom, puis le transport de son corps à Paris, dans le caveau de famille. Et je t'écrivais sans cesse : " Patiente, patiente. " Le soir de cette triste cérémonie, Robert me dit : " J'ai besoin d'un repos, d'un isolement, que je ne trouverai pas à Aubenas. Je vais à Quiberon, où j'ai habité autrefois, avec Simone, aux premiers jours de notre mariage, une petite maison au bord de la mer.

SIMONE. Celle-ci! Je l'ai bien reconnue. Notre chambre était là! (Elle désigne la chambre à gauche, 2e plan)

VALENTIN. Si, avant de partir pour l'Ecosse, me dit Robert, vous pouvez me consacrer quelques heures, vous serez le bienvenu à Quiberon. Là, j'étais sûr de me voir enfin seul avec lui, de lui parler à



cœur ouvert, de plaider ta cause et de la gagner. Je le mets en wagon et je vais partir pour Bordeaux, quand voici deux individus plus ou moins valaques qui viennent me rappeler que j'ai un compte à régler avec leur digne ami, M. Mikaël.

SIMONE. Tu t'es battu?...

VALENTIN. A la grande jatte, à l'épée.

SIMONE. Et tu ne m'en as rien dit?

VALENTIN. A quoi bon? Le drôle était d'une assez jolie force! Mais je ne suis pas une mazette. A la deuxième reprise, il fonce et me perce l'avant-bras!

SIMONE. Oh! Blessé!...

VALENTIN. Un séton! Et du même coup il s'enferme et j'atteins le poumon droit.

SIMONE. Mort?

VALENTIN. Non! Mais ne valant guère mieux, on le dit perdu! Me voilà condamné à la chambre, avec fièvre, pansement! Enfin, hier, j'avais mon exeat... Ah! Voici l'enfant!...

### SCENE III

Les mêmes, Yvon avec du bois.

YVON. V'là le bois! Je vas vous ranimer ça!

VALENTIN. (Qui a repris la lorgnette) Nos promeneurs semblent revenir sur leurs pas! (Simone veut se lever, il la retient) Oh! Ils sont encore loin! Je reconnais l'homme au chapeau! C'est Parisot!

SIMONE. Le docteur! (Vivement à Yvon) Votre maître est malade?

YVON. (Arrangeant le feu) Oh! Non, madame, c'est-à-dire de corps... car pour la tête, ça!...

SIMONE. La tête!...

YVON. Oh! Sûr! Ca ne vous étonnait pas de le voir se promener tout seul au bord de la mer et passer le reste du temps à lire. Il est en deuil.

Nous pensions : " Il a du chagrin, ce pauvre monsieur. " Mais voilà qu'avant-hier je me suis couché plus tard qu'à l'ordinaire. En remontant chez moi, je loge là-dessus, j'entends causer monsieur, dans cette chambre, dont les rideaux sont tirés. Tiens, que je pense, il y a quelqu'un? Par où est-il entré, celui-là, sans que je l'aie vu!... Je regarde la porte d'entrée que j'avais fermée à double tour et les verrous tirés, et la clef que je trouve au clou contre le mur! Me voilà bien étonné; puis j'ai l'idée que c'est quelque lecture qu'il se fait à haute voix et j'écoute, mais pas du tout. Il cause bien avec un autre et, le plus drôle, c'est que j'entends bien sa voix à lui; mais quand il se tait, j'entends pas celle de l'autre. Pardine, que je me dis! Je saurais bien qui c'est. Je vais décrocher la clef et monter avec; faudra bien qu'on appelle pour le faire sortir.

SIMONE. Et alors?

YVON. Alors, madame, on ne m'a pas appelé du tout! J'ai trouvé ce matin la porte close, et personne avec monsieur!... Par où qu'il est sorti, ce malin-là? Pas par la fenêtre, pour sûr, qui est à vingt pas du sol! Et voilà-t-il pas qu'hier au soir, ça a recommencé de plus belle!

VALENTIN. Il rêve tout haut en dormant!

YVON. Tout debout, donc, il n'est pas couché! Il va et vient par la chambre! Non, moi j'ai mon idée!

VALENTIN. C'est qu'il cause avec les Esprits!

YVON. Oh! Les Esprits, qui est-ce qui croit encore à ces bêtises-là! C'était bon pour le vieux temps d'autrefois! Du temps qu'on n'était pas éclairé! Mais à présent qu'on est éclairé...

VALENTIN. Alors, votre idée?

YVON. Mon idée, c'est que c'est un homme à qui qu'on a jeté un sort.

VALENTIN. Ah! Vous croyez?

YVON. Je vous crois que je le crois! C'est bien connu qu'il y a des méchants gars de bergers qui font du tort aux bêtes et aux gens, avec des regards et de mauvaises paroles.

VALENTIN. Eh bien, nous allons tâcher de le guérir, il faut nous y aider.

YVON. Ah! Ce n'est pas de refus.

VALENTIN. Tenez, voilà pour vous, mon jeune ami. Votre maître n'attend pas la visite de madame qui est de ses meilleures amies...

YVON. Monsieur est bien honnête.

VALENTIN. Je redoute pour lui l'émotion d'une surprise, à laquelle je veux le préparer; n'avez-vous pas par là quelque chambre?

YVON. Une chambre?

VALENTIN. A l'écart, où elle pourrait attendre le moment de leur entrevue?

YVON. Si, monsieur. Celle-là au fond.

SIMONE. L'ancienne chambre à coucher?

YVON. Oui. Monsieur a fait mettre son lit dans celle-là et l'autre est toujours fermée; madame y sera bien tranquille!

VALENTIN. C'est parfait! Mais nos promeneurs ont disparu. Voyez donc s'ils ne sont pas sur le sentier.

YVON. Ah! C'est facile, on les voit venir de loin. (Il sort par la droite)

VALENTIN. Et prévenez-nous vite!

YVON. Oui, Monsieur.

#### SCENE IV

Simone, Valentin, puis Yvon.

VALENTIN. C'est bien ce que je redoutais! La solitude et le chagrin!...  
Le voilà en plein spiritisme.

SIMONE. C'est encore par ma faute.

VALENTIN. Mais enfin, nous touchons au port! Ils partent, je suis seul avec lui. Je lui dis tout et...

SIMONE. (L'interrompant) Non, non! Prépare-le seulement à l'idée que je suis encore de ce monde! Que tu fasses pour moi ma triste

confession? C'est trop lâche!... Je veux la faire moi-même à ses genoux, s'il ne refuse pas de me voir.

VALENTIN. S'il refuse ce soir, il consentira demain!

SIMONE. Qui sait!

VALENTIN. Seulement, ne t'impatiente pas, si je te fais languir.

SIMONE. Quoi qu'il arrive! Pourvu que ce soit la fin!

VALENTIN. Mais oui, et telle que nous la souhaitons.

SIMONE. Dieu le veuille! Il y a des moments, je t'assure, où je sens que ma raison s'en va... C'est un brouillard d'idées confuses où je m'égare, des mots, des phrases que je répète machinalement, à satiété! Comme une folle! Jusqu'à ce qu'elles n'aient plus aucun sens, ou au contraire la même pensée qui m'obsède, s'acharne, ne me quitte plus! Celle-là, surtout, qui revient toujours. J'aurais beau me désoler, pleurer, prier, rien au monde ne pourra jamais faire ce qui est ne soit pas.

YVON. (A droite sur le seuil) Monsieur! Monsieur! Ils entrent dans le jardin!

SIMONE. Ah! Dieu! Le voilà...

VALENTIN. (Doucement, la conduisant vers la chambre) Viens!... Allons, ne tremble pas ainsi, ma pauvre Simone. Tout ira bien.

SIMONE. Oui! S'il refuse de me voir, tu m'appelles... n'est-ce pas? Tu m'appelles?

VALENTIN. Mais oui! Oui! Entre ici!

SIMONE. (Sur le seuil de la chambre) Cette chambre! Quel châtiment de la revoir ainsi! (Elle sort. Valentin ferme la porte)

## SCENE V

Valentin, Georges, Raymonde, Germaine.

RAYMONDE. Tiens, Clavières!

VALENTIN. Bonjour, chers amis.

GEORGES. Ah! Clavières! Comment, vous êtes ici?

VALENTIN. J'arrive à l'instant! (A Gilberte) Madame! Et d'Aubenas?

GILBERTE. Il nous suit.

RAYMONDE. Il est au bas de l'escalier à se chamailler avec le docteur à qui il veut démontrer que les étoiles sont habitées.

GEORGES. (Allant s'asseoir, éreinté) Par des gens comme nous!

GILBERTE. Et comme nous!

VALENTIN. Alors, on ne s'y ennuie pas!

RAYMONDE. A quoi Parisot répond que ça lui est bien égal!

VALENTIN. Naturellement! Ca ne lui fait pas un client de plus. Mais comment est-il ici, Parisot? Et vous-mêmes?

GEORGES. Oh! Ce n'était fichtre pas pour faire une promenade si inutile! Dans les rochers!

VALENTIN. Fatigué, donc, toujours?

RAYMONDE. Je vous crois. Il a été si secoué depuis huit jours!

GEORGES. (A Valentin) Enfin! Cher ami! Le valet de chambre de mon frère nous a inquiétés.

VALENTIN. Inquiétés?

GEORGES. ... sur son état mental. J'ai projeté alors de faire un tour de ce côté en allant à Roscoff. Le docteur Parisot a bien voulu, à ma prière, consentir à ce long voyage, et Marescot s'est joint à nous, ainsi que des Aubiers et sa femme, qui ont renoncé à Grenade pour courir la Bretagne.

VALENTIN. (A Georges) Et alors, vous êtes tous venus?

GEORGES. Sous prétexte de visiter Auray et les dolmens de Carnac! D'horribles cailloux! (On entend les voix des autres qui entrent)

## SCENE VI

Les précédents, d'Aubenas, Parisot, Des Aubiers, à bicyclette, Marescot, Yvon

D'AUBENAS. Ah! Mon cher Valentin, l'aimable surprise! (Salutations, poignées de mains)

DES AUBIERS. Tiens, bonjour!

VALENTIN. Docteur!

PARISOT. Monsieur!

MARESCOT. Cher ami!

D'AUBENAS. Il fallait m'avertir, par Yvon?

VALENTIN. J'arrive à peine.

D'AUBENAS. Sans avoir dîné?

VALENTIN. Si fait, à l'hôtel de France!

D'AUBENAS. A l'hôtel! Par exemple! Yvon ira prendre votre valise et vous me ferez le plaisir de vous installer ici!... J'ai là pour vous une chambre tout à fait convenable... (Il indique la pièce du fond)

VALENTIN. Je ne fais pas de cérémonies avec vous, mon cher d'Aubenas.

D'AUBENAS. Je l'espère bien! (A Yvon) Préviens ta mère et monte-nous de la bière et du cidre. (Aux autres) Je n'ai pas mieux à vous offrir!

GILBERTE. Le cidre, j'en raffole!

MARESCOT. Eh bien, Clavières! Votre adversaire est donc mort?

VALENTIN. Stoudza!

MARESCOT. Oui! Je le sais par un télégramme de mon frère.

D'AUBENAS. Votre adversaire? Vous vous êtes donc battu?

VALENTIN. Avec Mikaël. Au fait, oui, c'est après votre départ!

D'AUBENAS. Ah! Le malheureux! Tué et par vous. Mais pourquoi ce duel, pourquoi?

VALENTIN. Mon Dieu! Une sottise affaire qui s'est envenimée. Vous avez remarqué peut-être que j'étais seul avec lui après votre sortie.

MARESCOT ET DES AUBIERS. Oui!



VALENTIN. J'avais trouvé fort mauvaise son absence toute la nuit là où nous étions tous à notre devoir, jusqu'à Davidson qui, pour panser les blessés avait retardé son départ de quelques heures! Et j'avais à cœur d'en dire mon sentiment à M. Stoudza. Il le prit fort mal, d'où discussion et finalement rencontre.

D'AUBENAS. Qui lui a été fatale.

VALENTIN. Eh! Oui!...

D'AUBENAS. Dur châtement que la mort d'un homme!

VALENTIN. Hélas! Oui, mon cher d'Aubenas; mais que voulez-vous? Il est des cas où le duel s'impose.

GILBERTE. Pauvre garçon, si jeune! (Yvon et sa mère apportent de la bière, du cidre, des verres, etc... débouchent les bouteilles, et pendant ce qui suit d'Aubenas remplit les verres, on boit, on fume, etc...)

RAYMONDE. Et pas anémique, celui-là!

GEORGES. Mais à part ça!...

PARISOT. Si nul!

MARESCOT. Et inutile! Ah! Il avait bien raté sa vie!

D'AUBENAS. Il la recommencera, voilà tout! (Geste de Parisot qui se frappe le front pour indiquer à Valentin que voilà la fêlure)

VALENTIN. Vous croyez cela, d'Aubenas?

D'AUBENAS. Absolument!

PARISOT. (Railleur) Oui! Oui! Jean Raynaud et Pierre Leroux, connu! Les existences successives! Nous avons vécu avant de naître! Et nous vivrons quand nous serons morts!...

D'AUBENAS. (Lui passant un verre de bière, puis roulant une cigarette tout en parlant) Et pourquoi pas, docteur, c'est une hypothèse, qui, de tout temps a séduit les plus hautes intelligences. Si je radote, c'est en bonne compagnie!... Il est clair que c'est pure insanité aux yeux d'un matérialiste comme vous! Mais pour celui qui admet que l'âme a sa vie propre, et n'est que la prisonnière du corps qu'elle habite, rien n'est plus acceptable que ces migrations de l'esprit humain, allant du pire au mieux; du plus bas étage des êtres au plus élevé, par une série de morts et de renaissances successives, où sa personnalité revêt, à chaque étape, un corps nouveau, comme un habit de voyage, adapté à sa nouvelle existence. (Il allume une cigarette) Et voilà justifiée l'inégalité révoltante des conditions imposées à l'homme par sa naissance! Elles sont la conséquence rigoureuse de l'emploi de son libre arbitre, dans sa vie précédente. Il est tel qu'il s'est fait lui-même; condamné tant qu'il y aura chez lui prédominance des instincts matériels à subir ici-bas de nouvelles épreuves; jusqu'au jour où, épuré par la souffrance, la lutte, l'expiation, il ira chercher d'autres destinées dans un monde moins misérable et moins attardé que le nôtre.

PARISOT. (A mi-voix) La lune!

D'AUBENAS. Bon! Bon, raillez! Mais quel homme un peu soucieux de sa destinée et des mystères de l'au-delà!... Il ne s'agit pas de vous, bien entendu!

PARISOT. Oh! Non!

D'AUBENAS. ... Quel homme ne s'est dit, par une soirée comme celle-ci, en regardant palpiter les étoiles : " Ce sont là peut-être les demeures

futures, où nous trouverons dans des conditions toujours meilleures, l'emploi de facultés toujours plus hautes, vers un but qui se dérobe à notre faiblesse humaine. Tout cela, je vous accorde sans difficultés, docteur, que c'est simple conjecture... comme votre matérialisme, du reste... mais hypothèse pour hypothèse, j'aime mieux la mienne!

GEORGES. Savoir!... Toutes ces vies-là! Ce sera d'un éreintant!

YVON. (Ouvrant) La voiture est en bas.

D'AUBENAS. Bien, qu'il attende. (A Marescot) Tu retourneras à Paris?

MARESCOT. Demain. Directement.

D'AUBENAS. J'ai à te donner une liste de livres que je te prie de me faire expédier par mon domestique. Viens dans ma bibliothèque. (Aux dames) Vous permettez?...

RAYMONDE. Comment donc? (D'Aubenas entre avec Marescot dans la pièce à gauche)

## SCENE VII

Les précédents, moins D'Aubenas et Marescot.

GEORGES. (Il s'approche du docteur et à mi-voix) Votre impression?

RAYMONDE ET GILBERTE. Votre impression?

GEORGES. Oh! Vous pouvez parler, il est dans la bibliothèque trop loin pour nous entendre.

PARISOT. Mon impression? Très nette! Vous l'avez entendu, n'est-ce pas? C'est jugé. Le voilà sur la pente qui mène à la folie.

GEORGES. A la folie?

PARISOT. ...Mystique!... Voyez les titres de ces livres " Animisme, psychisme, bouddhisme, spiritisme! " Et ce qu'il y a là-dedans!... Après ce que nous a dit ce charlatan d'écoissais, j'ai voulu en avoir le cœur net. J'ai fourré mon nez dans ce fatras!

VALENTIN, RAYMONDE ET GILBERTE. Eh bien?

PARISOT. Eh bien? Eh bien, il a dit vrai, le saltimbanque? C'est stupéfiant!... Des savants, des savants officiels, authentiques (Il frappe sur les livres) qui nous disent là, là! J'ai vu! J'ai fait! Et ce qu'ils ont vu, et ce qu'ils ont fait! C'est à se demander si l'on rêve! C'est Zoelner, l'astronome Zoelner qui voit son crayon se dresser de lui-même et courir en grinçant sur une ardoise!

VALENTIN. Mon fakir!...

PARISOT. C'est Barkas, le géologue Barkas, qui se donne des petits concerts d'accordéons, pianos et guitares, touchés, soufflés et raclés par des doigts invisibles! C'est Russel-Wallace! Wallace! Le collaborateur de Darwin, qui reçoit en plein hiver, des fleurs et des fruits, que les Esprits font pleuvoir de son plafond! C'est le fameux Crookes et ses amis, visités pendant trois ans par l'Esprit matérialisé de Miss Katty qui, prête à s'envoler pour un monde supérieur, fait le tour du salon au bras de Crookes, en donnant une poignée de mains à tous les assistants! C'est Cromwelle Varley, l'ingénieur en chef du câble transatlantique qui se porte garant de ce fantôme, dont il a constaté l'existence à l'aide de courants électriques et du galvanomètre réflecteur! Et c'est Lombrose! Lombroso!... Ce matérialiste si pur!... qui, abandonné par sa chaise, menacé par un gros meuble, en lutte avec un rideau, assourdi par une sonnette carillonnant autour de sa tête, s'écrie : " Je suis confus, confus d'avoir osé nier la réalité des faits! ... " Et des centaines, monsieur, des

centaines de témoins aussi sérieux, attestant des milliers de phénomènes aussi fantastiques!

VALENTIN. Mais saprelotte, docteur! Vous nous donnez à réfléchir!  
Tous ces gens-là ne sont pourtant pas des imbéciles.

PARISOT. Non, monsieur... Mais ils sont devenus fous!

DES AUBIERS. Comme ça?...

PARISOT. Une épidémie! L'influenza de la crédulité qui frappe les meilleures têtes! Même en France! Le pays le moins contaminé pourtant, mais il est atteint, monsieur. Voyez Flammarion, Rochas, Dariex, Richet... des médecins! Où allons-nous? C'est un recul de trois siècles! Avant peu, je vous vois tous démoniaques. (A des Aubiers) Vous, incubes!... (A Georges) Vous, vampire! Moi, loup-garou! Et ces dames, à cheval sur un balai, allant au sabbat.

RAYMONDE. Ah! Ce que je donnerai pour...

GEORGES. Raymonde!

RAYMONDE. Oui, mon ami!

DES AUBIERS. Enfin, vous avez beau dire! Nous avons vu ce que nous avons vu!

GEORGES. La corbeille!

DES AUBIERS. Et la main!

PARISOT. Ah! La main fluidique. (A Raymonde) Ca vous conviendrait un mari fluidique?

RAYMONDE. Ah! Mais non!... (Désignant son mari d'un mouvement de tête) quoique...

GEORGES. Ray...

RAYMONDE. ...monde! Oui, mon ami!

GILBERTE. Et ce mot du guéridon : " Ouvrez! "

DES AUBIERS. Et le ciel tout rouge.

PARISOT. Coïncidence!

VALENTIN. Et qui a frappé ce mot? Qui?

PARISOT. Parbleu, lui, l'écossais! A l'aide d'un outil caché dans sa manche ou son gilet, n'importe où!

VALENTIN. Mais pourquoi " ouvrez " ?

TOUS. Pourquoi?

PARISOT. Pourquoi? Ah! C'est bien simple... Il est écossais, n'est-ce pas?... donc aimant le grand air!... Vous fermez la fenêtre, il suffoque!  
Et tac, tac... Ouvrez! C'est fait!

GILBERTE. (Frappée) Tiens!...

GEORGES. Oui, mais!... Votre avis, pour mon frère?

PARISOT. (Montrant les livres) Brûler tout ça!... Plus de solitude!... et des purgatifs.

GEORGES. Les purgatifs!...

PARISOT. Souverains contre les hallucinations, le fantôme ne résiste pas à l'huile de ricin!

VALENTIN. Eh bien! Eh bien! J'ai mieux à vous offrir! Et je me charge, moi, de l'arracher à son isolement dès demain!

PARISOT. Vous?

GEORGES. Comment?

VALENTIN. Pardon! C'est mon secret! Où serez-vous demain soir?

GEORGES. A Auray, au lion d'or.

VALENTIN. Vous aurez une lettre après demain matin.

RAYMONDE. Mais...

VALENTIN. Prenez garde! C'est lui...

### SCENE VIII

Les mêmes, D'Aubenas, Marescot.

DES AUBIERS. Allons, mesdames, il est temps de partir.

D'AUBENAS. Je n'ose pas vous retenir... Il se fait tard, et la route est longue. (On se prépare au départ)

GILBERTE. Mais très bonne!

VALENTIN. Et vous aurez un beau clair de lune!

D'AUBENAS. Et les couvertures, les manteaux?

GILBERTE. Dans la voiture.

GEORGES. Soigne-toi, mon bon Robert...

D'AUBENAS. Sois tranquille.

DES AUBIERS. Bonsoir, Clavières! (Serrements de mains, adieux, etc)

D'AUBENAS. (A Marescot) Marescot, n'oublie pas mes livres.

MARESCOT. Non, non!

PARISOT. (A d'Aubenas) C'est le pays des kobolds et des korrigans! Si nous en rencontrons, je vous les envoie!...

D'AUBENAS. Faites!

RAYMONDE. J'en retiens un! (A Georges qui n'a pas entendu) Oui, mon ami... Tiens! Il n'a rien dit! (Elle sort avec le docteur)

GILBERTE. Sérieusement, s'ils allaient barrer la route à nos bécanes!

DES AUBIERS. Quelle idée! (Ils sortent)

D'AUBENAS. (Sur la palier, à Gilberte) Prenez garde aux marches qui sont glissantes!

GILBERTE. Merci, bonsoir! Oh! Le beau clair de lune!...

VOIX. (Au dehors) Bonsoir! Bonsoir! (Pendant ce départ, Valentin est remonté jusqu'à la chambre du fond que lui montre Yvon avec un bougeoir, il redescend au moment où rentre d'Aubenas)

D'AUBENAS. La chambre est prête?

YVON. Oui, monsieur!

D'AUBENAS. Voyons!

VALENTIN. (Redescendant) Inutile, cher ami, c'est parfait!

D'AUBENAS. Alors, tu peux aller dormir, petit!



YVON. Bonsoir, monsieur.

D'AUBENAS. Bonsoir, enfant!

VALENTIN. Bonsoir! (Yvon sort par la droite)

## SCENE IX

Valentin, D'Aubenas.

D'AUBENAS. (Causant devant la cheminée debout et assis en fumant)  
J'espère, Valentin que vous allez séjourner ici...

VALENTIN. Vingt-quatre heures, si vous le permettez!

D'AUBENAS. C'est court, mais avec les distractions que je puis vous offrir, dans ma retraite!

VALENTIN. A vrai dire, Robert, cette retraite, Parisot, la redoute un peu pour vous.

D'AUBENAS. Parisot? Pourquoi?

VALENTIN. A cause de ces lectures...

D'AUBENAS. Ce bon docteur est de ceux qui ont fait leur siège! Il nous l'a dit... Pour admettre un seul de ces phénomènes, il devrait renoncer à tout ce qu'il sait... ou croit savoir... le pauvre homme! A force de crier aux naïfs que la science explique tout, il a fini par le croire, encore qu'il soit incapable de nous dire comment un châtaignier sort d'une châtaigne. Il fait aussi bien, d'ailleurs, de nier tout carrément que d'imiter ceux qui, comme Hartmann, ne pouvant plus contester les faits, en donnent des explications à mourir de rire!

VALENTIN. Ainsi, cher ami, les réserves que vous faisiez à Saint-Jean-de-Luz sur les causes?...

D'AUBENAS. Je ne les fais plus!

VALENTIN. Et vous admettez, comme l'écoissais, l'intervention des Esprits?

D'AUBENAS. C'est la seule explication qui s'applique à tous les cas.

VALENTIN. Et d'Esprits ayant vécu ici-bas?

D'AUBENAS. C'est le seul point sur lequel ils s'accordent, car pour le reste, et par exemple, la question d'identité, tout est bien contradictoire.

VALENTIN. Vous admettez qu'ils peuvent nous tromper?

D'AUBENAS. Fréquemment! En somme, c'est l'humanité continuée et ne différant pas de la nôtre. Les meilleurs sont partis et, dans ceux qui restent, il y a les bons et les mauvais!

VALENTIN. Et, naturellement, je ne crois pas être indiscret en vous posant cette question, vous avez évoqué l'esprit de votre pauvre femme?

D'AUBENAS. Simone, Simone qui nous aimait tant! Il me semble qu'avec vous, mon cher ami, je suis encore un peu avec elle.

VALENTIN. Oui, mon cher Robert, oui. Et plus que vous ne pensez.

D'AUBENAS. Il n'y aurait que tristesse pour moi à retrouver ici son souvenir, sa chambre était là et je n'y entre jamais, si je n'avais ajouté foi à la promesse qui me fut faite là-bas.

VALENTIN. D'être médium.

D'AUBENAS. Et si je n'étais persuadé que les morts se manifestent plus volontiers là où ils ont vécu dans la douleur ou dans la joie. Dès mon arrivée, je n'eus rien de plus pressé que de l'évoquer, comme j'avais vu faire à Davidson. Un papier devant moi sur cette table, le crayon à la main j'attendais! Vainement! Et à chaque reprise, même insuccès, jusqu'au soir où serrée, comme engourdi sous la chaude étreinte d'une main invisible, la mienne se mit à tracer sur le papier des mots, auxquels ma pensée n'avait aucune part.

VALENTIN. En êtes vous bien sûr?

D'AUBENAS. Très sûr! J'attendais le nom de Simone, n'est-ce pas?

VALENTIN. Oui.

D'AUBENAS. Et le premier mot écrit par le crayon fut le nom d'une jeune sœur que j'ai perdue il y a vingt ans, et, qui, pour attester son identité, me salua de petits noms d'amitié qu'elle me donnait dans notre enfance! Je passe les détails touchants de cet entretien avec une ombre qui m'était chère. A ma demande : " Simone ne viendra-t-elle pas comme toi? " - " Non! " répondit-elle.

VALENTIN. Par écrit?

D'AUBENAS. Par écrit : " C'est impossible : " - " Impossible. Mais pourquoi? Pourquoi? " - " Tu le sauras plus tard " Et ce soir-là, je n'obtins rien de plus! Mais hier, à l'heure qu'elle m'avait elle-même fixée, j'obtins cette réponse qui m'a ravi! " Elle viendra demain soir, tu la verras, et tu lui parleras! "

VALENTIN. (Stupéfait) On vous a fait écrire cela?

D'AUBENAS. (Ouvrant le tiroir et y prenant un papier qu'il lui passe)  
Mot pour mot, voyez!...

VALENTIN. (Après avoir lu) En effet! Tu la verras, tu lui parleras.  
Ainsi vous comptez la voir?

D'AUBENAS. Oui.

VALENTIN. Ce soir?

D'AUBENAS. Ce soir même, et pourquoi pas? Les exemples sont nombreux de ces manifestations d'Esprits matérialisés, visibles et tangibles comme la Katie King de William Crookes! Les croyants qui, admettant les autres prodiges, hésitent devant celui-là... sont parfaitement illogiques. S'il est prouvé par des témoignages que l'on peut voir, saisir, palper une main d'outre-tombe, pourquoi pas tout le bras, puis le corps entier? Tout s'enchaîne et s'oblige! Un seul fait soi-disant surnaturel, admis, entraîne tous les autres! C'est tout ou rien! La négation ou l'affirmation résolues! William Crookes ou Parisot!... Je ne suis pas, il est vrai, dans les conditions requises à l'ordinaire, où l'esprit ne se matérialise que par l'emprunt de la substance vitale du médium mis en transe mais il y a bien des exceptions à cette règle. Et d'ailleurs, je crois bien l'avoir entrevue déjà!

VALENTIN. Simone?

D'AUBENAS. Oh! Une vision bien fugitive! Là-bas, à la fenêtre de mon cabinet.

VALENTIN. A Saint-Jean-de-Luz!

D'AUBENAS. Oui, le temps d'aller à la fenêtre, l'ombre s'était évanouie...

VALENTIN. Je crois en effet, cher ami, que vous pourrez la revoir comme vous l'avez déjà vue. Mais si elle vient à votre appel, c'est donc qu'elle n'est pas dans les conditions voulues, pour fuir à jamais ce triste

monde? Elle n'est donc pas de ces " meilleurs " qui, dites-vous, sont déjà loin?... Elle aurait donc quelque faute à expier!...

D'AUBENAS. Elle? Grand Dieu! Et quelle faute? L'envolée vers d'autres mondes n'est pas toujours immédiate!... voyez Katie King! Peut-être, elle aussi, va-t-elle me faire ses adieux?...

VALENTIN. Savez-vous, Robert ce qui me séduit dans votre doctrine des vies successives? C'est que j'y vois l'humanité toujours en marche vers des mondes meilleurs et de plus hautes destinées; mais ne pouvant les mériter ici-bas, ni là-haut les atteindre que par l'assistance fraternelle de tous à chacun, de chacun à tous, nous poussant, nous haussant, nous attirant l'un l'autre, le plus avancé tendant la main au traînard, le meilleur au moins bon, le riche au pauvre, le fort au faible, l'heureux au souffrant, le vertueux au coupable.

D'AUBENAS. Vous y êtes, cher ami.

VALENTIN. Ce coupable, après tout, n'est qu'un frère attardé!

D'AUBENAS. Mais oui!

VALENTIN. Ses fautes, si grandes qu'elles soient, nous avons pu les commettre, avant lui, dans nos vies antérieures! Quelle indulgence nous lui devons!

D'AUBENAS. Ah! Certes!

VALENTIN. Comment lui refuser la pitié, quand nous savons qu'un jour viendra forcément, où si longue que soit la durée de ces épreuves, il comptera, lui aussi, parmi les meilleurs, puisqu'il a pour faire son salut toute l'éternité devant lui?...

D'AUBENAS. Oui, cher ami, voilà la vérité! Tous seront sauvés, tous! Et dans la patrie céleste, il n'y aura que des élus, et pas un réprouvé!

C'en est fait de la croyance à l'éternité des peines, conception féroce de la vieille théologie! Si monstrueux que soit un crime, il est limité dans l'espace et dans le temps. Et Dieu ne serait pas la souveraine justice s'il punissait le crime temporaire, d'un châtement sans fin!

VALENTIN. Assurément.

D'AUBENAS. Et ces élus! Voyez-vous ces élus, dans leur béatitude égoïste, sourds aux clameurs désespérées de l'enfer? Mais ils crieraient à Dieu : " Seigneur, comment serions-nous heureux à tes côtés, quand ces damnés qui sont nos frères, te crient miséricorde sans que tu daignes jamais, jamais y consentir! "

VALENTIN. Donc affirmons avec eux, que toute faute humaine a droit au pardon.

D'AUBENAS. Surtout mérité par le repentir.

VALENTIN. Et parmi ces repentis, Robert, vous pensez sans doute avec moi, que nul ne mérite plus d'indulgence que la femme!

D'AUBENAS. La femme! Ah! Certes! Il y a tant d'excuses à ses défaillances! Sa nervosité qui la voue aux impulsions malades! Son éducation imparfaites qui la prépare aux illusions mensongères, à la contagion des mauvais exemples : la servitude que lui impose notre état social, qui l'invite et trop souvent l'oblige à s'en affranchir par les pires moyens! Il n'y a pas jusqu'à son besoin d'affection qui ne la trahisse à tout instant, et à la facilité avec laquelle nous nous dispensons des vertus que nous exigeons d'elle, qui ne les lui fasse prendre en mépris!

...

VALENTIN. Il est donc bien coupable, celui qui pouvant la racheter par la clémence, la rejette au mal, par le désespoir de ne pouvoir s'en affranchir!

D'AUBENAS. Aussi coupable qu'elle!...

VALENTIN. Ah! Cher ami, que je suis heureux de vous entendre parler ainsi! Je ne sais pas jusqu'à quel point vos croyances se rapprochent de l'éternelle vérité, que nous ne saurions même concevoir; mais avec la charité pour guide, vous ne risquez pas de vous égarer! Oui, mon ami, oui! La grande porte du ciel, ce n'est pas l'intelligence! Ce n'est même pas la vertu! C'est la bonté! Et c'est elle qui vous vaudra de retrouver ce soir votre chère Simone.

D'AUBENAS. vous le croyez donc possible?

VALENTIN. A présent, j'en suis sûr... Elle viendra. Et vous aurez la joie dont je prends bien ma part, la joie divine de lui parler, de l'entendre et de renouer entre votre âme et la sienne, l'union qui semblait rompue par la mort!

D'AUBENAS. Dieu le veuille!

VALENTIN. Mais je vous laisse, car voici l'heure où vous devez l'attendre; je vous laisse, ne voulant pas retarder votre bonheur, d'un seul instant.

D'AUBENAS. A demain!

VALENTIN. Je voudrais pouvoir vous dire ce que je pense de l'exquise bonté de votre âme, mais je ne trouve qu'un seul mot, c'est que je vous aime de tout mon cœur!

D'AUBENAS. A demain!

VALENTIN. A demain!

(Valentin remonte vers la chambre, et reste sur le seuil, tandis que d'Aubenas, en descendant touche le bouton électrique et éteint les lumières de la pièce qui n'est plus éclairée que par la clarté de la lune, et

la lueur rouge du foyer. Après quoi, il entre dans sa chambre, dont les rideaux retombent, ne laissant entre eux qu'un faible intervalle. Valentin, pendant ce temps, est allé à la porte de la chambre de Simone. Au moment où d'Aubenas sort, il entre d'abord s'assurant que la chambre est vide, puis il tend la main à Simone qu'il fait entrer.

## SCENE X

Valentin, Simone.

VALENTIN. (A voix basse) Viens!

SIMONE. (Inquiète) Seul?

VALENTIN. Oui!

SIMONE. (Douloureusement) Il refuse de me voir?

VALENTIN. Non, non, viens de ce côté. (Il l'emmène vers la droite de la scène, près de la cheminée) Il est là dans sa chambre!

SIMONE. Tu lui as dit?

VALENTIN. Rien! Et pourtant, dans la disposition d'esprit où il était, j'aurais pu lui apprendre, si tu n'avais insisté, avec raison, pour le faire toi-même.

SIMONE. Il ne sait même pas que ma mort est un mensonge?

VALENTIN. Non! Pas même cela! Il te croit morte. Les Esprits lui ont dit que ton ombre viendrait ce soir, à son appel... Il est là qui t'évoque!

SIMONE. Folie!



VALENTIN. Si sa raison est égarée, son cœur ne l'est pas et c'est lui qui va gagner ta cause!

SIMONE. Et pourquoi le laisser à ce délire!... Puisqu'il m'attend, je vais!...

VALENTIN. (L'arrêtant) Y penses-tu? C'est ton fantôme qu'il attend et s'il te voit là, devant lui, vivante sans que rien l'y prépare!... La folie est peut-être à craindre!...

SIMONE. (Reculant) La folie! C'est vrai! C'est vrai!

VALENTIN. N'est-il pas plus sage de se prêter à son illusion? La confession te sera moins pénible. La mort te protège! Et le pardon lui sera plus facile! C'est pour cette raison que je ne l'ai pas détrompé; à toi de le faire, quand le moment sera venu de cet aveu!...

SIMONE. Oh! Pourtant... ce mensonge...

VALENTIN. Pour son bonheur et le tien!

D'AUBENAS. Mais elle ne vient pas!

VALENTIN. D'ailleurs, tu n'as pas le choix. Ecoute, il parle!

SIMONE. A qui?

VALENTIN. A l'esprit de sa sœur! (Il traverse la scène la précédant et enlève avec précaution le rideau pour lui montrer d'Aubenas que le public ne voit pas) Il est assis à sa table, le crayon à la main... Il écrit... Viens, regarde.

SIMONE. Oh! Qu'il est changé! Qu'il est pâle!...

VALENTIN. Chut! Ecoutons! (Ils prêtent l'oreille. On entend parler d'Aubenas sans distinguer ce qu'il dit)

SIMONE. ( Tressaillant) Mon nom!

VALENTIN. Oui. Il t'appelle! Tu entends?

SIMONE. Oui! (Elle tend l'oreille) Il s'étonne que je ne vienne pas! Il écrit.

VALENTIN. Oui. La réponse...

D'AUBENAS. Tu m'avais promis...

VALENTIN. Ecoute! Il parle!

D'AUBENAS. Tu dis que Simone est venue... Mais non! Elle n'est pas venue!

VALENTIN. Il s'impatiente. (On entend d'Aubenas élever la voix)

D'AUBENAS. (Dans la chambre) Simone!... Simone!... Ma bien-aimée Simone! Es-tu là? (Simone, bouleversée, recule et va s'appuyer sur le dossier du siège à gauche de la table. D'Aubenas continue.) Pourquoi ne réponds-tu pas? Ne viens-tu pas? Ma Simone adorée! Tu dois bien m'entendre?

SIMONE. (Tombant assise) Oh! Oui, oui! Elle entend! Et tu lui déchires le cœur à lui parler ainsi!

VALENTIN. (Qui a repris sa place au rideau) Il écrit! (Il écoute. Silence)

D'AUBENAS. (Interrogeant) Tu dis qu'elle est là, près de moi, dans la nuit?

VALENTIN. (A Simone. On entend le bruit d'une chaise déplacée) Prends garde, il se lève!

SIMONE. Il vient?

VALENTIN. (S'éloignant de la porte) Je crois!

SIMONE. (Debout) Laisse-moi.

VALENTIN. Tu es résolue?

SIMONE. Ah! Dieu oui! Qu'il me pardonne ou qu'il me chasse!... Du moins, il ne m'évoquera plus!

VALENTIN. Fais appel à tout ton cœur!

SIMONE. Il bat à en mourir, mon cœur!...

(D'Aubenas entre sans la voir et traversant la scène, un crayon et un papier à la main sur un bloc-notes, il va s'asseoir sur la chaise basse de la cheminée, courbé pour écrire à la lueur du foyer)

## SCENE XI

D'Aubenas, Simone.

D'AUBENAS. Comment, près de moi, dans la nuit! (Il se retourne, regarde et aperçoit Simone au fond de la clarté de la lune. Il se lève vivement) Ah! Simone! Oui!... C'est toi! Ah! Ma chère âme! Enfin! Enfin, c'est toi!... (Il fait un pas vers elle, instinctivement, elle recule, il fait de même) Non! Non! Ne crains rien! (Il traverse la scène de droite à gauche, devant la table, le dos au public, sans la perdre de vue, tandis qu'elle fait lentement le mouvement inverse au-dessus de la table. Elle se trouve alors toute blanche en pleine clarté de la lune) Je ne t'approcherais pas! Pour ne pas faire encore évanouir ta chère vision. Je resterai loin, tu vois, bien loin de toi! (Ils se trouvent ainsi séparés par la table, lui à gauche, assis à l'angle. Elle à droite, debout, plus haut) Ah! Mon cher amour! Voilà des heures, des heures que je t'appelle! Tu ne

réponds pas? Tu es tremblante!... Tes regards sont inquiets! Tu pleures?  
Pourquoi pleures-tu? Est-ce joie ou douleur?

SIMONE. (Très émue) Douleur!...

D'AUBENAS. De me voir?

SIMONE. (Avec effort et d'une voix mal assurée et toujours très émue, luttant contre ses larmes) De voir ta pâleur!... Et ce que la tristesse a fait de toi!...

D'AUBENAS. J'ai eu des heures bien cruelles... Mais elles sont loin!...  
Pourquoi as-tu tant tardé à venir pour me consoler?

SIMONE. C'est que je n'avais pas le courage de t'apprendre ce qui peut nous séparer pour toujours!...

D'AUBENAS. Tes adieux?... Je ne te verrai plus?

SIMONE. Cela dépendra de toi!

D'AUBENAS. Oh! Si c'est de moi seul?

SIMONE. Attends, attends, avant de t'engager par une promesse que tu n'auras pas la force de tenir! Ne me donne pas un espoir dont la déception serait pour moi une souffrance de plus.

D'AUBENAS. (Debout) Une souffrance? Tu souffres?

SIMONE. Oui! Je souffre!

D'AUBENAS. Malheureuse? Errante? Désolée, toi si bonne, si!...

SIMONE. (Vivement) Tais-toi! Tais-toi! Je ne mérite pas tes regrets! Et c'est mon châtement d'être condamnée à te l'apprendre.

D'AUBENAS. Un châtement! Tu expies?...

SIMONE. Cruellement;

D'AUBENAS. Mais quelle faute? Quelle?

SIMONE. (Avec larmes) Fais appel à toute la bonté de ton cœur, car si tu ne m'y aides, je n'aurai pas le courage de l'aveu.

D'AUBENAS. Mais qu'est-ce donc, grand Dieu, pour que cet aveu soit si pénible?

SIMONE. J'ai méconnu ta tendresse et ton exquise bonté... Je n'ai compris à quel point j'étais aimée de toi que lorsqu'il était trop tard... quand j'ai vu ton désespoir... chez l'homme, chez celui... Hélas! Il faut le dire! Pardonne! Pardonne! Chez celui pour qui j'ai trahi ton cœur!...

D'AUBENAS. Trahi?

SIMONE. Mikaël!

D'AUBENAS. Mikaël! Toi! Toi! Cet homme! Toi!... O Dieu! Est-ce possible? (Il retombe assis) Ah! Malheureuse!... Tu avais raison de ne pas venir à mon appel! Mieux valait me laisser dans l'erreur et l'adoration de ton souvenir! (Douloureusement, sans colère) Va-t'en!... Va-t'en! J'aime mieux ne plus te voir! Pourquoi es-tu venue? Pourquoi?

SIMONE. Pour soulager ma conscience et réclamer ta pitié.

D'AUBENAS. La pitié pour les coupables? Je l'exaltais, là, tout à l'heure!... Je me suis cru meilleur que je ne suis! C'est l'épreuve qui châtie mon orgueil!

SIMONE. (Elle descend de quelque pas) Si l'on pouvait refaire sa vie! ... S'il m'était donné de recommencer la mienne avec toi!... Tu la

prendrais en pitié la défaillance d'un instant qui m'a fait une autre âme, en me révélant la bonté de la tienne, et tu ferais, grâce à la faute qui ne t'aurait pris une épouse ingrate et frivole que pour te la rendre, plus dévouée, plus reconnaissante et plus tendre!... Tu ne réponds pas?... Tu me hais! (Avec un cri de douleur) Tu me chasse?

D'AUBENAS. (Debout, vivement) Non, non! Ne t'en vas pas! Si douloureuse qu'elle soit, ta présence est la seule consolation qui me reste! Et s'il te faut l'oubli du passé pour que tu viennes encore à ma prière...

SIMONE. (A mi-voix) Oui!...

D'AUBENAS. Je veux l'oublier, tout est fini entre nous ici-bas et ton expiation est l'affaire de Dieu. Puisque le pardon peut abrégier les tourments de ta vie errante et hâter ta délivrance, rassure-toi, pauvre âme en peine, sois consolée, je te pardonne.

SIMONE. Bénie soit la mort qui me donne la joie de l'entendre! Car c'est à mon ombre, tu l'as dit, à elle seule, que tu fais grâce; tu serais moins clément, si j'étais encore de ce monde?

D'AUBENAS. Suis-je donc si impitoyable?

SIMONE. Oh non! Mais l'indulgence est facile envers les morts! Si j'avais échappé à ce désastre, si la vue de tes angoisses, de tes larmes... Si le remords m'avait jetée à tes pieds, suppliante et désolée... pour te dire... J'étais chez cet homme à l'heure même où tu cherchais mon corps, dans ces débris en feu!...

D'AUBENAS. Oh!

SIMONE. Tu vois, tu vois! Tu m'aurais chassée!

D'AUBENAS. Le cœur a ses défaillances. Mais à quoi bon rêver ce qui n'est pas, et ne peut plus être!... (Accablé sans la regarder)

SIMONE. (Avec espoir, se rapprochant de lui) Tu le regrettes?

D'AUBENAS. (De même très ému) J'aurais été moins affligé de te savoir coupable, que joyeux de te voir sauvée...

SIMONE. (Plus vivement et chaleureusement, se rapprochant de lui peu à peu) Tu ne m'aurais pas repoussée?... Tu aurais bravé pour moi, les railleries des méchants et des sots?... Les préjugés cruels; le ridicule sublime de ta bonté? Tu n'aurais pris conseil que de ton cœur; de la charité de ton amour, faisant grâce au repentir du mien! Pour me relever aux yeux de tous, et leur dire : je la reprends, oui, je la sauve! Oui, je l'aime, je l'aime encore, malgré sa trahison, qui nous fait tous les deux meilleurs. Elle par le remords, moi par le pardon!

D'AUBENAS. (Relevant la tête et tout effaré, commençant à comprendre) Simone!

SIMONE. Et si ta pauvre Simone était là, vivante? Vivante!...

D'AUBENAS. Plût au ciel!

SIMONE. Tu lui ouvrirais tes bras?

D'AUBENAS. Ah! Grand Dieu!

SIMONE. (Tombant à ses pieds) Fais-le donc!

D'AUBENAS. (La saisit dans ses bras, la regarde, puis l'attire à lui et l'embrassant éperdument) Toi! Toi! Ah! Mon amour, Simone!